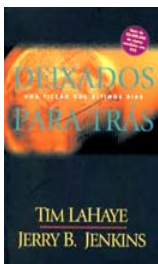


Série de ficção mais lida no mundo, Deixados Para Trás vendeu mais de 70 milhões de livros e foi traduzida para mais de 30 idiomas. A história reúne ficção cristã, ação e suspense com lances de alta tecnologia num thriller de tirar o fôlego. O tema principal é nada menos que o próprio final dos tempos.



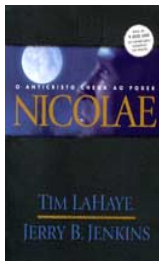
1. Deixados para Trás

Num momento cataclísmico, milhões de pessoas em todo o mundo desaparecem. Em meio à confusão global, o comandante Rayford Steele terá de encontrar sua família, suas respostas, e a verdade. Por mais devastadores que tenham sido os desaparecimentos, o futuro ainda reserva dias mais sombrios.



2. Comando Tribulação

Continua o drama dos que foram deixados para trás... Rayford Steele, Buck Williams, Bruce Barnes, e Chole Steele juntam-se e formam o Comando Tribulação. Sua tarefa é clara, e seu objetivo é nada menos que tomar posição e enfrentar os inimigos de Deus durante os sete anos mais caóticos da história do planeta.



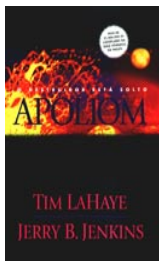
3. Nicolae - O Anticristo chega ao poder

Aproxima-se o fim do segundo dos sete anos da Tribulação, quando a profecia indica que a "ira do Cordeiro" será derramada sobre a terra. Um dramático resgate noturno em Israel, atravessando o Sinai manterá você com a respiração suspensa até o final do volume.



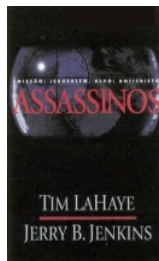
4. A Colheita - A escolha está feita

À medida que o mundo se precipita em direção aos Juízos das Trombetas e à grande colheita de vidas profetizadas nas Escrituras, Rayford Steele e Buck Williams começam a buscar aqueles a quem amam em vários cantos do mundo.



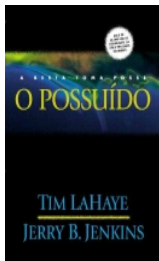
5. Apoliom - O destruidor está solto

Nesta aventura, Apoliom, o Destruidor, lidera a praga de gafanhotos demoníacos que tortura os perdidos. Enquanto isso, a despeito de crescentes ameaças do Anticristo, o Comando Tribulação se reúne em Israel para a Conferência das Testemunhas.



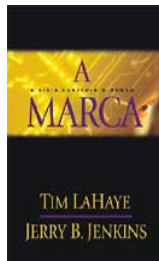
6. Assassinos - Missão Jerusalém - Alvo: o Anticristo

Enquanto uma horda de 200 milhões de cavaleiros demoníacos elimina um terço da população mundial, o Comando Tribulação se prepara para enfrentar o futuro como um bando de fugitivos. A história e a profecia se chocam em Jerusalém.



7. O Possuído - A besta toma posse

Chegamos à metade da Tribulação. Enquanto o mundo chora a morte de um homem muito admirado, o Comando Tribulação enfrenta seu desafio mais perigoso. O tempo e a eternidade parecem pairar suspensos, e o destino da humanidade está em jogo.



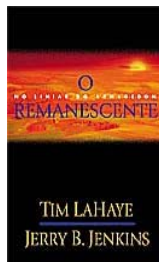
8. A Marca - A besta controla o mundo

Nicolae Carpathia, ressurreto e habitado pelo próprio diabo, puxa ainda mais firme as rédeas de seu governo mundial. Começa uma batalha pelas próprias almas de homens e mulheres ao redor do mundo, enquanto são estabelecidos os locais onde a marca da besta vai ser administrada.



9. Profanação - O anticristo apodera-se do trono

Nicolae Carpathia se prepara para dirigir-se ao templo. Seus seguidores se reúnem para ver o potentado e receber a marca. Deus envia o primeiro Julgamento das Taças sobre todos os que aceitaram a marca, enquanto seu povo escolhido foge para o deserto, à espera do Armagedom.



10. Remanescente - No limiar do armagedom

Chegada a hora da vingança do Supremo Comandante da Comunidade Global. Seus inimigos aglomeram-se no lugar ideal para uma destruição em massa. Ninguém poderá sair vivo dali, a não ser por um milagre. Todas as máscaras caem por terra, inclusive a do anticristo.



11. Armagedom - A batalha cósmica das eras

As armas do mundo todo se encaminham ao Monte Megido no Vale do Armagedom. O Anticristo intensifica como nunca a perseguição aos que não aceitaram sua marca e se recusaram a adorá-lo. Há apenas algumas horas para o Glorioso Aparecimento.



12. Glorioso Aparecimento - O fim das eras

Nada mais falta para que a rebelião seja definitivamente sufocada. Uma única esperança resta àqueles que, num último fôlego, resistem às forças da Comunidade Global. Ninguém parece fazer frente à sua superioridade. A não ser por um detalhe... O Glorioso Aparecimento apresenta a batalha final.

Apoliom: O Destruidor Está Solto

Digitalização: Valéria_Cris
Edição e Revisão: Valéria_Cris

Versão Digital para fins didáticos, proibida qualquer forma de comercialização

Projeto Democratização da Leitura

www.portaldetonando.com.br

O DESTRUIDOR ESTÁ SOLTO

APOLIOM

TIM LAHAYE

JERRY B. JENKINS

Traduzido por Maria Emília de Oliveira

UP

UNITED PRESS

Apoliom

Esta edição é publicada sob contrato com Tyndale House Publishers, U.S.A.

Originalmente publicado em inglês como

Apollyom

Copyright • 1999 Tim LaHaye e Jerry B. Jenkins.

Todos os direitos reservados.

Copyright © 2000 Editora United Press Ltda.

Tradução: Maria Emília de Oliveira

Revisão: Josemar de Souza Pinto e João Guimarães Supervisão editorial: Vera Villar

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

LaHaye, Tim F.

Apoliom / Tim LaHaye e Jerry Jenkins : tradução Maria Emília de Oliveira. -
Campinas, SP : Editora United Press, 2000.

Título original: Apollyon ISBN 85-243-0212-7

1. Ficção norte-americana I. LaHaye, Tim F. II. Título

00-3360 _____ CDD-813.5 _____

índices para catálogo sistemático

1. Ficção : Século 20 : Literatura norte-americana
813.5

2. Século 20 : Ficção : Literatura norte-americana
813.5

Publicado no Brasil com a devida autorização,

EDITORA UNITED PRESS LTDA.

Rua Taquaritinga, 118

Jardim Nova Europa

13.036-530, Campinas, São Paulo

Fone/Fax (19) 278-3144

Visite nosso site: www.unitedpress.com

A Norman B. Rohrer, Amigo e mentor

PRÓLOGO

Extraído do final de *A Colheita*

RAYFORD acreditava que a única maneira de inocentar Amanda seria decodificar seus arquivos, mas ele também conhecia o risco. Teria de enfrentar o que lhe fosse revelado. Será que ele queria conhecer a verdade? Quanto mais orava sobre isso, mais convencido ficava de que não devia temer a verdade.

Dependendo do que ele descobrisse, sua atitude em relação ao Comando Tribulação mudaria. Se a mulher com a qual ele compartilhara sua vida o enganara, em quem mais poderia confiar? Se ele não sabia julgar o caráter de uma pessoa, que bem poderia fazer no trabalho pela causa de Cristo? Dúvidas malucas permeavam sua mente, mas ele precisava conhecer a verdade. Quer ela tivesse sido uma mulher apaixonada ou mentirosa, esposa ou feiticeira, ele precisava saber.

Na manhã da véspera do início da mais famosa concentração em massa do mundo, Rayford aproximou-se de Carpathia em seu escritório.

- Sua Excelência - ele começou a dizer, engolindo qualquer vestígio de orgulho -, estou entendendo que o senhor vai precisar de Mac e de mim para levá-lo a Israel amanhã.

- Não me venha com essa conversa, capitão Steele. Eles estão se reunindo contra a minha vontade; portanto, não tenho a intenção de dar um aval com minha presença.

- Mas o senhor prometeu proteger...

- Ah! isso também mexeu com você, não?

- O senhor conhece minha posição.

- E você também sabe que sou eu quem diz para onde devo ir, e não o contrário. Você não acha que, se eu quisesse estar em Israel amanhã, já não lhe teria dito isso antes?

- Então, quer dizer que aqueles que imaginam que o senhor está com medo daquele estudioso que...

- Medo!

- ... o desmascarou via Internet e que o chamou de enganador diante de pessoas do mundo inteiro...

- Você está tentando me seduzir, capitão Steele – disse Carpathia, sorrindo.

- Francamente, acredito que o senhor sabe que vai ser destituído em Israel pelas duas testemunhas e pelo Dr. Ben- Judá.

- Pelas duas testemunhas? Se aqueles dois não pararem com aquela história de magia negra, falta de chuva e sangue, vão ter de se explicar comigo.

- Eles dizem que o senhor não pode fazer nada que os prejudique até o tempo certo.

- Eu vou decidir qual é o tempo certo.

- Apesar disso, a nação de Israel foi protegida do terremoto e dos meteoros...

- Você acredita que as testemunhas são responsáveis por isso?

- Creio que Deus é o responsável.

- Diga-me uma coisa, capitão Steele. Você ainda acredita que um homem com poderes de ressuscitar uma pessoa possa ser o anticristo?

Rayford hesitou, desejando que Tsion estivesse presente.

- O inimigo é conhecido por imitar milagres - ele disse. - Imagine qual seria a reação do público em Israel se o senhor fizesse algo parecido. Lá estarão pessoas de fé em busca de inspiração. Se o senhor é Deus, se pode ser o Messias, não ficariam emocionadas por conhecê-lo?

Carpathia encarou Rayford, parecendo esquadrihar seus olhos. Rayford acreditava em

Deus. Acreditava que, apesar de seu poder e de suas intenções, Nicolae estaria de mãos atadas diante de qualquer uma das 144.000 testemunhas que carregavam na testa o selo do Deus Todo-Poderoso.

- Se você está sugerindo - disse Carpathia, escolhendo as palavras - que é importante que o potentado da Comunidade Global conceda a esses convidados uma recepção suntuosa como eles jamais viram, talvez tenha razão.

Rayford não havia dito nada que se referisse a isso, mas Carpathia ouviu o que queria ouvir.

- Obrigado - ele disse.

- Capitão Steele, prepare o roteiro do voo.

UM

RAYFORD Steele estava preocupado com o silêncio de Mac McCullum na cabina de comando do *Comunidade Global Um* durante o curto vôo de Nova Babilônia a Tel-Aviv.

- Devemos conversar mais tarde? - perguntou Rayford em voz baixa.

Mac pôs o indicador nos lábios pedindo silêncio e fez um sinal afirmativo com a cabeça.

Rayford terminou a comunicação com o controle de tráfego aéreo e de terra da Nova Babilônia e estendeu o braço por baixo da poltrona para encontrar o botão secreto que lhe permitia ouvir a conversa no compartimento dos passageiros do Condor 216 entre o Potentado da Comunidade Global Nicolae Carpathia, o Supremo Comandante Leon Fortunato e o Supremo Pontífice Peter Mathews, da Fé Mundial Enigma Babilônia. Mas, antes de Rayford apertar o botão, sentiu a mão de Mac segurando-lhe o braço. Mac balançava a cabeça negativamente.

Rayford estremeceu.

- Eles já sabem? - perguntou, fazendo uma careta.

- É melhor não se arriscar antes de conversarmos - sussurrou Mac.

Rayford recebeu o tratamento esperado quando avisou que ia pousar em Tel-Aviv. A torre do aeroporto David Ben Gurion afastou os outros aviões da área, mesmo aqueles que já haviam iniciado as manobras de aterrissagem. Rayford ouviu as vozes iradas dos outros pilotos enquanto estavam sendo dirigidos para pistas a muitos quilômetros de distância do Condor. De acordo com o protocolo, nenhuma outra aeronave podia aproximar-se do Condor, apesar do extraordinário tráfego aéreo esperado em Israel para o Encontro das Testemunhas.

- Assuma o comando da aterrissagem, Mac – disse Rayford. Mac lançou-lhe um olhar de espanto, mas obedeceu. Rayford ficou impressionado ao ver que a Terra Santa havia sido totalmente poupada da destruição causada pelo terremoto da ira do Cordeiro. Outras calamidades haviam atingido a nação e o povo, mas, para Rayford, Israel era o único lugar do mundo que, visto de cima, parecia normal desde o terremoto e os julgamentos subsequentes.

O tráfego aéreo era intenso no aeroporto Ben Gurion. As grandes aeronaves tinham de aterrissar lá, ao passo que as menores faziam o pouso nas cercanias de Jerusalém. Apesar de preocupado com a apreensão de Mac, Rayford não conseguiu conter um sorriso. Além de ser forçado a permitir o encontro dos crentes, Carpathia também teve de comprometer-se a protegê-los. Evidentemente, Carpathia era o oposto de um homem de palavra, mas estava de mãos atadas por ter assumido um compromisso perante o público. Teria de proteger até mesmo o rabino Tsion Ben-Judá, o líder espiritual do Comando Tribulação.

Pouco tempo atrás, o Dr. Ben-Judá foi obrigado a abandonar seu país na calada da noite, tornando-se um fugitivo procurado no mundo inteiro. Agora ele estava de volta como inimigo confesso de Carpathia e como líder das 144.000 testemunhas e de seus respectivos convertidos. Carpathia usara as conseqüências dos mais recentes Julgamentos das Trombetas como pretexto para adiar por duas vezes a conferência em Israel, porém não podia mais impedi-la.

Pouco antes da aterrissagem, quando todos a bordo deviam estar com os cintos atados, Rayford foi surpreendido por uma batida na porta da cabina de comando.

- Leon - ele disse, ao virar-se. - Estamos fazendo as manobras de pouso.

- Não se esqueça do protocolo, capitão! – vociferou Fortunato.

- O que o senhor deseja?

- Além de exigir que você me chame de supremo comandante, tenho ordens de Sua Excelência para que você permaneça na cabina de comando após a aterrissagem.

- Não vamos a Jerusalém? - perguntou Rayford. Mac olhava firme para a frente.

- Claro - respondeu Fortunato. - Todos nós sabemos que você quer estar lá.

Rayford tinha certeza de que o pessoal de Carpathia tentaria segui-lo para encontrar os demais membros do Comando Tribulação.

Fortunato saiu e fechou a porta.

- Vou assumir o comando, Mac - disse Rayford.

Mac transferiu-lhe o comando da aeronave, e, a seguir, Rayford exagerou no ângulo de descida enquanto apertava o botão secreto. Ele ouviu Carpathia e Mathews acudindo Fortunato, que certamente havia levado um tombo. Assim que o avião pousou, Fortunato irrompeu na cabina de comando.

- O que aconteceu, co-piloto McCullum?

- Minhas desculpas, comandante - disse Mac. - Não foi intencional. Com todo o respeito, o senhor não deveria estar fora do lugar durante a aterrissagem.

- Prestem atenção, cavalheiros - disse Fortunato, ajoelhando-se entre eles. - Sua Excelência pede que vocês dois permaneçam em Tel-Aviv, porque não temos certeza de quando ele vai retornar à Nova Babilônia. Fizemos reservas para vocês em um hotel perto do aeroporto. O pessoal da Comunidade Global cuidará de transportá-los até lá.

Buck estava sentado no interior do estádio Teddy Kollek, em Jerusalém, tendo ao lado sua esposa Chloe, que estava grávida. Ele sabia que ela ainda não se restabelecera dos ferimentos sofridos por ocasião do grande terremoto e que nada justificava sua viagem aérea a Israel, mas não conseguira dissuadi-la. Naquele momento, ela parecia exausta. Seus ferimentos e cicatrizes começavam a desaparecer, mas ela ainda mancava, e seu belo rosto revelava uma estranha graciosidade por causa do novo formato adquirido pelo osso malar e pela órbita ocular.

- Você precisa ajudar os outros, Buck - ela disse. - Pode ir. Eu vou ficar bem.

- Eu gostaria que você voltasse para o alojamento - ele disse.

- Eu estou bem - ela insistiu. - Só preciso ficar sentada por algum tempo. Estou preocupada com Hattie. Eu disse que não a deixaria sozinha, a menos que ela melhorasse ou se convertesse, mas nada disso aconteceu.

Hattie, que estava grávida, permanecia em casa lutando para sobreviver por ter sido envenenada. O Dr. Floyd Charles ficou encarregado de cuidar dela enquanto o restante do Comando Tribulação - inclusive o novo componente Ken Ritz, outro piloto - viajava para Israel.

- Floyd cuidará bem dela.

- Eu sei. Agora me deixe sozinha por um pouco de tempo.

Rayford e Mac foram instruídos para aguardar dentro do avião enquanto Carpathia, Fortunato e Mathews eram recebidos com entusiasmo na pista do aeroporto. Fortunato permanecia em pé e em posição de sentido um pouco mais atrás enquanto Mathews transferia a Carpathia o convite recebido para fazer um breve discurso.

- É um prazer muito grande estar de volta a Israel - disse Carpathia com um largo sorriso. - Estou ansioso por dar as boas-vindas aos seguidores do Dr. Ben-Judá e demonstrar que as portas da Comunidade Global estão abertas para qualquer opinião e crença. Tenho a satisfação de reiterar minha garantia de proteção ao rabino e aos milhares de visitantes do mundo inteiro. Abstenho-me de outros comentários, pois entendo que serei convidado a falar na mui digna concentração que se realizará nos próximos dias.

As autoridades presentes foram conduzidas a um helicóptero para um curto vôo até Jerusalém, e suas respectivas comitivas seguiram em suntuosas limusines.

Depois que Rayford e Mac concluíram as verificações após o vôo e desembarcaram, foram transportados até o hotel por um jipe da Comunidade Global. Mac fez um sinal a Rayford para que não falasse nada durante o trajeto nem nos quartos do hotel. Quando entraram em um bar, Rayford finalmente perguntou o que estava acontecendo.

Buck desejou que Chloe tivesse dormido durante o vôo dos Estados Unidos a Israel. Ken

Ritz havia conseguido um jato modelo *Gulfstream*, e Buck considerou que aquele foi o vôo internacional mais confortável em que ele viajara. Mas os quatro - Ken, Buck, Chloe e Tsion - estavam muito eufóricos para descansar. Tsion passou metade do tempo trabalhando em seu *laptop*, cujas mensagens eram transmitidas por Ken, via satélite, mantendo o rabino em contato com seu rebanho composto de milhões de pessoas do mundo inteiro.

Um grande número de igrejas domésticas havia surgido da noite para o dia - como que espontaneamente -, organizadas por judeus convertidos, que faziam parte das 144.000 testemunhas e assumiram a posição de líderes. Eles transmitiam ensinamentos diários com base nos sermões e aulas virtuais do talentoso Ben-Judá. Dezenas de milhares de igrejas domésticas clandestinas, cuja existência era de conhecimento de todos, inclusive da Fé Mundial Enigma Babilônia, viam, diariamente, corajosos convertidos sendo admitidos em seu meio.

Tsion insistira com as congregações locais que enviassem seus líderes ao grande Encontro das Testemunhas, a despeito das advertências da Comunidade Global. Nicolae Carpathia mais uma vez tentara cancelar a reunião no último momento, usando como argumento os milhares de mortes ocorridas por causa da contaminação da água em mais de um terço do planeta. Emocionando os fiéis por chamar de blefe essa atitude de Carpathia, Tsion reagira publicamente pela Internet.

"Sr. Carpathia", ele escrevera, "estaremos em Jerusalém conforme programado, com ou sem sua aprovação, permissão ou proteção prometida. A glória do Senhor será a nossa retaguarda."

Buck necessitaria de proteção quase tanto quanto Tsion. Por ter decidido aparecer em público ao lado de Ben-Judá, Buck estava sacrificando sua posição de editor-chefe de Carpathia e seu salário exorbitante. A presença de Buck perto do rabino confirmaria a alegação de Carpathia de que ele se tornara um inimigo ferrenho da Comunidade Global. O rabino Ben-Judá havia estabelecido a estratégia de simplesmente confiar em Deus.

- Permaneça a meu lado quando desembarcarmos do avião - ele disse. - Nada de disfarces, nada de manobras, nada de esconderijos. Se Deus pode me proteger, Ele também pode proteger você. Vamos parar de fazer o jogo de Carpathia.

Havia muito tempo que Buck transmitia anonimamente uma revista eletrônica, via Internet, intitulada *A Verdade*, que doravante passaria a ser seu único meio de dar vazão a seu talento de escrever. Ironicamente, a revista atraiu dez vezes mais o número de leitores que ele possuía. Buck preocupava-se com sua segurança, evidentemente, porém mais com a de Chloe.

Tsion parecia estar recebendo uma proteção sobrenatural. Mas, após essa concentração, o Comando Tribulação inteiro mais as 144.000 testemunhas e seus milhões de convertidos tornar-se-iam arquiinimigos declarados do anticristo. Eles passariam metade do tempo pregando e metade do tempo tentando sobreviver. Apesar de tudo o que já haviam sofrido, parecia que o período de sete anos de tribulação tinha apenas começado. Eles teriam ainda quase cinco anos pela frente até o Glorioso Aparecimento de Cristo para estabelecer seu reino de mil anos na terra.

As cartas via Internet de Tsion e a revista eletrônica clandestina de Buck conseguiram uma façanha estupenda em Israel. Ali chegavam dezenas de milhares de testemunhas judaicas convertidas, pertencentes às doze tribos de Israel espalhadas no mundo inteiro. Em vez de pedir a Ken Ritz que encontrasse uma pista alternativa onde o Comando Tribulação pudesse entrar secretamente no país, Tsion informara seu itinerário a todos os seus seguidores - inclusive, é claro, Carpathia & Companhia.

Ken havia pousado no pequenino aeroporto de Jerusalém ao norte da cidade, e um grupo de simpatizantes cercou imediatamente o avião para dar-lhes as boas-vindas. Um pequeno contingente da CG composto de guardas armados, aparentemente idéia de Carpathia para proteger Tsion, teria de abrir fogo se quisesse aproximar-se dele. As testemunhas de todas as partes do mundo aplaudiam, cantavam e tentavam tocar Tsion

enquanto o Comando Tribulação abria caminho até chegar a uma *van*. O motorista israelense passou cuidadosamente pela multidão e seguiu pela rua principal na direção sul rumo à Cidade Santa e ao Hotel Rei Davi.

Ao chegarem, tomaram conhecimento de que o supremo comandante Leon Fortunato havia cancelado sumariamente as suas reservas e as de várias outras pessoas, exigindo, com autoridade suprema, que o último andar fosse destinado a Nicolae Carpathia e seu grupo.

- Suponho que você tenha feito reservas alternativas para nós - disse Tsion ao funcionário da recepção após aguardar mais de meia hora na fila.

- Peço-lhe desculpas - disse o jovem, entregando um envelope a Tsion. O rabino olhou para Buck e afastou-se com ele para um lugar reservado onde poderia abrir o envelope. Buck olhou para Ken, que fez um sinal afirmativo com a cabeça para garantir-lhe que cuidaria da frágil Chloe.

O bilhete estava escrito em hebraico.

- É de Chaim - disse Tsion. - Ele diz o seguinte: "Perdoe meu bom amigo Nicolae por esta vergonhosa insensibilidade. Tenho acomodações para você e seus companheiros e insisto que fiquem comigo. Peça para chamarem o Jacov pelo alto-falante, e ele cuidará de vocês."

Jacov era o motorista e criado de Chaim Rosenzweig. Ele carregou as malas até uma perua Mercedes e, logo a seguir, o Comando Tribulação já estava instalado nos quartos de hóspedes da propriedade de Chaim, protegida por muros altos e portão, cuja distância até a Cidade Velha poderia ser percorrida a pé. Buck tentou convencer Chloe a permanecer ali e descansar. Ele, Ken e Tsion iriam sem ela para o estádio.

- Não vim até aqui para ficar à margem dos acontecimentos - disse ela. - Sei que você está preocupado comigo, mas deixe que eu decida se tenho condições ou não.

Ao chegar ao estádio Teddy Kollek, Buck ficou estarrecido, tanto quanto os outros, ao ver o que havia sido preparado para o evento. Tsion estava certo. Deus usara os apelos virtuais do rabino para conclamar as testemunhas israelenses a cuidarem da logística desta conferência inusitada.

Apesar do caos em que o mundo se encontrava, grupos designados especialmente para esta finalidade haviam providenciado transporte, alojamento, comida, aparelhos de som, intérpretes e a programação do evento. Buck observou que Tsion quase não se continha de emoção diante da eficiência e simplicidade da programação.

- Dr. Ben-Judá - disse alguém -, tudo o que o senhor tem a fazer é estar preparado para receber a inspiração de Deus e nos informar quando chegar o momento certo de usar o microfone.

Tsion sorriu tristemente e afirmou:

- Estar preparado e orar para que todos nós possamos permanecer debaixo da proteção de nosso Pai celestial.

- Eles estão desconfiados de você - disse Mac entre uma mordida e outra em um sanduíche com molho. Rayford balançou a cabeça.

- Não faço segredo do que penso, e Carpathia sabe disso há meses. Do que você está falando?

- Você está sob minha responsabilidade.

- Continue.

- Não tenho acesso direto ao chefão, mas fui chamado ontem à noite para ter uma conversa com Leon. A boa notícia é que eles não desconfiam de mim.

- Esta é uma boa notícia. Mas eles têm conhecimento do botão secreto no avião?

- Leon não disse nada, mas deixou bem claro que você é um elemento perigoso. Se aquele botão ainda estiver funcionando...

- Está.

- ...vou usá-lo e manter você informado.

- E eu? Onde estarei?

- Em qualquer lugar menos aqui, Ray. Tenho certeza de que o motorista prestou atenção em tudo. Deve haver microfones escondidos no carro, na cabina de comando e, sem dúvida, em nossos quartos.

- Eles esperam que eu os leve até o restante do grupo, mas o grupo vai estar à vista de todos em Jerusalém.

- Eles querem mantê-lo *afastado* do grupo, Ray. Por que você acha que fomos instruídos para ficar em Tel-Aviv?

- E se eu sair daqui?

- Vou ter de avisá-los imediatamente. Será o seu fim, Ray.

- Mas eu preciso ver minha família e os outros do Comando Tribulação.

- Não aqui. Carpathia assumiu o compromisso de proteger Tsion e os outros. Não você.

- Eles acham realmente que não irei a Jerusalém?

- Eles esperam que você não vá. Você não deve ir. Rayford endireitou o corpo e fez uma expressão de

desagrado. Não queria perder o emprego, porque estava muito próximo do campo do inimigo e podia saber o que se passava ali. Ele gostaria de saber que final teria essa fase inusitada de sua vida.

- Você vai assumir o meu lugar? - perguntou Rayford.

- Foi o que me disseram - respondeu Mac. - Há mais uma notícia boa. Eles gostam de David e confiam nele.

- Hassid? Que bom!

- Ele ficou encarregado das compras. Além do trabalho que faz no computador, é ele quem cuida de todas as compras importantes, inclusive materiais eletrônicos utilizados na aviação.

Rayford semicerrou os olhos. Mac tirou uma folha de papel amarelo do bolso da jaqueta e entregou-o a Rayford por cima da mesa.

- Não me diga que ele comprou um avião para mim - disse Rayford.

Mac deu um longo suspiro.

- Eu devia ter pensado nisso. Você conhece aqueles pequenos *organizers* eletrônicos portáteis? David fez um pedido de meia dúzia, especialmente montados. Ele ainda não sabe que não vai mais ver você por lá.

- Eu não posso furtá-los, nem mesmo de Carpathia.

- Você não vai precisar furtá-los, Ray. Nesta folha estão apenas as especificações e onde encontrá-los. Eles não são baratos, mas espere para ver o que estas maravilhas podem fazer. Vocês não vão mais precisar de *laptops*. Bem, talvez o rabino ainda necessite de um teclado, mas essas coisas são movidas a luz solar, conectadas a satélites e contêm *chips* de posicionamento geográfico. Com elas, você poderá ter acesso à Internet, enviar e receber mensagens e usá-las como telefone ou como quiser. Rayford meneou negativamente a cabeça.

- Talvez ele tenha pensado em blocos rastreadores.

- Claro.

Rayford guardou a folha de papel no bolso.

- O que devo fazer, Mac?

- Você vai ter de sumir desta parte do mundo, não há outra saída.

- Mas eu preciso saber essa história sobre Amanda. Buck só vai me contar pessoalmente, e ele está em Jerusalém.

Mac abaixou os olhos.

- Você já sabe o que ele vai lhe dizer, Ray. Eu seria a última pessoa no mundo a falar a um homem o que se passou

com a esposa dele, mas nós dois sabemos que as evidências apontam para aquilo que você não quer ouvir.

- Ainda não consegui aceitar, mas preciso saber a verdade.

- Buck descobriu alguma coisa?

- Parece que sim.

- E como *ele* pode ter certeza?

- Eu já contei a você sobre Hattie. - Sim.

- Ela sabe.

- Então pergunte a ela, Ray. Vá para casa.

- *Você* acha que ninguém perceberia se eu tentasse fugir daqui amanhã cedo?

- A CG não tem condições de tomar conta de tudo. Use o piloto que está trabalhando para seu pessoal - Ritz, é esse o nome dele? O que ele vai fazer nos próximos dias?

Rayford olhou admirado para Mac.

- *Você* não é tão bobo quanto parece, meu velho amigo. Mac tirou seu celular do bolso.

- *Você* sabe o número dele?

- O seu telefone não está grampeado? Se alguém me pegar conversando com Ken Ritz no seu ou no meu telefone...

- *Você* é *mais bobo* do que parece se pensa que eu correria esse risco. Conheço o encarregado das compras, lembra-se? - Mac mostrou o telefone a Rayford, um modelo comum que tinha sido inspecionado por David Hassid.

Rayford discou para o número de Chloe.

- Papai! - ela exclamou exultante. - *Você* está aqui?

Buck considerou um privilégio orar com a delegação israelense antes de retornar com Ken e Tsion ao local onde Chloe o aguardava. Ele passou o braço ao redor dos ombros de Tsion.

- *Você* está tão cansado quanto eu?

- Exausto. Só espero que o Senhor me permita dormir esta noite. Estou pronto para transmitir sua mensagem a estes prezados membros da família, mas, antes disso, falta conversar com Eli e Moisés. *Você* irá comigo, não?

- Não quero perder esse encontro.

- Nem eu - disse Ken.

Porém, as notícias dadas por Chloe mudaram os planos de Ken.

- Papai ligou - ela disse em voz baixa. - Ele precisa voltar para casa amanhã.

Depois que Chloe contou qual era a situação de Rayford, Ken resolveu que tiraria o *Gulfstream* do aeroporto de Jerusalém naquela noite e o levaria ao Ben Gurion. Buck perdeu as esperanças de conversar com Rayford pessoalmente.

- Pelo menos ele vai ouvir a verdade sobre Amanda diretamente da pessoa envolvida - ele disse.

Uma hora mais tarde, Jacov levou o grupo de carro, deixando Ken no aeroporto.

- Esperamos vê-lo de volta aqui sexta-feira - disse Tsion, abraçando-o.

Chloe dormiu com a cabeça encostada no ombro de Buck durante o trajeto noturno até o Monte do Templo. Quando eles desceram do carro, tiveram uma visão espetacular do templo novo resplandecendo no horizonte.

- Não quero nem olhar para a nova construção do templo - disse Tsion. - É uma abominação.

- Não vejo a hora de me encontrar com as testemunhas - disse Chloe.

- Talvez *você* não vá se encontrar com os dois - advertiu Tsion. - Eles são seres celestiais e fazem o que querem. Pode ser que se comuniquem conosco; pode ser que não. Vamos nos aproximar deles com muito cuidado.

Buck sentiu uma euforia tomar conta de todo o seu corpo.

- *Você* já conhece as histórias, querida. Chloe movimentou a cabeça afirmativamente.

- Não posso dizer que não estou assustada.

Os três aproximaram-se lentamente do costumeiro agrupamento de pessoas que se postava a uns dez metros de distância da cerca de ferro, atrás da qual as testemunhas permaneciam, às vezes em pé, outras, sentadas ou falando ao povo. Ninguém os vira dormindo e ninguém ousava aproximar-se. Os que ameaçaram a vida dos dois tiveram mortes horríveis.

A euforia de Buck sobrepujava seu cansaço. Ele estava preocupado com Chloe, mas não podia negar-lhe esse privilégio.

Por trás do grupo composto de cerca de 40 pessoas, Buck conseguiu enxergar um pouco além da cerca, onde Eli estava sentado à moda indiana, com as costas apoiadas na parede de pedra de um cômodo. Seus cabelos compridos e a longa barba balançavam suavemente ao sabor da brisa, mas ele permanecia imóvel, sem piscar. A tonalidade de sua pele rija misturava-se com seus trajes de aniagem.

Moisés estava em pé a um pouco mais de meio metro da cerca, em silêncio, imóvel, olhos fixos no grupo de pessoas à sua frente. De vez em quando, alguém gritava:

- Falem! Digam alguma coisa!

As pessoas recuavam diante daqueles gritos, temendo as conhecidas reações violentas das testemunhas. Moisés mantinha os pés afastados um do outro e os braços caídos ao longo do corpo. Horas antes, naquele mesmo dia, Buck havia acompanhado, em seu computador, um longo monólogo de Moisés. Às vezes, as duas testemunhas intercalavam suas pregaçãoes, mas aquele dia parecia ter sido reservado a Moisés.

- Observe-os atentamente - cochichou Buck ao ouvido de Chloe. - Em determinadas ocasiões, eles se comunicam sem abrir a boca. É incrível como todos compreendem no próprio idioma o que eles dizem.

Um vozerio vindo de trás do grupo forçou o povo a abrir caminho. Alguém gritou:

- É Carpathia! O potentado! Tsion levantou a mão.

- Vamos ficar exatamente aqui - ele sussurrou.

Buck fixou o olhar em Leon Fortunato, que supervisionava com calma os guardas da CG encarregados de manter os curiosos afastados de Carpathia. Com ar circunspecto e cabeça erguida, o potentado caminhou por entre o povo e parou a três metros da cerca.

- Salve, potentado! - alguém gritou.

Carpathia virou-se e levou o dedo aos lábios pedindo silêncio. Fortunato acenou para um guarda, que se postou na frente do grupo, fazendo-o recuar um pouco mais.

- Fiquem aqui - disse Buck, afastando-se.

- Querido, espere! - chamou Chloe, mas Buck contornou a multidão e escondeu-se nas sombras.

Ele sabia que os guardas o tomariam por alguém que simplesmente estava abandonando o local. Mas, quando se encontrava a uma distância razoável, ele olhou para trás por entre os arbustos, de onde podia avistar Carpathia encarando Moisés.

Carpathia esboçou um ar de susto quando, de repente, Moisés começou a falar bem alto.

- Ai do inimigo do Deus Altíssimo!

Nicolae recompôs-se rapidamente, sorriu e falou mansamente:

- É improvável que eu seja inimigo de Deus - ele disse. - Muitos dizem que *eu sou* o Deus Altíssimo.

Moisés movimentou-se pela primeira vez, cruzando os braços diante do peito. Carpathia, com o queixo apoiado na mão, levantou a cabeça e observou Moisés atentamente. Moisés falou em voz baixa, em um tom que só Buck e Carpathia puderam ouvir.

- A tua cabeça será traspassada à espada - disse Moisés com voz ameaçadora. - E, certamente, morrerás.

Buck sentiu um calafrio, mas Carpathia continuava impassível.

- Vou dizer uma coisa a você e a seu companheiro – ele disse com os dentes cerrados. - Vocês vêm perseguindo Israel há muito tempo com falta de chuva e transformaram a água em sangue. Ou vocês param com essas mistificações ou vão se arrepender.

Eli levantou-se e trocou de lugar com Moisés, acenando para que Carpathia se aproximasse. O potentado titubeou e olhou para seus guardas, que ameaçaram erguer suas armas. Eli falou em tom de voz tao alto que os curiosos se dispersaram e correram. Mesmo Tsion e Chloe recuaram um pouco.

- Até o devido tempo, não terás autoridade sobre os ungidos do Deus Todo-Poderoso!

Os guardas abaixaram as armas, e Fortunato pareceu esconder-se atrás deles. Carpathia

continuava com um sorriso de zombaria nos lábios, mas Buck tinha certeza de que ele estava espumando de raiva.

- Veremos - ele disse -, quem será o vencedor final. Eli parecia olhar através de Carpathia.

- O vencedor final já estava determinado antes do início dos tempos - ele disse. - O veneno que infligiste sobre a terra fará apodrecer tuas entranhas por toda a eternidade. Carpathia afastou-se, ainda sorrindo com ar de zombaria.

- Quero adverti-los a permanecer afastados desses que se dizem santos. Garanti a proteção deles, e não a de vocês.

Eli e Moisés falaram em uníssono.

- Aquele ou aquela que tem ouvidos para ouvir, ouça. Não estamos limitados nem a tempo nem a espaço, e os que se beneficiarem de nossa presença e testemunho ouvirão o som de nossa proclamação.

Buck emocionou-se diante dessa mensagem e olhou para o local onde estavam Tsion e Chloe. O rabino levantou a mão fechada, em sinal de que havia entendido a mensagem, e caminhou ao lado de Chloe de volta para o carro. Buck escondeu-se no meio dos arbustos e saiu pelo outro lado, chegando ao estacionamento instantes depois.

- Você ouviu? - perguntou Tsion.

Buck assentiu com um movimento de cabeça.

- Inacreditável!

- Eu não entendi - disse Chloe. - O que eles disseram?

- Você ouviu o som da língua hebraica? - perguntou Tsion.

- Eles falaram em hebraico.

- Eu ouvi em inglês - ela disse.

- Eu também - interveio Buck. - Eles disseram: "Aquele *ou aquela* que tem ouvidos para ouvir..."

- Eu ouvi - interrompeu Chloe. - Só que não entendi.

- Foi a primeira vez que os ouvi acrescentarem "ou aquela"

- disse Tsion. - Eles se referiram a você, Chloe. Sabiam que estávamos aqui. Não nos aproximamos deles, não nos identificamos, não tivemos de ficar frente a frente com Carpathia antes de estar preparados. Nem mesmo perguntamos a Eli e Moisés se eles compareceriam ao estádio. Eles disseram que "os que se beneficiarem de nossa presença e testemunho ouvirão o som de nossa proclamação".

- Eles irão embora? - perguntou Chloe.

- Foi o que deduzi.

- Quando?

- No momento certo.

DOIS

RAYFORD descobriu que tinha muita coisa em comum com Ken Ritz e gostou muito dele. Apesar de estar preocupado com seu futuro - e seus ganhos - e temeroso do que poderia ouvir sobre sua falecida esposa, apreciou a companhia de Ken. O piloto tinha dez anos mais do que ele, era um militar reformado, de fala rude, franco e, conforme Tsion Ben-Judá dizia, vibrava diante de seu "primeiro amor" por Cristo.

Durante o vôo de volta para casa, Rayford e Ken passaram horas contando suas experiências de vida. Rayford orou silenciosamente a Deus, agradecido por ter encontrado um novo amigo. Seu relacionamento com Tsion era o de aluno para mestre. Para Buck, ele era sogro. Como ele sentia falta de Bruce Barnes, seu primeiro amigo e mentor espiritual depois do Arrebatamento! Ken parecia uma dádiva de Deus.

Ritz assegurou que Rayford poderia aprender a pilotar o *Gulfstream* em questão de minutos.

- Vocês, acostumados a pilotar aquelas aeronaves enormes, são capazes de manipular um aviãozinho destes como um corredor de bicicleta pedalando um triciclo.

- Eu gostaria que fosse tão fácil assim - disse Rayford -, mas vou lhe pedir que me dê algumas lições.

- Positivo. Mas como é mesmo o nome de seu substituto que está trabalhando para Carpathia?

- Mac. Mac McCullum.

- Ah, sim. Com ele, somos três pilotos a fazer parte do Comando Tribulação. Agora precisamos convencer aquele médico a abandonar o hospital da CG antes que desconfiem dele. Assim, teremos um médico no Comando Tribulação. Três pilotos, um médico e um rabino - não parece o início de uma piada? Apenas sua filha não tem uma especialidade, mas ela é o que eu chamo de voz da razão. Ninguém é mais racional que Tsion, é claro, mas Chloe é a voz da razão para gente como eu que não entende tudo o que aquele intelectual diz.

Rayford contou a Ritz a história de David Hassid.

- Não tenho idéia de quanto tempo levará para que desconfiem de David, mas ele é mais um par de olhos e ouvidos dentro do território inimigo. Algum dia, ele e Mac terão de fugir. Imagine só como ficará o nosso grupo.

- Que maravilha! - exclamou Ritz, batendo palmas. - Eu não gosto de estar na defensiva, homem! Vamos enfrentar aquele patife!

Rayford nunca ouvira alguém se referir a Nicolae como patife, mas gostou da atitude de Ritz. Cansado de ter vivido tanto tempo em torno de Carpathia, ele também desejava muito partir para a ofensiva.

Ritz ficou um pouco sem jeito quando Rayford falou de Amanda.

- Lamento muito - ele disse, quando Rayford lhe contou tudo sobre a queda do avião no rio Tigre que causou a morte dela.

- Você também conhece o resto da história? - perguntou Rayford, sem mencionar as acusações que pesavam sobre ela.

- Sim. Não cheguei a nenhuma conclusão, mas posso imaginar como você se sente.

- Buck não lhe contou o que descobriu depois de conversar com Hattie?

- Eu nem sabia que ela estava em condições de falar. Para dizer a verdade, vou ficar surpreso se ela ainda estiver viva quando chegarmos lá.

- Eu não gostaria que isso tivesse acontecido.

Buck esperava conseguir dormir mais facilmente no novo fuso horário por ter ficado acordado até tarde. Seu relógio biológico, porém, continuava funcionando no horário de Chicago. Ele deitou-se e ficou acordado, olhando para o teto. Chloe dormia profundamente

a seu lado, e ele se sentia agradecido por essa bênção.

Quando o dia já estava amanhecendo em Israel, ele ouviu Chloe remexer-se na cama, mas estava tão exausto que não conseguiu se movimentar nem abrir os olhos. Sentiu o leve toque dos lábios de Chloe em sua face, mas não foi capaz de emitir nem um som sequer.

- Descanse, garotão - ela sussurrou. - Temos um grande dia pela frente.

Ela levantou-se. Em seguida, Buck sentiu um cheiro agradável de café, mas caiu no sono novamente e só ,
despertou no início da tarde.

Rayford ficou impressionado diante da facilidade com que Ken Ritz manipulou o rádio e pousou nas primeiras horas do dia no aeroporto de Palwaukee na periferia de Chicago.

- Você manobra este avião como se ele lhe pertencesse - disse Rayford.

- Ele seria muito útil ao Comando Tributação, você não acha? O reluzente Range Rover de Buck estava estacionado atrás de um hangar danificado. Quando se aproximaram do carro, viram um moço caminhando na direção deles.

- O Rover é fácil de limpar, não? - ele disse, afastando os cabelos ruivos do rosto.

- É, sim - disse Ritz. - Você também andou mexendo debaixo do capô?

- Sorte sua. Ele estava muito acelerado.

- Eu lhe disse isso antes, Ernie.

- Você também me disse que só voltaria daqui a uma semana. Só resolvi mexer no carro porque estava cansado de não ter o que fazer.

Ritz apresentou Ernie a Rayford, o qual permaneceu na defensiva até Ritz puxar o moço para perto de si e perguntar-lhe:

- Você notou alguma coisa?

Ernie aproximou-se de Rayford e examinou atentamente sua testa. Em seguida, sorriu e afastou o cabelo do rosto com as duas mãos.

- Meu irmão - disse Rayford, abraçando-o.

- Aqui há mais gente igual a nós, inclusive o chefe - disse Ritz -, mas não muitos, por isso devemos tomar cuidado. Ernie é um dos discípulos entusiasmados de Ben-Judá.

- É isso mesmo - disse Ernie. - Não vejo a hora de começar a grande concentração. Vai ser transmitida pela Internet amanhã, ao meio-dia.

- Vamos assistir - disse Rayford, ansioso por ir embora.

Meia hora depois, ele e Ken entraram no quintal da casa secreta de Monte Prospect dentro do macio Range Rover.

- Precisamos manter contato com Ernie - disse Rayford. - Este carro precisa estar em ótimas condições de uso como qualquer outro avião que a gente venha a conseguir - disse Rayford.

- Você percebeu um movimento na cortina quando passamos pela frente da casa, Ray? Enquanto não teve certeza de que éramos nós, Floyd devia estar imaginando como conseguiria levar Hattie para o esconderijo subterrâneo.

- Há muitos curiosos por aqui?

- Quase nenhum. O quarteirão está deserto. As ruas, conforme você viu, estão praticamente intransitáveis. Até agora, este tem sido um lugar perfeito para nós. Você gostaria de ver a sepultura da esposa de Donny?

Rayford já sabia como Buck e Tsion haviam encontrado aquela casa. Ele fez um movimento afirmativo com a cabeça.

O Dr. Floyd Charles foi ao encontro deles, com ar de indagação no rosto.

- Tentamos ligar para você - disse Ritz.

- Estive usando o telefone para falar com um colega no hospital.

- Este aqui é Rayford Steele. Eu ia mostrar a sepultura a ele.

- Da mulher que nós dois não conhecemos, mas suponho que o senhor a conheceu, capitão.

Rayford balançou a cabeça negativamente.

- Não, só ouvi falar dela. Ei, somos irmãos em Cristo, doutor. Pode me chamar de Ray.

- Obrigado. Você pode me chamar como quiser, menos de Floyd.

- Como está Hattie?

- Não muito bem. Ela está dormindo.

- Ela vai conseguir sair dessa?

- Não estou otimista - disse o Dr. Charles balançando a cabeça. - O diagnóstico do hospital em Atlanta é ridículo. Ela e eu temos um pressentimento de que alguém da CG injetou alguma substância venenosa em seu organismo. Se eles tiverem acesso à amostra de sangue que envie, vão me desmentir ou provar que estou errado.

Eles caminharam até o túmulo e pararam ali, em silêncio.

- Eu gostaria de colocar uma placa ou um sinal qualquer neste lugar - disse Rayford -, mas seria apenas uma indicação para nós, que sabemos quem era a esposa de Donny e onde ela está agora. Não devemos chamar a atenção para este lugar.

Rayford sentiu-se profundamente agradecido por saber que a sede do Comando Tribulação localizava-se na casa que um dia pertencera a essa mulher. Ele não pôde deixar de pensar no número de mortes recentes de pessoas de seu relacionamento. A lista foi aumentando até alcançar Amanda. Ele já havia sofrido muitas perdas e temia sofrer outras tantas antes de chegar a sua vez.

Floyd Charles deu um rápido giro com Rayford pelo local enquanto ambos conversavam sobre suas respectivas situações. Rayford ficou impressionado com a casa, principalmente com o abrigo subterrâneo que Donny construía. Por certo, chegaria o dia em que todos eles teriam de morar embaixo da casa, e não dentro dela. Porém ninguém sabia quanto tempo ainda levaria para chegarem a esse ponto. Nada podia ser previsto, a não ser os julgamentos do céu meticulosamente descritos nos apontamentos bíblicos de Tsion. Quem sobreviveria - e por quanto tempo -, eram indagações que estavam sob o controle e o tempo determinados por Deus.

Ao longo da vida, Rayford já tinha ouvido a respiração de um moribundo, mas agora a frágil figura de sua ex-colega de trabalho, amiga e por quem ele sentira uma certa atração causava-lhe agora uma estranha emoção. Ele ficou em pé ao lado de Hattie, compadecendo-se dela, torcendo para que ela melhorasse e orando por ela. Evidentemente, Rayford queria extrair o que Hattie sabia sobre Amanda, mas não seria tão egoísta a ponto de desejar que ela sobrevivesse apenas para contar-lhe alguma coisa. Ele afastou carinhosamente uma mecha de cabelo da testa dela. A fraca iluminação do ambiente não lhe permitia enxergar se havia ou não a marca dos escolhidos de Deus. O Dr. Charles balançou a cabeça negativamente.

- Ela tem conversado muito ultimamente, mas, por enquanto, não tomou nenhuma decisão. Pelo menos do modo que gostaríamos.

- Chloe achou que ela estava muito perto de se decidir - disse Rayford. - O Senhor sabe que ela já recebeu informações suficientes. Não sei o que mais será necessário.

- Eu tenho insistido com ela o tempo todo - disse o médico. - Ela é teimosa. Está esperando não sei o quê. Já fiz tudo o que podia.

- Ore para que ela tenha mais um dia de vida - disse Rayford. - E me acorde se ela esboçar alguma reação.

- Você quer tomar algum comprimido que o ajude a dormir?

Rayford ergueu as sobrancelhas.

- Não imaginei que você fosse favorável a essas coisas.

- Sou criterioso. Eu não tomo nada para dormir, mas me preocupo com gente como você que viaja muito.

- Nunca sofri de insônia.

- Que bom!

Rayford virou-se para subir a escada e parou.

- E quanto a você, doutor? Está tendo problemas para dormir?

- Eu já lhe disse, não tomo esses comprimidos.
- Não foi o que eu perguntei.

O Dr. Charles abaixou os olhos e balançou a cabeça.

- Como você adivinhou?
- Desculpe-me a franqueza, mas você parece exausto. Floyd limitou-se a assentir com a cabeça.
- Você quer conversar? - perguntou Rayford.
- Você está cansado.

- Ei, doutor, pelo que entendi, você abandonou o hospital para fazer parte de nosso grupo. Somos uma família. Eu sempre tenho tempo para minha família.

- O fato é que eu não esperava falar disso a ninguém enquanto todos não tivessem retornado.

Rayford pegou uma cadeira da cozinha.

- Sobre o quê?
- Estamos na mesma situação, Rayford.
- Livres da CG, você quer dizer? Você foi demitido?
- Tenho um colega crente no hospital. Eu estava conversando com ele no meio da noite, aparentemente enquanto Ken tentava ligar para mim. Meu colega me disse que não sabia onde eu estava e não queria saber, mas recomendou, de amigo para amigo, que eu desaparecesse.

Rayford deu-lhe um aperto de mão.

- Bem-vindo ao grupo. Você acha que alguém o seguiu até aqui?
- Não. Tomei muito cuidado. Mas tenho me ausentado tantas vezes do hospital que talvez estejam desconfiados de mim.
- Se eles não sabem de seu paradeiro, você está tão protegido quanto nós.

O Dr. Charles encostou-se na geladeira.

- O problema é que não quero ser um peso para vocês. A CG pagava bem, e nunca negocieei meus princípios. Sempre trabalhei muito para salvar vidas e proporcionar alívio às pessoas.
- Em outras palavras, seu problema de consciência é menor do que o meu no que se refere a ganhar a vida trabalhando para o inimigo?
- Eu não insinuei nada.
- Eu sei. Você está preocupado por juntar-se ao nosso grupo sem ter meios de sustentar-se.

- Exatamente.
- Veja a minha situação, doutor. Sou um dos membros titulares e estou desempregado. Não tenho renda nenhuma.
- Eu gostaria que isso me fizesse sentir melhor.
- Acho que podemos proporcionar-lhe acomodação e comida em troca de seus serviços médicos. Veja que sua situação é melhor do que a minha. Sou apenas um piloto a mais e não tenho avião.

Floyd esboçou um sorriso, mas, em seguida, seus joelhos começaram a dobrar-se.

- Você está bem? - perguntou Rayford.
- Só um pouco cansado.
- Quando foi que dormiu pela última vez?
- Dormi um pouco, mas não se preocupe com...
- Quanto tempo faz que você não dorme?
- Faz muito tempo, mas estou bem.
- Ken! - chamou Rayford. Ritz apareceu na escada que dava para o porão. - Você tem condições de ficar ao lado de Hattie por um pouco de tempo?
- Eu estou bem. Tenho tanta cafeína dentro de mim que posso ficar acordado o dia inteiro.

O médico olhou para Ken com ar de gratidão.

- Vou aceitar a gentileza de vocês, cavalheiros. Obrigado. - Floyd fez algumas recomendações a Ken e subiu penosamente a escada.

Ken sentou-se ao lado da cama de Hattie com a Bíblia apoiada em um dos joelhos e o *laptop* no outro. Rayford achou engraçado o modo como Ken olhava por cima dos óculos de leitura para ver se Hattie estava bem. Ele era uma babá perfeita.

Alguns minutos depois, enquanto descansava no pavimento superior, Rayford ouviu Floyd roncando no quarto ao lado.

Buck, Chloe e Tsion reuniram-se com a delegação local, dentro do estádio, 24 horas antes da abertura da cerimônia noturna do Encontro das Testemunhas, para fazerem a revisão final do programa. Quando retornaram à *van*, Jacov comunicou que havia um recado para eles. O motorista leu o que estava escrito em um pedaço de papel: "O Dr. Rosenzweig foi chamado para comparecer aos aposentos do potentado e retornou com um pedido pessoal do supremo comandante."

- Eu não posso esperar - disse Buck.

- Não compreendi, senhor - disse o motorista.

- Eu me expressei mal. Você pode nos dizer qual é o ped...

- Não sei de nada, senhor. Fui simplesmente encarregado de levá-los de volta à casa do Dr. Rosenzweig o mais rápido possível.

Buck aproximou-se de Tsion.

- Você faz idéia do que se trata? O que Fortunato desejaria?

- Talvez Carpathia queira se encontrar comigo. Provavelmente por motivos de relações públicas ou políticos.

- Por que Carpathia não fez esse pedido diretamente a Rosenzweig?

- Por causa do protocolo. Você conhece, Buck.

- Mas eles são amigos - interveio Chloe - de longa data. Não foi o Dr. Rosenzweig que o apresentou a Carpathia, Buck?

Buck assentiu com a cabeça.

- Não há dúvida de que Nicolae gosta de manter Chaim em seu devido lugar.

Quando eles chegaram à casa de Chaim, encontraram-no vibrando de entusiasmo.

- Eu não sou tolo, Tsion - disse Chaim. - Sei que você andou falando mal de meu amigo e discuti publicamente com ele via Internet. Mas preciso dizer que você tem uma idéia errada a respeito dele. Posso dizer que ele é um homem maravilhoso, um homem piedoso. Ele está apenas pedindo humildemente que lhe cedam um espaço na programação para mostrar sua boa vontade e...

- Um espaço na programação! - disse Chloe. - Impossível! O estádio estará lotado de judeus convertidos que têm certeza de que Nicolae é o anticristo.

- Oh! minha querida - disse Chaim, sorrindo para ela. - Nicolae Carpathia? Ele deseja a paz mundial, o desarmamento, a união de todos os povos.

- Eu falei exatamente o que penso. Chaim virou-se para seu protegido.

- Tsion, com certeza você pode ver que a única coisa sensata a fazer é convidá-lo cordialmente para subir ao palco.

- Você conversou pessoalmente com Carpathia, Chaim? Chaim empertigou-se e deu de ombros.

- Claro que não. Ele é um homem atarefado demais. O supremo comandante Fortunato, o homem em que ele mais confia...

- Atarefado demais para você? - perguntou Tsion. - Você é um herói nacional, um ícone, um homem que ajudou Israel a ser o que é hoje! Sua fórmula foi a chave para a ascensão de Carpathia ao poder. Como ele pode se esquecer disso e se recusar a receber um velho amigo como...

- Ele não se recusou a receber-me, Tsion! Se eu tivesse pedido, ele teria me concedido uma audiência.

- De qualquer maneira - disse Tsion -, Chloe tem razão. Por mais que eu queira humilhá-lo, seria uma situação bastante esdrúxula. Que tipo de recepção você acha que ele teria das 25 mil testemunhas que lotarão o estádio e de outras centenas de milhares que estão circulando por toda a cidade?

- Com certeza, em nome do amor cristão, elas receberiam o governador do mundo com cordialidade.

Tsion balançou a cabeça e inclinou-se para a frente, pousando a mão no joelho de seu ex-mentor.

- Chaim, você tem sido um pai para mim. Gosto muito de você. Eu o acolheria no estádio de braços abertos. Mas Nic...

- Eu não sou crente, Tsion. Então, por que você não acolhe outra pessoa igual a mim com a mesma cordialidade?

- Porque ele não é igual a você. Ele é o inimigo de Deus, de tudo que defendemos. Apesar de você ainda não ser crente, nós não o consideramos um ini...

- *Ainda* não ser crente! - Chaim jogou o corpo para trás e soltou uma risada. - Você diz isso com muita confiança.

- Tenho orado por você todos os dias.

- E eu sou muito grato por suas orações, meu amigo. Mas sou judeu, de nascimento e de criação. Apesar de não ser um religioso, acredito que o Messias virá um dia. Não fique esperançoso de que eu me torne uma de suas testemunhas. Eu...

- Chaim, Chaim! Você não viu as provas que apresentei no dia em que falei ao mundo sobre minha conversão?

- Sim! Foi fascinante, e ninguém pode contestar que você não foi convincente. O resultado está aqui. Mas você não deve achar que todos se convenceram.

Buck percebeu que Tsion não acreditava nas palavras de Chaim.

- Dr. Rosenzweig - disse o rabino -, eu ficaria muito grato se você me permitisse expor-lhe minhas idéias. Se eu pudesse mostrar-lhe meus textos, meus argumentos, creio que teria

condições de provar-lhe que Jesus Cristo é o Messias e que Nicolae Carpathia é o arquiinimigo dele. Eu só gostaria de...

- Um dia eu lhe darei este privilégio, meu amigo - disse Rosenzweig. - Mas não na véspera do dia mais importante de sua vida. E preste atenção no que vou lhe dizer. Eu teria

mais facilidade de acreditar que Jesus foi o Messias do que acreditar que Nicolae seja inimigo dele. O inimigo de Jesus não é o homem que conheço.

- Estou munido de força e entusiasmo esta noite, doutor. Por favor.

- Mas eu não - disse Chaim, sorrindo. - No entanto, vamos fazer um trato. Você cede um espaço a Nicolae na programação durante a cerimônia de abertura, e eu dedicarei toda a minha atenção a esses assuntos daqui a algum tempo.

Rosenzweig recostou-se na cadeira, aparentemente satisfeito com sua sugestão. Tsion, visivelmente frustrado, olhou para Buck, em seguida para Chloe, e deu de ombros.

- Não sei - ele disse. - Francamente, doutor, eu gostaria que um velho e querido amigo como você ouvisse, sem impor condições, o que um admirador seu está lhe dizendo.

Rosenzweig levantou-se, caminhou até a janela e olhou para fora pelo vão da cortina.

- Nicolae providenciou guardas armados para assegurar que você não sofra o que sua família sofreu e que não seja novamente banido de sua terra natal. Eu só peço que você trate o homem mais poderoso do mundo com a deferência que ele merece. Se você achar que não deve, ficarei decepcionado. Mas esse pedido não está amarrado ao fato de um dia eu deixar que você tente me convencer de suas idéias.

Tsion levantou-se e enfiou as mãos nos bolsos, dando as costas a Buck e a Chloe.

- Bem, obrigado por tudo - ele disse, quase num sussurro. - Vou ter de orar para saber o que fazer com o pedido de Carpathia.

Buck não podia imaginar como Carpathia conseguiria mostrar o rosto diante de uma reunião como aquela e qual seria a reação dos presentes. Por que Carpathia se sujeitaria a tal situação?

- Tsion - disse Chaim -, preciso dar uma resposta ao potentado ainda esta noite. Eu prometi a ele.

- Chaim, não terei uma resposta enquanto não orar sobre o assunto. Se o Sr. Fortunato insistir...

- Não se trata da insistência de Fortunato, Tsion. Eu dei minha palavra.

- Eu não tenho uma resposta.

- Então eu devo dizer a ele que você está orando sobre o assunto, é isso?

- Exatamente.

- Tsion, quem você acha que está cuidando de protegê-lo no estádio Teddy Kollek?

- Não sei.

- É Nicolae! Você acha que meus patrícios ofereceram essa proteção? Você se uniu àqueles dois do Muro das Lamentações que amaldiçoaram o nosso país, o *seu* país! Eles se orgulham de ter provocado a seca que está nos destruindo. Transformaram a água em sangue, enviaram pragas sobre nós. Dizem que aparecerão no estádio!

- Espero que sim - disse Tsion.

Os dois se encararam, com as mãos caídas ao longo do corpo.

- Meu caro Tsion - disse Chaim -, você vê a que ponto chegamos? Se Nicolae for corajoso o suficiente para fazer um pronunciamento em um estádio lotado de inimigos, ele deve

ser admirado.

- Vou orar - disse Tsion. - É tudo o que posso dizer. Quando eles se retiraram para seus quartos, Buck ouviu

Chaim conversando por telefone com Fortunato.

- Leon, sinto muito...

No final da tarde em Illinois, Rayford foi despertado por ruídos de passos na escada. A porta de seu quarto foi aberta.

- Você está acordado, Ray? - Rayford sentou-se na cama, desviando os olhos da claridade.

- Devo chamar o doutor? - perguntou Ken Ritz. - Hattie despertou.

- Ela está precisando de alguma coisa?

- Acho que não.

- Então deixe-o dormir. Ela está bem?

- Está querendo conversar.

- Diga a ela que vou descer em seguida.

Rayford caminhou com passos trôpegos até o banheiro e lavou o rosto com água fria. Seu coração batia acelerado. Desceu apressado a escada e avistou Ken dando carinhosamente um copo d'água a Hattie.

- Capitão Steele! - ela chamou com voz estridente e olhos arregalados, acenando para Rayford aproximar-se. - Você poderia deixar-nos a sós? - ela pediu a Ken. Enquanto ele se afastava, Hattie estendeu a mão para Rayford. - Nicolae quer me matar. Ele me envenenou. Ele vai me encontrar em qualquer lugar que eu esteja.

- Como você sabe, Hattie? Como você sabe que ele a envenenou?

- Eu sabia que ele me envenenaria. - A voz dela era fraca e ofegante. - Ele envenenou seu amigo Bruce Barnes.

- Você *sabia* disso?

- Ele se orgulhava dessa façanha. Contou-me que se tratava de um veneno lento. Bruce ficaria cada vez mais doente, e, se tudo corresse de acordo com seus planos, ele morreria depois de retornar aos Estados Unidos.

- Você tem forças para continuar conversando? - perguntou Rayford. Hattie movimentou a cabeça afirmativamente. - Eu não quero que você se canse.

- Eu posso falar.

- Você sabe alguma coisa sobre Amanda?

Os lábios de Hattie tremeram, e ela desviou o rosto.

- Você sabe? - ele insistiu. Ela assentiu, com ar deplorável. - Então me conte.

- Sinto muitíssimo, Rayford. Eu sabia desde o início e poderia ter lhe contado.

Ele cerrou os dentes. Suas têmporas latejavam a ponto de doer.

- Ter me contado o quê?

- Eu estava envolvida - ela disse. - Não foi idéia minha, mas eu poderia ter impedido.

TRÊS

A mente de Rayford girava rapidamente. O máximo que ele se permitia pensar a respeito de Amanda era que talvez ela tivesse, no início, sido uma espiã. Hattie poderia ter passado informações suficientes a Carpathia sobre Rayford e sua primeira esposa, fornecendo elementos para que Amanda contasse uma história convincente sobre a maneira como conhecera Irene. Porém, mesmo que isso fosse verdade, Amanda não poderia ter simulado a própria conversação. Ele não aceitava essa idéia.

- Carpathia mandou matá-la só porque ela se converteu? Hattie olhou firme para Rayford.

- O quê?

- Hattie, por favor. Eu preciso saber.

- Você vai me odiar.

- Não. Eu me preocupo com você. Sei até que você se sente mal por ter tomado parte nisso. Conte-me a verdade.

Hattie voltou a deitar-se, ofegante.

- Foi tudo uma farsa, Rayford. Tudo.

- Amanda também?

Ela fez um movimento afirmativo com a cabeça e tentou sentar-se, mas precisou da ajuda de Rayford.

- Os *e-mails* eram falsos, Rayford. Fui treinada a fazer isso. Eu vi todos eles.

- Os *e-mails*

- Os anônimos para Bruce. Nós sabíamos que alguém os encontraria. E também aqueles entre Nicolae e Amanda, e vice-versa. Amanda nem sequer sabia que eles estavam no disco rígido do computador dela. Estavam criptografados e codificados. Ela teria de ser uma especialista no assunto para descobri-los.

Rayford não sabia mais o que perguntar.

- Mas eles pareciam ter sido escritos por ela, da maneira como ela se expressava. Fiquei muito assustado.

- Nicolae tem especialistas treinados para essa missão. Eles interceptaram todos os seus *e-mails*, Rayford, e usaram o estilo de Amanda contra ela.

Rayford sentia-se exaurido. Os soluços brotavam com tanta força de dentro dele que parecia que seu coração e pulmões iam estourar.

- Então ela era o que sempre acreditei que fosse? – ele perguntou.

Hattie assentiu com a cabeça.

- Ela era mais, Rayford. Ela o amava demais, era completamente dedicada a você. Eu me senti tão desprezível na última vez que a vi que não tive coragem de contar nada a ela. Eu sabia que devia. Eu queria contar. Mas o que fiz foi horrível demais, maldoso demais. Ela sempre gostou de mim, desde o início. Sabia o que havia se passado entre você e mim. Nós duas discordávamos sobre tudo o que era importante na vida, e, mesmo assim, ela gostava de mim. Eu não podia contar a ela que ajudei alguém a tentar transformá-la em uma traidora.

Rayford balançava a cabeça, tentando assimilar tudo.

- Obrigado, Hattie.

Então, o motivo para Amanda não ter o selo de Deus na testa, quando Rayford viu a imagem grotesca e cadavérica de seu rosto, foi porque o avião afundou antes que a marca ficasse visível na testa dos crentes.

A confiança de Rayford em Amanda havia sido restaurada, e ele nunca duvidara da salvação dela. Mesmo quando se sentiu forçado a se questionar por que Amanda se aproximara dele, Rayford nunca duvidou da devoção sincera de sua esposa a Deus.

Rayford ajudou Hattie a deitar-se.

- Vou buscar alguma coisa para você comer - ele disse. - E, depois, vamos conversar sobre você.

- Poupe-me dessa conversa, Rayford. Faz dois anos que você e seus amigos estão tentando me convencer. Não há nada que você possa me dizer que eu não saiba. Eu já lhe

contei o que fiz, e existem coisas muito piores.

- Você sabe que Deus a perdoará.

Ela assentiu com um movimento de cabeça.

- Mas será que Ele deveria? Sinceramente, não acredito.

- Claro que Ele não deveria. Nenhum de nós merece ser perdoado.

- Mas você aceitou o perdão de Deus - ela disse. - Eu não posso aceitar. Eu e Deus sabemos que não sou digna de seu perdão.

- Quer dizer que você está decidindo se Ele deve ou não perdoá-la?

- Se for em relação a mim... -É.

- Cheguei à conclusão de que sou uma pessoa indigna e não posso merecer... sua... como é mesmo o nome?

- Misericórdia?

- Bem, acho que sim, mas eu quero dizer que existe uma diferença muito grande entre o que pode ser verdade e o que deve ser verdade.

- Seria uma injustiça, você quer dizer.

- Exatamente. Deus me salvar quando Ele e eu sabemos quem sou e o que fiz - seria uma injustiça muito grande.

Quando o relógio marcava 16h45 na casa de Chaim Rosenzweig, Tsion pediu a Buck e Chloe que fossem até seu quarto. Buck sorriu ao ver o inseparável *laptop* de Tsion sobre uma mesinha. Os três ajoelharam-se ao lado da cama.

- Vamos orar com a delegação no estádio - disse Tsion -, mas pode haver algum imprevisto de última hora, e não quero iniciar a reunião sem buscar a presença de Deus.

- Posso saber - perguntou Chloe - qual foi sua resposta a Fortunato?

- Eu simplesmente disse a Chaim que não daria meu aval nem agradeceria a presença de Nicolae. Também não o apresentaria nem pediria a outra pessoa que o fizesse. Se ele aproximar-se da plataforma, não vou impedi-lo. - Tsion sorriu com ar de cansaço. - Como seria de esperar, Chaim apresentou argumentos sinceros, advertindo-me a não fazer tal afronta ao potentado. Mas de que outra maneira eu poderia agir? Não vou dizer o que gostaria, não vou instigar os crentes a manifestarem insatisfação pela presença dele, não vou dizer quem ele é. É o melhor que posso fazer.

- Quando você espera a chegada das testemunhas? - perguntou Chloe.

- Acho que já começaram a chegar.

- Estou falando de Eli e Moisés.

- Ah! Deixei este assunto nas mãos do Senhor. Eles disseram que estarão lá, e a conferência vai se estender por mais dois dias e duas noites. Você pode ter certeza de que os recepcionarei com alegria na plataforma sempre que eles quiserem comparecer.

Buck sempre se comovia com as orações sinceras do Dr. Ben-Judá. Ele vira o rabino sofrer a maior dor que um homem pode suportar quando soube da notícia do massacre de sua esposa e de dois filhos adolescentes. Ouvira-o orar em meio ao terror, certo de que seria capturado em um vôo noturno quando fugiu de Israel. Agora, enquanto aguardava com ansiedade o momento de reunir-se a dezenas de milhares de novos irmãos e irmãs em Cristo procedentes das 12 tribos de Israel espalhadas pelo mundo inteiro, Tsion encontrava-se de joelhos, em atitude de humildade.

- Senhor Deus, nosso Pai - ele iniciou - graças te damos pelo privilégio que em breve desfrutaremos. Estamos avançando na linha de frente da batalha amparados por tua coragem, e sob teu poder e proteção. Teus santos preciosos estarão sedentos de conhecer um pouco mais a tua Palavra. Permite que os outros pregadores e eu tenhamos o dom de

transmiti-la da melhor forma possível. Que possamos dizer o que tu tens a nos dizer, e que eles possam ouvir o que tu queres que eles ouçam.

Buck continuava profundamente concentrado na oração quando uma batida leve na porta os interrompeu.

- Com licença, Tsion - disse Chaim. - A escolta da CG chegou.

- Eu pensei que Jacov nos levaria...

- Ele vai levá-los. Mas disseram que você precisa sair imediatamente, se quiser chegar no horário ao estádio.

- O estádio é muito perto daqui!

- Eu sei. Mas o trânsito já está tão congestionado que só a escolta da CG poderá garantir que você chegue lá em tempo.

- Você decidiu nos acompanhar, Chaim?

- Assistirei pela televisão. Pedi a Jacov que leve uma garrafa de água para você. Dizem que aqueles dois pregadores que estão diante do Muro das Lamentações vão transformar novamente a água potável em sangue. Embora a água já deva ter sido tratada desde que os visitantes começaram a chegar, nunca se sabe o que pode acontecer. O povo do Ocidente não deve arriscar-se a beber água da torneira.

A escolta da CG era composta de dois jipes com luzes amarelas intermitentes. Cada veículo transportava quatro guardas armados que se limitaram a olhar para os membros do Comando Tribulação quando eles entraram na *van*.

- Outro pequeno exemplo de exibição de autoridade de Carpathia - disse Chloe.

- Se ele fosse esperto - disse Tsion -, teria nos deixado à própria sorte para chegarmos atrasados.

- Vocês não chegariam atrasados - disse Jacov com seu acentuado sotaque. - Eu teria feito vocês chegarem no horário de qualquer maneira.

Buck nunca tinha visto - nem mesmo em Nova York - um trânsito tão congestionado como aquele. Todas as vias de acesso ao estádio estavam apinhadas de carros e pedestres. Ele também nunca vira tantos rostos sorridentes desde antes do Arrebatamento. Os pedestres caminhavam apressados, carregando mochilas, cadernos de apontamentos e garrafas de água, estampando no rosto seriedade e determinação. Muitos conseguiram avançar mais depressa do que os carros, *vans* e ônibus.

A escolta atraiu a atenção do povo, que reconheceu Tsion Ben-Judá dentro da *van*. Eles acenavam, gritavam e batiam alegremente nas portas e janelas do carro. Os veículos da CG os afastavam, advertindo-os por meio de alto-falantes e apontando para eles suas armas automáticas.

- Detesto estar aqui sob a proteção da Comunidade Global - disse Tsion.

- Eles não sabem cortar caminho - disse Jacov. - Três destes veículos estão equipados para desviar o trajeto.

- Você conhece um caminho mais rápido? - perguntou Tsion. - Então, vamos por ele!

- Posso?

- Eles não vão abrir fogo. Terão de seguir atrás de nós. Jacov girou o volante para a esquerda, passou por uma valeta, atravessou no meio dos carros que andavam em marcha lenta e rumou para um campo aberto. Os jipes da CG ligaram as sirenes e rodaram em disparada atrás deles. O jipe principal finalmente os alcançou e passou à frente da *van*. O motorista apontou para a janela e gritou para Jacov em hebraico.

- Ele disse a Jacov para não fazer isso novamente - explicou Tsion. - Mas eu achei muito divertido.

Jacov pisou com força no freio, e o jipe que vinha atrás parou a uma curta distância, destruindo a grama. Jacov abriu a porta e ficou em pé ao lado da *van*. Sua figura alta destacava-se bem acima do teto do carro. O motorista aguardou alguns instantes e, em seguida, recuou ao ouvir Jacov gritar:

- É melhor vocês me seguirem, se não quiserem ser responsabilizados por chegarmos atrasados!

Tsion lançou um olhar divertido para Chloe.

- Como é mesmo que seu pai costuma dizer?

- Vá na frente, acompanhe ou saia do caminho.

A medida que Jacov seguia na frente dos irados motoristas da CG em direção ao estádio, ficou claro que havia muito mais de 25 mil pessoas querendo entrar.

- Temos aparelhos de TV do lado de fora? - perguntou Tsion. Buck confirmou com um movimento de cabeça e disse:

- O público excedente deveria acomodar-se nas redondezas, mas parece que todos querem ficar aqui.

Os soldados da CG que acompanhavam Jacov saltaram dos veículos e insistiram em escoltar o pequeno grupo até o interior do estádio. Eles olharam zangados para Jacov, que contou a Buck que ficaria aguardando na *van* no mesmo lugar em que os deixara.

- Você vai assistir pela TV? - perguntou Buck, olhando ao redor.

Jacov apontou para um aparelho de TV a uns oito metros de distância.

- Posso também ouvir pelo rádio - ele disse.

- Você se interessa por esse assunto?

- Muito. Acho um pouco confuso, mas faz tempo que desconfio do potentado, embora o Dr. Rosenzweig o admire. E o professor é um homem sábio e muito gentil.

- Você o viu pela televisão quando ele...

- Todo mundo viu, senhor.

- Então o assunto não é totalmente novo para você. Vamos conversar mais tarde.

A delegação estava enlevada dentro do estádio. Buck gostava muito de ouvir orações em grupo, feitas em inglês, hebraico e em algumas outras línguas que ele podia identificar. Por todo o recinto, ele ouvia a expressão "Jesus, o Messias" sendo proferida como "Jesus the Messiah", "Jesus Cristo" e "Yeshua Hamashiach".

Ajoelhado ao lado de Chloe, Buck sentiu que ela apertou sua mão e encostou a cabeça em seu ombro.

- Oh! Buck - ela disse - parece que estamos no céu.

- E a cerimônia ainda nem começou - ele murmurou. Enquanto o povo afluía ao estádio, ouviam-se gritos e cânticos de louvor.

- O que eles estão dizendo? - perguntou Buck.

- "Aleluia" e "Louvado seja o Senhor" - respondeu alguém. - E estão gritando o nome de Jesus.

Um pouco antes das 19 horas, Daniel, o mestre-de-cerimônias, dirigiu-se ao grupo.

- Conforme vocês já sabem, o programa é simples. Farei uma breve saudação e a oração de abertura. Conduzirei o cântico de "Preciosa Graça de Jesus!" e, em seguida, apresentarei o Dr. Ben-Judá. Ele pregará e ensinará usando o tempo que achar necessário. Os doze intérpretes deverão ter em mãos uma cópia das anotações do Dr. Ben-Judá e dirigir-se aos microfones instalados na parte inferior do palco.

- E lembrem-se - disse Tsion com serenidade -, não posso garantir que ficarei restrito às anotações. Tentarei não falar muito depressa.

As pessoas presentes no recinto assentiram com a cabeça, e muitas olharam para o relógio. Buck ouviu o som de cânticos e sentiu um entusiasmo tão grande como nunca sentira.

- Todas essas pessoas são nossos irmãos e irmãs - ele disse a Chloe.

Faltavam três minutos para as 19 horas. Tsion separou-se do grupo e curvou a cabeça. Um jovem chegou apressado.

- As outras ruas estão vazias! - ele disse. - Todos estão aqui. Todos tiveram a mesma idéia!

- Quantos? - perguntou alguém.

- Há mais de 50 mil do lado de fora do estádio – ele disse -, pelo menos o dobro do pessoal que está dentro. E nem todos são testemunhas. Alguns não são sequer judeus. O povo está curioso.

Daniel levantou as mãos, e todos silenciaram.

- Sigam-me por este corredor, subam a rampa até a escada que dá para o palco. Vocês poderão ficar nas laterais, mas os intérpretes irão na frente e se posicionarão no nível do solo,

em frente à plataforma. Ninguém subirá ao palco, a não ser o Dr. Ben-Judá e eu. Silêncio, por favor. *Querido Deus que estás nos céus, somos teus filhos.*

Com uma das mãos ainda levantada, ele e Tsion conduziram o grupo em direção aos fundos do palco. Buck notou que todos os lugares estavam tomados, inclusive os corredores e o gramado. Muitos seguravam a mão da pessoa ao lado. Outros, com os braços passados ao redor dos ombros dos companheiros, cantavam e balançavam o corpo.

Os intérpretes desceram os degraus e ficaram a postos. O povo se aquietou. Às 19 horas, Daniel caminhou até um púlpito simples de madeira e disse:

- Sejam bem-vindos, meus irmãos e irmãs, em nome do Senhor Deus Todo-Poderoso...

Ele fez uma pausa para os intérpretes, mas, antes que suas palavras fossem traduzidas, o estádio irrompeu em aplausos. Surpreso, Daniel sorriu com ar de desculpa e dirigiu-se aos intérpretes.

- Vou esperar vocês terminarem - disse ele em voz baixa, enquanto o povo continuava a gritar e aplaudir.

Quando os aplausos cessaram, ele fez um sinal afirmativo com a cabeça para os intérpretes e eles repetiram a frase.

- Não! Não - gritava a multidão. - *Nein! Nyet!* Daniel prosseguiu:

- ... criador do céu e da terra...

O povo continuou a gritar. Ele aguardou a tradução, mas a multidão não parava de gritar.

- ... e de seu Filho, Jesus Cristo, o Messias! Enquanto a multidão gritava, agitada, um colaborador aproximou-se do palco.

- Por favor! - Daniel o repreendeu. - Ninguém aqui no palco, a não ser...

- Não há necessidade de tradução! - gritou o colaborador. - Não use os intérpretes! O povo está ouvindo sua fala na própria língua e pede que o senhor prossiga!

Enquanto a multidão continuava a dar gritos entusiasmados, Daniel caminhou até a parte da frente do palco e chamou os intérpretes com um gesto.

- Vocês não são necessários! - disse ele, sorrindo.

- Enquanto os intérpretes se dispersavam, parecendo surpresos, mas satisfeitos, ele voltou ao microfone.

- Devemos manifestar nossa gratidão àqueles que se dispuseram a...

Ovações ensurdecedoras vinham das arquibancadas. Finalmente, Daniel levantou as mãos para acalmar o povo. Cada frase proferida era saudada com gritos e aplausos.

- Não será necessário dizer aos senhores o motivo de sua presença aqui! Faz muito tempo que somos conhecidos como o povo escolhido de Deus, mas o que os senhores acham

disto? Os senhores orariam comigo?

O povo imediatamente silenciou. Muitos se ajoelharam.

- Pai, nós te somos gratos porque, pela tua misericórdia e amor, poupaste nossa vida. Tu és verdadeiramente o Deus dos novos começos e das segundas oportunidades. Ouviremos em seguida a mensagem de nosso querido rabino, e te suplicamos que despertes os nossos corações e mentes para que possamos assimilar cada palavra que tu tens a nos dizer por intermédio desse nosso irmão. Oramos em o nome imaculado do Rei dos reis e Senhor dos senhores. Amém.

Um estrondoso "Amém!" ecoou por todo o estádio. Daniel dirigiu-se à multidão e começou a cantar baixinho: *"Preciosa o. graça de Jesus, que um dia me salvou! Perdido andei, sem*

ver a luz, mas Cristo me encontrou!"

Buck não conseguiu cantar. "Preciosa Graça de Jesus!" tinha se tornado seu hino favorito, um retrato pungente de sua fé. Ao ouvir 25 mil crentes cantando essa letra do fundo do coração, ele se comoveu profundamente. A multidão ao redor do estádio também cantava. Em pé, Buck e Chloe choravam emocionados diante da beleza dessa cena.

Quando lá vivemos dez mil anos atrás, prosseguia a letra do hino, *brilhando como o sol, louvamos ao Senhor da mesma forma que o louvamos no dia em que o conhecemos.*

Nos últimos acordes do hino, Daniel pediu à multidão que se assentasse.

- Quase todos nós aqui presentes conhecemos o orador desta noite apenas como um nome que aparece na tela de nossos computadores - ele disse. - É para mim uma honra...

Mas a multidão levantou-se e começou a gritar, bater palmas, assobiar. Daniel tentou acalmar o povo, mas, ao ver que não conseguia, deu de ombros e retornou a seu lugar enquanto Tsion, com ar constrangido, hesitava. O povo que estava na lateral gritava para que ele se levantasse, e o ruído era ensurdecedor. Buck e Chloe também batiam palmas, homenageando seu pastor e mentor. Buck nunca sentiu um privilégio tão grande por fazer parte do Comando Tribulação e conhecer aquele homem.

Tsion levantou-se humildemente e caminhou até o púlpito, colocando sua Bíblia aberta e suas anotações diante de si. Os gritos continuaram até que, finalmente, ele olhou para a multidão com um sorriso tímido nos lábios e agradeceu, levantando as duas mãos para pedir silêncio. Depois de alguns instantes, a multidão sentou-se.

- Meus amados irmãos e irmãs, aceito sua calorosa saudação no nome que está acima de todos os nomes. Honra e glória sejam dadas ao Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Quando o povo começou a gritar outra vez, Tsion levantou rapidamente a mão.

- Meus queridos, estamos atravessando dias de experiências tão maravilhosas que tudo o que se diz a respeito de nosso Deus é motivo para ser comemorado. Mas estamos aqui como convidados. Existe um momento de reflexão. E espero que os senhores me perdoem por eu pedir-lhes que se abstenham de manifestar seus louvores até o final de minha mensagem.

A multidão mergulhou em um silêncio tão profundo que Tsion franziu a testa e olhou ao redor.

- Será que eu ofendi vocês? - ele perguntou. Um caloroso aplauso o incentivou a continuar.

- Posteriormente, no momento apropriado, nosso mestre- de-cerimônias lhes dará a oportunidade de erguerem suas vozes para louvar o nosso Deus. A Bíblia diz: "Louvem o nome do Senhor, porque só o seu nome é excelso: a sua majestade está acima da terra e do céu."

- Senhoras e senhores - prosseguiu Tsion, afastando os pés um do outro e curvando os ombros para ler suas anotações -, nunca em minha vida me senti tão ansioso por transmitir uma mensagem baseada na Palavra de Deus. Estou aqui diante dos senhores tendo o privilégio ímpar, acredito eu, de me dirigir às 144.000 testemunhas profetizadas na Bíblia. Eu me incluo nesse número, e fui encarregado por Deus de ensiná-los a evangelizar. Evidentemente, muitos dos senhores já sabem como evangelizar e têm conquistado almas para o Salvador todos os dias. Milhões de pessoas por todo o mundo já o aceitaram.

- Desejo, porém, revisar com os senhores os elementos básicos do plano de Deus para a salvação, de modo que, ao sairmos deste lugar, possamos voltar ao trabalho para o qual Ele nos chamou. A cada um dos senhores foi designado um local apropriado, onde estarão evangelizando amanhã e depois de amanhã, durante o dia inteiro. Nas duas noites, nos reuniremos aqui para transmitir-lhes ânimo, solidariedade e ensinamentos.

A seguir, Tsion apresentou os mesmos argumentos que usara naquele polêmico programa de TV que fez dele um fugitivo, provando, com base no Antigo Testamento, que Jesus era o Messias. Ele enumerou os vários nomes de Deus e terminou com a magnífica mensagem contida em Isaías 9.6: "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o

governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz."

Sem conseguir conter-se, a multidão saltava de alegria. Tsion sorriu e fez um gesto de aprovação e de incentivo, apontando para o céu.

- Sim, sim - ele disse após alguns instantes. - Eu não poderia jamais reprimir este louvor ao Deus Altíssimo. Jesus disse que, se não glorificarmos ao Senhor, as próprias pedras clamarão.

Tsion percorreu sobre o plano redentor de Deus desde o começo dos tempos, mostrando que Jesus foi enviado como o cordeiro sem mácula, que foi sacrificado para levar consigo os pecados do mundo. Ele explicou as verdades que só recentemente haviam se tornado claras para os iniciantes, dizendo que o homem nasce em pecado e que, sozinho, ele nada pode fazer para reconciliar-se com Deus. O homem só poderá nascer de novo espiritualmente para a vida eterna se crer e confiar no que Cristo fez por ele na cruz.

- Em João 14.6 - prosseguiu Tsion, erguendo a voz pela primeira vez -, Jesus disse que Ele é o caminho, a verdade e a vida, e que ninguém pode chegar ao Pai senão por Ele. Esta é a nossa mensagem para todos os povos. Esta é a nossa mensagem para os desesperados, os enfermos, os amedrontados, os encarcerados. Neste momento, não deve haver dúvida na mente de ninguém - nem mesmo na mente daqueles que decidiram viver em oposição a Deus - de que Ele é real e que só há dois caminhos: viver para Ele ou contra Ele. Nós, principalmente, devemos ter a ousadia de Cristo para dizer com intrepidez ao mundo que só há esperança nele.

- O ponto principal, meus irmãos e irmãs, é que Ele nos chamou como suas testemunhas - 144.000 pessoas firmes e decididas - por meio das quais ele já iniciou uma grande colheita de almas. O resultado será o que João, o Revelador, chama de "multidão que ninguém podia enumerar". Antes de dormirem esta noite, leiam Apocalipse 7 e exultem comigo com a descrição da colheita para a qual os senhores e eu fomos chamados. João diz que, nessa colheita, haverá almas de todas as nações, tribos, povos e línguas. Um dia, elas estarão em pé diante do trono e diante do Cordeiro, trajando vestiduras brancas, com palmas nas mãos!

Em uma atitude espontânea, a multidão no estádio Teddy Kollek levantava-se e sentava-se, acompanhando a entonação da voz de Tsion. Buck segurou a mão de Chloe com força e desejou gritar "Amém" quando Tsion disse bem alto:

- Elas clamarão em grande voz, dizendo: "Ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação." Os anjos ao redor do trono se prostrarão sobre os seus rostos e adorarão a Deus, dizendo: "Amém. O louvor, e a glória, e a sabedoria, e as ações de graças, e a honra, e o poder, e a força sejam ao nosso Deus, pelos séculos dos séculos. Amém."

O povo começou a gritar e aplaudir novamente, e Tsion não fez nenhum gesto para acalmá-lo. Limitou-se a dar um passo para trás e olhar para o chão. Buck teve a impressão de que ele estava muito emocionado e aproveitou aquela pausa para se recompor. Quando ele se aproximou de novo do microfone, os milhares de pessoas silenciaram, como se todos estivessem desesperados para captar cada palavra.

- Um dos anciãos que estava diante do trono perguntou a João: "Estes, que se vestem de vestiduras brancas, quem são e donde vieram?" E João respondeu: "Meu Senhor, tu o sabes."

E o ancião disse: "São estes os que vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro." Tsion aguardou que os aplausos terminassem e prosseguiu.

- "Jamais terão fome, nunca mais terão sede." O Cordeiro os alimentará e os guiará para as fontes da água da vida. E, o melhor de tudo, meus amados, é que Deus enxugará dos seus olhos toda lágrima.

Desta vez, quando a multidão começou a aplaudir novamente, Tsion permaneceu diante do púlpito e levantou a mão. Todos silenciaram.

- Estaremos aqui em Israel por mais dois dias e duas noites, preparando-nos para a

batalha. Afastem o medo! Cinjam-se de coragem! Os senhores não ficaram surpresos ao ver que todos nós, sem exceção, fomos poupados dos últimos julgamentos sobre os quais escrevi? Quando a chuva, os granizos e o fogo foram atirados do céu, e os meteoros queimaram um terço das plantações e envenenaram a terça parte da água do mundo, por que escapamos? Por sorte? Por acaso?

- Não! - exclamou a multidão.

- Não! - repetiu Tsion. - A Bíblia diz que um anjo que subia do leste, tendo o selo do Deus vivo, clamou em grande voz aos quatro anjos, àqueles aos quais fora dado fazer dano à terra e ao mar, dizendo: "Não danifiqueis nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até selarmos em suas frentes

os servos do nosso Deus." E João escreve: "Então ouvi o número dos que foram selados, que era cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel."

- E agora vou terminar lembrando aos senhores que o alicerce de nossa fé repousa no versículo que nossos irmãos e irmãs gentios sempre gostaram desde o início. João 3.16 diz

-

e neste ponto Tsion começou a falar de modo tão suave e tão terno que ele teve de aproximar-se do microfone, e as pessoas inclinaram-se para a frente a fim de ouvir melhor: "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho..."

Um fraco ruído vindo de cima transformou-se em um persistente *toc-toc-toc* que abafou a voz de Tsion. Um reluzente helicóptero branco atraiu a atenção de todos. O povo olhava assustado enquanto o helicóptero, ostentando o emblema da CG em um dos lados, descia lentamente. As lâminas de sua imensa hélice despentearam os cabelos de Tsion e agitaram suas roupas, fazendo-o afastar-se do púlpito.

O motor do aparelho foi desligado, e ouviu-se um vozerio no meio da multidão quando Leon Fortunato desceu e dirigiu-se para o púlpito. Ele fez um movimento de cabeça para Tsion e ajustou o microfone à sua altura. Tsion não esboçou nenhuma reação.

- Dr. Ben-Judá, delegações organizadoras locais e internacionais, senhores e senhoras presentes - ele começou a dizer com grande entusiasmo, porém imediatamente os milhares de pessoas olharam uns para os outros com ar de surpresa, encolheram os ombros e começaram a falar ao mesmo tempo.

- Intérpretes! - gritou alguém. - Precisamos de intérpretes! Fortunato olhou com ar de interrogação para Tsion, o qual

continuou impassível, olhos fixos à frente.

- Dr. Ben-Judá - implorou Fortunato -, há alguém aqui que possa servir de intérprete? Quem o senhor está usando?

Tsion não olhou para ele.

- Desculpem-me - disse Fortunato ao microfone -, mas há intérpretes designados para este evento. Por favor, venham rápido. Sua Excelência, o potentado, ficará muito agradecido.

Buck levantou-se e conseguiu avistar o local perto da primeira fila no gramado, onde os intérpretes estavam sentados. Todos tinham os olhos fixos em Tsion, e Fortunato falava sem saber onde eles se encontravam.

- Por favor - ele disse -, não é certo que apenas aqueles que entendem inglês possam apreciar os pronunciamentos dos dois próximos anfitriões.

Anfitriões?, pensou Buck. Aquela palavra atraiu a atenção de Tsion, e ele olhou instintivamente para Leon.

- Por favor - disse Leon em voz baixa enquanto a multidão gritava cada vez mais alto. Tsion olhou para os intérpretes, que aguardavam com os olhos fixos nele. O rabino levantou

um pouco a cabeça, como se estivesse fazendo um gesto de aprovação. Os intérpretes correram até os microfones.

- Obrigado por sua gentileza, Dr. Ben-Judá - disse Fortunato. - O senhor foi muito generoso. Sua Excelência também lhe agradece.

Tsion não tomou conhecimento.

Falando com a cadência necessária para facilitar o trabalho dos intérpretes, Fortunato dirigiu-se novamente à multidão.

- Como supremo comandante da Comunidade Global e como um homem agraciado com seus poderes sobrenaturais de fazer milagres, terei o prazer de anunciar, dentro de poucos minutos, a presença de Sua Excelência, o potentado da Comunidade Global Nicolae Carpathia!

Fortunato terminou sua fala com um floreio, como se estivesse esperando gritos e aplausos. Mas limitou-se a sorrir e, na opinião de Buck, ficou constrangido e perturbado ao ver que a platéia não reagiu. Ninguém sequer se mexeu no lugar. Todos os olhos estavam cravados em Fortunato, exceto os de Tsion.

Leon recompôs-se rapidamente.

- Sua Excelência os saudará pessoalmente, mas antes eu gostaria de apresentar-lhes o venerável chefe da Fé Mundial Enigma Babilônia, o supremo papa, sumo pontífice Peter Segundo!

Fortunato deu um passo para trás com imponência, acenando para o helicóptero, de onde surgiu a figura cômica do homem que Buck conhecia como Peter Mathews, ex-arcebispo de Cincinnati. Ele se tornara papa logo após o desaparecimento do pontífice anterior, e agora estava encarregado de fazer a fusão de quase todas as religiões do mundo, exceto o judaísmo e o cristianismo.

Mathews conseguira descer do helicóptero em grande estilo, apesar da pompa e do requinte de seus trajes clericais, tão vistosos como Buck nunca vira.

- O que significa isto? - perguntou Chloe.

Boquiaberto, Buck viu quando Peter Segundo levantou as mãos para a multidão e virou-se lentamente em círculo como se quisesse incluir todos os presentes em sua saudação empolada e piedosa. Ele ostentava na cabeça um barrete alto e pontudo com uma infinidade de símbolos na parte da frente, e trajava um manto longo amarelo faiscante com uma imensa cauda e mangas folgadas, cujo tecido macio caía em cascata. Suas vestimentas eram ornamentadas com enormes pedras coloridas incrustadas, borlas e cordões entrelaçados, e tiras de veludo azul-celeste, seis em cada manga, como se ele tivesse recebido alguma espécie de grau de doutorado em um concurso de fantasias. Buck cobriu a boca com a mão para conter uma gargalhada. Quando Mathews deu uma volta completa, deixou à mostra os signos astrológicos desenhados na cauda de seu manto.

Suas mãos movimentavam-se em círculos como se ele estivesse abençoando a todos. Buck gostaria de saber como Peter se sentia por não ter recebido nenhuma demonstração de apreço vinda da platéia. Será que Carpathia ousaria enfrentar essa indiferença, essa hostilidade?

Peter pegou o microfone, aproximou-o da boca e falou com os braços abertos:

- Meus abençoados irmãos e irmãs que buscam estados mais altos de consciência, meu coração se enternece ao vê-los aqui, estudando e aprendendo com a sabedoria de meu colega e respeitado literato, Dr. Tsion Ben-Judá!

Mathews certamente esperava que, ao engrandecer o herói da platéia como se estivesse apresentando um lutador de boxe peso-pesado, receberia uma estrondosa ovação, mas a multidão permaneceu em silêncio e imóvel.

- Concedo a todos aqui presentes as bênçãos das divindades universais, representadas por pai, mãe e reino animal, que carinhosamente guiam nossos passos para a verdadeira espiritualidade. No espírito da harmonia e do ecumenismo, faço um apelo ao Dr. Ben-Judá e a outros sob sua liderança que adicionem a riqueza de sua herança, história e erudição à nossa manta multicolorida. Para que possamos completar essa esplêndida manta de retalhos, que abrange, inclui, afirma e aceita os principais dogmas de todas as grandes religiões do mundo, eu insisto que o senhor inclua a sua. Enquanto não chegar o dia em que o senhor concordará em fincar sua bandeira sob a égide da Fé Mundial Enigma Babilônia, asseguro-lhe que defenderei seu direito de discordar, fazer oposição e aceitar

nossa divindade pluralista como lhe aprouver.

Mathews virou-se com ar aristocrático e trocou de lugar com Fortunato,. ambos claramente fingindo não se dar conta da apatia da multidão. Fortunato anunciou:

- E agora tenho a imensa satisfação de apresentar-lhes o homem que uniu o mundo transformando-o na comunidade global, Sua Excelência e potentado Nicolae Carpathia! Peço-

lhes que se levantem antes que ele inicie seu pequeno discurso de saudação.

Ninguém se levantou.

Carpathia estampava um sorriso forçado no rosto. Pela

experiência de Buck, ele nunca havia deixado de cativar uma platéia. Sempre foi o orador mais dinâmico, mais sedutor, mais charmoso que Buck conhecera. Evidentemente, Buck não se deixava impressionar por Nicolae, mas agora perguntava a si mesmo se o selo de Deus na testa das testemunhas e de seus convertidos também protegia suas mentes contra as manipulações desse ser maligno.

- Concidadãos da Comunidade Global – Carpathia começou a dizer, aguardando a tradução dos intérpretes. Para Buck, ele estava tendo dificuldade de estabelecer uma ligação

com o público. - Como potentado dos senhores, saúdo-os por terem vindo a Israel e comparecido a este estádio, que leva o nome de um homem do passado, um estadista que lutoo pela paz e a harmonia entre os povos.

Buck estava impressionado. Nicolae tentara cativar a platéia mencionando um ex-prefeito da Cidade Santa, cujo nome era conhecido por uma grande porcentagem da multidão. Buck começou a preocupar-se, imaginando que o poder de persuasão de Nicolae Carpathia viesse a exercer influência sobre pessoas como Jacov. Ele tocou no ombro de Chloe e sussurrou:

- Volto já.

- Por que você vai sair daqui? - ela perguntou. - Eu não perderia esse *show* por nada deste mundo. Você não acha que a roupa de Peter ficaria perfeita em mim, talvez como um traje de noite?

- Vou conversar um pouco com Jacov.

- Boa idéia.

Quando Buck começou a afastar-se, o telefone celular vibrou em seu bolso.

- Aqui é Buck - ele disse.

- Aonde você está indo?

- Quem está falando?

- Você não estava sentado do lado direito do palco ao lado de uma loira?

Buck parou.

- Preciso saber quem está falando.

- Mac McCullum. Prazer em conhecê-lo.

- Mac! O que houve? Onde você está?

- No helicóptero, homem! Esta é a melhor peça de teatro que já vi na vida. Que palhaçada! Você devia ter ouvido o que esses sujeitos falaram quando estavam a bordo. Praguejaram, amaldiçoaram Ben-Judá e todo o povo. Carpathia desabafou em cima de mim e insultou as duas testemunhas.

- O que você está dizendo não me surpreende. Ei, você tem certeza de que esta ligação é sigilosa?

- Claro! Minha vida depende dela, filho.

- É verdade. - Buck disse a Mac aonde estava indo e por quê.

- O Nick é uma peça rara, não? - disse Mac.

- Chloe gostou demais dos trajes resplandecentes de Mathews.

- Ei, eu também! Agora preciso desligar. Não quero ter de dizer a eles com quem eu estava conversando.

- Mantenha contato, Mac.

- Não se preocupe. Mas, preste atenção, é melhor vocês não ficarem muito visíveis. Nunca se sabe o que essa gente pode fazer.
- Espere um pouco - disse Buck, com um sorriso na voz.
- Você está dizendo que não devemos acreditar na palavra de Carpathia? Ele não é um sujeito confiável?
- Tudo bem, mas é melhor vocês se cuidarem.

QUATRO

SABENDO que as altas patentes da CG estavam longe da Nova Babilônia, Rayford enviou o seguinte *e-mail* para David Hassid no abrigo subterrâneo de Carpathia: "Irmão, esteja em um local onde possa receber um telefonema às seis horas, seu horário." Às nove horas da manhã em Chicago, uma hora antes de o Encontro das Testemunhas ser transmitido ao vivo para o mundo inteiro, via Internet, Rayford ligou para David.

- Onde você está? - ele perguntou.

- Fora do abrigo - respondeu David. - Com o "Gordo e o Magro" longe daqui, a situação está tranquila.

Rayford riu.

- Eu diria que você é muito jovem para falar deles desta maneira.

- Eles são meus ídolos - disse David. - Principalmente agora que estão governando o mundo. O que houve?

Eu estava me preparando para assistir ao grande evento. Instalaram um telão aqui.

Rayford contou as novidades a David.

- Sinto muito ter de dizer-lhe, mas acho que nosso próximo encontro será aqui, em nosso esconderijo.

- Não creio que eu possa fugir daqui, mas Mac está certo. Foi bom você ter sumido. Seus dias estavam contados.

- Eu não entendo como Nicolae não acabou comigo antes.

- É melhor seu genro ficar escondido também. O nome dele está em evidência o tempo todo. Fui incumbido de localizar de onde se origina a revista que ele está publicando, via Internet. Mas você sabe, Rayford, por mais que eu me esforce, trabalhando dia e noite, não vejo meios de conseguir encontrar o que eles querem.

- Não brinque.

- Sinceramente, estou fazendo o que posso. É frustrante quando a gente não consegue passar uma informação para o chefe que custaria a vida de um irmão. Você entende o que estou dizendo?

- Então, continue se esforçando, David, e tenho certeza de que pelo menos você passará uma informação errada a eles que os fará perder mais tempo ainda.

- Ótima idéia.

- Mais uma coisa. Você poderia me ensinar como conectar meu *laptop* a um aparelho de TV para que possamos ver melhor esse evento?

David riu.

- Em seguida, você vai me dizer que seu aparelho de som está piscando 24 horas por dia.

- Como você sabia?

- Foi só um palpite.

- Você sabe que nós o consideramos membro do Comando Tribulação - disse Rayford -, embora os outros membros ainda não o conheçam. Agora, você e Mac são nossos "espiões" aí, e sabemos o quanto essa situação é perigosa.

David deixou as brincadeiras de lado e passou a falar sério.

- Obrigado. Eu gostaria muito de conhecer os membros do Comando Tribulação e estar aí com vocês. Mas, conforme você costuma dizer, isso só vai acontecer quando eu estiver fugindo... e bem longe do regime mais tecnologicamente avançado da história do mundo. Talvez só nos encontraremos no céu. Até lá, você vai precisar de um avião, de um helicóptero ou coisa parecida?

- Vamos ter de conversar sobre esse assunto aqui. Se no amor e na guerra tudo é válido, talvez faça sentido termos um equipamento apropriado para lutar contra o inimigo.

- Mesmo que vocês consigam apropriar-se de equipamentos caríssimos, não vão causar

nenhum dano à CG, nem mesmo um arranhão.

- Por quanto tempo mais vocês ficarão instalados no abrigo subterrâneo?

- Não vai demorar muito para sairmos daqui. O novo palácio - sim, trata-se de um verdadeiro palácio - está quase pronto. É espetacular. Eu gostaria de sentir orgulho de trabalhar aqui. Poderia ser um bom negócio, mas não é.

Depois que David passou-lhe algumas instruções, Rayford instalou a TV em um lugar onde ele, o Dr. Charles, Ken Ritz e Hattie pudessem ver o Encontro das Testemunhas. Hattie continuava deitada, gemendo. Recusou comida e medicamento. Assim, Rayford limitou-se a colocar um cobertor por cima dela. Floyd dissera que também gostaria de assistir ao evento. Quando faltavam alguns minutos para as dez horas, Rayford pediu a Ken que despertasse Floyd.

O médico pareceu alarmado quando viu Hattie.

- Há quanto tempo ela está assim?

- Mais ou menos uma hora - disse Ken. - Devíamos ter acordado o senhor antes?

O médico deu de ombros.

- Estou atirando no escuro, fazendo experiências com antídotos para um veneno que ainda não foi identificado. Fiquei animado por ela ter melhorado um pouco, mas agora seu estado piorou.

Depois que Floyd a medicou e deu-lhe um pouco de comida, ela adormeceu.

Rayford comoveu-se a ponto de derramar lágrimas enquanto assistia à transmissão de Israel. Hattie despertou ao ouvir as gargalhadas dos homens quando viram os trajes de Peter Mathews. Com muito esforço e gemendo de dor, ela levantou o corpo da cama e apoiou-se nos cotovelos para ver o programa.

- Nicolae odeia Mathews - ela disse. - Ouçam o que eu digo. Um dia, ele vai mandar alguém matá-lo.

Rayford lançou-lhe um olhar de espanto. Ela estava certa, evidentemente, mas como sabia disso? Será que já existia um plano para matar Mathews desde o tempo em que Hattie trabalhava para Carpathia?

- Ouçam o que eu digo - repetiu Hattie.

Quando Nicolae desceu do helicóptero e reuniu-se a Fortunato e Mathews no palco, o telefone de Rayford tocou.

- Esta é a primeira oportunidade que tive de ligar para você, Ray - disse Mac. - Ninguém sabe ainda que você foi embora. Vocês trabalharam muito bem. É claro que não vou poder fingir por muito tempo que não sei de nada. Agora, preste atenção. Seu genro é um sujeito boa pinta de mais ou menos 30 anos, e sua filha, uma moça loira e bonita?

- Sim. Onde eles estão? Daqui, posso ver o helicóptero, mas não consigo ver os dois.

- Eles estão afastados do foco das câmeras, na ala lateral.

- Mac, preciso contar-lhe o que Hattie me disse a respeito...

- Eu só tenho mais alguns instantes aqui, Ray. Deixe-me ligar para Buck. Ele está com aquele telefone cujo número você me deu?

- Talvez, mas Mac...

- Voltarei a ligar para você outra hora, Ray.

Assim que Buck saiu do estádio, a eloquência de Carpathia aumentou. Quando Buck chegou perto da *van*, ~~avistou~~ ~~avistou~~ Jacov olhando firme para a frente, com as mãos agarradas ao volante. Aparentemente, ele via o telão no alto, acima do povo, e ouvia a transmissão pelo rádio. Buck tentou abrir a porta da *van*, mas Jacov a havia trancado por dentro e levou um susto ao ouvir alguém forçá-la.

- Ah! é o senhor - disse ele, abrindo a porta.

- Quem você esperava que fosse? - perguntou Buck, entrando na *van*.

- Não percebi quando o senhor chegou. Peço que me desculpe.

- O que você está achando de tudo isto?

Jacov ergueu a mão, com a palma virada para baixo, mostrando a Buck que estava tremendo. Buck ofereceu-lhe uma garrafa de água.

- Do que você está com medo?
- De Deus - respondeu Jacov, sorrindo diante do que dissera e recusando a água.
- Você não precisa ter medo de Deus. Ele ama você.
- Não preciso ter medo? O rabino Ben-Judá diz que todas essas coisas que estamos sofrendo são julgamentos de Deus. Acho que eu deveria ter medo dele desde muito tempo atrás. Agora, com licença, quero ouvir o potentado.
- Você sabe que o Dr. Ben-Judá não é amigo dele.
- Sem dúvida. O potentado foi tratado com muita frieza.
- E da maneira apropriada, Jacov. Ele é inimigo de Deus.
- Mas eu preciso ouvir o que ele tem a dizer.

Buck sentiu-se tentado a continuar falando, para anular qualquer efeito prejudicial que Carpathia pudesse exercer sobre Jacov. Mas não quis ser grosseiro e confiava no trabalho que Deus realiza no coração e na mente do homem. Resolveu permanecer em silêncio enquanto as palavras fluentes de Carpathia enchiam o ar.

- Portanto, meus amados amigos, ninguém está exigindo que vocês se tornem seguidores da Fé Mundial Enigma Babilônia para permanecerem como cidadãos da Comunidade Global. Dentro dos limites razoáveis, há espaço para dissidência e caminhos alternativos. Porém, reflitam comigo por alguns instantes sobre as vantagens, privilégios e benefícios que resultaram da união de todas as nações, transformando-as em uma aldeia global.

Nicolae passou a recitar sua ladainha de realizações, discorrendo sobre a reconstrução das cidades, estradas e aeroportos até chegar à miraculosa reconstrução da Nova Babilônia, transformada agora na cidade mais deslumbrante que já existiu na face da terra.

- Trata-se de uma obra-prima, e espero que vocês a visitem o mais breve possível.
- Ele mencionou o sistema de satélite celular/solar (Cel-Sol) que permitia que as pessoas se comunicassem entre si pelo telefone e pela Internet, independentemente de horário ou local. Buck balançou a cabeça. Tudo isso fazia parte da superestrutura necessária para que Nicolae governasse o mundo até o dia em que declararia ser o próprio Deus.

Buck podia ver que Nicolae estava tendo êxito em mexer com a cabeça de Jacov.

- É difícil contra-argumentar - disse o motorista. - Ele tem feito coisas maravilhosas.
- Mas Jacov - disse Buck -, você ouviu os ensinamentos do Dr. Ben-Judá. Acredito que você está convencido de que a Bíblia diz a verdade, que Jesus é o Messias, que os desaparecimentos significaram o arrebatamento da Igreja de Cristo.

Jacov continuava com os olhos fixos à frente, segurando com força o volante, braços trêmulos. Ele fez um movimento afirmativo com a cabeça, mas parecia estar em conflito. Buck deixou de lado a preocupação de estar sendo grosseiro. Falaria sobre Nicolae; não permitiria que a fala astuta do inimigo se apoderasse de uma alma.

- O que você achou dos ensinamentos que o Dr. Ben-Judá transmitiu esta noite?
- Foram impressionantes - admitiu Jacov. - Eu chorei. Senti que estava sendo atraído na direção dele, porém mais atraído ainda na direção de Deus. Eu gosto do Dr. Rosenzweig e o respeito muito. Ele jamais entenderia se eu passasse a crer em Jesus. Mas, se for verdade, o que mais poderei fazer?

Buck orava silenciosamente, uma oração de desespero.

- Mas, Sr. Williams, eu nunca tinha ouvido o versículo proferido pelo Dr. Ben-Judá e que foi o motivo deste encontro. E ele foi interrompido, não foi? Ele não concluiu o versículo.
- Você tem razão, ele não concluiu. Está em João 3.16 e diz o seguinte: "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho..."

Porém, da mesma maneira que Tsion, Buck não conseguiu concluí-lo, porque Jacov levantou a mão para silenciá-lo.

- O potentado está terminando - ele disse.

Carpathia parecia estar concentrado em seu discurso, mas havia algo estranho na voz dele. Buck nunca o ouvira esforçar-se para falar, mas Carpathia começou a ficar rouco. Ele

afastou-se do microfone, cobriu a boca com a mão e pigarreou.

- Perdoem-me - ele disse, ainda com dificuldade para falar. - Eu desejo tudo o que há de bom a todos vocês e ao rabino e lhes dou as boas-vindas - pigarreou. - Mais uma vez, peço que me perdoem...

Nicolae virou-se pedindo ajuda a Tsion, que continuava a não fazer caso da presença dele.

- Alguém teria um pouco de água?

Uma pessoa da platéia passou uma garrafa de água até o palco. Nicolae fez um gesto de agradecimento. Quando ele abriu a garrafa, a pressão foi tanta que fez um ruído estrondoso no microfone. Porém, assim que entornou o líquido na boca, ele teve ânsia de vômito e o expeliu com força. Seus lábios e queixo estavam cobertos de sangue, e ele segurava a garrafa com o braço estendido, olhando para ela horrorizado. Jacov saltou do carro e aproximou-se do telão. Buck entendeu tudo. Mesmo à distância, dava para ver que a garrafa continha sangue.

Buck acompanhou Jacov, e ambos ouviram Carpathia blasfemar, excomungar Tsion e seu "maldito bando de inimigos da Comunidade Global! O que você ganhou ao me humilhar desta maneira? Eu deveria retirar a proteção que lhe dei e ordenar que meus homens atirassem em você e o matassem aí mesmo!"

Do meio da multidão estupefata, soaram os gritos, em uníssono, de Eli e Moisés. Sem necessidade de alto-falantes, todas as pessoas que estavam a um raio de um quarteirão do local puderam ouvi-los. A multidão os cercou, e os dois permaneceram em pé sob a iluminação sinistra do estádio, lado a lado, descalços e trajando roupas de anagem.

- Ai daquele que se atrever a atentar contra a vida do vaso escolhido do Deus Altíssimo!

Carpathia atirou a garrafa no chão do palco, e a água límpida espirrou por todos os lados. Buck sabia que as testemunhas haviam provocado aquela situação e transformado a água de Nicolae em sangue. Nicolae apontou para Eli e Moisés, e gritou:

- O fim de vocês está perto! Juro que vou matá-los ou mandar alguém matá-los antes que...

Mas as testemunhas gritaram mais alto ainda, e Carpathia foi forçado a calar-se.

- Ai! - disseram novamente. - Ai do impostor que se atrever a atentar contra a vida dos escolhidos de Deus antes do tempo determinado! Vós, seguidores do Messias e selados por Ele, saciai a vossa sede e vos sentireis revigorados!

A garrafa de água que estava no bolso de Buck ficou repentinamente fria. Ele a retirou do bolso e sentiu que estava gelada. Extraiu a tampa com força e bebeu o seu conteúdo. A água gelada, agradável, abundante, o néctar que saciava a sede, desceu suavemente por sua garganta. Ele lamentou ter de tirar a garrafa da boca para poder respirar. Ao redor, ouviam-se suspiros de satisfação dos crentes, que bebiam a água refrescante de suas garrafas.

- Beba um pouco, Jacov! - disse Buck, limpando a boca da garrafa com a mão e entregando-a a ele. - Está geladinha.

Jacov estendeu a mão e pegou a garrafa.

- Não parece estar gelada - ele disse.

- Como não? Sinta a minha mão. - Buck colocou a mão no braço de Jacov, o qual recuou instintivamente.

- Sua mão está gelada - ele disse -, mas, para mim, a garrafa está quente. - Ele segurou a garrafa contra a luz. - Que horror! Sangue! - exclamou, atirando-a ao chão. A garrafa bateu nos pés de Buck, e ele a pegou antes que esvaziasse. Sentiu que ela estava fria e não resistiu à tentação de levá-la novamente à boca.

- Não! - disse Jacov. Mas, ao ver que Buck sorvia água límpida, ele caiu de joelhos no chão. - Senhor Deus, não sou melhor do que Carpathia! Quero ser teu filho! Quero ser um dos selados!

Buck abaixou-se perto de Jacov e passou o braço ao redor de seu ombro.

- Deus quer que você faça parte da sua família - ele disse.

Chorando amargamente, Jacov olhou para cima ao ouvir o ruído do motor do helicóptero.

Quando ele e Buck voltaram a olhar para o telão, Tsion estava sozinho no palco. Seus cabelos e roupa esvoaçavam por causa do vento produzido pelo helicóptero, e suas anotações voaram formando uma espécie de funil e espalharam-se ao redor. Os tradutores correram até o palco para ajuntar os papéis e os colocaram de novo sobre o púlpito. Tsion permanecia imóvel, olhando fixo para a frente, sem tomar conhecimento do episódio que se passara entre Nicolae Carpathia e as duas testemunhas.

A câmera tomou uma imagem panorâmica do local onde as testemunhas haviam aparecido, mas elas abandonaram o recinto com a mesma rapidez com que entraram. A multidão continuava em pé, boquiaberta. Muitas pessoas ainda estavam tomando água e passando a garrafa aos companheiros ao lado. Quando viram Tsion voltar ao púlpito, todos se aquietaram e sentaram. Como se nada tivesse acontecido desde que iniciara a leitura de João 3.16, Tsion prosseguiu:

- "... unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna."

Jacov, ainda de joelhos e mãos sobre as coxas, parecia estar com os olhos grudados no telão.

- O quê? - ele gritou. - O quê?

E, como se tivesse ouvido os gritos de Jacov, Tsion repetiu o versículo:

- "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna."

Jacov encostou o rosto no asfalto, soluçando.

- Eu creio! Eu creio! Deus, salva-me! Não permitas que eu pereça! Dá-me a vida eterna!

- Ele está ouvindo você - disse Buck. - Ele não dá as costas a quem o busca de todo o coração.

Jacov, porém, continuava soluçando. Outras pessoas no meio da multidão também estavam ajoelhadas.

- Há pessoas aqui - disse Tsion -, dentro ou fora do estádio, que desejam aceitar Cristo no coração. Peço que orem comigo: *Amado Deus, sei que sou pecador. Imploro o teu perdão por ter demorado tanto tempo. Recebo o teu amor e a tua salvação e peço que vivas em mim. Eu te aceito como meu Salvador e quero viver para ti até que voltes novamente.*

Em meio a lágrimas, Jacov repetia as palavras da oração. Em seguida, levantou-se e abraçou Buck com tanta força que quase não o deixou respirar. Buck afastou-se e pôs novamente a garrafa na mão de Jacov.

- Fria! - ele exultou.

- Beba! - disse Buck.

Jacov colocou a garrafa contra a luz e sorriu ao ver a água límpida.

- A garrafa está cheia!

Buck olhou espantado. Estava cheia! Jacov levou-a à boca, inclinando-se tanto para trás a ponto de perder o equilíbrio, e Buck teve de segurá-lo. Ele sorveu a água lentamente, deixando-a espirrar no rosto e escorrer pelo pescoço.

Jacov ria e gritava ao mesmo tempo.

- Louvado seja Deus! Louvado seja Deus! Louvado seja Deus!

- Deixe-me olhar para você - disse Buck, rindo.

- Eu fiquei diferente?

- Diferente para melhor. - Buck segurou a cabeça de Jacov

e virou o rosto dele em direção à luz. - Você tem o selo na testa - ele disse. Jacov afastou-se e correu para a *van*.

- Quero ver o selo no espelho.

- Você não conseguirá ver nada - disse Buck, acompanhando-o. - Por algum motivo que não sabemos explicar, não podemos ver o próprio selo. Mas você pode ver o meu.

Jacov virou-se e parou Buck, aproximando-se dele e semicerrando os olhos.

- Eu estou vendo! Uma cruz! E é verdade que também tenho uma?

- É verdade.

- Louvado seja Deus!

Eles entraram novamente na *van*, e Buck discou o número do telefone de Chloe.

- Eu estava esperando que fosse você - disse ela ao atender.

- Sou eu.

- Eu estava preocupada com você.

- Desculpe-me, mas temos um novo irmão.

- Jacov?

- Quer falar com ele?

- Claro. E não tente entrar aqui de novo, querido. Está uma loucura. Vou sair com Tsion assim que puder.

Buck passou o telefone para Jacov.

- Obrigado, Sra. Williams! - ele disse. - Eu *me sinto* um novo homem! Novinho em folha!

Venha logo para podermos ver os nossos selos na testa!

Sentado diante do aparelho de TV na casa secreta, no meio da tarde, Rayford meneava a cabeça.

- Vocês acreditam no que estão vendo? - ele repetiu várias vezes. - Não posso acreditar que Carpathia tenha perdido esta parada.

Ken levantou-se, bloqueando a luz do sol que vinha da janela.

- Eu ouvi todas as histórias sobre as duas testemunhas, mas, homem, eles são do outro mundo. Ainda bem que estão do nosso lado, não é verdade?

O Dr. Charles riu.

- Se você tem acompanhado o que Tsion diz pela Internet, sabe disso muito bem, tanto quanto nós.

- Este incidente vai provocar o maior índice de audiência na TV de todos os tempos - disse Rayford, virando-se para saber qual era a opinião de Hattie. Ela também tinha os olhos fixos na tela da TV e tentou dizer alguma coisa, mas seu rosto estava mortalmente pálido, a boca entreaberta e os lábios trêmulos. Parecia aterrorizada.

- Você está bem, Hattie? - perguntou Rayford.

Floyd virou-se quando Hattie deu um grito lancinante e caiu de costas na cama. Segurando o abdome com as duas mãos, ela rolou para o outro lado da cama, ofegando e gemendo.

O Dr. Charles pegou o estetoscópio e pediu a Rayford e Ken que colocassem Hattie deitada de costas. Ela se debateu, mas pareceu entender que deveria acalmar-se para que Floyd pudesse ouvir as batidas do coração do bebê. A expressão do médico era de preocupação.

- O que você sentiu? - ele perguntou.

- Faz algum tempo que não sinto o bebê movimentar-se - ela disse, respirando com dificuldade. - De repente, senti uma dor aguda. Ele morreu? Eu perdi meu bebê?

- Deixe-me auscultar novamente - ele disse. Hattie continuava imóvel. - Não posso ter certeza usando apenas um estetoscópio. Não tenho um monitor fetal.

- Você deve saber se ele ainda está vivo! - disse Hattie.

- Não tenho certeza.

- Oh, não! Por favor, não!

Floyd pediu que ela ficasse quieta e auscultou mais uma vez, com muito cuidado. Em seguida, encostou o ouvido no abdome dela, e endireitou-se rapidamente. - Você contraiu os músculos abdominais de propósito? - Ela balançou a cabeça negativamente. - Está em trabalho de parto?

- Como posso saber?

- Sente espasmos? Contrações? Ela assentiu com a cabeça.

- Preciso de um telefone! - gritou Floyd, e Ken entregou-lhe um. O médico discou rapidamente. - Jimmy, sou eu. Preciso de uma sala esterilizada e um monitor fetal... Não faça perguntas!... Não, não posso dizer nada. Digamos que estou a uns 80 ou 90

quilômetros de distância... Não, não posso ir até aí.

- Que tal o hospital de Palatine, o Young Memorial? -, disse Ken em voz baixa. - Há uma senhora crente lá.

Rayford ergueu os olhos, com ar de surpresa. Floyd cobriu o fone com a mão.

- Fica longe daqui?

- Não muito.

- Obrigado, Jimmy. Desculpe-me por tê-lo incomodado. Encontramos um lugar. Estou lhe devendo mais esta.

O médico começou a dar ordens.

- Um de vocês vai dirigir, e o outro precisa me trazer dois cobertores.

Rayford olhou para Ken, que encolheu os ombros.

- Estou às ordens - disse Ken. - Posso dirigir ou...

- Rápido, cavalheiros!

- É melhor você dirigir, já que conhece o caminho – disse Rayford, subindo a escada correndo. Quando ele retornou com os cobertores, o Rover já estava com o motor ligado perto da porta. O Dr. Charles saiu da casa com Hattie nos braços. Ela se contorcia, gemia de dor e chorava.

- Você acha que deve levá-la daqui?

- Não tenho escolha - disse Floyd. - Receio de que ela possa ter um aborto espontâneo.

- Não! - gritou Hattie. - Só estou lutando para viver por causa de meu bebê!

- Não fale assim - disse Rayford abrindo a porta do carro.

- Sim, pode falar - disse o médico. - Seja pelo que for, continue lutando. Ray, forre o banco traseiro com um cobertor e coloque o outro por cima dela assim que eu conseguir deitá-la.

Com muito esforço, ele colocou Hattie dentro do carro e deitou-a no banco traseiro com a cabeça quase encostada na porta. Quando Rayford a cobriu, Floyd entrou, sentou-se no banco e ajeitou as pernas dela em seu colo. Rayford sentou-se imediatamente no banco dianteiro.

- Pise fundo, Ken - disse Floyd. - Precisamos chegar lá o mais rápido possível.

Aparentemente, era tudo o que Ken desejava ouvir. Ele acelerou o motor e saiu na mesma posição que entrara. Passou por cima de um monte de terra e desviou-se dos sulcos que se formaram na rua em frente à casa. Os quatro sacolejavam dentro do carro, que quase tombou por duas vezes enquanto se dirigiam até a estrada para Palatine.

- O carro está pulando muito? - ele perguntou.

- Você não precisa se preocupar. Neste momento, a velocidade é muito mais importante do que o conforto – disse Floyd. - Ray, ajude-me.

Rayford virou-se para trás e segurou o pulso de Hattie, e o médico passou os dois braços ao redor dos tornozelos dela. Os dois a seguraram com força, e Ken testou o limite de velocidade do carro. Havia apenas um pequeno trecho pavimentado na estrada entre a casa e o hospital. Ken aproveitou para correr mais naquele trecho. Ao bater em um monte de terra, depois de terminado o asfalto, o carro quase voou.

Ao avistar o hospital, Floyd disse:

- Procure a entrada do pronto-socorro.

- Não posso fazer isto - disse Ken. - Não sei o nome daquela senhora. Só vi o selo na sua testa, e ela trabalha perto da recepção, e não no pronto-socorro. É melhor eu parar em frente ao hospital e correr para encontrá-la. Se ela nos arranjar uma sala de cirurgia, a maneira mais rápida será entrar com Hattie pela porta da frente.

Floyd concordou, e Ken estacionou no meio-fio, perto da entrada.

- Vá até lá, Ken. Ray, ajude-me a tirá-la daqui.

Rayford desceu do carro e abriu a porta do lado da cabeça de Hattie. Ela estava inconsciente.

- Não estou gostando disto - disse o médico.

- Deixe-me carregá-la - disse Rayford. - Empurre-a na minha direção e depois vá até lá e converse com a senhora, caso Ken a tenha encontrado.

- Eu posso levá-la, Ray.

- Faça o que eu lhe pedi.

- Você tem razão - disse Floyd, empurrando Hattie ao mesmo tempo em que Rayford a puxava para poder carregá-la. Apesar da gravidez, ela estava magra demais, tinha o peso de uma menina. Ele se desvencilhou do cobertor que cobria o banco e seguiu atrás de Floyd. A senhora com o selo na testa acompanhou Ken até a porta, com olhar aterrorizado.

- Seus irmãos vão complicar minha vida - ela disse. – Qual é o problema?

- Ela está correndo risco de abortar - disse Floyd. – Você tem registro para trabalhar em salas de cirurgia?

- Há muitos anos. Fui transferida para a administração desde que...

- Não podemos confiar em ninguém mais. Leve-nos até uma sala de cirurgia imediatamente.

- Mas...

- Já, minha cara!

A recepcionista, uma adolescente, olhava fixo para eles. A senhora disse:

- Olhe para o outro lado e fique de boca fechada. Entendeu?

- Eu não vi nada - disse a garota.

- Qual é o seu nome? - perguntou Floyd enquanto a acompanhava pelo corredor.

- Leah.

- Sei que está correndo um grande risco, Leah. Sou-lhe muito grato.

Leah olhou de relance para Hattie no momento em que abriu a sala de cirurgia e apontou para uma mesa.

- Pelo visto, não sou irmã *dela*. Floyd olhou firme para Leah.

- E por causa disso vamos deixá-la morrer?

- Não me interprete mal, doutor. O senhor é médico? - Ele assentiu com a cabeça. - Eu só quis dizer que o senhor vai ter muitos problemas e se arriscar por alguém que não é um dos nossos...

- Um dos nossos? - ele perguntou com ar de espanto, dirigindo-se rapidamente para o local de assepsia. Pegou um avental de uma pilha e dirigiu-se à pia. - Lave as mãos também. Você vai ser minha assistente.

- Doutor, eu...

- Vamos, Leah. Já.

Ela postou-se diante da pia ao lado de Floyd. Ken permanecia em pé ao lado de Hattie, que continuava inconsciente. Rayford sentia-se um inútil, aguardando entre a mesa de cirurgia e o local de assepsia.

- Estamos contaminando este ambiente esterilizado? – ele perguntou.

- Tome cuidado para não tocar em nada - disse Floyd. – Já estamos quebrando muitas regras.

- Eu não quis dar a entender que.... - disse Leah.

- Depressa - disse Floyd, lavando as mãos mais rápido do que Rayford podia imaginar. - Temos de dar a esta moça todas as oportunidades de passar para o nosso lado antes que ela morra.

- Claro. Peço que me desculpe.

- Vamos nos concentrar na paciente. Assim que você estiver pronta, quero que pincele o corpo dela com um anti-séptico desde o esterno até as pernas. Eu disse pincelar. Use um litro do produto, se for possível. Não perca muito tempo, apenas não deixe nenhum local sem ser desinfetado. E providencie monitor fetal. Se aquele bebê estiver vivo, talvez eu tente uma cesariana. Você vai ter de cuidar da anestesia.

- Não tenho nenhuma experiência...

- Eu vou lhe dizer o que fazer, Leah. Que tal aproveitarmos a ocasião para intensificar nossa fé?

- Vou perder meu emprego.

- E daí? - disse o médico. - Espero que não seja a pior coisa que possa acontecer em sua vida. Você está vendo as pessoas que estão nesta sala? Eu perdi o meu emprego outro dia. O capitão Steele também. Ken perdeu sua casa.

- Eu o conheço. Ele ficou internado aqui.

- Verdade? - disse Floyd acompanhando-a até a mesa de cirurgia.

- E quanto à paciente? - ela perguntou, ligando rapidamente o monitor fetal.

- Hattie também perdeu o emprego. Estamos todos no mesmo barco. Prepare-a.

Ken e Rayford afastaram-se para perto da porta. Floyd verificou o monitor fetal e balançou a cabeça. Em seguida, ligou vários monitores a Hattie.

- A respiração dela até que está boa. A pressão arterial está baixa. Pulso acelerado.

- Que situação terrível, doutor.

- Eia foi envenenada.

- Com quê?

- Quem me dera saber.

- Doutor, o senhor disse que o nome dela é Hattie? Ele confirmou com um movimento de cabeça.

- Ela não é quem estou pensando, é?

- Acho que sim - ele disse, posicionando-se melhor. - Você já ouviu falar de outra Hattie?

- Neste século, não. O... namorado dela sabe o que está acontecendo ou devemos estar bem longe daqui quando ele descobrir?

- Foi ele o responsável pelo estado em que ela se encontra, Leah. Quando você recebeu o selo na testa, tornou-se arquiinimiga dele, e agora está na linha de frente, só isso.

- Só isso?

Rayford observava a cena, orando por Hattie, quando Floyd posicionou a iluminação vinda de cima.

- Dilatação de sete ou oito centímetros - disse o médico.

- Então não haverá necessidade de incisão? - perguntou Leah.

- O bebê está morto - ele disse. - Preciso de soro

intravenoso. Solução de lactato, 40 unidades de ocitocina por litro.

- Aborto incompleto?

- Viu como você está se lembrando do que aprendeu, Leah? Normalmente ela daria à luz dentro de uma ou duas horas, mas, nestas condições, tudo será muito rápido.

Rayford estava impressionado com a rapidez e eficiência de Leah. Hattie recobrou a consciência.

- Estou morrendo! - ela disse, gemendo.

- Você está abortando, Hattie - disse o Dr. Charles. - Sinto muito. Tente me ajudar. Estamos preocupados com você.

- Está doendo muito!

- Logo você não sentirá mais dor, mas vai ter de fazer força quando eu mandar.

Em poucos minutos, Hattie estava sentindo fortes contrações. Rayford se perguntava com o que se pareceria o filho do anticristo.

O bebê morto estava tão pequeno e subdesenvolvido que foi expelido rapidamente do corpo de Hattie. Floyd o aparou, juntando os pedaços de placenta e entregou tudo a Leah.

- Patologia? - ela perguntou. Floyd olhou firme para ela.

- Não - ele disse entre os dentes. - Você tem um incinerador?

- Não posso fazer isso. Não. Eu me recuso.

- O quê? - gritou Hattie. - O quê? Meu bebê nasceu? Leah continuava ali, com a pequena

trouxa nas mãos.

Floyd caminhou até a cabeceira da mesa de cirurgia.

- Hattie, você expeliu um feto prematuro, muito deformado.
- Não fale deste jeito! Menino ou menina?
- Não foi possível constatar.
- Posso vê-lo?
- Sinto muito, Hattie. Não se parece com um bebê. Não seria aconselhável.
- Mas eu quero...

Floyd retirou as luvas e pousou carinhosamente a mão no rosto dela.

- Passei a gostar muito de você, Hattie. Você sabe disso, não é mesmo? - Ela assentiu com a cabeça, chorando. - Estou lhe pedindo que confie em mim, como alguém que se preocupa muito com você. - Ela olhou para Floyd com ar de indagação. - Por favor - ele prosseguiu. - Acredito tanto quanto você que este ser foi concebido como um outro qualquer, e tinha uma alma. Mas não vingou, não sobreviveu. Ele não se desenvolveu normalmente. Você confia em mim para fazer o que for necessário com ele?

Hattie mordeu o lábio e assentiu com a cabeça. Floyd olhou para Leah, que parecia não ter mudado de idéia. Ele colocou o bebê em um carrinho e olhou para Hattie. Em seguida, fez um gesto para que Leah se aproximasse.

- Preciso que você me ajude a fazer uma curetagem uterina para eliminar os resíduos de placenta e tecidos necrosados.
- Preocupado com endometrite?
- Muito bem.

Rayford pôde ver pela expressão do rosto de Leah e suas mandíbulas retesadas que ela não estava disposta a dar um fim ao feto. Aparentemente, Floyd também notara. Depois de terminar a curetagem em Hattie, ele pegou cuidadosamente o feto.

- Onde? - ele perguntou.
- No fim do corredor - ela murmurou. - Dois andares abaixo. Ele saiu, e Hattie começou a soluçar alto. Rayford aproximou-se e perguntou se podia orar por ela.
- Sim, por favor - ela disse em tom quase inaudível. - Rayford, quero morrer.
- Você não vai morrer.
- Não tenho motivo para viver.
- Tem sim, Hattie. Nós amamos você.

CINCO

O nervosismo de Buck aumentava enquanto ele aguardava Chloe e Tsion dentro da *van*. Talvez ela tivesse tentado tirar Tsion do palco. Milhares de pessoas dariam tudo para ficar ao lado de Tsion por alguns instantes, sem mencionar os membros da delegação que gostariam de trocar algumas palavras com ele. E ninguém sabia como Carpathia reagiria diante do que acontecera no palco. A princípio, ele culpou Tsion, mas em seguida apareceram as testemunhas.

Na opinião de Buck, Carpathia devia imaginar que Tsion não possuía poderes de realizar milagres. A discussão de Nicolae foi com as duas testemunhas. Claro que por culpa dele. Carpathia não foi convidado para assistir ao evento nem para subir ao palco. E quanto cinismo ao fazer com que Fortunato e o pomposo Peter Segundo o precedessem! Buck meneou a cabeça. O que mais se poderia esperar do anticristo?

Buck discou para o número de Chloe, mas ela não atendeu. Se desse sinal de ocupado, ele até entenderia. Mas por que ela não atendia? De repente, entrou uma gravação em hebraico.

- Jacov - chamou Buck -, ouça isto. O que a moça está dizendo?

Jacov, ainda com um sorriso radiante nos lábios, estava com a cabeça para fora da janela tentando enxergar o selo na testa das outras pessoas. Ele não se cansava de apontar para a sua, e constatou que os crentes sempre sorriam felizes e faziam um sinal na direção do céu. Buck sabia que chegaria o dia em que a cruz na testa seria algo muito significativo entre os santos da tribulação. Até mesmo o simples gesto de apontar para o céu atrairia a atenção das forças inimigas.

O problema era que também chegaria o dia em que o povo do outro lado teria, de igual modo, uma marca, que seria visível a todos. De acordo com a Bíblia, aqueles que não ostentassem a "marca da besta" ficariam impedidos de comprar ou vender qualquer coisa. O grande número de santos da tribulação teria de organizar um mercado clandestino para conseguir sobreviver.

Jacov colocou o fone perto do ouvido e, em seguida, devolveu-o a Buck.

- Se você quiser deixar um recado, aperte a tecla um. Buck apertou a tecla e deixou o seguinte recado: "Chloe,

ligue para mim assim que receber este recado. A multidão aqui fora ainda não se arredou, e por isso não quero entrar aí para procurar você e Tsion. Mas, se você não me ligar em dez minutos, vou entrar." Assim que ele terminou o recado, seu telefone tocou.

- Obrigado, Senhor - disse ele assim que atendeu. - Fale, meu bem.

Depois de alguns ruídos de estática e de motor funcionando, ele ouviu:

- Torre de Jerusalém, aqui é Águia Um CG!

-Alô!

- Positivo, torre, está me ouvindo?

- Alô, aqui não é a torre - disse Buck. - Será que peguei uma outra frequência?

- Positivo, torre, estou usando o telefone em vez do rádio por se tratar de uma transmissão confidencial, positivo?

- Mac, é você?

- Positivo, torre.

- Você está no helicóptero com os três?

- Dez-quatro. Verificando coordenadas para retornar ao heliporto do Rei Davi, câmbio.

- Você está tentando me dizer alguma coisa?

- Positivo. Obrigado. Não há ventos à frente?

- É sobre Tsion?

- Parcialmente nublado?

- E Chloe?
- Dez-quatro.
- Eles estão correndo perigo, Mac?
- Positivo.
- Alguém os tirou de lá?
- Desta vez não, torre. Chegada prevista em cinco minutos.
- Eles estão fugindo?
- Positivo.
- O que devo fazer?
- Chegaremos pelo lado noroeste, torre.
- Eles estão fora do estádio?
- Negativo.
- Devo encontrá-los no lado noroeste?
- Positivo. É uma tentativa. Agradeço sua colaboração, torre.

- Eu também estou correndo perigo?
- Dez-quatro.
- Devo levar mais alguém?
- Positivo e obrigado, torre. Seguindo nessa direção imediatamente.
- Mac! Vou levar alguém que eles não conhecem e ficar aguardando pelos dois na saída noroeste. É isto?
- Assim que pudermos, torre. Câmbio e desligo.
- Jacov, corra e descubra onde Tsion e Chloe estão. Depois, leve-os para fora do estádio pela saída noroeste.

Jacov estendeu o braço para abrir a porta da *van*.

- A de cima ou a de baixo? - ele perguntou. - Há uma saída no nível do chão e outra mais abaixo.
- Leve-os até a saída de baixo, e não pare se alguém tentar impedir sua passagem. Você tem uma arma?

Jacov passou a mão por baixo do banco e pegou uma submetralhadora Uzi. Ajustou-a no cinto e cobriu-a com a camisa. Buck achou que a arma estava visível, mas talvez passasse despercebida por causa da escuridão e do grande número de pessoas que se acotovelavam.

- Alguém deve ter dado ordens aos guardas da CG para prenderem Tsion. Eles ainda não o pegaram, mas não vai demorar muito. Dê um jeito de tirá-los de lá.

Jacov entrou correndo no estádio, e Buck sentou-se ao volante. Por fim, a multidão começou a movimentar-se lentamente. Parecia que o povo não queria sair dali. Todos queriam ver Tsion mais uma vez. Buck não compreendia a conversa, mas uma frase ou outra proferidas em inglês fizeram-no entender que estavam falando da humilhação sofrida por Carpathia.

Assim que começou a rodar cuidadosamente com a *van* no meio da multidão, Buck ouviu o ruído de um helicóptero. Talvez estivesse trazendo mais guardas da CG. Ele ficou surpreso ao ver que o aparelho se parecia com o que havia transportado Carpathia ao estádio. Pegou o telefone e apertou o botão da ligação mais recente.

- McCullum.
- Mac! É Buck. Por que você voltou para cá?
- Dez-quatro, Segurança. Vamos verificar o quadrante sudeste.
- Eu mandei um homem para o lado noroeste!
- Positivo, positivo! *Eu vou* verificar o quadrante sudeste e depois levarei meus passageiros para a base, câmbio.
- Eles estão do lado sudeste agora?
- Negativo! *Eu vou* cobrir a área sudeste!

- O que você vai fazer se eles estiverem lá?
- Positivo, posso desviar a rota, Segurança, mas em seguida vamos embora, entendido?
- Estou confuso, mas confio em você, Mac.
- Mantenha seu pessoal longe do sudeste, Segurança. Estarei vigiando.

Buck atirou o telefone no banco ao lado e virou o espelho retrovisor externo para ver o helicóptero. Leon Fortunato anunciava pelos alto-falantes do helicóptero:

- A segurança em terra da Comunidade Global nos solicitou ajuda para desimpedir esta área! Por favor, traduzam este recado para outras pessoas, se for possível! Agradecemos sua colaboração!

A massa humana não obedeceu. Quando se espalhou a notícia de que o helicóptero de Carpathia estava sobrevoando uma das partes do estádio na tentativa de desimpedir a área, centenas de pessoas começaram a caminhar naquela direção, olhando para o céu. Essa movimentação permitiu que Buck rodasse mais rápido até o lado noroeste. O povo, atraído pelo helicóptero, imediatamente começou a dirigir-se para aquele local.

Buck estacionou perto do estádio, sem dar atenção aos guardas armados que acenavam para ele. Abriu a porta, desceu da *van* e tentou localizar a saída subterrânea.

Encontrou uma rampa precariamente iluminada onde os caminhões haviam descarregado os equipamentos no dia anterior. Andando pé ante pé, ele avistou uma fresta de luz quando alguém abriu com força uma porta e subiu a rampa correndo.

Os guardas aproximaram-se para enxergar melhor, e Buck percebeu que foi Jacov quem subiu a rampa. Do que ele estava fugindo? Por que não foi detido? Será que os guardas da CG estavam vigiando Tsion? Assim que passou pelos guardas, Jacov avistou a *van*. A menos de 15 metros, ele olhou diretamente para Buck. Pegou a arma, disparou uma rajada de balas para o alto e virou à esquerda.

Os guardas sacaram suas armas e passaram a persegui-lo. Centenas de pessoas que estavam por ali gritaram e agacharam-se para proteger-se. Buck abaixou o corpo instintivamente, e agora estava espiando por cima da *van*. A uns 60 metros à frente, Jacov virou-se e disparou outra rajada de balas para o alto. Os guardas abriram fogo, e Jacov correu novamente.

Sem perceber que as portas da *van* haviam sido abertas, Buck ouviu quando elas se fecharam enquanto Chloe e Tsion gritavam:

- Depressa, Buck! Acelere! Rápido!

Ele entrou rapidamente, bateu a porta e perguntou:

- O que vamos fazer com Jacov?

- Depressa, Buck! - gritou Chloe. - Ele está despistando os guardas!

Buck riu ao pisar no acelerador e passar por cima do meio-fio.

- Esse Mac! - ele disse. - Que time! Onde devemos pegar Jacov?

Deitado no assoalho do banco traseiro, Tsion ofegava. Chloe estava estendida no banco.

- Ele disse que nos encontraria na casa de Chaim - Tsion conseguiu dizer.

- Os guardas estavam atirando nele!

- Ele disse que só atrairia a atenção dos guardas quando estivesse fora do alcance deles. Tinha certeza de que se sairia bem.

- Ninguém está fora do alcance dessa gente - disse Buck, aumentando a distância entre eles e o estádio.

Curiosamente, a maior parte do trânsito - carros, veículos de emergência e viaturas policiais - dirigia-se para o estádio, em vez de sair dali. Os guardas obrigavam os carros comuns a parar no meio-fio para dar passagem aos veículos da CG. Buck, que seguia na direção contrária, não foi barrado.

- Se eles estiverem atrás de você, Tsion, é melhor não voltarmos para a casa de Chaim.

- Não posso pensar em local mais seguro - disse Tsion. - Carpathia não vai me ameaçar lá. Sua mulher foi brilhante, Buck. Ela percebeu tudo antes que acontecesse. Viu os

guardas caminhando em minha direção e não gostou da expressão deles.

- Eles estavam usando fones de ouvido - disse Chloe

- e destravando as armas. Imaginei que tivessem recebido instruções de Carpathia ou Fortunato para vingar-se de Tsion e atirar nele no meio da multidão de modo que parecesse um acidente. Eles chegaram tão perto de nós que ouvi um deles dizer ao supremo comandante onde estávamos.

- Continuo preocupado com Jacov - disse Buck.

- Ele foi muito eficiente - disse Chloe. – Atravessou correndo o túnel e passou perto de nós, dizendo: "Estou tentando encontrar rostos familiares para que me sigam até um lugar seguro." Estávamos saindo de um lugar parecido com um depósito e...

- Eu vi imediatamente o selo na testa dele - disse Tsion. -

Louvado seja o Senhor! Buck, você vai ter de nos contar mais tarde o que aconteceu.

- Ele disse que você estava trazendo a *van* para perto da saída subterrânea - prosseguiu Chloe. - Deu uma olhada e avistou os guardas no topo da rampa. Disse para nós que despistaria os guardas e que devíamos sair dali depois de 20 segundos. Ele voltou e correu, saindo por aquela porta!

- Deu certo - disse Buck. - Ele também conseguiu desviar a minha atenção. Não vi quando vocês entraram na *van*.

- Ninguém nos viu - disse Chloe. - Oh!

- O que foi?

- Nada - ela disse, dando um assobio.

- O que foi, Chloe? Você está bem?

- Não estou acostumada a correr - ela disse.

- Nem eu - complementou Tsion. - E eu gostaria de sair daqui do chão assim que estivermos em segurança.

- O senhor não pode mantê-la aqui - disse Leah ao Dr. Charles. - É impossível. Lamento muito. Poderíamos ~~levá-la~~ até um quarto, e sei que seria melhor para ela, mas, se o senhor quiser voltar a este hospital ou contar com minha ajuda, é melhor tirá-la daqui imediatamente.

- Então me consiga mais um sedativo - disse Floyd. -Quero que ela durma antes de sairmos daqui.

Hattie dormiu durante todo o percurso até a casa secreta. O Dr. Charles a colocou na cama perto da TV, onde eles se inteiraram rapidamente das atividades em Jerusalém.

"Sua Excelência, o potentado Nicolae Carpathia, fará um pronunciamento ao mundo dentro de 20 minutos", dizia o locutor. "Durante a transmissão ao vivo pela TV do hemisfério oriental e pela conexão via Internet que cobriu as

outras partes do mundo, a maioria dos senhores viu que a tentativa de envenenar Sua Excelência fracassou. Apesar de estar um pouco abalado pelos acontecimentos, o potentado é um homem forte, e ele deseja tranquilizar os cidadãos do mundo inteiro quanto a seu estado de saúde. Esperamos que ele também fale sobre o tipo de represália que possivelmente será imposta aos responsáveis pelo atentado à sua vida."

O lado jornalístico de Buck desejava continuar no estádio. Ele adoraria ter visto Mac dando voltas no ar com Carpathia, Fortunato e o ridículo Mathews, para que Tsion tivesse tempo de fugir. Gostaria de ter visto a água transformando-se em sangue no palco e perguntar aos escolhidos de Deus se algum deles vira as duas testemunhas do Muro das Lamentações chegando ou saindo.

Buck aprendera a não paparicar Chloe; ela era tão forte e corajosa quanto ele. Mas Chloe estava também carregando o filho deles no ventre e passara por um terrível sofrimento físico que a deixara muito machucada. Aquele trauma poderia ter feito mal a ela.

Foi um alívio para Buck avistar guardas israelenses, e não da CG, diante dos portões da casa de Chaim. Ele tinha de admitir que foram esses mesmos guardas os responsáveis pelo massacre da família de Tsion e que o obrigaram a fugir de sua terra natal. Agora, porém, Tsion estava ali como convidado de Chaim, e Chaim era considerado uma

divindade em Israel.

Assim que entraram na casa, Chaim, trêmulo e com o semblante pálido, os abraçou e perguntou sobre o paradeiro de Jacov. Buck deixou a explicação por conta de Tsion, sabendo que Chaim precisaria ter a certeza de que seu protegido não planejara humilhar Carpathia.

- Você me garantiu que permaneceria neutro – disse Chaim. - Caso contrário, eu não teria insistido com ele para que comparecesse ao evento.

- Você sabia que ele estaria presente e não me disse nada? - perguntou Tsion.

- Ele queria que sua chegada causasse surpresa. Com certeza você esperava que ele aparecesse lá.

- Pensei que ele fosse aguardar até amanhã ou depois de amanhã. Você devia ter-me preparado.

- Você parecia estar mais que preparado. Tsion sentou-se, exausto.

- Chaim, o homem me interrompeu quando eu estava citando um versículo da Bíblia. Parece que ele planejou chegar no pior momento possível. Espero que você cumpra a promessa de ouvir o que tenho a lhe dizer e que não demore muito. Estou cansado demais esta noite, mas você, um homem inteligente e de bom senso, não será capaz de refutar as provas que tenho de que Jesus é o Messias e Carpathia o anticristo.

Rosenzweig acomodou-se em uma poltrona grande e macia e deu um longo suspiro.

- Tsion, você é como um filho para mim. Mas o que acabou de dizer pode levá-lo à morte.

- Como se eu não soubesse!

- Claro que sabe, e ainda lamento sinceramente as perdas que você sofreu. Mas vir a Israel para proclamar a divindade de Jesus é um ato tão temerário quanto os truques que aqueles dois malucos do Muro das Lamentações estão fazendo com nossa água e nosso clima. E digo mais, Tsion. Chamar Nicolae de anticristo quando ele está em visita à Terra Santa é uma atitude de muita arrogância

e insensibilidade. Conforme eu já lhe disse, é mais fácil acreditar que Carpathia é o Messias e que uma daquelas pseudotestemunhas é o anticristo.

Tsion balançou a cabeça, com ar de cansaço, e Buck aproveitou o momento para se retirar.

- Se os senhores nos derem licença...

- Claro - disse Chaim.

- Quando Jacov chegar, eu gostaria de ser avisado, seja qual for a hora - disse Buck.

- Agradeço sua preocupação - disse Chaim. - Você será avisado.

Rayford mantinha os olhos grudados na TV enquanto tentava falar com alguém em Israel. Nem o telefone de Buck nem o de Chloe respondiam, e ele não podia ligar para Mac. Esquecendo-se de quem era agora, ele soltou um palavrão. Hattie despertou.

- Este é o Rayford Steele que eu conheci um dia - ela disse, com voz terna e cansada.

- Ah! desculpe-me, Hattie. Não costumo falar assim. Estou preocupado com o que aconteceu lá e quero ter certeza de que todos estão bem.

- É bom saber que você continua humano - disse ela em voz baixa. - Mas você nunca foi e nunca será tão humano quanto eu.

- O que você está querendo dizer?

- Vou matar Nicolae.

- Lamento muito pelo seu bebê, Hattie, mas você não sabe o que está dizendo.

- Rayford, você poderia chegar mais perto?

- Como assim?

- Não tenha medo de mim. Não vou ficar muito tempo por aqui.

- Não diga isso.

- É que eu não tenho força para falar mais alto. Você poderia chegar mais perto?)

Rayford sentiu-se embaraçado, embora não houvesse mais ninguém por perto. Ele mordeu os lábios, olhou ao redor e aproximou-se dela.

- Pode falar - ele disse.

- Rayford, eu não vivi muito tempo com aquele homem para ele ter exercido tanta influência sobre mim. Sei que não sou melhor nem pior do que qualquer outra moça. Você sabia disso. Todo mundo sabia.

- Bem, eu...

- Deixe-me terminar. Floyd me deu um comprimido para dormir e estou caindo de sono. Ouça o que lhe digo. Nicolae Carpathia é o demônio personificado.

- Ora, disso eu já sabia.

- Oh, eu sei que seu pessoal acha que ele é o anticristo. Eu *sei* que ele é. Não existe um pingão de verdade no que ele diz. Tudo o que sai da boca daquele homem é mentira. Você viu como ele finge ser amigo de Mathews? Nicolae quer vê-lo morto. Ele próprio me disse isto. Eu já contei a você que ele envenenou Bruce. Mandou me matar *depois* que fui envenenada, só para se certificar. O veneno matou meu bebê. E ele foi o responsável. Ele me fez fazer coisas que nunca imaginei fazer. E você sabe que... eu gostava do que fazia. Adorava o poder daquele homem, seu fascínio, sua habilidade em persuadir as pessoas. Quando fiz Amanda passar por uma espiã, acreditei que estava fazendo a coisa certa. E aquilo não foi o pior.

- Eu quero morrer, Rayford - prosseguiu Hattie. - E não quero ser perdoada nem ir para o céu para ficar ao lado de Deus ou coisa parecida. Vou lutar contra este veneno, vou colaborar com Floyd, vou fazer o que for necessário para viver o tempo suficiente de matar aquele homem. Preciso ficar forte e tenho de chegar perto dele de qualquer jeito. É quase certo que vou morrer no caminho, porque ele está cercado de seguranças. Eu não me importo. Desde que o mate. Rayford pousou a mão no ombro dela.

- Hattie, você precisa relaxar. O Dr. Charles lhe deu um pouco mais de anestésico antes de trazê-la para cá, e talvez você nem se lembre mais do que está dizendo agora. Por favor, tente...

Hattie empurrou a mão de Rayford, e seus dedos frágeis agarraram-lhe a camisa. Ela o puxou para perto de si, quase encostando o rosto no dele.

- Esteja certo de que vou me lembrar de cada palavra, Rayford. Vou matar aquele homem como se fosse a última coisa que desejo fazer na vida, e espero que seja.

- Tudo bem, Hattie. Tudo bem. Não vou discutir com você agora.

- Não discuta nunca este assunto comigo, Rayford. Estará perdendo tempo.

Poucos instantes depois, a figura de Carpathia tomou conta de toda a tela, e Hattie já estava dormindo. Rayford ficou feliz por ela não ver o rosto daquele homem nem ouvir o que ele diria a respeito de seu fracasso em Israel. Um arrepio percorreu o corpo de Rayford. Hattie o forçara a olhar para dentro de si.

Rayford sentiu um grande alívio depois de constatar que Amanda foi tudo o que acreditou que ela fosse: uma esposa amorosa, digna e leal. Porém, desde o momento em que descobriu o que Carpathia havia feito com Bruce, com Amanda e com Hattie, ele estava de novo lutando interiormente. Certa vez, ele orara pedindo a permissão, a honra, de ser aquele que mataria Carpathia quando o período da Tribulação chegasse à sua metade. Agora, para ser franco, ele se sentia preparado para aquele momento.

Ele sabia que precisava chamar Hattie à razão, impedi-la de tomar uma atitude tão temerária e estúpida. Mas era por esse mesmo motivo que ele não podia confiar seu segredo a Mac e a Tsion, nem mesmo à sua filha e genro. Era por esse motivo também que não podia falar de suas tendências homicidas a seu novo amigo Ken ou a Floyd. Por certo, eles haveriam de querer convencê-lo da loucura deste gesto. Rayford, porém, queria acalantar aquele plano por mais algum tempo.

Somente quando Buck ficou a sós com Chloe em um dos quartos de hóspedes da casa de Chaim Rosenzweig foi que ele se deu conta do quanto se preocupara com ela. Com as mãos trêmulas, ele a segurou nos braços e a apertou contra si, tomando cuidado para não

tocar em seus ferimentos.

- Enquanto não fiquei sabendo onde você estava – ele começou a dizer -, me veio à mente tudo o que senti depois do terremoto.

- Mas desta vez eu não estava perdida, querido. Você sabia onde eu me encontrava.

- Você não atendeu ao telefone. Pensei que alguém tivesse agarrado você, ou...

- Quando começaram a nos perseguir, desliguei o telefone. Eu não queria que ele nos denunciasse. Agora estou me lembrando de que não tornei a ligá-lo. - Chloe fez um gesto para pegar o telefone.

- Não se preocupe - ele disse. - Agora ele não será mais necessário, não é mesmo?

- E se papai estiver ligando para cá? Você sabe que ele deve ter assistido à transmissão pela TV.

- Ele poderá ligar para o meu telefone.

- E onde está o seu telefone?

- Droga! Deixei-o na *van*. Vou buscá-lo. Agora foi a vez de Chloe dissuadi-lo.

- Vou ligar o meu - ela disse. - Não quero que você fique longe de mim outra vez.

Buck puxou-a para perto de si, e eles se beijaram. Em seguida, deitaram de costas na beira da cama, e Chloe apoiou a cabeça no braço dele. Buck começou a imaginar a situação esquisita em que eles se encontravam, olhando para o teto e com os pés apoiados no chão. Se ela estivesse tão exausta quanto ele, em breve adormeceria. Provavelmente aquele não era um bom momento para abordar um assunto delicado, mas Buck nunca se preocupara em aguardar a hora certa para falar.

Conforme já se tornara rotina, o supremo comandante da Comunidade Global, Leon Fortunato, apresentou Sua Excelência, o potentado Nicolae Carpathia, aos telespectadores do mundo inteiro. Rayford ficou admirado diante da maneira franca e direta com que Fortunato estava contando a história sobre o que acontecera com ele próprio. Tsion advertira Rayford que em breve os poderes sobrenaturais de Nicolae seriam evidenciados e até mesmo com certo exagero, preparando o terreno para ele se autoproclamar Deus durante a segunda metade da Tribulação. Até agora, os pronunciamentos em rede mundial tinham sido discretos, e Nicolae se abstera de fazer quaisquer comentários a esse respeito. Naquele dia, porém,

Rayford estava ansioso por saber como Nicolae reagiria às palavras bajuladoras de Fortunato. Rayford tinha de convir que os dois haviam feito um trabalho magnífico - para não dizer sobrenatural - ao engendram uma história sobre o maior constrangimento em público que Nicolae já sofrerá.

SEIS

- ESTOU preocupado com você - disse Buck.
- Vou ficar bem - disse Chloe. - Sinto-me feliz por ter vindo e estou me saindo melhor do que imaginava. Eu sabia que ainda era um pouco cedo para fazer uma viagem tão longa, mas deu tudo certo.
- Não é por esse motivo que estou preocupado com você. Chloe afastou-se de Buck e deitou-se de lado para vê-lo melhor.
- Então, com o que você está preocupado? Alguém bateu na porta.
- Com licença - disse Tsion. - Vocês não gostariam de ver o pronunciamento de Carpathia pela TV?
- Chloe começou a levantar-se, mas Buck a impediu.
- Obrigado, Tsion. Talvez daqui a pouco. Se perdermos alguma parte, você poderá nos contar amanhã cedo.
- Muito bem. Boa noite, meus queridos.
- Buck Williams - disse Chloe -, não sei desde quando me tornei tão especial. Você nunca deixou escapar uma notícia de impacto.
- Não pense que estou sendo altruísta, meu bem. Não escrevo mais para nenhuma revista, lembra-se?
- Escreve sim. Para sua revista.
- Ah! sim, mas sou o patrão e assino os cheques. Como não há dinheiro para cobrir os cheques, o que posso fazer? Assinar minha demissão?
- De qualquer forma, você deixou as notícias de lado para me dar atenção.
- Buck aproximou-se dela e a beijou novamente.
- Já sei o que ele vai dizer. Antes de tudo, vai permitir que Fortunato o engrandeça. Depois se fingirá de humilde e atacará Tsion pelo constrangimento que sofreu depois de tudo o que fez pelo rabino.
- Chloe assentiu.
- Em que você está pensando?
- No bebê.
- Chloe olhou para ele com ar de espanto.
- Você também?
- Ele assentiu com a cabeça.
- Qual é a sua dúvida?
- Acho que não fomos muito espertos - ela disse. - Nosso filho nunca chegará aos cinco anos de idade, e vamos ter de criá-lo ao mesmo tempo em que estaremos lutando para sobreviver.
- Pior ainda - ele disse. - Se estivermos lutando para sobreviver, deveremos nos esconder em algum lugar seguro. Talvez o bebê fique protegido por uns tempos. Mas já declaramos nossa fé.. Somos inimigos da ordem mundial e iremos nos limitar a ficar sentados e protestar silenciosamente.
- Terei de tomar cuidado - disse Chloe.
- Ah, como não! - ele disse em tom de zombaria. - Até parece que você não está tomando cuidado desde já.
- Ela permaneceu deitada em silêncio. Finalmente disse:
- Então acho que vou ter de tomar mais cuidado ainda, não?
- Talvez. Eu só gostaria de saber se estamos agindo certo em relação ao bebê.
- De qualquer forma, agora não podemos mais mudar de ideia, Buck. Então, qual é o

problema?

- Estou preocupado, só isso. E não tenho ninguém mais com quem conversar.
 - Eu não gostaria que você falasse disso a outra pessoa.
 - Então me diga que não devo me preocupar ou que está tão preocupada quanto eu ou coisa parecida. Caso contrário, vou deixar o bebê por sua conta e começar a tratá-la como se você fosse uma débil mental.
 - Você sempre foi bastante esperto para não fazer isso, Buck. Já percebi.
 - Ah! sim, mas às vezes acho que devia ser mais esperto. Alguém tem de cuidar de você. Gosto quando você *me* controla um pouco. Não me sinto humilhado. Gosto e preciso disso.
 - Até certo ponto - ela disse.
 - É verdade.
 - E já provei que sou boa nisso.
 - E sutil - ele disse, envolvendo-a em um abraço.
 - Buck, você não acha que devíamos ouvir o que Carpathia tem a dizer?
- Ele encolheu os ombros e depois concordou.
- Não temos meios de impedir que ele faça alguma coisa. Buck e Chloe se dirigiram até a sala onde Tsion e Chaim assistiam ao que se passava na tela da TV.
 - Alguma notícia de Jacov? - perguntou Buck.
 - Não - respondeu Chaim balançando a cabeça. - Não estou gostando nada disso.
 - Eu só pedi que ele entrasse no estádio e retirasse os dois de lá - justificou Buck. - Desviar a atenção dos guardas e sacar a arma foram ideias dele. Eu também não estou gostando disso.
 - Do *quêll* - interpelou Chaim.

Rayford sentia-se estranhamente animado, apesar das ameaças de Hattie em relação a Carpathia. Em sua opinião, aquelas ameaças eram prova de que ela estava em seu juízo perfeito, o que não acontecia havia semanas, conforme dissera o Dr. Charles. Rayford não se considerava um lunático, a despeito de admitir que sentia vontade de matar Carpathia. O que ele mais almejava, no fundo do coração, era que Hattie se restabelecesse logo para mudar de ideia a respeito de Deus. Ela conhecia a verdade; o problema não era esse. Hattie era o tipo de pessoa que conhece a verdade, mas não age de acordo com ela. Bruce contara a Rayford que foi deixado para trás por esse motivo. E Rayford foi deixado para trás porque não havia compreendido - por mais que sua primeira esposa tivesse tentado explicar - que ninguém é merecedor da graça de Deus por meio de obras. Bruce sabia de tudo isso. Sabia que a salvação é concedida pela graça mediante a fé. Só que ele nunca pôs essa regra em prática, deixando-a para mais tarde. O *mais tarde* se tornou *logo*. Sua família foi arrebatada, e ele, deixado para trás.

Ken apareceu no topo da escada que dava acesso ao porão e disse:

- O doutor e eu estávamos pensando se não seria melhor você ver o programa aqui. Ele acha que é melhor deixar Hattie dormir um pouco.
- Claro - disse Rayford, levantando-se rapidamente. Antes de descer, tentou ligar mais uma vez para Chloe e Buck, mas ninguém atendeu. Ele deixou o telefone em cima da cadeira.

Assim que ele saiu da sala, Hattie o chamou.

- Você não vai deixar o telefone ligado, Rayford?
- Você não gostaria de dormir um pouco?
- Deixe o som baixo. Não vái me incomodar.

- Meu pessoal está andando por aí à procura de Jacov - disse Chaim em voz baixa quando Leon Fortunato apareceu na tela, sorrindo de modo benevolente. - Se aconteceu alguma coisa com ele, não sei...

Não creio que alguém possa fazer algum mal a ele, Chaim. Jacov passou a acreditar no Messias e tem o selo na testa, o selo dos santos da tribulação, visível a todos os outros crentes.

- Você está dizendo que é capaz de ver o selo e eu não?

- Foi o que eu disse.

- Conversa fiada. Que arrogância!

- O senhor consegue ver o selo na nossa testa? – perguntou Chloe.

- Bobagem! Você não tem selo nenhum – respondeu Chaim.

- Nós podemos ver o selo de nossos companheiros – disse Tsion. - Eu estou vendo claramente o de Buck e o de Chloe.

Chaim fez um gesto de descrença, como se os três estivessem zombando dele. Em seguida, Fortunato foi apresentado.

- É melhor eu tentar ligar para meu pai antes que Carpathia comece a falar - disse Chloe. Ela se dirigiu apressada até o quarto e voltou com o telefone na mão, mostrando-o a Buck. O visor mostrava que Rayford havia ligado quando eles estavam no quarto. Ela discou para o número do pai.

Rayford pensou ter ouvido o telefone tocar no pavimento superior, mas achou que havia se enganado, porque não houve uma segunda chamada. Olhando ao redor do porão, ele se perguntava como um homem alto e magro como Ken Ritz conseguia viver em um lugar pequeno, escuro e abafado como aquele. Aos poucos, Ritz estava ampliando o porão nas horas vagas, preparando-se para o dia em que o Comando Tribulação inteiro passaria a viver ali. Rayford não queria nem pensar nessa possibilidade.

Teria sido imaginação de Rayford, ou Fortunato estava com a aparência mais aprimorada? Ele não notou a diferença quando o viu aparecer no estádio. Porém, naquela ocasião Rayford tinha visto a transmissão na tela de seu *laptop*, que não mostrava uma imagem tão nítida quanto a que ele via agora na TV de Ken, por ser gerada por satélite. Geralmente, a imagem da TV não era muito generosa com homens robustos e de meia-idade, mas Fortunato parecia mais magro, olhos mais brilhantes, mais saudável e mais bem vestido que o normal.

"Senhoras e senhores da Comunidade Global", ele começou a dizer, olhando diretamente para a câmera como se a lente fosse os olhos dos telespectadores (da mesma forma que Carpathia costumava fazer), "até mesmo as melhores famílias têm seus maus momentos. Desde que foi conduzido ao poder, contra sua vontade, há pouco mais de dois anos, Sua Excelência, o potentado Carpathia, não tem medido esforços para unificar o mundo.

"Ao promover o desarmamento global e mudanças drásticas na antiga Organização das Nações Unidas, hoje Comunidade Global, ele transformou o nosso planeta em um lugar mais feliz onde se viver. Depois dos desaparecimentos que ocorreram no mundo inteiro, ele trouxe paz e harmonia aos povos. Os percalços no meio do caminho foram conseqüência de acontecimentos que estão fora de seu controle. A guerra trouxe pragas e mortes, mas Sua Excelência quebrou rapidamente a espinha dorsal da resistência. Sofremos desastres atmosféricos, desde terremotos e inundações marítimas até chuva de meteoros. Acreditamos que todos esses fenômenos tenham sido causados por forças desconhecidas, que também foram responsáveis pelos desaparecimentos.

"Ainda existem alguns focos de resistência ao progresso e às mudanças. Um dos mais significativos movimentos nessa direção revelou sua verdadeira natureza no início desta noite, diante dos olhos do mundo inteiro. Sua Excelência tem o poder e o direito de retaliar com medidas extremas esta afronta à sua autoridade e à dignidade do cargo que ocupa. Contudo, no espírito da nova sociedade que Sua Excelência construiu, ele tem uma resposta alternativa e deseja participá-la aos senhores esta noite.

"Antes, porém, de passar-lhe a palavra, eu gostaria de compartilhar uma história pessoal com os senhores. Não se trata de uma história ouvida de terceiros, nem de uma lenda ou fantasia. Aconteceu comigo, e estou aqui para confirmar a veracidade de cada detalhe. Vou contar-lhes a minha história porque ela está relacionada ao assunto que o potentado

abordará, tanto do ponto de vista espiritual como sobrenatural."

Fortunato contou ao mundo a história de sua ressurreição

por Carpathia, uma narrativa que Rayford ouvira muitas vezes. Fortunato concluiu:

"E agora, sem mais demora, passo a palavra ao potentado, a quem considero um deus, Sua Excelência Nicolae Carpathia."

Chloe conversou em voz baixa ao telefone durante o eloqüente discurso de Fortunato para apresentar Carpathia. Ela desligou no momento em que Leon perdeu o equilíbrio para dar lugar a Carpathia e, ao mesmo tempo, curvar-se reverentemente diante dele.

- Hattie perdeu o bebê - ela disse com tristeza na voz.

- Você falou com seu pai?

- Hattie atendeu. Diante de tudo o que aconteceu, ela parecia estar razoavelmente lúcida. De repente, Chloe começou a rir, fazendo com que Buck voltasse a olhar para a TV. Quando tentou recuar para dar lugar a Carpathia e curvar-se, Fortunato tropeçou em um fio de eletricidade. A câmera não mostrou, mas ele devia ter levado um tombo e rolado pelo chão, chegando a chamar a atenção do imperturbável Carpathia, que ficou fora do foco da câmera por alguns instantes.

Carpathia se recompôs rapidamente e exibiu um largo sorriso de generosidade e condescendência.

"Concidadãos", ele começou a dizer, "tenho certeza de que, se os senhores não viram o que aconteceu no início desta noite no estádio Teddy Kollek, em Jerusalém, já devem ter tomado conhecimento dos fatos. Desejo expor em poucas palavras a minha visão quanto àquele incidente e participar as providências que decidi tomar em relação a ele.

"Permitam-me fazer uma retrospectiva até o ponto em que aceitei, com relutância, o cargo de secretário-geral da Organização das Nações Unidas, cargo este que nunca almejei. Meu objetivo sempre foi ocupar uma posição na qual eu pudesse ser útil. Como membro da assembléia legislativa do país onde nasci, a Romênia, colaborei durante muitos anos com meus eleitores, defendendo seus argumentos - e os meus - em prol da paz e do desarmamento. Minha ascensão à presidência de meu país foi uma surpresa tanto para mim como para o mundo, sendo apenas sobrepujada pela minha elevação ao cargo de secretário-geral - que teve como consequência o governo mundial que desfrutamos hoje.

"Um dos pontos altos de minha administração é a tolerância. Só poderemos ser uma verdadeira comunidade global se aceitarmos a divergência de idéias e fizermos dela uma lei. A maioria dos senhores manifestou o desejo de que os muros fossem demolidos e que as pessoas vivessem em união. Portanto, agora existe uma economia baseada em uma moeda única, não há mais necessidade de passaportes, temos um governo único, e em breve teremos uma língua única, um sistema de medidas único e uma religião única.

"Essa religião encerra o maravilhoso mistério de desenvolver em si mesma aquilo que, em séculos passados, aparentemente se compunha de sistemas de crença intrinsecamente contraditórios. As religiões que se consideravam como o único caminho verdadeiro para a espiritualidade agora aceitam e toleram outras religiões com os mesmos preceitos. Trata-se de um enigma que provou ter dado certo, uma vez que todos os sistemas de crença são verdadeiros para seus seguidores. Cada um dos senhores tem um caminho próprio, assim como eu tenho o meu. Sob a união da Fé Mundial Enigma Babilônia, um nome sabiamente

escolhido, todas as religiões do mundo provaram que podem viver em harmonia.

"Todas, menos uma. E os senhores sabem qual é. Trata-se de uma facção que diz ter raízes no cristianismo histórico. Essa facção afirma que os desaparecimentos ocorridos há dois anos e meio foram atos de Deus. Seus seguidores dizem que Jesus tocou a trombeta e levou seu povo escolhido para o céu, deixando o restante de nós, os pecadores perdidos, sofrendo aqui na terra.

"Eu não acredito que tal ideologia reflita o verdadeiro cristianismo, conforme foi ensinado

há séculos. Ouvi falar que essa maravilhosa religião apresenta um Deus de amor e um homem que pregou a moralidade. Seu exemplo devia ser seguido a fim de que a pessoa um dia alcançasse o céu, desde que estivesse continuamente procurando fazer o bem.

"Logo depois dos desaparecimentos que causaram um verdadeiro caos no mundo, algumas pessoas começaram a procurar explicação em algumas passagens obscuras e visivelmente alegóricas, simbólicas e figurativas da Bíblia cristã e visualizaram um cenário que incluía este princípio totalmente distante da verdadeira igreja. Muitos líderes cristãos, que hoje fazem parte da Fé Mundial Enigma Babilônia, dizem que essa teoria nunca foi ensinada antes dos desaparecimentos, e, se tivesse sido, poucos estudiosos de renome a teriam aceito. Outros tantos, que tinham opiniões diferentes sobre a maneira como Deus daria um fim à vida de seus seguidores na terra, desapareceram.

"De um pequeno grupo de fundamentalistas, que acreditam ter continuado aqui na terra porque não foram suficientemente bons para ser levados da primeira vez, surgiu uma seita com alguma substância. A maioria dessa seita é composta de ex-judeus, que agora chegaram à conclusão de

que Jesus é o Messias por quem aguardaram a vida inteira. Eles seguem um rabino convertido chamado Tsion Ben-Judá. O Dr. Ben-Judá, conforme os senhores se recordam, foi um erudito respeitável que, durante uma transmissão internacional de televisão, renegou sua religião a ponto de ter de fugir de sua terra natal.

"Estou falando aos senhores esta noite do mesmo estúdio onde o Dr. Ben-Judá profanou o legado de seus pais. Durante sua permanência no exílio, o rabino tem tentado fazer uma lavagem cerebral em milhares de pessoas, com idéias megalomaniacas, as quais, no desespero de encontrar algo a que pertencer, formaram uma igreja manipulada por ele. Por meio de uma falsa psicologia que trata da moralidade, o Dr. Ben-Judá tem usado a Internet em benefício próprio, tosquiando seu rebanho para ganhar milhões de dólares. Ao longo do processo, ele inventou uma guerra "nós-contra-eles", na qual os senhores, meus irmãos e irmãs, são "eles". Nessa charada, os "nós" se autodenominam crentes, santos, selados ou coisas do gênero.

"Durante meses, tenho considerado esses entraves inofensivos à paz mundial, esses rebeldes que se opõem à causa da religião única. Tenho sido aconselhado a reprimi-los, mas sempre acreditei que é melhor ser tolerante. Embora o Dr. Ben-Judá esteja continuamente desafiando nossa posição e tudo aquilo que prezamos, mantive a política de viver e deixar viver. Quando ele convidou dezenas de milhares de seus convertidos para se reunirem na mesma cidade que um dia o exilou, decidi passar por cima das afrontas pessoais e permitir a realização do evento.

"Para demonstrar minha flexibilidade e diplomacia, cheguei a garantir publicamente a segurança do Dr. Ben-Judá. Apesar de estar ciente de que a Comunidade Global e eu, como seu

dirigente, fomos declarados inimigos dessa seita, acreditei que a atitude mais sensata a ser tomada seria estimular esse encontro. Confesso que esperava, com tal gesto, que esses zelotes enxergassem como estamos sendo transigentes e tolerantes e que um dia optassem por juntar-se a nós para fazer parte da Fé Mundial Enigma Babilônia. Essa atitude, porém, teria de partir deles. Eu não quis forçá-los.

"E qual foi a recompensa que recebi por meu gesto magnânimo? Fui convidado para a festividade? Convidado para saudar as delegações? Convidado para dar as boas-vindas ou estar presente em qualquer parte daquela encenação pomposa?

"Não. Por intermédio de canais diplomáticos particulares, tomei conhecimento da promessa do Dr. Ben-Judá de que ele não faria restrições à minha presença nem proibiria meu comparecimento. Viajei até Israel por conta própria, para não sobrecarregar a Comunidade Global, e compareci ao estádio para proferir algumas palavras naquele evento ao qual deram o nome de Encontro das Testemunhas.

"Meu supremo comandante recebeu um tratamento rude e silencioso, apesar de seu arroubo e comportamento exemplar. O venerável sumo pontífice Peter Segundo, o supremo papa,

também foi recebido de maneira hostil, a despeito de ser um sacerdote. Sem dúvida, os senhores concordam comigo que aquela reação foi muito bem orquestrada e executada em massa.

"Quando me dirigi à multidão, apesar do controle mental exercido por seu líder para que todos não esboçassem nenhuma reação, percebi que eles desejavam minha presença ali. Tive a nítida sensação - e um orador experiente desenvolve essa capacidade - de que a multidão estava do meu lado, recebeu-me com simpatia e queria me acolher de maneira calorosa, mas sentiu-se constrangida diante de seu líder.

"O Dr. Ben-Judá, sentado a poucos metros de mim e ostensivamente ignorando minha presença, fez um sinal a alguém para que liberasse uma substância no ar, um pó ou poeira invisível, que imediatamente secou minha garganta, provocando uma sede terrível.

"Eu devia ter suspeitado quando uma pessoa da multidão imediatamente me ofereceu uma garrafa de água. Porém, como sou um homem de bem, acostumado a receber o mesmo tratamento que dispenso aos outros, entendi que um desconhecido tinha vindo em meu socorro.

"Qual não foi minha decepção ao ver que caí na cilada de uma garrafa contendo sangue contaminado! Foi uma evidente tentativa de assassinato em público, para a qual exigi explicações ao Dr. Ben-Judá no ato. Por ser um pacifista não habituado a hostilidades, deixei o problema nas mãos dele. Ele infiltrou na multidão os dois anciãos lunáticos do Muro das Lamentações que tanto têm ofendido os judeus na Terra Santa e que já mataram várias pessoas que tentaram debater com eles. Usando microfones ocultos, bem mais potentes do que aquele que eu estava usando, eles me ameaçaram aos gritos e transformaram meu humilde ato de diplomacia em um completo fracasso.

"Fui retirado às pressas para receber atendimento médico, e fiquei sabendo que, se tivesse engolido o líquido que me ofereceram, teria morrido instantaneamente. Não há necessidade de mencionar que aquele foi um ato de alta traição, passível de ser punido com a morte. No entanto, tenho algo mais a dizer. Meu desejo é que possamos nos unir em um espírito de paz e harmonia. Estas palavras, que, segundo consta, fazem parte da Bíblia, partiram de mim: 'Vinde, pois, e arrazoemos.'

"Não tenho dúvida nenhuma de que todo aquele terrível incidente foi maquinado e posto em prática pelo Dr. Ben-Judá. Porém, por eu ser um homem de palavra e carecer de provas para incriminá-lo por tentativa de homicídio, planejo dar autorização para que as duas próximas reuniões tenham continuidade. Minha promessa de segurança e proteção será mantida.

"O Dr. Ben-Judá, contudo, será novamente exilado de Israel no prazo de 24 horas após o encerramento da reunião de amanhã. As autoridades israelenses estão insistindo nesse exílio, e eu peço ao Dr. Ben-Judá que não crie problemas, se quiser beneficiar-se da segurança que estou lhe proporcionando.

"Esta advertência pública também serve para os outros dois que se autodenominam Eli e Moisés. Nas próximas 48 horas, eles ficarão restritos à área perto do Muro das Lamentações, onde se instalaram há muito tempo. Eles não poderão sair daquele local em hipótese alguma. Após o término das reuniões no estádio, Eli e Moisés devem deixar imediatamente a área do Monte do Templo. Se, após o prazo de 48 horas, eles forem vistos fora da área restrita ou rondando o Monte do Templo, meu pessoal recebeu ordens para atirar neles sem pestanejar.

"Algumas testemunhas oculares afirmaram que as mortes por eles cometidas foram, de certa forma, em defesa própria. Rejeito essa explicação e estou exercendo minha autoridade como potentado para privá-los de um julgamento. Portanto, quero deixar bem claro: se, nas próximas 48 horas, eles aparecerem fora do local determinado ou mostrarem seus rostos em público, em qualquer lugar do mundo, serão mortos no ato. Qualquer funcionário da Comunidade Global ou cidadão comum está autorizado a atirar para matá-los.

"Sei que os senhores concordarão comigo que estou sendo muito generoso diante do

atentado que sofri, e minha autorização para o prosseguimento das reuniões prova que tenho um espírito condescendente.

"Muito obrigado, meus amigos, e desejo, daqui de Israel, uma boa noite a todos."

Rayford olhou para Ken Ritz ao vê-lo apertar-se na cadeira e dar um tapa na própria coxa.

Não sei o que vocês pensam - Ritz disse -, mas tenho de fazer alguma coisa. Em primeiro lugar, preciso descobrir como podemos conseguir uma parte daquele dinheiro que o rabino tem recebido de seu rebanho. Todos nós estamos desempregados e vamos precisar de um pouco de dinheiro.

- Você tem um minuto, Ray? - perguntou Floyd, levantando-se.

- Claro.

Eles subiram a escada, e Floyd debruçou-se sobre a cama de Hattie, que continuava dormindo.

- Agora ela parece estar bem - ele disse -, mas você pode imaginar uma depressão pós-parto depois de tudo o que ela sofreu?

- Você acha que isso é possível, mesmo após um aborto?

- Se você pensar bem, faz mais sentido ter esse tipo de depressão após um aborto.

Rayford desligou a TV e acompanhou Floyd até a varanda. Ambos esquadriharam o horizonte e prestaram atenção antes de iniciarem a conversa. Rayford desenvolvera esse hábito desde que passara a morar naquela casa. Na sede da Comunidade Global, era importante saber com quem se podia conversar. Fora de lá, era mais importante ainda saber se não havia espiões por perto.

- Eu queria contar-lhe um problema pessoal, Rayford, apesar de conhecê-lo há tão pouco tempo.

- Amizades, relacionamentos, tudo tem de ser muito bem estudado nos dias de hoje - disse Rayford. - É provável que você e eu tenhamos de viver juntos pelo resto da vida, mas esse período durará menos de cinco anos. Se você tem alguma coisa guardada no peito, é melhor desabafar. Se quiser me criticar, vá em frente. Vou entender. Não preciso dizer que minhas prioridades mudaram muito.

- Ah, não, não se trata de nada disso. Só acho que você tem o direito de me repreender depois do que fiz hoje.

- Por ter gritado comigo no auge da aflição? Ei, eu também tive um pouco de culpa. Em situações de emergência como aquela, você é quem deve dar as ordens. Você tem de gritar

com quem achar que deve.

- É verdade, mas, apesar de saber que Tsion é uma espécie de pastor de nosso grupo, acho que você é o líder. Quero que saiba que compreendo e respeito sua posição.

- Não temos mais tempo para hierarquias, doutor. Vamos, me conte o que está havendo.

- Tenho um problema com Hattie.

- Todos nós temos, Floyd. Ela foi uma moça atraente, inteligente. Isto é, mais atraente que inteligente, mas você a conheceu no pior momento possível. Acho que ela vai sair dessa. Dentro de algumas semanas, você vai passar a gostar mais dela.

- Fiquei sabendo que você e ela trabalharam juntos e que, apesar de nunca terem tido um caso...

- Ah, sim, está bem. Não me orgulho do que fiz, mas tenho de admitir que essa história é verdadeira.

- De qualquer forma, não é sobre o comportamento dela que quero falar. Estou comovido ao ver como todos vocês se preocupam com ela e desejam que ela se converta.

Rayford deu um longo suspiro.

- Essa história de Hattie acreditar, mas se recusar a aceitar a verdade, tem me deixado confuso. Eu até vejo uma certa lógica nisso. Ela não é uma pessoa que precisa ser

convencida de que é indigna da misericórdia de Deus, não é verdade?

- Ela se considera tão pecadora que se recusa a aceitar a gratuidade da salvação.

- Então, qual é o seu problema, doutor? Você acha que ela está perdida espiritualmente? Floyd balançou a cabeça.

- Eu gostaria que fosse tão fácil assim. Meu problema não faz nenhum sentido. Você mesmo disse que essa moça deixou de ser atraente. É claro que ela deve ter sido deslumbrante antes de cair neste estado. Mas o veneno fez efeito, e a enfermidade está progredindo. Ela diz coisas sem nexos e está arrasada espiritualmente.

- Então, você está querendo se desvencilhar dela e se sente culpado por isso?

Floyd virou as costas para Rayford.

- Não, senhor. Eu quero amar essa moça. Eu a amo. Quero segurá-la nos braços, beijá-la e dizer-lhe que a amo. - A voz de Floyd começou a ficar trêmula. - Passei a me preocupar tanto com ela que estou convencido de que meu amor poderá curá-la. Tanto física como espiritualmente. - Ele voltou a encarar Rayford. - Você não esperava por essa, não é mesmo?

Depois que Buck e Chloe se deitaram, ele perguntou:

- Você seria capaz de dormir se eu saísse por alguns instantes?

- Sair? - ela disse, sentando-se na cama. - É muito perigoso.

- Neste instante, Carpathia está muito concentrado em Eli e Moisés para se preocupar conosco. Quero ver se descubro o paradeiro de Jacov. E quero ver como as testemunhas vão reagir depois das ameaças de Nicolae.

- Você sabe o que eles vão fazer - ela disse, voltando a deitar-se. - Vão fazer o que quiserem até o tempo determinado, e aí daquele que tentar matá-los antes disso só para cair nas graças do potentado.

- É que eu gostaria...

- Faça-me um favor, Buck. Prometa-me que não vai sair desta casa enquanto eu não adormecer. Assim, só vou me preocupar amanhã cedo, se você não estiver aqui quando eu acordar.

Buck vestiu-se e foi ver se Tsion ainda estava acordado. Tsion já se recolhera, e Rosenzweig estava falando ao telefone.

- Leon, insisto em falar com Nicolae... Sim, conheço tudo sobre a hierarquia de vocês. Só quero que você se lembre que Nicolae é meu amigo desde muito tempo antes de tornar-se Sua Excelência, potentado ou outro título qualquer. Por favor, coloque-o na linha... Bem, então me diga o que aconteceu com meu motorista!

Rosenzweig notou a presença de Buck, acenou para que ele se sentasse e acionou o sistema viva-voz. Leon estava dizendo o seguinte:

- Nosso serviço secreto nos contou que seu motorista virou a casaca.

- Virou o quê? Ele deixou de ser judeu? Deixou de ser israelense? Não trabalha mais para mim? Do que você está falando? Ele trabalha para mim há anos. Se você sabe onde ele está, diga-me qual é o lugar, e irei atrás dele.

- Dr. Rosenzweig, com todo o respeito que o senhor merece, estou dizendo que seu motorista passou para o lado deles. Queríamos que os guardas da CG escoltassem o rabino Ben-Judá até o veículo conduzido por Jacov, mas ele saiu correndo do estádio disparando uma arma poderosa. Quem pode saber quantos policiais e quantos civis morreram?

Eu sei. Nenhum. Se alguém tivesse morrido, a notícia já teria se espalhado. Eu ouvi a mesma história. Seus guardas perseguiram Ben-Judá para vingar-se do constrangimento sofrido por Nicolae e teriam feito, sabe-se lá o que, se ele não tivesse fugido por conta própria.

- Ele não fugiu por conta própria. Estava com a mulher de Buck Williams, que provou ser uma norte-americana subversiva, fugitiva de uma de nossas instalações de Minnesota,

onde estava detida para ser interrogada. - Rosenzweig olhou de relance para Buck, que balançava a cabeça lentamente como se estivesse imaginando de onde se originara essa história. Fortunato prosseguiu. - Ela também é suspeita de ter promovido saques após o terremoto.

- Leon, Jacov está vivo? - Houve uma pausa, e Rosenzweig prosseguiu, irado. - Eu juro, Leon, que se aconteceu alguma coisa àquele moço...

- Não aconteceu nada com ele, doutor. Estou tentando fazer o senhor dirigir-se a mim da maneira apropriada.

- Oh! pelo amor de Deus, Leon, você não entende que existem coisas mais importantes para nos preocuparmos agora? Há vidas humanas em jogo!

- Supremo comandante, Dr. Rosenzweig.

- Supremo idiota! - esbravejou Rosenzweig. - Estou saindo para procurar Jacov, e, se você tiver alguma informação que me ajude a encontrá-lo, é melhor falar agora!

-Eu não preciso ser tratado dessa maneira, senhor. E Leon desligou.

SETE

Rayford passou o braço ao redor do ombro de Floyd enquanto voltavam a entrar na casa.

- Não sou nenhum conselheiro em assuntos do coração - disse Rayford -, mas você tem razão quando diz que essa história não faz sentido. Ela não é crente. Você tem idade suficiente para saber a diferença entre piedade e amor e entre comiseração por uma paciente e amor. Você mal a conhece, e o que sabe sobre ela não é nada agradável. Não é necessário ser um cientista para saber que existe algo mais por trás disso. Você está sozinho? Perdeu a esposa no Arrebatamento?

-Sim.

-Então me fale sobre ela.

BUCK deu uma olhada em Chloe antes de sair com Chaim. Ela parecia estar dormindo profundamente.

- Você se importaria de dirigir o carro? - perguntou Chaim.- Faz muito tempo que não posso dirigir.

- Não pode?

Chaim sorriu, com ar de cansaço.

- Assim que alguém se torna, como direi, uma personalidade neste país, principalmente nesta cidade, essa pessoa passa a receber tratamento de nobreza. Não posso ir a lugar nenhum sem escolta. Eu ainda não era famoso quando você escreveu uma matéria de capa a meu respeito.

- Mas você era conhecido e respeitado.

Chaim perguntou a Jonas, o segurança que vigiava o portão da casa, se ele tinha alguma notícia de Jacov.

- Stefan? - Buck ouviu Chaim dizer, seguindo-se algumas palavras apressadas em hebraico, proferidas em tom de frustração.

Chaim conduziu Buck até os fundos da garagem. Buck sentou-se ao volante de um seda antigo.

- Não quero que ninguém saiba aonde estou indo. O Mercedes é muito conhecido. Você sabe dirigir carro com câmbio manual, não?

Buck puxou o afogador e lembrou-se rapidamente das posições do câmbio manual. Sua preocupação maior era com o estado precário dos pneus.

- Você sabe para onde vamos?

- Sim, acho que sei - disse Chaim. - Jacov é alcoólatra. Buck olhou para Chaim, com ar de espanto.

- Você tem um motorista alcoólatra?

- Ele não bebe mais. Está em fase de recuperação, conforme se diz. Mas, em momentos críticos, ele volta a beber.

- Cai da diligência?

- Não conheço essa expressão.

- É uma expressão antiga usada pelos norte-americanos. No início do século 20, a União Antialcoólica das Mulheres Cristãs entrava com a Diligência Antialcoólica nas cidades, falando dos efeitos nocivos do álcool e conclamando os beberrões a abandonarem o vício e entrar na diligência. Quando um deles voltava a beber, dizia-se que ele caíra da diligência.

- Estou com receio de que o mesmo tenha acontecido agora - disse Chaim, indicando a esquina onde Buck deveria virar. Quando eles entraram em bairros menores, com casas e prédios muito próximos uns dos outros, Buck começou a notar coisas que não tinha visto no trajeto entre a casa de Chaim e o estádio. Jerusalém tinha uma aparência desoladora. Como ele gostou daquela cidade quando a visitou alguns anos antes! Havia áreas destruídas, mas, no geral, ela fora motivo de orgulho para seus moradores. A partir dos desaparecimentos, começaram a surgir certos tipos de crimes e atividades lascivas em

público que ele nunca esperara ver naquela cidade, tais como bêbados caminhando com passos trôpegos pelas ruas, alguns de braços dados com mulheres de vida noturna. Quando chegou mais perto do centro da cidade, Buck avistou casas de *strip-tease*, salões de tatuagem, lojas de quiromancia e estabelecimentos de baixa categoria.

-O que houve com sua cidade? - perguntou Buck.

Chaim resmungou alguma coisa e fez um gesto de pouco caso.

- Este é um dos assuntos que eu adoraria discutir com Nicolae. Que desperdício gastar todo aquele dinheiro com o novo templo e mudar a Cúpula da Rocha para a Nova Babilônia! Droga! E esse tal de Peter Mathews usando trajes grotescos e acolhendo os judeus ortodoxos na Fé Mundial Enigma Babilônia! Eu, que não sou um homem religioso, considero isso tudo uma grande asneira. Aonde eles querem chegar? Ao longo dos séculos, os judeus têm reiterado que adoram um único Deus. Como podem acreditar em uma religião que aceita Deus como sendo um homem, uma mulher, um animal e outras coisas mais? E você está vendo o efeito de tudo isso em Jerusalém. Haifa e Tel-Aviv estão em pior situação! Os ortodoxos estão trancados em seu novo templo reluzente, trucidando animais e voltando aos tempos dos sacrifícios de séculos atrás! E que benefícios trouxeram a esta sociedade? Nenhum! Nicolae diz ser meu amigo. Se ele me receber, vou informá-lo sobre estas coisas, e a situação vai mudar.

- Quando meu Jacov - um homem maravilhoso e esperto, diga-se de passagem - cai da diligência, conforme você diz, volta a freqüentar a mesma rua, o mesmo bar, sempre nas mesmas condições.

- Essa recaída costuma ser freqüente?

- Duas vezes por ano, no máximo. Eu costumo repreendê-lo, ameaçá-lo. Cheguei até a despedi-lo. Mas Jacov sabe o quanto me preocupo com ele. Jacov e sua esposa, Hannelore, ainda choram a perda de dois filhos pequenos por ocasião dos desaparecimentos.

Buck ficou estarrecido ao se dar conta de que forçara Jacov a converter-se sem sequer conhecê-lo. Agora, só esperava que Chaim estivesse enganado a respeito de Jacov e que ele não fosse encontrado no local onde Chaim imaginava.

Chaim mostrou a Buck uma vaga para estacionar no meio de uma fila de carros e *vans* em uma rua apinhada de gente. Já passava da meia-noite, e Buck foi surpreendido por uma sensação de fadiga.

- O Harém? - ele perguntou após ver o letreiro. - Você tem certeza de que aqui é apenas um bar?

- Tenho certeza de que não é, Cameron - respondeu Rosenzweig. - Não quero nem pensar no que se passa ali dentro. Nunca entrei neste lugar. Geralmente espero aqui enquanto meu segurança entra e tira Jacov de lá.

- É por esse motivo que estou aqui?

- Eu não pediria que você fizesse isto. Mas você vai precisar me ajudar, caso ele ofereça resistência. Não sou páreo para ele. Ele não vai me machucar, mesmo se estiver bêbado, mas um homem franzino e idoso não tem condições de arrastar um jovem teimoso para um lugar que ele não queira ir.

Buck estacionou o carro e começou a raciocinar.

- Estou achando que você está enganado, Chaim. Estou achando que Jacov não está aqui.

Chaim sorriu.

- Você acha que só porque ele se converteu não ia embriagar-se depois de ser perseguido a tiros? Você é muito ingênuo para um jornalista internacional, meu amigo. Sua nova fé toldou seu senso de julgamento.

- Espero que não.

- Você está vendo aquele caminhão verde ali, aquele velho Ford inglês? - Buck assentiu com a cabeça. - O caminhão pertence a Stefan, um de meus criados. Ele mora entre este local e o estádio Teddy Kollek e é companheiro de bebida de Jacov. Stefan não agüenta

tanta bebida quanto Jacov. Bebe até o limite, como costumamos dizer. Stefan estava de folga hoje, mas, se eu gostasse de apostar, diria que Jacov correu até ele enquanto tentava fugir dos guardas da Comunidade Global. Por estar abalado e assustado demais, com certeza ele permitiu que Stefan o levasse a seu lugar preferido. Não posso fazer esta acusação a Jacov, mas preciso protegê-lo. Não quero que ele faça um espetáculo em público, principalmente se estiver fugindo dos guardas da CG.

- Eu não gostaria que ele estivesse aqui, Dr. Rosenzweig.

- Nem eu, mas não sou um jovem que fica admirando estrelas. A sabedoria chega com a idade, Cameron, mas às vezes ela não tem muita serventia. Aprendi muitas coisas das quais não consigo me lembrar. Tenho alguns "momentos de grande lucidez", conforme costume dizer, nos quais me lembro de detalhes de algo que aconteceu 60 anos atrás, mas não consigo lembrar que já contei a mesma história meia hora antes.

- Eu ainda não cheguei aos 33 anos, e também tenho meus lapsos de memória.

- Como é mesmo o seu nome? - perguntou Chaim, sorrindo.

- É melhor procurarmos Jacov - disse Buck. - Afirmando que ele não está aqui, mesmo que Stefan esteja.

- Eu espero que Jacov esteja - disse Chaim. - Se ele não estiver, significa que está perdido, preso ou coisa pior.

A história do Dr. Floyd Charles era muito semelhante à de Rayford. Floyd também teve uma esposa que levava sua religião a sério, ao passo que ele, um profissional respeitado, aceitava, mas não se envolvia.

- Acho que você freqüentava a igreja regularmente - disse Rayford, lembrando-se da própria experiência -, mas não era tão atuante quanto sua esposa.

- Exatamente - confirmou Charles. - Ela sempre me dizia que minhas boas obras não me levariam para o céu e que, se Jesus voltasse antes que eu morresse, seria deixado para trás.

- Ele balançou a cabeça. - Eu ouvia sem prestar atenção, você entende o que estou dizendo?

- Sua história é igual à minha, irmão. Você também perdeu filhos?

- Não no Arrebatamento. Minha esposa abortou um, e perdemos uma filha de cinco anos em um acidente de ônibus em seu primeiro dia de aula. - Floyd parou de falar.

- Lamento muito - disse Rayford.

- Foi terrível. - Floyd tinha a voz embargada. - Gigi e eu a vimos na esquina aquela manhã, e LaDonna estava muito feliz. Pensávamos que ela ficaria temerosa ou assustada - na verdade, até esperávamos por isso. Mas ela não via a hora de ir para a escola com seu uniforme novo, sua lancheira e outros apetrechos. Gigi e eu estávamos ansiosos, nervosos por causa dela, assustados. Quando a vi dentro daquele ônibus grande, antigo e impessoal, tive a sensação de estar mandando minha filha enfrentar leões. Gigi disse que devíamos confiar em que Deus cuidaria dela. Uma hora e meia depois, recebemos a notícia. Rayford limitou-se a balançar a cabeça.

- Tornei-me um homem amargo - prosseguiu Floyd. - Afastei-me de Deus. Gigi sofreu, chorou tanto que quase me fez morrer de desgosto. Mas ela não perdeu a fé. Orava por LaDonna, pedia que Deus cuidasse dela, essas coisas.

Nosso casamento começou a balançar. Separamo-nos por uns tempos - a decisão foi minha, não dela. Eu não suportava vê-la sofrer tanto e, mesmo assim, fazer o jogo da igreja. Ela dizia que não se tratava de um jogo e que, se eu quisesse voltar a ver LaDonna, teria de me aproximar de Jesus. Eu me aproximei de Jesus. Contei-lhe o que eu pensava e questionei por que Ele permitiu que aquilo acontecesse à minha filhinha. Senti-me desprezível por muito tempo.

Eles estavam sentados à mesa da cozinha, de onde Rayford podia ouvir a respiração firme e ritmada de Hattie.

- Você sabe o que me convenceu? - disse Floyd repentinamente.

- Além do Arrebatamento, é o que você quer dizer? - perguntou Rayford. - Aquilo chamou

minha atenção.

- Eu me convenci antes do Arrebatamento. Só que nunca acionei o gatilho, você está me entendendo?

Rayford assentiu com a cabeça.

- Você sabia que sua esposa estava certa, mas não contou isso a Deus?

- Exatamente. Mas o que me convenceu foi Gigi. Apesar de tudo, ela nunca deixou de me amar. Fui um patife, homem. Mesquinho, vil, egoísta, grosseiro, ignóbil. Ela sabia que eu estava angustiado, sofrendo. A luz de minha vida não existia mais. Eu amava tanto LaDonna que meu coração parecia estar esvaçado. Porém, quando eu estava tentando esquecer meu sofrimento, trabalhando horas a fio e sendo um homem intratável perante meus colegas e outras pessoas, Gigi sabia o momento certo de ligar para mim ou escrever-me um bilhete. O tempo todo, Rayford, o tempo todo mesmo, ela me fazia lembrar que me amava, que se preocupava comigo, que me queria de volta e que estava pronta para fazer qualquer coisa para facilitar minha vida.

- Que maravilha!

- Você usou a expressão certa. Ela estava sofrendo tanto quanto eu, mas me convidava para jantar, preparava refeições para mim, lavava minha roupa e limpava meu apartamento, apesar de trabalhar fora também. - Ele deu uma risadinha. - Ela conseguiu fazer de mim um homem humilde.

- E ela o ganhou de volta?

- Claro que sim. Chegou a livrar-me um pouco do sofrimento. Levou um pouco de tempo, alguns anos, mas me tornei uma pessoa mais feliz, mais produtiva. Eu sabia que era Deus quem a ajudava a fazer isso. Mas continuava pensando que, se houvesse essa história de céu e inferno, Deus teria de ser bondoso comigo porque eu estava ajudando as pessoas diariamente. Eu até sabia por quê. Eu adorava chamar a atenção, mas ajudava a todos. Fazia o melhor que podia, quer o paciente fosse um pobre coitado ou um milionário. Para mim, não fazia diferença. Qualquer um que precisasse de cuidados médicos, recebia o melhor de mim.

- Bom para você.

- Ah! sim, bom para mim. Mas você e eu sabemos o que aconteceu quando Jesus voltou. Fomos deixados para trás.

Floyd foi examinar Hattie. Rayford pegou dois refrigerantes na geladeira.

- Não quero atrapalhar os planos de um velho amigo - disse Rayford -, mas sugiro que você pense bem no tipo de mulher que sua esposa foi antes de pensar em Hattie como sua substituta.

Floyd mordeu os lábios e concordou com a cabeça.

- Não estou dizendo que Hattie não possa vir a ser esse tipo de pessoa - complementou Rayford.

- Eu sei. Mas não há evidências de que ela queira ser.

- Sabe o que vou fazer? - disse Rayford levantando-se. - Vou ligar para minha filha e dizer-lhe que a amo.

Floyd olhou para seu relógio.

- Você sabe que horas são no lugar em que ela está?

- Eu não me importo. E ela também não vai se importar.

Quando se aproximaram do "Harém", Buck e Chaim receberam olhares curiosos tanto de homens como de mulheres. O local era muito maior por dentro do que parecia quando visto de fora. Várias salas repletas de gente -dançando ou trocando beijos ardentes - davam passagem para o bar principal, onde algumas mulheres dançavam e outras pessoas comiam e bebiam.

-Que lugar horrível! - disse Rosenzweig. - Exatamente como pensei.

Enquanto os dois tentavam abrir caminho, Buck olhava por todos os lados à procura de Jacov e desviava os olhos todas as vezes que alguém o encarava como se estivesse

perguntando: "O que você está procurando aqui?" Alguns casais eram de pessoas do mesmo sexo. Esta não era a nação de Israel da qual ele se lembrava. A fumaça era tão densa que fazia mal aos pulmões até mesmo daqueles que não fumavam.

Chaim parou de repente, e Buck colidiu com ele.

- Oh! Stefan - ralhou Rosenzweig.

Buck virou-se a tempo de ver um moço com um copo de bebida aguada na mão. Seus cabelos escuros estavam úmidos e emaranhados, e ele ria histericamente. Buck orou para que o moço estivesse sozinho.

- Jacov está com você? - perguntou Rosenzweig asperamente. Stefan, assustado no meio daquele vozerio, mal conseguiu recuperar a fala. Ele curvou-se para a frente e tossiu, espirrando um pouco de bebida na calça de Rosenzweig.

- Stefan! Onde está Jacov?

- Comigo ele não está! - gritou Stefan, endireitando o corpo e rindo mais alto ainda. - Mas ele está bem!

Buck sentiu um aperto no peito. Ele sabia que Jacov tinha sido sincero em sua conversão, e Deus a comprovara com o selo em sua testa. Como Jacov podia profanar sua salvação desta maneira? Será que sua hostilidade em relação aos guardas da CG tinha sido mais repulsiva do que Buck podia imaginar?

Onde? - perguntou Rosenzweig, visivelmente contrariado.

Lá! - Stefan apontou com o copo, rindo e tossindo o tempo todo. - Ele está em cima de uma mesa aproveitando seus minutos de glória! Agora preciso terminar esta bebida antes que eu provoque um acidente aqui! - Ele cambaleou e riu tão alto que algumas lágrimas escorreram por seu rosto.

Chaim, com ar emocionado, esticou o pescoço para enxergar a sala principal, de onde se ouvia uma música estridente em meio a um pisca-pisca alucinante de luzes coloridas.

-Oh, não! - Chaim lamentou, virando-se para Buck. - Ele está completamente bêbado. Este moço tímido, que mal olha para o rosto de uma pessoa quando a cumprimenta, está dando um espetáculo na frente de todo mundo! Não posso suportar. Vou pegar o carro. Será que você poderia forçá-lo a descer daquela mesa e arrastá-lo para fora? Você é maior e mais do forte que ele. Por favor.

Buck não sabia o que dizer. Ele nunca tinha sido segurança. Apesar de ter gostado da vida noturna, nunca apreciou bares barulhentos, principalmente como aquele. Ele passou à frente de Chaim, que saiu apressado dali. Abrindo caminho por entre grupos de bêbados e devassos, ele conseguiu avistar algumas pessoas cuja atenção estava voltada para um jovem israelense maluco, que se equilibrava em cima de uma mesa. Esse jovem era Jacov.

Rayford desceu apressado até o porão e encontrou Ken com o telescópio de Donny Moore no colo e seu microscópio na escrivaninha. Ken estava lendo as revistas técnicas de Donny.

- O rapaz era um gênio, Ray. Estou aprendendo um monte de coisas que vão nos ajudar. Se você passar este material para seu amigo piloto e para aquele técnico que trabalha lá dentro, os dois poderão nos avisar quando o pessoal de Carpathia descobrir quem eles são e todos nós estivermos lutando para sobreviver. O que posso fazer por você?

Quero ir com você a Israel na sexta-feira.

Você acabou de fugir de lá. Não foi o seu amigo Mac quem disse que você ia morrer se não tivesse fugido?

Eu não gosto de viver fugindo. Não posso me esconder de Carpathia pelo resto da vida, por mais curta que ela seja.

Que aconteceu a você, Ray?

Acabei de falar com Chloe. Estou pressentindo problemas. Nicolae não vai deixar que eles saiam vivos de Israel de jeito nenhum. Temos de ir ao encontro deles.

Pode contar comigo. Como vamos fazer?

Buck resolveu abrir caminho à força, sem pedir licença. As pessoas proferiam palavras enquanto ele se acotovelava no meio delas. Finalmente, chegou a uma distância de onde conseguia ouvir Jacov, mas ele estava falando em hebraico, e Buck não entendia nada. Bem, quase nada. Jacov gritava e gesticulava, tentando atrair a atenção de todos.

Os freqüentadores do bar riam dele e o ridicularizavam, assobiando e atirando tocos de cigarro em sua direção. Duas mulheres entornaram bebidas nas roupas dele.

Jacov tinha o rosto vermelho e parecia eufórico, mas não estava bebendo, pelo menos naquele momento. Buck identificou a palavra *Yeshua*, que significa Jesus em hebraico. E *Hamashiach*, que significa Messias.

O que ele está dizendo? - Buck perguntou a um dos homens por perto. O homem bêbado olhou para ele como se tivesse visto um ser de outro planeta. - Você fala inglês? - insistiu Buck.

Que os ingleses morram! - gritou o homem. - E os norte-americanos também!

Buck virou-se para os outros.

Inglês? - ele perguntou. - Alguém fala inglês?

Eu falo - disse a garçonete, que carregava uma bandeja contendo vários copos vazios. - Aprendi rápido.

-O que ele está dizendo? Ela olhou para Jacov.

- Ele? A mesma coisa que vem dizendo a noite inteira. "Jesus é o Messias. Eu sei. Ele me salvou." Um monte de asneiras. O que mais posso dizer? O patrão já deveria ter colocado este homem para fora, mas ele está divertindo os fregueses.

Jacov fazia mais do que divertir os fregueses. Seu objetivo era puro, mas não estava surtindo efeito. Buck aproximou-se e agarrou-lhe o calcanhar. Jacov olhou para baixo.

Buck! Meu amigo e irmão! Este homem vai contar tudo a vocês! Ele estava lá! Viu a água transformar-se em sangue e vice-versa! Buck, suba aqui!

Vamos embora, Jacov - disse Buck, balançando a cabeça negativamente. - Não vou subir aí! Ninguém está prestando atenção! Vamos! Rosenzweig está esperando!

Ele está aqui? - indagou Jacov, com ar de espanto. - Aqui? Peça a ele que entre!

Ele esteve aqui dentro. Agora, vamos.

Jacov desceu da mesa e acompanhou Buck para fora do estabelecimento, aceitando tapas nas costas e aplausos dos fregueses. Os dois já estavam perto da porta quando Jacov avistou Stefan caminhando na direção oposta.

Espere! - ele gritou para Buck. - Meu amigo está ali! Preciso dizer a ele que estou indo embora.

Logo ele vai saber - disse Buck, conduzindo Jacov para a porta.

Quando eles chegaram ao carro, Rosenzweig olhou firme para Jacov.

Eu não bebi nada, doutor - ele justificou. - Nem uma gota!

Oh! Jacov - disse Rosenzweig enquanto Buck afastava-se do meio-fio. - Você está cheirando a bebida. Eu vi você em cima da mesa.

O senhor pode cheirar meu bafo! - ele disse, inclinando-se para a frente.

Eu não quero cheirar seu hálito!

Pode cheirar! Vamos! Vou provar que não bebi! - Jacov exalou ar perto de Rosenzweig, o qual fez uma careta e virou o rosto para o outro lado.

Rosenzweig olhou para Buck.

Ele comeu alho hoje, mas não está cheirando a álcool.

Claro que não! - protestou Jacov. - Eu estava pregando! Deus me deu esta coragem! Sou uma das 144.000 testemunhas, conforme o rabino Ben-Judá diz! Vou ser um evangelista a serviço de Deus!

Chaim afundou-se no banco do carro e levantou as duas mãos.

- Eu gostaria que você *estivesse* bêbado.

Depois de ouvir o que se passara por trás dos bastidores em Israel, Ken concordou que Carpathia seria capaz de engendrar "alguma tragédia fora de seu controle, algo que ele pudesse jogar a culpa em outra pessoa, mas, seja lá como for, as pessoas de quem gostamos vão morrer".

- Eu não quero agir com imprudência, Ken - disse Rayford.- Mas também não vou ficar escondido aqui esperando que eles saiam de lá.

- Já trabalhei várias vezes como piloto para seu genro desde os desaparecimentos, e você vai ter de ser um pouco mais imprudente do que aquele rapaz. Vamos ter de contatar aquele seu co-piloto. Posso ensinar você a pilotar o *Gulfstream*, mas ninguém é capaz de descer com ele se não houver uma pista lá embaixo.

- Isto significa o quê?

- Que você vai ter de inventar uma forma de tirá-los rapidamente de lá, certo? Talvez da propriedade desse Rosen-não-sei-o-quê.

- É verdade. Vou sugerir a Tsion que divulgue algum plano para sábado, algo que Carpathia acredite que não poderia perder por nada. Assim, poderemos chegar lá após a meia-

noite de sexta-feira e resgatar nosso pessoal.

- Se eles não puderem se encontrar conosco perto do aeroporto, teremos de descer para pegá-los. Significa que vamos precisar de um helicóptero.

- Não poderíamos alugar um? Eu poderia pedir a David Hassid, nosso amigo que trabalha na CG, que providenciasse um e o deixasse à nossa espera no aeroporto de Jerusalém ou no Ben Gurion.

- Ótimo, mas vamos precisar de dois pilotos. E McCullum não poderá nos ajudar.

- E eu, para que sirvo? Por acaso sou um zero à esquerda? Ken deu um tapa na testa.

- Como eu sou idiota! - ele disse. - Você aprendeu a pilotar helicópteros, não?

- Mac me deu algumas aulas. Eu poderei pousar perto do local onde eles estão e transportá-los até o aeroporto, certo?

- É melhor você conseguir uma planta do lugar antes de partirmos. Você vai ter pouquíssimo tempo para descer com aquela coisa barulhenta numa área residencial. Se alguém vir você por lá, vai chamar os guardas, e eles chegarão antes de você levantar vôo!

- Sua esposa sabe por onde você andou? - perguntou Rosenzweig a Jacov quando Buck parou em frente ao prédio de apartamentos onde ele morava.

- Eu liguei para ela. Ela não entendeu nada do que eu estava falando.

- Por que você foi àquele lugar horroroso?

- Eu fugi e me escondi na casa de Stefan. Ele queria ir até lá. Que lugar melhor haveria para pregar?, pensei.

- Você é um idiota - disse Rosenzweig.

- Sim! Eu sou!

Buck passou seu celular a Jacov.

- Ligue para sua esposa para que ela não morra de susto quando você entrar.

Porém, antes de Jacov começar a discar, o telefone tocou.

- O que houve? - ele perguntou. - Eu não fiz nada.

- Aperte a tecla *Send* e diga: "Telefone de Buck." Era Chloe.

- Ela quer falar com o senhor com urgência, Sr. Williams. Buck pegou o telefone e disse a Jacov:

- Espere aqui até avisarmos sua esposa que você está chegando.

Chloe contou a Buck sobre o telefonema recebido de seu pai e seu pedido para ter um esboço da planta da propriedade de Rosenzweig.

- Vou falar com ele sobre este assunto no momento apropriado - sussurrou Buck.

Mais tarde, depois de atravessar os portões da propriedade de Chaim, Buck achou que o momento não era apropriado para falar da planta. Rosenzweig ainda era um simpaticante de Carpathia e não compreenderia. Poderia até mesmo dar com a língua nos dentes.

Chaim desceu do carro, mas Buck permaneceu dentro dele.

- Você não vai entrar?

- Você me emprestaria seu carro por um pouco de tempo?

- Pegue o Mercedes.

- Este aqui serve - disse Buck. - Se Chloe ainda estiver acordada, diga-lhe que pode ligar para mim.

- Aonde você vai?

- Prefiro não dizer. Se você não souber, não vai precisar mentir se alguém lhe perguntar.

- Esta história toda está me cheirando mal, Cameron. Tome cuidado e volte logo, está bem? Você e seus amigos terão um dia agitado amanhã. Ou, melhor dizendo, hoje.

Buck seguiu direto para o Muro das Lamentações. Conforme ele esperava, a discussão entre as duas testemunhas e Carpathia e as ameaças feitas por Nicolae pela TV, em rede internacional, atraíram um grande número de pessoas para perto da cerca onde Eli e Moisés costumavam falar ao povo. A CG estava bem representada, com guardas armados cercando a multidão.

Buck estacionou em um local afastado do Monte do Templo e caminhou sem pressa, como se fosse um turista curioso.

Moisés e Eli estavam em pé, de costas um para o outro. Buck nunca os vira nessa posição e imaginou que talvez Moisés estivesse vigiando o outro lado. Eli, de frente para a multidão, falava com voz forte e penetrante, mas naquele momento suas palavras foram abafadas pelo chefe dos guardas da CG, que se dirigia ao povo por meio de um megafone. O guarda estava falando em diversos idiomas -primeiro em hebraico, depois em espanhol e, em seguida, em uma língua asiática que Buck não conseguiu distinguir. Finalmente, quando o guarda da CG falou em inglês, com um acentuado sotaque hebraico, Buck se deu conta de que ele era israelense.

- Atenção, senhoras e senhores! O supremo comandante da Comunidade Global encarregou-me de fazer lembrar a todos os cidadãos a advertência feita por Sua Excelência, o potentado Nicolae Carpathia... - Neste ponto, a multidão começou a gritar e aplaudir. - ...que os dois homens diante dos senhores estão em regime de prisão domiciliar. Eles estão confinados a esta área até o término do Encontro das Testemunhas na sexta-feira à noite. Se eles saírem deste local antes, qualquer funcionário da CG ou cidadão comum poderá exercer o seu direito de detê-los à força, feri-los ou matá-los. E mais, se eles forem vistos em qualquer lugar - eu repito, em qualquer lugar - após sexta-feira à noite, serão mortos no ato.

Depois de aplaudir freneticamente, a multidão começou a rir e zombar de Eli e Moisés, apontando e fazendo-lhes ameaças. Porém, todos permaneciam a uma distância de, no mínimo, dez metros por terem ouvido falar de gente que foi morta pelas testemunhas. Muitas afirmavam ter presenciado dois casos de pessoas que morreram por ter chegado muito perto das testemunhas. Buck havia visto um soldado apontar-lhes um rifle possante e ser incinerado na hora pelo fogo que

saiu da boca das testemunhas. Um outro homem, que saltara na direção delas com uma faca na mão, pareceu chocar-se contra uma parede invisível e caiu morto.

As testemunhas, evidentemente, não se impressionaram com a advertência de Carpathia nem com as palavras do guarda. Continuaram imóveis e de costas uma para a outra, mas, agora, a aparência delas era completamente diferente da que Buck se lembrava quando as vira pela primeira vez. A imprensa em geral havia convergido para aquela área em razão de Eli e Moisés terem aparecido na tela da TV durante a reunião no estádio Teddy Kollek e seus nomes terem sido mencionados por Leon Fortunato e Nicolae Carpathia.

Lâmpadas gigantescas iluminavam a área, focalizando diretamente as duas testemunhas. Mas o clarão das luzes não lhes ofuscava os olhos, e só servia para acentuar suas feições estranhas: rostos magros e de traços firmes, olhos escuros e sobrancelhas espessas.

Ninguém jamais os viu chegando ou saindo dali; ninguém sabia de onde vieram. Desde o início, sempre pareceram criaturas muito estranhas, trajando roupas de aniagem e andando descalços. Tinham o corpo musculoso e ossudo, pele rija de tonalidade escura, cabelos desgrenhados e barbas compridas. Algumas pessoas diziam que eles eram Moisés e Elias reencarnados, mas, se Buck tivesse de adivinhar, diria que eram os próprios personagens do Antigo Testamento. Pareciam ter vivido séculos atrás, e cheiravam a poeira e fumaça.

Tinham olhos avermelhados, e suas vozes eram tão fortes que podiam ser ouvidas a mais de um quilômetro e meio sem amplificadores.

Um israelense fez uma pergunta em hebraico, e o guarda da CG a traduziu para diversas línguas.

- Ele quer saber se não será castigado se matar estes homens agora, no lugar em que estão.

À medida que o guarda traduzia a pergunta, ouviam-se aplausos do grupo que compreendia aquele idioma. Finalmente, o guarda respondeu à pergunta.

- Se alguém quiser matá-los esta noite, só será punido se houver alguma testemunha ocular que o incrimine. Não estou vendo nenhuma testemunha ocular aqui.

O povo riu e concordou. Os outros guardas também. Buck teve um sobressalto. A CG acabara de dar permissão para qualquer pessoa matar as testemunhas sem sofrer represálias! Buck sentiu vontade de alertar a pessoa que tentasse cometer tal tolice que ele vira pessoalmente o que aconteceu a um dos pretensos assassinos, mas Eli se antecipou.

Mal movimentando os lábios, mas falando tão alto que parecia estar gritando a plenos pulmões, Eli dirigiu-se ao povo:

- Aproximai-vos e não questioneis esta advertência do Senhor dos Exércitos. Aquele que se atrever a afrontar

os servos escolhidos do Deus Altíssimo, sim, os baluartes daquele que se assenta acima dos céus, certamente morrerá!

A multidão e os guardas recuaram diante da potência da voz de Eli. Porém, em seguida, avançaram alguns passos novamente, com risos de zombaria. Eli voltou a falar.

- Não tenteis os escolhidos de Deus, porque estais afrontando as vozes que clamam no deserto e permitindo que vossa carcaça se queime diante dos olhos dos outros chacais. O próprio Deus consumirá vossa carne, e ela se desprenderá de vossos ossos antes que exaleis o último suspiro!

Um homem com ar desvairado e gargalhando empunhava um rifle de alta potência. Buck prendeu a respiração ao ver o homem erguer a arma acima da multidão, que gritava para adverti-lo. A arma tinha uma marca na coronha que a identificava como um rifle de precisão e de longo alcance. Por que, perguntou Buck a si mesmo, um homem portando uma arma de tal precisão se arriscaria a aproximar-se das testemunhas, que já haviam comprovado seu poder de destruição?

O guarda da CG posicionou-se entre o homem e a cerca de ferro, por trás da qual estavam as testemunhas, e falou com o homem em hebraico, mas ele não compreendeu.

- Inglês! - gritou o homem, que não parecia ser norte-americano. Buck não identificou seu sotaque.

- Se o senhor atirar neles - o guarda começou a dizer em inglês - a serviço da Comunidade Global, terá de assumir total responsabilidade pelas conseqüências.

- Você disse que não havia testemunhas oculares!

- Senhor, o mundo inteiro está nos assistindo pela televisão e pela Internet.

- Então eu serei um herói! Saia da frente!

O guarda não se moveu até o homem apontar-lhe a arma. Em seguida, ele desapareceu na escuridão, deixando o homem sozinho, de frente para a cerca. Não havia ninguém ali. As testemunhas haviam desaparecido.

- Vocês não vão ameaçar queimar meu corpo? - esbravejou o homem. - Venham

enfrentar esta arma, seus covardes!

O guarda da CG voltou a falar ao megafone, gritando em tom de urgência:

- Vamos dar uma busca na área atrás da cerca! Se os dois não estiverem lá, é prova de que descumpriram a ordem direta do potentado e poderão ser mortos por qualquer pessoa, sem que ela seja acusada de ter cometido um crime!

OITO

Nas primeiras horas da madrugada de quinta-feira, o clima ainda era festivo no Monte do Templo. Centenas de pessoas rondavam a área, falando sobre a ousadia dos dois anciãos que desafiaram Carpathia e agora podiam ser mortos por alguma pessoa de qualquer lugar do mundo. Não haveria punições, e, em questão de minutos, eles certamente seriam mortos. Buck, contudo, conhecia o assunto mais a fundo. Ele recebera ensinamentos de Bruce Barnes e, depois, de Tsion Ben-Judá, e sabia o que as testemunhas queriam dizer com "tempo determinado". A Bíblia diz que as testemunhas receberiam poder de Deus para profetizar por 1.260 dias, vestidas de pano de saco. Tanto Bruce como Tsion afirmavam que aqueles dias foram contados a partir da assinatura de um tratado entre o anticristo e Israel por sete anos de paz - que coincidiam com os sete anos de tribulação. Aquele tratado havia sido assinado pouco menos de dois anos antes, e 1.260 dias divididos por 365 eram iguais a três anos e meio. Buck calculava que o tempo determinado seria dali a pouco mais de um ano.

De repente, do ponto mais alto da encosta de uma elevação chamada Monte das Oliveiras ouviram-se os gritos das testemunhas, pregando em uníssono. O povo começou a correr naquela direção, falando em morte e assassinato. Apesar da confusão, do vozerio e dos guardas destravando suas armas enquanto corriam, as testemunhas falavam tão alto que suas palavras eram ouvidas perfeitamente.

- Ouvi o que temos a dizer, servos do Senhor Deus Todo- Poderoso, criador do céu e da terra! Prestai atenção! Somos as duas oliveiras, os dois castiçais diante do Deus da terra. Se algum homem nos ferir, será lançado fogo de nossa boca e destruiremos nossos inimigos. Se algum homem tentar nos ferir, será morto da mesma maneira que nos tentou ferir! Ouvi e acautelai-vos!

- Recebemos o poder de fechar o céu, que não haja chuva nos dias de nossa profecia. Sim, temos poder sobre as águas para transformá-las em sangue e para flagelar a terra com todos os tipos de pragas, sempre que assim o desejarmos.

- E qual é a nossa profecia, ó geração de serpentes e víboras que transformou a terra santa, onde o Messias morreu e ressuscitou, em uma terra semelhante ao Egito e Sodoma? Que Jesus de Belém, filho da virgem Maria, estava com Deus desde o início, que Ele era Deus, e que Ele é Deus. Sim, Ele cumpriu todas as profecias sobre a vinda do Messias, e reinará agora e para sempre, até o final dos séculos, amém!

Os gritos irados dos israelenses e turistas encheram o ar. Buck seguia atrás do grupo, ouvindo as batidas do próprio coração. Não havia holofotes incidindo sobre as testemunhas e nenhuma luz vinda do céu, e, mesmo assim, elas brilhavam como o dia na escuridão entre os ramos das oliveiras. A visão era terrível e assustadora, e Buck desejava ajoelhar-se e adorar o Deus que era fiel à sua palavra.

Quando o grupo chegou à base da encosta e começou a andar sobre a grama úmida pelo orvalho, Buck o alcançou.

- Temos o poder de fazer chover - gritaram as testemunhas.

De repente, uma chuva gelada vinda do céu desabou sobre o povo, encharcando todos, inclusive Buck. Fazia 24 meses que o local não recebia uma gota de chuva. As pessoas esticavam o pescoço, olhavam para o céu e abriam a boca. A chuva, porém, cessou imediatamente, como se Eli e Moisés tivessem aberto e fechado uma torneira com um só movimento.

- E temos o poder de fechar o céu durante os dias de nossa profecia!

O povo estava atônito, reclamando e murmurando novas ameaças. Quando as pessoas começaram a caminhar na direção dos dois homens iluminados na encosta do monte e

chegaram a menos de 100 metros de distância, as palavras dos profetas as impediram de prosseguir.

- Permanecei onde estais e ouvi, ó geração perversa de Israel! Vós, que blasfemastes o nome do Senhor Deus, vosso Criador, sacrificando animais no templo que vós mesmos construístes para sua honra e glória! Não sabeis que Jesus, o Messias, foi o Cordeiro que foi sacrificado para levar os pecados do mundo? Vossos sacrifícios oferecendo sangue de animais exalam mau cheiro diante das narinas do vosso Deus! Arrependei-vos de vossos atos ilícitos, ó pecadores! Olhai para os vossos corpos corroídos pelo pecado! Não avanceis contra os escolhidos cujo tempo ainda não foi cumprido!

De repente, Buck viu, horrorizado, dois guardas da CG passarem correndo por ele e pelo povo, com as armas engatilhadas. Durante a corrida, eles escorregaram na encosta do monte, sujando seus uniformes de lama e grama.

Em seguida, começaram a subir o monte rastejando-se, iluminados pela luz irradiada das testemunhas.

- Ai daqueles que fecharem os ouvidos às admoestações dos escolhidos! - gritaram as testemunhas. - Fugi para vossas grutas, se desejais salvar vossas vidas! Vossa missão está condenada ao fracasso! Vossos corpos serão consumidos! Vossas almas não alcançarão perdão!

Os guardas, porém, prosseguiram. Buck semicerrou os olhos, aguardando o desfecho. O povo repetia palavras de ordem e ameaçava as testemunhas com braços erguidos e mãos fechadas, incentivando os guardas a abrirem fogo. Sons ensurdecedores de tiros ecoaram enquanto as armas disparavam rajadas de balas, produzindo um efeito amarelo e alaranjado.

As testemunhas, em pé lado a lado, olhavam impassíveis para seus agressores, que se arrastavam a uns 30 metros abaixo. O povo silenciou, e os tiros cessaram. Todos olhavam admirados e sem entender por que os guardas, posicionados a uma distância tão curta, não conseguiram acertar o alvo. Eles rolaram de lado, descartando os projéteis disparados e substituindo-os por outros. O povo ouvia o ruído das armas sendo engatilhadas. Os guardas abriram fogo novamente, provocando violentas explosões.

As testemunhas não haviam saído do lugar. Os olhos de Buck estavam grudados nelas, e ele viu quando suas bocas expeliram um jato de luz tão branca que chegou a ofuscar-lhe a visão. As testemunhas pareciam ter bafejado um vapor fosforescente na direção dos guardas. Antes que os agressores tivessem tempo de reagir, já estavam carbonizados. As armas continuavam apoiadas nos ossos de seus braços e mãos à medida que a carne de seus corpos se derretia. Os esqueletos das caixas torácicas e dos quadris formaram figuras grotescas sobre a grama.

Em questão de segundos, a luz branca derreteu as armas até o ponto de começarem a pingar. Os ossos dos guardas transformaram-se em cinzas. O povo fugiu em pânico, gritando, praguejando e quase derrubando Buck ao passar correndo por ele. Suas emoções entraram em conflito, como sempre, quando ele presenciava a morte de seres humanos. As testemunhas haviam declarado que, quando os agressores morressem, suas almas estariam perdidas para sempre. Eles não levaram essa advertência a sério.

Horrorizado diante da morte e do castigo eterno imposto aos guardas, Buck sentiu os joelhos trementes. Ele não conseguia despregar os olhos das testemunhas. O brilho da substância mortífera ainda fazia seus olhos arderem, e a luz irradiada por eles havia desaparecido. Parado na escuridão e com os olhos piscando diante dos vestígios que restaram, Buck percebeu que as testemunhas estavam descendo lentamente do monte. Por que, ele se perguntava, os dois se dirigiam a pé para o local que desejavam? Por que não se deslocavam de modo invisível como haviam feito na noite anterior quando surgiram no estádio e, depois, quando sumiram do Monte do Templo e apareceram no Monte das Oliveiras? Buck não conseguia entender, e prendeu a respiração quando as testemunhas passaram perto dele.

Buck as conhecia. Havia conversado com elas. Eli e Moisés pareciam saber quem fazia parte do povo de Deus. Será que ele deveria dizer alguma coisa? E o que alguém poderia dizer naquele momento? *Que bom vê-los novamente? O que houve? Que belo trabalho com os guardas?*

Em ocasiões anteriores, quando Buck esteve perto das testemunhas, havia uma cerca de ferro separando-o dos dois. Evidentemente, não existia nada que pudesse proteger uma pessoa das testemunhas, que tinham recebido o fogo do poder de Deus. Buck ajoelhou-se quando elas passaram a uns

três metros dele. Quando ele ergueu os olhos, ouviu os dois falando em voz baixa.

Moisés dizia:

- Jurou o Senhor dos Exércitos, dizendo: Como pensei, assim sucederá e como determinei, assim se efetuará.

Ao ouvir as palavras de Deus, Buck encostou o rosto na grama e chorou. Os pensamentos de Deus se sucederiam, e tudo se realizaria conforme determinado por Ele. Ninguém poderia agir contra os ungidos de Deus antes do tempo determinado. As testemunhas continuariam seu ministério durante o grande e terrível dia do Senhor, e nenhum pronunciamento, sentença ou ordem de prisão seria capaz de interferir no propósito de Deus.

Se ao menos Chaim pudesse ter visto o que aconteceu hoje, pensou Buck, dirigindo-se ao estacionamento no Monte do Templo.

Ao chegar à propriedade de Chaim, Buck foi recebido por Jonas, o segurança, que também abriu a porta da casa para ele, uma vez que não havia ninguém acordado. Sentindo-se aliviado ao ver que Chloe ainda dormia, Buck dirigiu-se ao terraço do quarto e aguardou até que seus olhos se acostumassem à escuridão.

O quarto ficava do lado da casa principal, de onde ele podia avistar a entrada de carros. Buck sabia que Jonas fazia uma ronda pela propriedade a cada meia hora. Enquanto aguardava a nova ronda do segurança, ele fez uma sondagem do local, pensando na fuga que empreenderiam.

Na parte superior de um dos lados, havia um cano de esgoto de metal, antigo mas ainda intacto e resistente. Do outro lado, havia um fio preso na parede com pregos. Ele imaginou que se tratava de um fio de telefone ou televisão. De qualquer forma, não suportaria seu peso. O cano de esgoto, porém, tinha encaixes salientes espaçados que permitiriam subir por ele, desde que a pessoa fosse corajosa.

Buck nunca se enquadrara nessa categoria, mas não queria perguntar sobre a planta da casa a Rosenzweig para não levantar suspeitas, e ele estava certo de que não existia um alçapão com acesso ao telhado. Ele precisava saber se haveria possibilidade de um helicóptero pousar ali, e este seria o único jeito de descobrir.

Buck esfregou as mãos até senti-las suficientemente secas. Esticou os cordões dos sapatos de lona e amarrou as barras da calça com eles. Em seguida, subiu no parapeito do terraço, deu um impulso com o corpo e começou a subir pelo cano de esgoto. Quando estava a cerca de três metros acima do terraço e passando por uma vidraça colorida no terceiro pavimento, Buck cometeu o erro de olhar para baixo. Ainda faltavam três metros para chegar ao telhado, mas, se ele caísse do local em que estava, o parapeito do terraço partiria seu corpo em dois.

Até ali, tudo tinha dado certo, mas uma onda de pânico começou a rondar sua mente. Não havia margem para erros. Um escorregão, uma parte menos resistente do cano, um susto que o levasse a se desequilibrar seriam fatais. Ele despencaria, e a única chance de sobreviver seria a de cair o mais perto possível do centro do terraço para não bater com o corpo no parapeito. Se batesse com a cabeça no solo, morreria. Se batesse com a cabeça no piso do terraço, teria poucas chances.

O que fazer, então? Prosseguir e terminar a missão, ou descer rapidamente? Ele calculou que teria condições de subir mais três metros, portanto resolveu prosseguir. Quando estava a cerca de um metro do telhado, ele se desequilibrou um pouco, mas sabia

também que bastava não cometer nenhum erro. Não podia tremer, sentir pavor, entrar em

pânico ou olhar para baixo. Quando ele passou a perna esquerda por cima da laje do telhado, começou a imaginar sua figura - uma mosca humana, pendurada por conta própria na beira do telhado de uma casa de três pavimentos.

Eu sou um idiota, ele pensou, sentindo-se ao mesmo tempo muito mais seguro por estar pisando em um telhado resistente. A noite estava clara, estrelada, fresca e calma. Do telhado, ele avistou caixas de diversos tipos, ventiladores, exaustores, conduítes e aberturas de ventilação. Rayford, ou qualquer outro piloto, precisaria de uma área razoavelmente grande e livre na qual um helicóptero pudesse pousar.

Buck atravessou o telhado na ponta dos pés, sabendo que os ruídos de passos vindos de cima geralmente são ampliados quando ouvidos embaixo. Para sua surpresa, ele avistou o que mais desejava - um antigo heliporto. As marcas no chão estavam desbotadas, mas aquela propriedade, antes de ser doada a um herói nacional, possuía uma área de pouso para helicópteros. Ele supôs que Rosenzweig soubesse disso e poderia ter-lhe poupado essa aventura.

Buck também deduziu que, se o heliporto tivesse sido usado, deveria haver uma porta de acesso para a casa. Após examinar cuidadosamente a área, ele descobriu uma porta pesada de metal torta e enferrujada, mas que não estava trancada. Ele deveria tomar muito cuidado ao abri-la para que o som do rangido do metal não fosse ouvido de dentro da casa.

Buck lutou para abrir a porta durante alguns minutos, conseguindo fazê-la se mexer um pouco por vez. Quando sentiu que já havia condições de dar um empurrão mais forte, ele encostou o ombro na porta e segurou-a com as pontas dos dedos para que ela não abrisse demais. Com um grunhido e um tranco, ele conseguiu que a porta se abrisse cerca de 20 centímetros, provocando um pouco de barulho, mas não exagerado. Talvez ninguém tivesse ouvido. Se os guardas aparecessem ou alguém despertasse, bem, ele se identificaria rapidamente e daria uma explicação por estar ali.

Buck tentou passar pela porta, mas a abertura era insuficiente. Seria necessário forçá-la um pouco mais. Quando ele finalmente conseguiu passar, descobriu que estava no topo de uma escada de madeira, empoeirada, embolorada e com teias de aranha. Ao pisar no patamar da escada, percebeu que ela também rangia. Sem muitas esperanças, ele passou a mão na parede à procura de um interruptor de luz, mas não teve sucesso. Enquanto tentava descer o primeiro degrau, sentiu alguma coisa roçar sua testa, e quase caiu da escada, mas conseguiu amparar-se nas velhas estruturas de madeira. Ele precisava manter o equilíbrio, tendo a parte traseira da perna encostada nos degraus.

Tateando no escuro, Buck encontrou uma lâmpada pendurada que possuía um interruptor em formato de rosca. Será que ainda funcionava? Seria sorte demais. Ele rosqueou o interruptor, e a lâmpada acendeu. Ao fechar os olhos por causa da claridade, ouviu um estalo dos filamentos se rompendo. Que mais alguém poderia esperar de uma lâmpada que não era acesa havia anos?

Quando ele abriu os olhos, ainda enxergava os resíduos amarelados do rápido clarão da luz. Piscando, ele tentava reproduzir a cena que seus olhos haviam captado. Manteve os olhos fechados até lembrar-se de uma imagem rudimentar de mais três degraus abaixo até uma porta grande.

Buck não sabia o que fazer, mas confiava no que seus olhos viram naquela fração de segundo. Começou a descer a escada e constatou que estava certo. Ao chegar ao chão, ele apalpou a parede até encontrar uma porta. Esta era de madeira -

grande, pesada e resistente. Encontrou a maçaneta, que girou com facilidade. Mas a porta não se movimentava. Estava trancada. Seus dedos tatearam até encontrar a fechadura acima da maçaneta. Não havia possibilidade de abrir a porta sem chave. Ele teria de voltar para seu quarto pelo mesmo caminho em que viera.

No entanto, Buck sentiu-se animado ao começar o caminho de volta. De um modo ou outro, ele descobriria aquela porta quando estivesse dentro da casa e abordaria o assunto da chave com Chaim.

Quando ele chegou ao cano de esgoto, foi forçado a olhar para baixo antes de começar a descer. Aquilo tinha sido um erro. Agora ele teria de pensar muito bem no que deveria fazer. Quanto tempo havia decorrido desde que saiu do quarto? Resolveu esperar até a próxima ronda do guarda. Logo ele percebeu que devia ter perdido apenas uma ronda, porque, quase meia hora depois, Jonas passou por ali e desapareceu novamente.

Buck agarrou-se no cano com as duas mãos, apoiou um dos pés no primeiro encaixe e começou a escorregar. Já estava quase chegando ao parapeito do terraço de seu quarto quando percebeu um movimento. Se tivesse de adivinhar, diria que viu um movimento na cortina.

Chloe estaria acordada? Será que ela o ouvira? Conseguiria enxergá-lo? Ele não queria assustá-la. E se fosse alguém da CG que tivesse se infiltrado no local? Poderia ser um dos seguranças de Chaim. Haveria tempo de identificar-se?

Buck sentiu-se um idiota, pendurado no cano com os pés agarrados no encaixe. Ele deveria ter pulado e entrado no quarto. Mas tinha de ter a certeza de que não havia ninguém perto da janela. Soltou uma das mãos e curvou-se para baixo, o mais que pôde. Nada.

Afastou os joelhos um do outro e abaixou a cabeça

para tentar enxergar a parte superior da janela. As cortinas estavam abertas? Ele imaginava tê-las deixado fechadas. Enquanto tentava espiar um pouco mais além, seus pés escorregaram do encaixe, e ele teve de sustentar o peso do corpo apenas com as mãos. Tomara que ninguém estivesse olhando através da janela, porque nenhuma pessoa que ele conhecia - com certeza nem ele próprio - poderia ficar naquela posição por muito tempo.

Quando os dedos de Buck se soltaram, ele despencou em linha reta, e seu nariz passou a alguns centímetros da porta de vidro. Quando seus pés tocaram o piso do terraço, ele deu de frente com um par de olhos arregalados e um rosto branco como lençol.

Além do susto que foi muito grande, o peso do corpo fez com que os joelhos de Buck se dobrassem durante a queda. Ele passou tão rente à porta que seus joelhos bateram com força nela, atirando-o por cima do parapeito do terraço. Ele se agarrou em uma barra de ferro para reduzir o impacto do baque, lutando desesperadamente para não bater com a cabeça no chão.

Com um gemido alto, Buck deu um rodopio no ar. Segurou-se no parapeito com as duas mãos, de cabeça para baixo, a parte posterior do crânio encostada na barra de ferro e os pés balançando perto do rosto. Não havia outra coisa a fazer, e ele sabia que sua vida dependia da força de suas mãos.

Nesse ínterim, evidentemente, Chloe estava gritando.

Buck forçou os pés para trás e para cima até conseguir equilibrar-se, sentindo uma dor aguda nas nádegas e costas. Com grande esforço, deu um impulso e forçou o tronco até que o peso de suas pernas o levou de volta ao terraço.

- Sou eu, neném - disse ele ao ver Chloe com os olhos arregalados diante da janela.

Ela abriu a porta, e ele entrou passando as mãos nas costas.

- Que loucura foi esta? - ela perguntou várias vezes. - Quase dei à luz de susto.

Enquanto trocava de roupa, Buck tentou explicar, mas fazia muito tempo que não sentia tanto sono. Alguém deu uma batida rápida na porta e perguntou:

- Está tudo bem aí, senhora? Ouvimos um grito.

- Sim, está tudo bem, obrigada - ela conseguiu dizer, sufocando o riso.

O guarda foi embora resmungando:

- Recém-casados!

Buck e Chloe riram tanto que chegaram a derramar lágrimas.

- De qualquer forma - disse Buck, ajeitando-se na cama sobre suas costas doloridas -,

encontrei um heliporto e...

- Eu já sabia desse heliporto - disse Chloe. - Perguntei a Chaim quando voltou para casa.
- Você perguntou?
- Perguntei.
- Mas eu não quero que ele saiba que estamos planejando...
- Eu sei, superdetetive. Pedi a ele que me contasse a história deste local para tentar descobrir alguma coisa. Aqui foi uma embaixada. Daí a razão do...
- Heliporto.
- Correto. Ele chegou a me mostrar a porta de acesso até lá. Há uma chave pendurada em um prego no batente. Aposto que você seria capaz de abrir a porta com ela.
- Sou um quadrúpede - ele disse.
- Você é o *meu* quadrúpede. Quase me matou de susto. Se eu tivesse uma arma, teria atirado em você. Tive vontade de sair correndo daqui e dar um empurrão na pessoa que estava pendurada lá.
- E o que a impediu?
- Alguma coisa me disse que aquele sujeito pendurado lá, com o traseiro para cima, tinha de ser você.
- Que maldade! Você não quer saber onde estive?
- Imaginei que você tivesse ido ao Muro; foi por isso que não liguei.
- Você me conhece muito bem.
- Eu sabia que você haveria de querer ver o que eles fizeram após a ameaça de Carpathia. Havia muita gente lá?

Rayford teve dificuldade para dormir, um fato raro para ele. Olhava no relógio constantemente, imaginando que horas seriam em Israel e tentando decidir quando deveria ligar para Buck ou Chloe. Talvez eles dissessem que tinham a situação sob controle e que não estavam vendo tanto perigo como ele. Rayford, porém, trabalhara mais próximo de Carpathia que Buck. Conhecia o homem muito bem. Além do mais, queria falar com Tsion. Embora o rabino se sentisse protegido por Deus, talvez alguns deles não tivessem tomado o devido cuidado. A Bíblia dizia claramente que, durante um certo tempo, os selados de Deus não sofreriam nenhum dano causado pelos julgamentos. Mas não havia evidências de que a proteção aos 144.000 judeus convertidos se estenderia também a gentios como Rayford e sua família, que haviam se tornado santos da tribulação.

Embora as 144.000 testemunhas - das quais Tsion fazia parte - fossem protegidas contra os julgamentos, não havia evidências de que não poderiam morrer de outras causas nesse espaço de tempo.

O desespero de Rayford aumentava cada vez mais para tirá-los de Israel, mas, quando o dia começou a amanhecer em Chicago, ele finalmente adormeceu.

Ao despertar no final da manhã, ele sabia que seu pessoal estaria a caminho da reunião noturna na Terra Santa, a qual ele veria novamente pela Internet.

Mais uma vez, Buck dormira até tarde. Chloe não interrompeu seu sono.

- Seu horário não está combinando com o meu - ela disse. - Se você continuar a bancar o homem-aranha, vai precisar de descanso. Agora, falando sério, Buck, não quero que você se prejudique. Sua vida está sendo muito agitada há meses, e alguém precisa cuidar de você.

- Estou tentando cuidar de *você* - ele disse.

- Ah, sim, então pare de perambular pela sacada de meu quarto no meio da noite.

Chaim havia combinado com Fortunato que Jacov não seria punido por causa do incidente na noite anterior, desde que Chaim o impedisse de ser o motorista de Tsion. Jacov, porém, protestou com tal veemência diante dessa perspectiva que o Dr. Rosenzweig resolveu encontrar uma saída para tal acordo. Buck dirigiu o carro. Jacov os acompanhou, levando um convidado: Stefan.

Desta vez, a escolta da CG os acompanhou até o estádio pelo caminho mais curto que Jacov descobrira. Quando chegaram, Jacov desceu da *van* com o rosto estampando tanta alegria e entusiasmo que Buck não pôde deixar de sorrir.

Chloe concordara em permanecer na casa de Chaim, o que causou uma certa preocupação a Buck. Ele esperava que Chloe oferecesse mais resistência pelo fato de não poder acompanhá-los, e agora perguntava a si mesmo se ela não estaria sofrendo mais do que deixava transparecer.

Evidentemente, Chloe devia estar abalada por ter precisado fugir da CG na noite anterior, e Buck esperava que sua esposa entendesse que incidentes como aquele não faziam bem nem a ela nem ao bebê.

Todos os noticiários do dia relataram que os dois pregadores do Muro das Lamentações haviam desobedecido às ordens diretas do potentado. As notícias davam conta de que, quando a polícia da Comunidade Global tentou prendê-los para serem levados a julgamento, eles mataram dois guardas. Testemunhas oculares no Monte das Oliveiras disseram que os dois tinham lança-chamas escondidos debaixo das roupas, que foram acionados quando os guardas se aproximaram. As armas não foram recuperadas, embora os dois pregadores tivessem sido vistos em seus lugares costumeiros, perto do Muro das Lamentações, desde a madrugada até aquela hora.

Imagens ao vivo transmitidas dali mostravam uma grande multidão zombando deles e insultando-os, mas sempre mantendo uma certa distância.

Buck perguntou a Tsion:

- Por que Nicolae não atira uma bomba neles ou os ataca com mísseis ou algo parecido? O que aconteceria, uma vez que ainda falta um ano para o tempo determinado?

- Até mesmo Nicolae conhece a natureza sagrada do Monte do Templo - disse Tsion no momento em que descia da

van e entrava apressado no estádio para fugir do assédio da multidão. - Eu adoraria dar atenção a todos - ele disse -, mas receio que possa ocorrer um tumulto. - Depois de encontrar um lugar para sentar-se, ele prosseguiu. - De qualquer forma, Carpathia não aprovaria nenhuma violência lá, pelo menos que evidenciasse ter partido dele. Sua ameaça de matar as testemunhas se elas permanecerem lá após o término da reunião desta noite não passa de uma artimanha.

Francoamente, estou satisfeito por ele ter feito essa ameaça em público. Espero que os dois ridicularizem a autoridade dele e não saiam de lá.

Jacov e Stefan pareciam muito diferentes do que quando foram vistos de madrugada. Aparentemente, Rosenzweig tinha razão quando disse que Stefan era mais resistente à bebida. Ele não demonstrava sinais de ressaca e provou ser uma pessoa agradável. Enquanto procuravam lugares onde sentar, Jacov pediu a Buck:

- Ore por minha mulher, que estará vendo a reunião pela TV em casa. Ela se preocupa comigo e acha que perdi a cabeça. Eu disse a ela que não perdi a cabeça. Eu a encontrei!

Os guardas da CG lançavam olhares ameaçadores aos que cuidavam da programação do evento, como se estivessem expressando silenciosamente que estavam ali apenas para cumprir ordens e que, se pudessem, destruiriam todos aqueles que faziam oposição ao potentado.

Ninguém esperava explosões de fogos de artifício naquela noite. Certamente, Nicolae e seu pessoal sabiam muito bem que não deveriam aparecer novamente ali. No entanto, em razão das controvérsias que os acontecimentos da noite anterior haviam provocado, a multidão era ainda maior. Além dos convertidos, havia um grande número de céticos curiosos.

Novamente, a reunião começou com uma simples saudação, um hino entoado com devoção e a apresentação de Tsion Ben-Judá, que foi saudado com acenos, gritos e aplausos. Ele limitou-se a sorrir e levantar as mãos, pedindo silêncio. Buck sentou-se outra vez na ala lateral do estádio, observando e ouvindo com admiração aquele homem que se tomara um pai espiritual para ele. O rabino, que aceitara Jesus por meio de

estudos das profecias do Antigo Testamento, agora conduzia um rebanho de milhões de ovelhas pela Internet. Ali estava ele, um homem de baixa estatura, sincero, que carregava uma Bíblia e uma pilha de anotações cuidadosamente elaboradas. E ele tinha a multidão na palma da mão.

- Entendo que os senhores aprenderam muitas coisas hoje - ele começou a dizer. - E esta noite aprenderão ainda mais. Tenho advertido os senhores sobre os vários julgamentos, desde os sete selos e as sete trombetas até as sete taças que precederão o glorioso aparecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

- Meus estudos indicam que o período de sete anos de tribulação se iniciou a partir da assinatura de um pacto profano entre o sistema mundial único e a nação de Israel. Após os julgamentos que foram impostos ao mundo desde então, calculo que estamos aguardando uma situação difícilíssima. Já sofremos todos os sete Julgamentos Selados e os três primeiros dos sete Julgamentos das Trombetas. O intermediário, ou o quarto Julgamento das Trombetas, é o próximo, de acordo com o tempo determinado por Deus.

- Para provar ao povo do mundo inteiro e aos que ainda duvidam do que estamos falando, vou contar aos senhores o que nos espera. Quando chegar o momento certo, ninguém poderá negar que não foi avisado e saberá que este aviso está registrado na Bíblia há muitos séculos. Deus não deseja que nenhuma alma pereça, mas que todos se arrependam. É por esta razão que estamos atravessando este período inteiro de sofrimentos e provações. Embora Deus tenha aguardado tanto tempo - porque sua misericórdia é infinita - para arrebatá-la Igreja, Ele ainda enviou um julgamento após o outro sobre este mundo incrédulo. Por quê? Por que ele está irado conosco? Não deveria estar irado?

- Não! Não! Mil vezes não! Em seu amor e misericórdia, Ele tem feito tudo para chamar nossa atenção. Todos nós, que permanecemos na terra até hoje, fomos desobedientes e não atendemos ao seu carinhoso chamado. Agora, usando todas as flechas de sua aljava, Ele se faz mais claro do que nunca, após cada julgamento. Será que alguém ainda duvida de que tudo isto é obra de Deus?

- Arrependam-se! Voltem-se para Ele. Aceitem seu convite antes que seja tarde demais. O lado triste dos julgamentos, que finalmente conseguirão chamar a atenção de algumas pessoas, é que milhares também morrerão em consequência deles. Não se arrisquem a se enquadrar nesta categoria. A probabilidade é que três quartos da população do mundo que foi deixada para trás por ocasião do Arrebatamento morrerão - tanto as almas perdidas como as redimidas - no final da Tribulação.

- Esta noite, desejo falar aos senhores sobre o quarto Julgamento das Trombetas, na esperança de que não seja necessária mais uma catástrofe para convencê-los. Os senhores poderão morrer em consequência dele.

NOVE

Logo após o meio-dia de quinta-feira em Chicago, Rayford e Ken reuniram-se ao Dr. Charles e Hattie para assistir ao Encontro das Testemunhas. Os pilotos já haviam discutido seus planos de vôo e elaborado o roteiro para o Oriente Médio. Se Tsion já tivesse recebido o recado, ele divulgaria um evento oficial ou cerimonioso para sábado, que serviria de sinal para Rayford e Ken partirem rumo a Israel. Eles planejavam chegar por volta da meia-noite de sexta-feira e pegar o pessoal logo em seguida.

Enquanto os quatro assistiam à TV, Rayford teve a atenção despertada ao ouvir Tsion dizer:

- Planejo fazer um resumo deste evento durante uma pequena reunião de agradecimento à delegação local no sábado, ao meio-dia, perto do Monte do Templo.

- Deu certo! - exclamou Rayford, dirigindo-se a Ken. - Preciso que você me dê algumas aulas hoje à tarde no *Gulfstream* para que possamos nos revezar no comando.

- Espero que você esteja se lembrando de que precisamos de um helicóptero. Já conseguiu um?

- Esta parte vai ser fácil. Ei, rapaz, vamos voltar à batalha!

Hattie lançou um olhar demorado a Rayford.

- Você está gostando desta história?

- É engraçado *você* fazer esta pergunta - ele respondeu -, depois de me contar como se sente a respeito de Carpathia.

- Se eu for atrás dele, sei que vou morrer. Você age como se fosse sair vencedor.

- Nós já vencemos - disse Ritz. - Só que fingimos não saber. A Bíblia já contou a história, e, conforme Tsion diz, "Nós vencemos".

Hattie balançou a cabeça, virou-se de lado e deu as costas para eles.

- Vocês são muito tagarelas para lidar com um homem como Nicolae.

Ken olhou para Rayford.

- Você já sabe quando devemos partir, já fez os cálculos dos fusos horários? - ele perguntou. - Bem, é claro que sim. Você faz essa rota há muito mais tempo que eu.

Buck achava difícil acreditar em tudo o que acontecera nas 24 horas desde a última vez que Tsion falou à multidão. Ele sentia falta da presença de Chloe a seu lado, porém havia muito tempo que não desfrutava tanta paz.

- A terra sofre por causa dos efeitos de nossa condição pecaminosa - Tsion começou a falar. - Todos nós perdemos pessoas queridas no Arrebatamento e nos dez julgamentos subseqüentes que vieram dos céus. O grande terremoto causado pela ira do Cordeiro devastou o mundo todo, com exceção deste país. Os três primeiros Julgamentos das Trombetas queimaram a terça parte das árvores e da vegetação da terra, destruíram a terça parte dos seres marinhos, afundaram a terça parte das embarcações do mundo e envenenaram a terça parte da água da terra - tudo conforme profetizado na Bíblia.

- Conhecemos a seqüência desses eventos, mas não sabemos qual é o tempo de Deus. Ele pode nos impingir vários julgamentos em um único dia. Só tenho certeza do que virá a seguir. Conforme os senhores podem ver, os julgamentos estão sendo cada vez mais severos. O quarto Julgamento das Trombetas mudará a aparência do céu e a temperatura do mundo inteiro.

- Apocalipse 8.12 diz: "O quarto anjo tocou a trombeta, e foi ferida a terça parte do sol, da lua e das estrelas, para que a terça parte deles escurecesse e, na sua terça parte, não brilhasse, assim o dia como também a noite."

- Não importa se essa terça parte se refira a uma só estrela ou a todas as estrelas, o efeito será o mesmo. Quer seja dia quer seja noite, o céu ficará um terço mais escuro do que sempre foi. Além disso, esta passagem bíblica me fez entender que uma terça parte

a mais do dia será escura. Portanto, o sol brilhará apenas dois terços do tempo que costuma brilhar. E, quando ele *estiver* brilhando, sua luminosidade será dois terços mais fraca.

- A profecia indica que posteriormente outras partes da terra serão queimadas; portanto, é provável que a escuridão e o resfriamento da temperatura sejam temporários. Porém, quando essa profecia ocorrer, viveremos o mais terrível inverno de todos os tempos. Preparem-se, preparem-se, preparem-se! E, quando seus amigos, vizinhos e familiares estiverem deprimidos por causa da escuridão e do desespero, digam-lhes que as profecias estão se cumprindo. Digam-lhes que este é o modo que Deus está usando para chamar-lhes a atenção.

Tsion fez um resumo do que foi ensinado durante o dia em vários locais da cidade e conclamou seus ouvintes:

- Puguem corajosamente até o Glorioso Aparecimento daqui a menos de cinco anos. Creio que a época da grande colheita é agora, antes da segunda metade da Tribulação, à qual a Bíblia dá o nome de Grande Tribulação.

- Chegará o dia em que o sistema maligno que governa o mundo exigirá que os cidadãos tenham uma marca, sem a qual não poderão comprar nem vender. Estejam certos de que a marca da qual estou falando não é a que vocês vêem na testa de seus companheiros de fé!

Tsion prosseguiu apresentando sugestões práticas para armazenar alimentos.

- Devemos confiar em Deus - ele concluiu. - Deus espera que sejamos sábios como serpentes e dóceis como pombas. Essa sabedoria significa que devemos ser práticos o suficiente para nos preparar para o futuro que nos está destinado em sua Palavra.

- Amanhã à noite, terei uma mensagem difícil para transmitir-lhes. Leiam antes Apocalipse 9, para terem uma noção do que vou falar.

Assim que Tsion começou a recolher suas anotações, o celular de Buck vibrou em seu bolso.

- É Mac. Você tem condições de falar comigo agora? Buck dirigiu-se a um local mais tranquilo.

- Pode falar.

- Vocês têm um plano de fuga? Você, sua esposa e Ben-Judá?

- Estamos estudando um.

- Vocês vão precisar. Vou lhe dizer uma coisa, rapaz. Estes homens estão malucos. Carpathia tem passado a metade do dia ruminando planos para acabar com as duas testemunhas. A outra metade, ele passa maquinando como matar Mathews.

- Mathews o incomoda mais do que Tsion?

- Eu não daria um centavo pelo futuro de Peter Mathews. E Carpathia acha que tem todas as informações sobre Tsion.

Não sei o que vocês têm em mente para sábado, mas tomem cuidado. As tropas de Nicolae estão muito entusiasmadas por saberem que poderão pegar Tsion sem sofrer nenhuma punição. Nicolae já desenhou o cenário, dando a entender ao povo que houve uma desavença entre os convertidos ou coisa parecida, e ele sairá como herói desta história.

- Esta ligação é sigilosa, Mac?

- Claro.

- Quando aquela reunião se realizar, estaremos bem longe daqui.

- Ótimo! Vocês precisam de alguma coisa? Eu falo todos os dias com David Hassid.

- Rayford está tentando conseguir um helicóptero para nos levar de Jerusalém até um dos aeroportos.

- Vocês não poderiam sair escondidos e conseguir uma carona?

- São poucas as pessoas em quem podemos confiar, Mac.

- Melhor para vocês. Vou pedir a David que consiga um helicóptero que tenha as

características dos nossos.

- Branco e com o emblema da CG?
- Ninguém vai incomodar vocês num helicóptero destes.
- Até o momento em que ele for abandonado na pista e fugirmos num *Gulfstream*.
- Ritz tem um *Gulf* Estou com inveja dele.
- Venha conosco, Mac.
- Você sabe que eu gostaria. Mas alguém tem de ficar aqui, de orelhas em pé.
- Nós não vamos ter condições de ver a reunião de amanhã à noite pela TV, certo? - perguntou Rayford sobrevoando o aeroporto de Palwaukee enquanto Ken lhe ensinava alguns truques para pilotar o *Gulfstream*.
- Claro que vamos. É só ligar seu *laptop* ao meu sistema de transmissão por satélite. Eu posso forçar uma conexão com a Internet. A imagem não vai ser muito boa, mas pelo menos vamos poder ouvir o som.

Rayford completou a quarta aterrissagem consecutiva sem solavancos, e Ritz o considerou apto para pilotar o *Gulfstream*. Quando eles se sentaram dentro do hangar reconstruído para finalizar a rota, o jovem mecânico aproximou-se.

Capitão Steele - disse Ernie. - Recebi uma ligação enquanto o senhor estava no ar. O senhor desligou seu telefone?

- Ah, sim - respondeu Rayford tornando a ligá-lo. - Eu não queria desviar a atenção do que estava fazendo.

- Ouvi dizer que o senhor possui um celular que toca mesmo quando está desligado.

- É verdade, mas a gente também pode desligar esse dispositivo.

- Que legal! Bem, uma tal de Srta. Hattie Durham quer que o senhor ligue para ela.

Rayford ligou para Hattie no caminho de volta à casa secreta.

- Mesmo que Floyd tivesse dito que você está em condições de correr uma maratona, Hattie, eu não permitiria que você viajasse conosco, pelo menos no meu avião.

- Seu avião! - disse Ritz, rindo, enquanto dirigia o Rover.

- Ou melhor, no avião de Ken.

- O avião também não é meu, irmão! - disse Ken.

- Não sei a quem pertence o avião, Hattie, mas Floyd não liberaria você para viajar de jeito nenhum. Deixe-me falar com ele.

Ele nem sabe que estou ligando para você. Sei o que ele vai dizer. Foi por isso que eu não contei nada a ele. E você também não vai contar, Rayford.

- Hattie, você está agindo como uma criança. Acha que eu permitiria que você nos acompanhasse em uma missão tão perigosa, no estado em que está? Você conhece essas coisas melhor do que eu.

Pensei que você me devesse este favor.

Hattie, a discussão está encerrada. Se você quer uma carona até o Oriente Médio para poder matar Carpathia, vá bater em outra porta.

- Deixe-me falar com Ken.

- Ele também não...

- Quero falar com ele!

Rayford passou o telefone a Ritz, que olhou para ele com ar de espanto e sobrancelhas franzidas.

- Pois não, boneca - ele disse. - Sinto muito, é uma expressão que nós, os antigos pilotos, costumamos usar... Bem, claro, eu não me importaria se alguém me chamasse de boneca... Oh, não, senhorita. Não é possível... Espero que você não me leve a mal, mas a verdade é que, se eu tivesse o costume de cair na conversa de uma moça bonita e teimosa, não teria me divorciado duas vezes, certo?... É melhor você implorar e chorar para outra pessoa, meu bem, porque não quero ter a responsabilidade de fazer uma

viagem de 48 horas para o outro lado do oceano levando uma mulher que acabou de abortar... Sinto muitíssimo. Passei a gostar de você como tantas outras pessoas. Mas não vou tomar parte numa besteira tão grande... Bem, eu entendo. Se pudesse, eu também mataria aquele homem. Mas tenho de fazer um serviço muito perigoso. Vou tentar tirar o pessoal de lá, e não estou preocupado em matar ninguém. Pelo menos nesta viagem. Depois que você sarar, quem sabe vou poder levar você para praticar tiro ao alvo em Nicolae... Não, não estou zombando de você. Você está sendo um pouco tola, não acha? Ritz balançou a cabeça, desligou o telefone e devolveu-o a Rayford.

- Levei umas broncas. Mas você gosta da coragem dela, não? E ela é uma beleza.

Rayford balançou a cabeça.

- Ritz, você está no primeiro lugar da lista dos dez mais odiados pelas feministas. Homem, que caretice!

Quando eles chegaram à casa secreta, Rayford quase entrou em pânico por não ver Hattie deitada na cama.

- Ela está no banheiro? - perguntou Rayford a Floyd.

- Seria melhor se estivesse - disse o médico. - Ela está andando por aí.

- Andando?

- Calma! Ela insistiu que queria caminhar um pouco e não permitiu que eu a ajudasse. Ela está na casa ao lado.

Rayford verificou a outra metade vazia da casa geminada, aquela que estava mais destruída. Hattie, com os braços cruzados, caminhava lentamente sobre o piso irregular de um cômodo sem nenhuma mobília. Ele apenas olhou para ela, sem fazer nenhuma pergunta.

- Eu estou tentando recuperar as forças - ela justificou.

- Não para esta viagem.

- Já me conformei, Rayford. Mas Ken prometeu...

- Ken fala pelos cotovelos, você sabe disso. Agora, faça um favor a si mesma e a todos nós, seguindo as instruções do médico.

- Conheço muito bem o meu organismo. Já está na hora de começar a me movimentar. Ele acha que já devo estar fora de perigo, seja lá qual foi o veneno que me deram. Mas tenha sido o meu bebê que sofreu as maiores conseqüências. Nicolae vai ter de pagar por isso. De repente, Hattie começou a respirar com dificuldade.

- Está vendo? - disse Rayford. - Você exagerou.

Ele a ajudou a retornar para a outra casa, mas Hattie recusou-se a deitar.

- Vou ficar sentada por um pouco de tempo - ela disse. Floyd estava visivelmente zangado.

- Vai ser muito difícil lidar com ela enquanto vocês estiverem fora.

- Viaje conosco - disse Ken. - Ela parece estar em condições de se cuidar sozinha.

- De jeito nenhum. Talvez ela não saiba o quanto está doente, mas eu sei.

- Tomara que a gente não traga mais feridos para você cuidar - disse Ken.

Rayford assentiu com a cabeça.

- Já vi tantos mortos nesta guerra que não quero ver mais nenhum pelo resto da vida.

Mac confirmou a Buck que a conspiração contra as testemunhas e Tsion estava marcada para o meio-dia de sábado, perto do Monte do Templo.

- Eles não acreditam que Tsion saiba o que estão tramando. Eles planejam que o acidente ocorra como se fosse uma bomba atirada por um terrorista, matando todos os que estiverem a uma distância de 60 metros do Muro.

- Tsion acha que Carpathia não promoveria um atentado em um local tão sagrado para os judeus.

- Ninguém teria condições de incriminá-lo. Eles estão tentando jogar a culpa em Mathews. O mais curioso de tudo é que Mathews quer assumir essa culpa. Ele diz que nunca viu inimigos tão ferrenhos da religião quanto as testemunhas e Tsion. Ele está furioso. Vocês vão ter de

estar longe daqui, certo?

- Vamos fugir por volta de uma hora da madrugada.

- Perfeito. A réplica do helicóptero já foi entregue, e, pelo que sei, está tudo em ordem. Seu anfitrião não desconfia de nada?

- Rosenzweig continua afirmando que Carpathia é um bom sujeito que está sendo mal compreendido. Ele vai ficar tão surpreso quanto qualquer outra pessoa quando desaparecermos no meio da noite. Geralmente, ele é o primeiro que vai para a cama, portanto vamos ficar de olho. Não poderemos fazer as malas ou qualquer outra coisa que chame a atenção enquanto não tivermos certeza de que ele já dormiu. Se algum erro ocorrer, ele vai ficar de boca fechada até estarmos bem longe daqui.

Surgiu um pequeno problema nos planos para a noite de sexta-feira. Parecia que todas as pessoas queriam ir ao estádio. As ameaças em público contra as testemunhas e a animosidade entre Carpathia e Ben-Judá serviram para chamar a atenção do povo. O local ficaria lotado. Na noite anterior, Chloe decidira permanecer em casa, mas agora queria estar presente e prometeu tomar cuidado e não exagerar. Disse que permaneceria sentada do começo até o fim da reunião.

O Dr. Rosenzweig permitiu que Jacov voltasse a ser o motorista do grupo por achar que o castigo imposto a ele era ridículo.

- E se a escolta da CG perceber que ele está dirigindo? - perguntou Buck, não desejando criar um tumulto desnecessário.

Eles vão relatar o caso a Fortunato, e eu insistirei para falar pessoalmente com Nicolae. Mas, Cameron, eles não vão se importar. Quando virem Jacov sentado ostensivamente ao volante, vão pensar que foi feito um novo acordo. A esposa dele irá junto.

- O quê?

- E Stefan também.

- Ora, Chaim! Vai parecer um circo.

- E o patrão deles irá também.

- O patrão deles? Quem? Chaim sorriu para Buck.

- Você não sabe quem é o patrão do meu motorista e do meu criado?

- Você? Você quer ir?

- Quero e vou. Quero ver todos nós espremidos dentro do Mercedes, parecendo uma excursão escolar. Vai ser muito divertido!

- Chaim, não é aconselhável.

- Não seja tolo. Você e Tsion têm insistido para que eu vá. Assisti pela TV. Estou curioso. Quero ter aquela conversa com Tsion esta noite.

- Esta noite?

- Esta noite. Ele tem falado que coisas mais terríveis ainda devem vir do céu, portanto estará com disposição para tentar convencer seu velho amigo de que Jesus é o Messias.

- Ele vai estar exausto, Chaim. E você também.

- Cansado para um bom debate? Você não conhece os judeus, Cameron. E, com certeza, não conhece o rabino. Estou surpreso com você! Um bom... missionário... ou, como vocês dizem, um evangelista querendo adiar um encontro com um possível convertido?

- Você está falando sério?

- Provavelmente não, mas quem sabe? Você não deve subestimar um curioso, estou certo?

Buck balançou a cabeça.

- Em circunstâncias normais. Mas você está zombando de nós.

- Promessa é promessa, meu jovem amigo. E sou um homem de palavra.

- Você sabe que Tsion deve preparar-se para a reunião no Monte do Templo amanhã.

- A reunião será ao meio-dia! Ele tem dez anos ou pouco mais que você, meu amigo, mas tem quase 30 menos que eu. Ele é forte. E quem sabe? Se ele estiver certo, é sinal de que recebeu poder de Deus. Vai resistir. Poderá conversar com um idoso até altas horas da

madrugada e, mesmo assim, estar preparado para a pequena reunião de amanhã. E eu também vou comparecer àquela reunião.

O nervosismo de Buck era muito grande no momento em que ficou a sós com Tsion. O rabino estava mais preocupado com a suposta reunião anunciada para o dia seguinte no Monte do Templo do que com a presença de Rosenzweig no estádio.

- Naquela hora, já teremos fugido - disse Buck. - Chaim vai saber que não haverá nenhuma reunião. Precisamos ter a certeza de que todos os nossos companheiros saibam que partimos, para que ninguém cometa o erro de comparecer ao Monte do Templo. Nicolae vai ficar tão zangado com nossa fuga que talvez leve seus planos adiante e mate seus seguidores, Tsion.

Tsion assentiu, com ar de tristeza.

- Quero crer que os selados estão protegidos, mas não sei se essa proteção vai além dos julgamentos de Deus. Evidentemente, Deus é quem manda os julgamentos, mas Ele pode instruir seus anjos para não ferirem seus selados. Por outro lado, Ele deu ampla liberdade de ação ao anticristo. Eu não gostaria de ser responsável por nenhum atentado a eles por ter-lhes passado informação errada.

Buck olhou para seu relógio. Eles precisavam chegar ao estádio dentro de uma hora.

- De uma coisa temos certeza, e acho que meu professor tem razão. Seja lá o que for que Nicolae tenha engendrado para amanhã, as duas testemunhas do Muro não serão atingidas.

- Se elas estiverem lá - disse Tsion, sorrindo.

- É claro que estarão.

- Como você tem tanta certeza?

- Nicolae advertiu que, se elas aparecessem em público, seriam mortas. Que lugar seria mais público do que o Muro, onde elas estão há mais de dois anos?

- Gostei de seu argumento - disse Tsion, dando um tapinha no ombro de Buck. - Acho que tem um bom professor.

Rayford estava falando ao telefone com o Dr. Floyd Charles, que ficara na casa secreta, enquanto Ken pilotava o *Gulfstream* sobre o Atlântico.

- Estou com vontade de "apagar o facho dela", conforme se diz na faculdade de medicina.

- Faz muito tempo que não ouço esta expressão - disse Rayford. - Como funciona?

- O efeito é o mesmo que adicionar um pouco de droga na bebida - disse Floyd -, só que dizemos ao paciente que estamos aplicando um soro inofensivo. Eu poderia deixá-la fora do ar por 24 horas, mas seu sistema imunológico ficaria prejudicado.

- Você está considerando essa possibilidade?

- Não. Mas ela está me deixando maluco. Tive de segurá-la à força para ela não começar a subir e descer as escadas.

- As escadas!

- Foi o que eu disse. Estou satisfeito por ela se sentir mais forte, e, por mais irônico que pareça, essa raiva assassina que Hattie sente de Carpathia parece estar acelerando sua recuperação. Mas não posso permitir que ela se esforce para subir escadas enquanto ainda estiver fraca. Francamente, Ray, parece que estou tomando conta de uma criança de três anos. Quando menos espero, lá está ela subindo a escada.

- E se ela descer?

- Como descer?

- Ela não pode descer?

- Ray, completei o curso de medicina, e não aprendi como alguém pode descer uma escada sem ter subido.

- Você poderia carregar Hattie no colo na subida e deixá-la descer sozinha.

Houve uma longa pausa, e Rayford teve de perguntar se Floyd continuava na linha.

- Sim - ele disse. - Eu estava pensando se seria uma boa idéia.

- Você não esperava por esta, certo? De vez em quando, até os pilotos têm alguma idéia útil.

- O problema, Ray, é que estou procurando um motivo para tocar nela, segurá-la, confortá-la. Você está me dizendo para carregá-la no colo, e ainda quer que eu faça uma reavaliação de meus sentimentos por ela?

- Não se perca, doutor. Você não é mais um adolescente. Achei que sua obsessão por ela não fosse apenas física, mas acho que me enganei. Você mal a conhece. Se ela o deixa maluco, é porque você permite. É melhor comportar-se até a nossa volta para que possamos ajudá-lo a manter a cabeça no lugar.

- Está bem, está bem.

- Desde já.

- Eu sei. Já entendi.

- Mais uma coisa, doutor. Lembre-se de que nossa prioridade número um, principal, absoluta é que ela seja salva.

- Ah, sim.

- Não notei entusiasmo em sua voz, Floyd.

- Fique tranqüilo, eu entendi.

- Se você se importa o mínimo com Hattie, além de seus impulsos de adolescente de segurá-la nos braços, haverá de querer, antes de tudo, que ela faça parte da família.

- Buck, temos um problema - disse Chloe, arrastando-o para dentro de um cômodo vazio.

- Tentei fazer o caminho até o heliporto, para não haver nenhuma surpresa, e constatei que a chave sumiu.

- O quê?

- A chave que Rosenzweig costumava deixar pendurada num prego no batente da porta que dá acesso ao heliporto. Ela sumiu.

- Será que ele desconfiou de alguma coisa?

- Como ele poderia desconfiar? Agi do modo mais sutil que pude. Foi ele quem levantou o assunto. Eu só lhe pedi que me contasse a história da casa.

- Você acha que aquela porta é tão resistente por dentro como eu senti que era por fora?

- Parece um muro de tijolos, Buck. Se tivermos de abrir uma passagem ou derrubá-la, vamos acordar todo mundo, inclusive os guardas de Chaim e ele próprio.

- Precisamos encontrar a chave ou perguntar a Chaim o que foi feito dela.

- Você acha que Jacov teria alguma coisa a nos dizer? Buck deu de ombros.

- Se eu perguntar-lhe, com certeza ele vai desconfiar.

- Mas ele é um irmão, Buck.

- Novato demais. Não estou dizendo que ele nos trairia de propósito.

- Você ouviu falar da esposa dele?

- Só sei que ela vai conosco hoje à noite. O que ela pensa da nova fé do marido?

- Então você não sabe? - Não.

- De acordo com Chaim, Jacov afirma que sua mulher também se converteu. Chaim achou graça e pediu que eu usasse o poder que Jesus me deu para ver se ela também tem o selo na testa.

Buck balançou a cabeça.

- Estamos fazendo a colheita de almas. Continuo orando por Rosenzweig.

Hannelore, a esposa de Jacov, comprovou ser uma judia nascida na Alemanha. Tinha cabelos cor de areia, olhos azul-claros, sorriso tímido. Ela foi ao encontro de Jacov, Stefan, Buck, Chloe, Tsion e Chaim na saída da garagem, e os guardas abriram as portas do Mercedes para eles. Chloe deu-lhe um abraço apertado. Apesar de tê-la conhecido naquele momento, ela afastou os cabelos da testa de Hannelore.

Buck também a abraçou, cochichando ao seu ouvido.

Bem-vinda à família.

Minha esposa, ela não entende muito bem inglês – disse Jacov.

Bem, e daí? - perguntou Chaim, com um brilho nos olhos. - Ela tem a... - neste ponto, ele abaixou o tom de voz e resmungou - ...tal marca secreta?

A bem da verdade, tem sim, Dr. Rosenzweig - disse

Chloe, visivelmente contrariada diante da ironia de Chaim.

- Oh, que bom! - ele exultou, dirigindo-se ao banco da frente. - Agora vocês são uma grande família, não? E quanto a você, Stefan? Você já foi promovido à categoria dos santos da tribulação?

Talvez esta noite! - disse Stefan. - Quase na última noite!

Caramba! - disse Chaim. - Daqui em diante, vou ser a minoria, não?

Somente Jacov e Chaim sentaram-se no banco da frente. Hannelore sentou-se atrás de Jacov, Chloe no meio e Tsion atrás de Chaim. Buck e Stefan se espremeram no compartimento traseiro. Jacov já começara a acelerar o carro quando Jonas parou na frente deles e fez um sinal para que Chaim abaixasse o vidro. Ele falou apressado com Chaim em hebraico.

Buck, que estava com o rosto perto da cabeça de Tsion, cochichou:

- O que está havendo?

Tsion virou-se e disse em voz baixa.

- Eles receberam um telefonema de Leon. Ele está enviando um helicóptero para cá. O trânsito está muito congestionado; o estádio já está lotado. Tiveram de abrir os portões com duas horas de antecedência. - Tsion parou para continuar a ouvir. - O segurança disse a Fortunato que havia sete pessoas para serem transportadas, um número muito grande para um helicóptero. Aparentemente, Fortunato pediu que ele dissesse a Chaim que, se recusarmos a ajuda da CG, teremos de seguir por conta própria. Chaim está dizendo que o segurança fez bem em avisá-lo. Espere um pouco. Ele está murmurando uma outra coisa. Oh, não.

- O quê?

- Fortunato avisou que Jacov não pode fazer parte da comitiva. Chaim está zangado, exigindo que o segurança chame Leon de volta ao telefone.

Jonas fez um sinal para que Jacov encostasse o carro perto da guarita. O telefone foi passado a Chaim, que imediatamente começou a argumentar com veemência em hebraico.

- Então vou falar em inglês, Leon. Pensei que você conhecesse todos os idiomas do mundo como seu patrão parece conhecer. Eu chamo Nicolae de potentado porque sempre o admirei, mas não vou chamar você de *senhor*

e muito menos de supremo-sei-lá-o-quê. É melhor você me ouvir. Sou amigo pessoal do potentado. Ele prometeu proteger meus convidados. Ficarei sentado ao lado de Jacov no estádio esta noite, sim, no meio do povo! Não vou me esconder nos bastidores... Para você, ele pode ser um simples motorista ou criado. Para mim, ele faz parte de minha família, e não poderá sofrer ameaças. Fugir de seus guardas e atirar para o alto pode ter sido uma imprudência, mas ele não teria feito isso se não tivesse percebido que nossos hóspedes estavam sendo ameaçados pelas próprias pessoas que lhes prometeram segurança!

Tsion estendeu o braço e pousou a mão no ombro de Rosenzweig como se quisesse acalmá-lo. Buck podia ver a tensão no pescoço daquele homem idoso e as veias saltadas em suas têmporas.

- Não preciso fazer você se lembrar de que, pouco tempo atrás, o rabino Tsion Ben-Judá perdeu sua família simplesmente por ter manifestado na televisão a sua crença! Ele foi banido de seu país natal como se fosse um criminoso comum!... Sim, eu sei o quanto os judeus se sentiram ofendidos! Eu sou judeu, Leon! E há mais coisas que posso lhe dizer... Tsion me disse que sua religião está fundamentada em fé e também em erudição, mas este não é o ponto!... Não! Não sou um deles, conforme você está dizendo. Mas, se eu descobrir que Nicolae desrespeita estes devotos de Deus da mesma forma que você, talvez eu passe para o lado deles!

- Neste momento, estamos nos dirigindo para o estádio em um veículo de minha propriedade. Vamos dar um jeito de desviar do trânsito porque conhecemos os atalhos, e acredito que os seguidores de Tsion abrirão caminho para nós... Já que assumi um compromisso com você, está bem, vou usar um outro motorista... - Chaim fez um rápido sinal para

que Jacov e Stefan trocassem de lugares - ...mas saiba que estamos de saída e contamos com a proteção prometida pelo potentado.

- ... Se eu vou me desculpar? Você faz muita questão de títulos, Leon. Não, não vou me desculpar por ter ofendido você. Você me ofendeu, e daí? Tenho tentado manter a calma, e minha vida tem sido a mais normal possível apesar das honras e riqueza que consegui com minha fórmula... Não faço questão de um novo título ou de um pedestal mais alto, e francamente isso também não combina muito bem com você.. Estamos saindo, Leon, e meu novo motorista parece ter-se esquecido de que meu telefone tem fio! Adeus!

Chaim riu.

- Stefan, seu traidor! Você quase arrancou o telefone do fio!

- Eu, um traidor? - disse Stefan, sorrindo. - O senhor me colocou no lugar mais perigoso!

Chaim virou-se no banco.

- Tsion, meu filho, você sabe o que Leon disse enquanto estávamos saindo?

- Nem imagino.

- Que ele vai encontrar um título mais apropriado para um homem de minha posição! Você já conheceu uma pessoa tão desinformada e com tantos argumentos?

- Nunca - disse Tsion.

Buck não conseguia compreender como uma viagem tão perigosa poderia tornar-se tão divertida.

DEZ

RAYFORD pilotou a maior parte do trecho sobre o Atlântico, programando sua chegada de modo a permanecer o mínimo de tempo no solo. Mac o informara de que Carpathia e seus asseclas continuavam hospedados no Hotel Rei Davi e que o Condor 216 estava no hangar do aeroporto Ben Gurion em Tel-Aviv. Rayford calculou que a segurança deveria estar mais severa no Ben Gurion, mas Carpathia estava sendo transportado em um helicóptero da CG diretamente do aeroporto de Jerusalém.

- Você continua com a idéia de se encarregar do helicóptero enquanto eu aguardo na pista com as turbinas deste jato aquecidas? - perguntou Ken.

- Desde que ninguém saiba que desertei. Se a notícia sobre minha fuga já se espalhou e se me pegarem pilotando um helicóptero da CG sem autorização, adeus missão.

- Ponha seus pensamentos em ordem, Rayford. Estou querendo dizer que sou um bom soldado, e faço o que me mandam. Mas preciso que me digam o que devo fazer.

- Eu preciso de sua ajuda, Ken. Ainda tenho minhas credenciais de alta patente, mas...

- Se eles descobrirem e você for pego, como vou poder levar o nosso pessoal até o *Gulfstream2*.

Rayford meneou a cabeça.

- Preciso ligar mais uma vez para Mac.

- Você continua no comando, e eu ligo. Vou ter de pilotar durante muitas horas.

Ken passou o telefone a Rayford.

- Ei, companheiro, estou feliz por você ter ligado – disse Mac. - Passei por um interrogatório sobre você durante uma hora. Eles não suspeitam nada de mim, mas acham que você está em Jerusalém.

- Espero que não estejam me caçando nos Estados Unidos.

- Eu gostaria que estivessem, Ray. Eles estão dando busca por toda Jerusalém, e vão encontrá-lo.

- Eles não pensariam que sou tão idiota a ponto de estar num aeroporto.

- Talvez não, mas não saia do *Gulfstream*.

- Você acabou de responder a uma pergunta muito importante para nós, Mac. Obrigado.

- O quê? *Você* estava pretendendo buscar o pessoal de helicóptero? Não seria uma atitude inteligente. Mesmo que seu instrutor tenha sido excelente, eu nunca achei que você fosse talhado para pilotar helicópteros.

- Vai ser melhor assim. Ken já esteve na casa de Rosenzweig. Se não chamarmos muito a atenção, poderemos nos sair bem. Onde Carpathia vai estar?

- Não há nenhum plano de vôo, e ele já deixou bem claro que não vai atrapalhar de novo a festa no estádio. Ele vai ficar perto do Rei Davi esta noite, e eu já fiz o roteiro de um vôo no meio da manhã para a Nova Babilônia saindo de Tel-Aviv. Ele estará bem longe daqui quando alguma coisa violenta acontecer.

Como você vai levá-lo a Tel-Aviv?

De helicóptero, saindo do aeroporto de Jerusalém.

Se os dois helicópteros forem idênticos, como vamos saber qual é o nosso?

- Eles vão ficar lado a lado, de frente para o sul. Pegue o do lado oeste. Ninguém está tomando conta deles como do Condor no Ben Gurion.

- Você viu o helicóptero que David providenciou para nós?

- Não, mas ele está lá. O pessoal do aeroporto ligou perguntando o que deveria fazer com ele. Você vai ficar orgulhoso de mim, Ray. Adotei uma postura de chefe e disse ao sujeito: "O que você acha que deve ser feito

com um helicóptero de reserva? Afaste os curiosos dele! Se eu encontrar alguém que não pertença à minha tripulação encostando um dedo nele, cabeças vão rolar!" Ele ficou

impressionado.

- Você é o máximo, Mac. Veja, então, qual vai ser o nosso plano. Vou pousar o *Gulfstream* e fingir que estou fazendo uma viagem de negócios e parei para abastecer e verificar o sistema. Ken vai pegar o helicóptero e decolar enquanto eu estiver abastecendo. Será que alguém vai vê-lo?

- Não, desde que ele siga na direção sul, com os faróis apagados, até estar bem afastado do terminal. Seria muita desventura alguém vê-lo. A parte mais complicada vai ser levantar vôo novamente, digamos, 20 minutos depois. Você não deve ficar em evidência enquanto estiver aguardando que ele pouse com seus passageiros, para não despertar suspeitas. É claro que você vai acompanhar tudo pelo telefone sigiloso para que a torre não escute a conversa. Taxie o *Gulf* até o final da pista onde é mais escuro. Ken poderá pousar ali, com os faróis apagados. Se a torre perceber a manobra, vocês estarão a meio quilômetro de distância, e

não haverá tempo de alguém alcançá-los, portanto sigam em frente. Se tudo correr bem, ninguém verá o helicóptero partir ou chegar. O sujeito que o trouxe até aqui está em Haifa. Eu disse a ele que o avisaria se precisasse de alguma coisa. Ficou combinado que ele vai levar o helicóptero de volta para a Nova Babilônia depois que partirmos.

Ore por nós, Mac. Acho que estamos preparados, mas nunca se sabe o que poderá acontecer.

Vou orar, Ray. O tempo todo. Deixe-me falar rapidamente com Ken.

Rayford passou o telefone a Ken.

- Muito obrigado - disse Ken. - Eu também quero muito conhecer você, mas, pelo que estou entendendo, isso só vai acontecer quando você passar a ser um fugitivo como o meu amigo Rayford. Por enquanto, tome cuidado. Manteremos contato.

A cada dia que passava, Buck ficava mais surpreso diante da desenvoltura de sua esposa. Apesar de jovem, Chloe conhecia o momento certo de lidar com as pessoas. Sabia quando agir, quando falar e quando não tomar nenhuma atitude. Ela aguardou até estarem perto do estádio, parados no trânsito, para abordar o assunto da chave.

- O senhor sabe de uma coisa, Dr. Rosenzweig? - ela começou a dizer. - Eu fui pegar nossa mala no armário no fim do corredor e vi que a chave que o senhor me mostrou outro dia sumiu.

- Como a chave pode ter sumido se eu sei onde ela está? Chloe riu.

- Então, está bem. Eu só quis avisá-lo, caso o senhor não soubesse.

- Você estava com medo de que eu a acusasse de ter pego a chave? - ele perguntou, com ar de brincadeira.

Chloe balançou a cabeça negativamente.

Eu notei a falta da chave - ela disse. - Só isso.

Foi por medida de segurança - disse Chaim. Ela encolheu os ombros, e Buck aprovou o gesto da esposa por fingir que o problema não lhe dizia respeito. - Achei que foi uma tolice deixá-la pendurada lá durante todos estes anos. Eu estava correndo um risco, não?

-Acho que seria muito mais arriscado se o senhor a tivesse deixado pendurada do lado de fora. - Este comentário provocou um acesso de riso tão grande em Chaim que o carro quase chegou a balançar. - Nos Estados Unidos - ela prosseguiu -, não temos muitas portas que podem ser trancadas por dentro e por fora.

- Verdade? Elas são comuns aqui, principalmente as que não são muito usadas. Imagino que no tempo em que minha casa foi sede de uma embaixada, aquela porta era usada frequentemente, e trancada e destrancada a chave só pelo lado de fora.

Chloe fingiu estar mais interessada na multidão que fervilhava do lado de fora do carro.

- Jacov - disse Chaim -, você ainda tem a chave, não?

- Tenho! - ele gritou do fundo do carro, perto de Buck.

- Neste momento, ela está dentro do bolso de minha calça, cutucando minha perna! Chaim virou-se para trás e disse a Chloe em tom de segredo.

- É a única chave que tenho para aquela fechadura. Acho que nunca precisarei sair por lá, mas seria melhor ter uma cópia. Jacov cuidará disso na segunda-feira.

Ela assentiu, virou-se para trás e cruzou o olhar com o de Buck.

O que devo fazer?, pensou Buck. *Tentar surrupiá-la?* Ele não queria que Jacov tomasse conhecimento da fuga antes de estarem bem longe. Rosenzweig também não poderia saber de nada, apesar de sua discussão acalorada com Leon Fortunato.

Quando Stefan entrou em um estacionamento particular perto da entrada do lado oeste, Buck sentiu-se satisfeito por aquela reunião ser a última do evento. O Encontro das Testemunhas havia sido melhor do que ele imaginara, mas como acomodar toda aquela multidão? A cada noite, o número de assistentes aumentava. As pessoas se acotovelavam, o estádio estava lotado e havia mais gente afluindo para lá. A imprensa, reconhecidamente controlada pela Comunidade Global, espalhava-se por toda parte, uma clara evidência de que Nicolae estava monitorando todos os detalhes.

O grupo chegou à área perto do palco, onde a delegação local aguardava. Buck ficou impressionado com o efeito causado pelo tom peremptório da voz de Tsion. Ele devia estar se sentindo como um pastor, cujo rebanho era composto de dezenas de milhares de ovelhas dentro e fora do estádio. Nos dois dias anteriores, ele havia deixado a programação a cargo do mestre-de-cerimônias e da delegação local, e só apareceu no palco para pregar quando chegou sua vez. Agora, ele parecia tomar conta da situação, pelo menos de determinados detalhes.

- Buck - ele disse, chamando-o com um movimento de cabeça. Quando Buck se aproximou, Tsion o agarrou pelo braço e puxou-o na direção do mestre-de-cerimônias. - Você já conhece Daniel, é claro. - Buck assentiu, cumprimentando-o com um aperto de mão. - Daniel, preste atenção - prosseguiu Tsion -, quero que você reserve cinco lugares para meus convidados na ala especial. Eles são: o Dr.

Rosenzweig e dois funcionários, a esposa de um deles e a esposa de Buck. Entendido?

Claro.

Eu gostaria que Buck ficasse na parte do fundo do palco, como sempre. - Tsion virou-se para Buck. - Chloe não terá problemas por ficar longe de você?

De jeito nenhum. A pergunta é se conseguirei ficar longe dela.

Aparentemente, Tsion estava concentrado demais para achar graça do comentário de Buck.

- Daniel - disse Tsion -, eu também gostaria que a presença do Dr. Rosenzweig fosse mencionada com a dignidade que ele merece. Ele não me pediu nada, mas trata-se de uma cortesia diante da posição que ele ocupa neste país.

Cuidarei disso.

Após a saudação, anuncie a reunião de sábado para a delegação local no Monte do Templo, mencione a presença do Dr. Rosenzweig, ore, conduza um hino e deixe o resto por minha conta. Nada de apresentações hoje. Eles já sabem quem eu sou.

Mas, senhor...

Por favor, Daniel. Estamos na linha de fogo, e a situação está ficando cada vez mais perigosa. Somos inimigos do sistema mundial e teremos muitas oportunidades de expor essa gente ao ridículo. Fazer alarde sobre mim não adiantará nada e simplesmente...

Desculpe-me interrompê-lo, doutor. Sr. Williams, estou certo de que o senhor concorda comigo em que estas pessoas estarão ansiosas por aplaudir o Dr. Ben-Judá, porque esta talvez seja a última oportunidade que terão de vê-lo. Por favor...

Se o público reagir espontaneamente - disse Tsion -, aceitarei de bom grado. Mas não quero uma apresentação pomposa. Você poderá fazer isso sem usar o meu nome. Faça de conta que é um desafio pessoal. Daniel parecia estar pesaroso.

O senhor tem certeza?

Tenho certeza de que você se sairá muito bem.

Rayford, sem ter nada pela frente a não ser o oceano, recebeu um telefonema de Floyd

Charles.

O que houve, doutor?

Detesto ter de aborrecer você - disse Floyd -, mas este assunto parece ser importante. Hattie passou um bocado de tempo falando ao telefone com um rapaz chamado Ernie, amigo de Ken.

Eu o conheci.

Acho que ela falou com ele quando ligou para você.

Sim, e daí?

Ela quer ver o tal rapaz.

Será que Hattie não sabe que ele é dez anos mais novo do que ela?

- Não é a mesma diferença de idade entre Buck e sua filha?

Rayford fez uma pausa.

- O que há com você? Está preocupado com um relacionamento entre eles? Já conversou com o rapaz?

- Já. Ele é crente. Parece ser um bom sujeito.

- Ele é um ótimo mecânico, mas não parece ser um homem para Hattie. Não se preocupe. Ela é sua paciente, Floyd, mas é também uma mulher adulta. Não temos autoridade sobre ela.

- Não é isso o que me preocupa, Rayford. Ela quer que ele venha até aqui.

-Epa!

- Minha reação foi a mesma. Não queremos que ele conheça este lugar, não é mesmo?

- Não. Ele é um irmão, mas não sabemos se é maduro o suficiente para ficar de boca fechada, esse tipo de coisa.

- Foi o que pensei. Só queria trocar ideias com você.

- Não deixe que ela dê nem uma dica sequer do local onde estamos.

- Certo! Eu devia recompensá-la por bom comportamento e levá-la para passear um ou dois dias em Palwaukee. Assim, ela poderia conhecer o rapaz.

- Estaremos de volta antes disso, doutor. Faremos um piquenique. Vamos reunir o Comando Tribulação inteiro, com exceção de David e Mac, é claro.

Depois que o grupo orou nos bastidores, Tsion continuou de cabeça baixa e olhos fechados. Buck não sabia dizer se Tsion estava mais nervoso que o usual, e manteve os olhos fixos no rabino até Daniel passar por eles e seguir em direção ao palco. Tsion olhou para Buck e acenou para que ele se aproximasse.

- Fique perto de mim, Cameron - ele disse.

Buck sentiu-se honrado. Postou-se ao lado de Tsion na lateral do palco enquanto Daniel saudava a multidão e anunciava a reunião de sábado.

- A maior parte dos senhores já terá ido embora, mas os que moram nesta cidade ou vão ficar mais uns dias poderão comparecer. Lembrem-se, contudo, de que se trata apenas de uma reunião de agradecimento à delegação local.

Em seguida, ele pediu ao Dr. Rosenzweig que se levantasse para receber o aplauso da plateia.

Como você vai conseguir a chave? - Tsion perguntou.

Ainda não sei, mas vou sondar Jacov para saber onde ela está e pedir-lhe que não faça perguntas. Creio que ele vai acreditar em mim até que eu possa explicar.

Tsion assentiu com a cabeça.

- Estou sentindo uma vibração diferente esta noite, Cameron - ele cochichou de repente.

Buck não sabia o que dizer. Quando Tsion curvou novamente a cabeça, Buck passou o braço ao redor do ombro dele e ficou surpreso ao perceber que o rabino tremia.

Daniel orou e, em seguida, conduziu o cântico do hino "Santo, Santo, Santo".

- Excelente escolha - murmurou Tsion, limitando-se a ouvir o hino.

Buck tentou cantar e fez um gesto afirmativo quando Tsion lhe disse:

- Ore por mim.

Quando o hino terminou, Tsion olhou para Buck, que levantou a mão fechada, o rosto estampando entusiasmo.

- E agora - dizia Daniel - convido todos os presentes a ouvirem uma mensagem da Palavra de Deus.

Buck emocionou-se ao ver o povo levantar-se e aplaudir. Não houve gritos nem assobios. Apenas aplausos demorados e vibrantes que pareceram enternecer Tsion. Ele acenou timidamente para a multidão e, quando terminou de arrumar suas anotações em cima do púlpito, deu um passo para trás e aguardou o término dos aplausos.

- Deus colocou uma mensagem em meu coração para esta noite - ele disse. - Antes de abrir a Bíblia, eu gostaria de convidar a vir à frente todos aqueles que queiram aceitar a Cristo. - Imediatamente, de todas as partes do estádio e até mesmo de fora, filas de pessoas começaram a caminhar na direção do palco. Muitas choravam, provocando aplausos dos santos da tribulação. - Os senhores conhecem a verdade prosseguiu Tsion. - Deus já lhes chamou a atenção. Os senhores não necessitam de mais argumentos nem de apelos. Basta reconhecer que Jesus morreu, e que Ele morreu por nós.

O povo continuava a caminhar em direção ao palco. Tsion pediu aos crentes que orassem com aqueles que necessitassem de oração. Parecia que todos os que ouviram o convite de Tsion - com exceção do pessoal da Comunidade Global - se apresentaram em busca da salvação.

- A Rede Comunidade Global está transmitindo este evento para o mundo inteiro pela TV e pela Internet - disse Tsion.

- Estou certo de que todas as pessoas entenderão nossa mensagem, e a CG não deve temer por ter permitido que a proclamássemos. A CG dirá que a nossa mensagem não fala do ecumenismo e da tolerância que eles promovem, e digo que estão certos. Existe o certo e o errado, existem verdades absolutas, e algumas coisas não podem, não devem e não deverão ser toleradas jamais.

- A Rede Comunidade Global não vai nos tirar do ar, a menos que tenha medo de nossa mensagem, da verdade de Deus e de um rabino convertido que acredita que Jesus é o Messias. Aplaudo a coragem da administração da Comunidade Global e estou fazendo uso de sua generosidade. Sem nenhum custo para nós, esta mensagem está sendo transmitida a todos os países do mundo. Não temos necessidade de intérpretes, e tomamos conhecimento pelos noticiários de que o mesmo milagre ocorre com os que estão nos assistindo pela TV. Se os senhores não compreendem hebraico nem inglês, mas entendem cada palavra que estou dizendo, sinto-me feliz por afirmar-lhes que Deus está operando em suas mentes. A maior parte desta mensagem está sendo proferida em inglês, embora a leitura que faço da Bíblia seja em hebraico, grego e aramaico. Fiquei surpreso ao constatar que até mesmo meus colaboradores ignoram este fato. Cada um a ouve na própria língua.

- Deus também está operando em seus corações. Os senhores não precisam estar conosco fisicamente para aceitarem a Cristo esta noite. Não há necessidade de estar acompanhado, de orar com outra pessoa ou de ir para outro lugar qualquer. Basta que cada um dos senhores diga a Deus que reconhece ser um pecador e que está afastado dele. Diga-lhe que não pode fazer nada sozinho para aproximar-se dele. Diga-lhe que acredita que Ele enviou seu Filho, Jesus Cristo, para morrer na cruz por seus pecados, e que Jesus ressuscitou, arrebatou sua Igreja e voltará novamente à terra. Receba-o como seu Salvador aqui neste lugar. Creio que milhões de pessoas no mundo inteiro estão se juntando à grande colheita de almas que produzirá santos e mártires da tribulação, uma multidão que não poderá ser enumerada.

Tsion parecia desgastado e afastou-se do púlpito para orar. Quando o povo que afluía à frente começou a dispersar e retornar aos seus lugares, Tsion voltou ao púlpito. Mais uma vez, ele colocou em ordem suas anotações. Seus ombros estavam curvados, e ele parecia estar respirando com dificuldade. Buck começou a preocupar-se com ele.

Tsion pigarreou e deu um longo suspiro. Sua voz enfraqueceu subitamente.

- Meu texto para esta noite - ele conseguiu dizer – está em Apocalipse 8.13.
Por todo o estádio, dezenas de milhares de Bíblias foram abertas, e o ar encheu-se do ruído de páginas sendo viradas. Tsion caminhou até Buck enquanto o povo procurava a passagem bíblica.

- Você está bem, Tsion?
Acho que sim. Se for necessário, você leria o texto em meu lugar?
Claro. Agora?
Prefiro tentar, mas eu o chamarei se precisar.
Tsion retornou ao púlpito, olhou para o texto, ergueu os olhos para encarar a multidão e pigarreou mais uma vez.

- Tenham um pouco de paciência comigo - ele disse. – Esta passagem nos adverte que, assim que a terça parte da terra escurecer, virão em seguida três terríveis ais. Por serem tão sinistros, eles serão avisados do céu com antecedência.
Tsion pigarreou mais uma vez, e Buck preparou-se para ser chamado. Ele queria que Tsion pedisse sua ajuda. Mas, de repente, ele sentiu o cheiro de poeira e fumaça que exalava dos trajes das duas testemunhas e levou um susto quando Eli e Moisés apareceram a seu lado. Buck virou-se e fitou os olhos de Eli, com a sensação de estar sonhando. Ele nunca se aproximara tanto dos profetas e teve de conter-se para não tocar neles. Os olhos de Eli estavam fixos nos dele.

- Não te exponhas diante do inimigo - disse Eli. - Sê sóbrio, sê vigilante. O diabo, teu adversário, anda em derredor, como leão que ruga procurando alguém para devorar.
Buck não conseguiu falar. Tentou fazer um movimento afirmativo com a cabeça para indicar que ouviu e entendeu, mas ficou paralisado. Moisés inclinou-se entre ele e Eli e complementou:
- Resiste e permanece firme na fé.
As testemunhas afastaram-se dele e postaram-se atrás de Tsion. O povo parecia tão atônito que não gritou nem aplaudiu. Limitou-se a apontar, levantar-se e inclinar-se para a frente a fim de ouvir melhor.
Moisés disse:
- Meus amados irmãos, "o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar".
Buck achou que Tsion ia desmaiar, mas ele abriu caminho para os dois. No entanto, eles não se aproximaram do microfone. A voz de Moisés foi tão forte ao citar o texto escolhido por Tsion que todos puderam ouvi-lo, tanto no estádio como pela TV.
- "Então, vi, e ouvi uma águia que, voando pelo meio do céu, dizia em grande voz: Ai! Ai! Ai dos que moram na terra, por causa das restantes vozes da trombeta dos três anjos que ainda têm de tocar."
Buck ouviu, por todo o estádio, o som dos poderosos rifles da CG sendo engatilhados. Os guardas apoiaram-se em um dos joelhos para ter condições de mirar as duas testemunhas. Buck sentiu vontade de gritar: "Ainda não é chegada a hora, seus tolos!", mas conteve-se para proteger Tsion, Chloe, seus amigos e ele próprio.
Mas não houve nenhum tiro. E, quando parecia que um ou dois guardas poderiam apertar o gatilho, Eli e Moisés afastaram-se do palco, passando por Buck e pelos próprios atiradores que apontavam as armas para eles. Os guardas abriram caminho. Alguns caíram ao solo, e suas armas bateram com força no piso de concreto.
Buck ouviu Tsion dizer do púlpito:
- Se, porventura, não mais nos reunirmos neste mundo ou no reinado de mil anos que nosso Salvador instalará aqui na terra, vou saudá-los pela Internet e transmitir-lhes ensinamentos extraídos de Apocalipse 9! Sejam todos bem- sucedidos! Divulguem o Evangelho de Cristo ao mundo inteiro!
A reunião terminou mais cedo. Tsion, com um ar tão assustado como Buck nunca vira, dirigiu-se apressado até ele, dizendo:

- Reúna nosso pessoal na *van* o mais rápido possível!

ONZE

Enquanto se dirigiam ao Oriente Médio na sexta-feira à noite, Rayford e Ken ouviram em silêncio a curiosa transmissão de Israel, onde ainda faltavam alguns minutos para as 21 horas.

Estamos dentro do horário para aterrissar à meia-noite - disse Rayford. - Oh, desculpe-me, Ken. Eu não tinha a intenção de acordá-lo.

- Eu não estava dormindo - disse Ken, esfregando os olhos. - Apenas pensando. Você sabe, se tudo o que Ben- Judá diz for verdade, logo vamos ter de passar metade do tempo tentando sobreviver. O que vamos fazer quando não pudermos mais comprar ou vender por não termos a marca?

De acordo com Tsion, temos de começar a armazenar roupas e alimentos desde já.

Você sabe o que isso significa? Vamos ser um grupo invisível de crentes, separados do mundo. Nem que esse grupo tenha mais de um bilhão de pessoas, vamos ser minoria, considerados criminosos e fugitivos!

Eu sei!

Não vamos poder confiar em ninguém que tenha a outra marca.

Não se esqueça de que haverá muita gente sem nenhuma marca.

Ken balançou a cabeça.

Alimento, energia, saúde pública, transporte... tudo controlado pela CG. Vamos ter de lutar para conseguir alguma coisa em um imenso mercado negro. Quanto dinheiro temos?

O Comando Tribulação? Não muito. Buck e eu tínhamos bons salários, mas agora não temos mais. Tsion e Chloe não têm nenhuma fonte de renda. Não sei se Mac e David poderão nos socorrer, mas acredito que farão o que puderem. Ainda não conversei com Floyd sobre alguma reserva que ele porventura tenha.

Eu tenho algumas economias escondidas.

Buck e eu também, mas não serão suficientes para pagar a manutenção e o combustível do avião, muito menos para sobrevivermos.

Não será nada fácil, não é, Ray?

Não posso impedi-lo, mas, por favor, não diga isto novamente.

Ken tirou um bloco de anotações amarelo da sacola. Rayford observou que as páginas tinham dobras nos cantos, e quase a metade estava escrita à mão.

Sei que nunca assinei nada nem fiz nenhuma promessa quando me juntei a vocês - disse Ken -, mas tenho pensado um bocado. Nunca fui a favor do socialismo nem do comunismo, mas parece que, de agora em diante, vamos ser uma comunidade.

No sentido do Novo Testamento, conforme Tsion diz.

- Certo. Eu não sei o que você pensa, mas tenho um problema quanto a isso.

Rayford sorriu.

Aprendi a acreditar totalmente na Bíblia. É só o que posso lhe dizer.

Não sei o que você vai fazer a respeito dos futuros membros, mas talvez a gente tenha de formalizar a coisa e doar tudo o que temos à causa.

Rayford mordeu o lábio. Até agora, esse assunto não havia sido problema.

Devemos pedir a cada um que distribua seus bens com os companheiros?

Sim, desde que eles se juntem ao grupo com sinceridade.

Eu estou disposto, e sei que Buck, Chloe e Tsion também estarão. O problema é que não temos muita coisa. O que Buck e eu temos chega a pouco mais de meio milhão de dólares. Parece muito dinheiro, mas não vai durar muito

e não será suficiente para financiar os ataques contra Carpathia.

Vocês poderiam transformar esses dólares em ouro rapidamente.

Você acha?

Tenho 90% dos meus bens em ouro - disse Ken. - Assim que passamos a ter três moedas, eu percebi o que ia acontecer. Agora só temos uma, e, não importa o que aconteça, posso trocar o ouro por qualquer mercadoria. Fiquei obcecado por essa ideia quando completei 40 anos. Nem sei por quê. Bem, acho que sei. Tsion acredita que Deus opera em nossa vida mesmo antes de o aceitarmos. Durante quase 20 anos, tenho vivido sozinho e feito voos fretados. Passei a ser pão-duro. Nunca tive um carro novo, e minhas roupas duram anos. Sempre usei relógios baratos, até hoje.

Não me importo de dizer a você, mas ganhei milhões de dólares e economizei quase 80%. Rayford deu um assobio entre os dentes.

Eu já lhe disse qual é a anuidade para ser membro do Comando Tribulação?

Você está brincando, mas o que vou fazer com esses milhões em ouro? Temos menos de cinco anos pela frente. A palavra férias parece uma bobagem neste momento, não é mesmo? Estou falando sério, Ray. Quero comprar dois *Gulfstreams* e, depois, farei uma oferta pelo Palwaukee.

O aeroporto?

Ele agora não passa de uma pista quase sem uso. O proprietário me disse que sou eu quem mais utiliza aquela pista. Sei que ele gostaria de vendê-lo, e é melhor que eu o compre antes que Carpathia tome conta de tudo. O local poderia abrigar vários aviões pequenos, talvez dois helicópteros, tanques de combustível, torre, equipamentos diversos.

- Você *tem pensado* muito, não? Ken assentiu com a cabeça.

Mais do que você pode imaginar - ele disse, erguendo o bloco. - Isto aqui está cheio de ideias. Cooperativas rurais, exploração marítima e até mesmo bancos comerciais.

Ken! Você está maluco! Exploração marítima?

Li que Carpathia está concedendo direitos de exploração aos seus dez homens, os dez reis conforme diz Tsion, para que eles possam abrir canais para alimentos e petróleo, e comecei a imaginar coisas. Ele pode fechar a fazenda de qualquer pessoa, jogar uma bomba nela, queimá-la, confiscar equipamentos. Mas como ele vai conseguir patrulhar todos os oceanos? Podemos reunir crentes que tenham equipamentos e experiência em pesca. Estou falando de profissionais. Eles vão ter uma clientela de milhões de santos da tribulação. Podemos coordenar essa operação, ajudar no processo de embarque e despacho de mercadorias, cobrar uma porcentagem razoável para financiar a obra do Comando Tribulação. Rayford verificou os comandos e virou-se para Ken.

De onde você tirou esta ideia?

Você pensou que eu fosse um boboca, não?

Não pensei, não. Mac também gosta de se fazer de bobo, mas é esperto demais. Você tem algum estudo nessa área ou..

Você não vai acreditar se eu disser que sim.

Neste momento, estou acreditando em tudo.

Escola de Economia de Londres.

Você está me levando na conversa.

Eu disse que você não ia acreditar.

Agora, falando sério, conte como foi.

Faz 35 anos, mas é verdade. Ingressei na aviação, planejava fazer voos comerciais, mas primeiro queria dar um giro pela Europa. Acabei gostando da Inglaterra. Eu não me lembro dos detalhes agora, mas fui parar na Escola de Economia de Londres por causa das minhas notas no curso ginásial.

Você se saiu bem no curso ginásial?

Fui o orador da turma, meu caro. Eu mesmo escrevi o discurso. Achei que ia ser professor de inglês. Eu falo deste jeito porque é mais fácil, mas você é um eminente conhecedor dos parâmetros da gramática.

Estou boquiaberto.

Às vezes, eu também fico boquiaberto comigo mesmo.

Não duvido.

A multidão que saía do estádio tinha um ar de felicidade no rosto, mas Buck não conseguia localizar seu pessoal e não queria perder Tsion de vista. O rabino conversava com Daniel e com a delegação local, porém ele estava agitado e desatento, como se desejasse ir embora dali. Buck esquadrinhou o estádio inteiro, principalmente a ala reservada, mas não viu nenhum dos cinco que procurava. Talvez Rosenzweig estivesse cercado de gente pedindo-lhe autógrafa ou de alguns crentes que resolveram convertê-lo. Porém, não havia aglomerações, apenas pessoas felizes saindo do estádio em fila sob o olhar severo dos guardas da CG.

Buck voltou a olhar para o local em que Tsion se encontrava. O grupo havia diminuído, e ele não queria deixar o rabino sozinho. Por ser uma das pessoas mais conhecidas no mundo, Tsion não poderia misturar-se à multidão e sair sem ser percebido.

Buck caminhou apressado para falar com Daniel, mas Tsion, com o semblante sério, o interceptou.

- Cameron, por favor! Reúna o pessoal, e vamos embora! Quero conversar com Chaim esta noite, mas nada vai atrapalhar nossos planos. Tudo está organizado, e não podemos deixar Rayford e Ken expostos ao perigo.

- Eu sei, Tsion. Estou procurando o pessoal, mas... Tsion agarrou Buck pelo braço.

- Vá atrás do nosso pessoal para sairmos logo daqui. Tenho um terrível pressentimento, que só pode ter vindo do Senhor. Precisamos voltar para a casa de Chaim. Os guardas da CG a estão vigiando, portanto temos de chegar lá rapidamente e dar-lhes a falsa impressão de que já nos acomodamos para dormir.

Apenas Daniel e quatro ou cinco membros da delegação continuavam nos bastidores.

- Não quero deixar você sozinho, Tsion. Se não houver testemunhas, a CG poderá fazer o que quiser com você e jogar a culpa em outra pessoa.

Vá, Cameron. Por favor. Vou ficar bem.

Daniel - disse Buck -, você poderia tomar conta de Tsion até eu voltar?

Tomar conta do rabino? - disse Daniel, sorrindo. - Claro que sim!

Buck, com ar de preocupação no rosto, puxou Daniel para perto de si e cochichou-lhe ao ouvido.

Ele pode estar correndo grande perigo. Prometa-me.

Vou ficar de olho nele, Sr. Williams.

Buck subiu a rampa apressado, atravessou o palco e pulou no chão. Dali, ele tinha uma visão menor que do palco, portanto começou a subir de novo. Um guarda da CG o interceptou.

O senhor não pode subir aí. Buck mostrou-lhe sua credencial.

Faço parte da delegação - ele disse.

Eu sei quem o senhor é. Aconselho-o a não subir.

Mas eu preciso passar pelo palco para chegar ao nosso carro e estou tentando encontrar meu pessoal.

O senhor pode chegar ao carro pelo mesmo caminho que todos estão fazendo.

Mas eu não posso sair sem meu pessoal e preciso antes falar com alguém nos bastidores.

Buck começou a subir novamente, porém o guarda lhe disse em voz áspera.

- Senhor, não me obrigue usar a força. O senhor não pode sair por este caminho.

Buck evitava encarar o guarda para não deixá-lo mais agitado.

Você não está entendendo. Sou Cam...

Eu sei quem o senhor é - disse o guarda, com voz autoritária. - Todos nós sabemos quem o senhor é, quem faz parte de seu grupo e com quem o senhor vai se encontrar.

Buck olhou firme para o guarda.

- Então, por que não me deixa passar? - O guarda levantou o quepe, e Buck viu o selo em formato de cruz em sua testa.

- Você é, você é um...

Apareceu esta noite - cochichou o guarda. - Enquanto eu estava aqui. O povo começou a

notar, e eu também vi o selo na testa deles. Tive de puxar a aba de meu quepe para baixo para não chamar a atenção. Se eles descobrirem, serei um homem morto. Deixe-me ir com o senhor.

Mas você está em posição estratégica! Pode nos ajudar em muitas coisas. Os crentes não vão denunciá-lo. Vão saber quem você é. Tsion está correndo perigo?

O guarda apontou a arma para Buck.

- Vá andando! - ele gritou, abaixando a voz em seguida.

-Seu pessoal já está dentro da *van*. Os atiradores de elite estão aguardando para alvejar o Dr. Ben-Judá nos bastidores. Duvido que o senhor consiga tirá-lo de lá.

Eu preciso! - murmurou Buck. - Vou até lá!

Eles vão atirar no senhor!

Então atire em mim aqui! Chame a atenção! Grite pedindo ajuda! Faça alguma coisa!

O senhor não pode ligar para ele?

Ele não trouxe telefone, e não sei o número do mestre-de-cerimônias. Faça o que achar melhor, mas vou subir.

Minha função é manter *qualquer pessoa* afastada dos bastidores.

Buck passou por ele e subiu os degraus, de dois em dois. O guarda começou a gritar.

-Espere! Pare! Preciso de ajuda!

Quando chegou ao palco, Buck olhou de relance para trás e viu o guarda falando pelo *walkie-talkie* e, em seguida, apontando-lhe a arma. Buck correu na direção dos bastidores até encontrar Tsion, que continuava ao lado de Daniel, com ar de extremo cansaço. Ao ver Buck, Daniel afastou-se dali, dando a entender que sua missão terminara. Quando Buck ameaçou gritar para que ele voltasse, o tiroteio começou. Tsion, Daniel e algumas pessoas que passavam por ali se deitaram no chão. Ao ouvirem o som de tiros, os guardas da CG correram na direção do palco. Buck ajudou Tsion a levantar-se.

- Daniel - ele gritou -, ajude-me a levá-lo até o carro! Os três passaram pelo meio de pessoas em pânico, rumo ao Mercedes. Do lado de fora do estádio, o povo gritava e afastava-se do local o mais que podia. As portas do carro estavam abertas. Buck acomodou-se rapidamente no fundo do carro, enquanto Daniel empurrava Tsion para dentro e fechava a porta.

Todos se abaixaram no carro até Stefan conseguir chegar à rua. De dentro do estádio, ecoavam mais tiros, e Buck orava o tempo todo para que a CG não se sentisse tão frustrada a ponto de matar pessoas inocentes.

Tsion começou a chorar ao ver o povo fugindo do local.

- Era isto que eu temia - ele disse. - Trazer estas pessoas para dentro do campo do inimigo, conduzi-las à morte.

Chaim mantinha um comportamento estranhamente silencioso. Não dizia nada nem se mexia no lugar, limitando-se a olhar firme para a frente. Ele só desviou o olhar quando Stefan, ao parar no semáforo, tirou as mãos do volante, levantou os braços com os punhos cerrados e agitou-os diante do rosto em sinal de comemoração. Chaim olhou de relance para ele e virou-se para o outro lado.

O sinal de trânsito mudou para verde, mas um guarda da CG continuava a segurar o tráfego, permitindo que uma fila de carros da rua transversal prosseguisse. Stefan aproveitou o momento para olhar-se no espelho retrovisor. Afastou os cabelos e examinou sua testa. Chaim olhou para ele, com ar de enfado, e disse:

- Você não vai conseguir ver nada, Stefan. Só os outros vêem o seu selo.

Stefan virou-se para trás.

E então? - ele perguntou.

Está aí - disse Chloe, e Tsion concordou.

Stefan tentou trocar um aperto de mão com todos os que estavam atrás dele. Chaim levantou as duas mãos, com ar de resignação, encolheu os ombros e sacudiu a cabeça.

- Só vou ter certeza quando esse selo aparecer em minha testa.

Buck avistou os guardas da CG correndo na direção do cruzamento.

- Vamos embora, Stefan! - ele gritou.

Stefan virou-se para trás e viu que o guarda de trânsito continuava acenando-lhe para não prosseguir.

Mas...

Confie em mim, Stefan! Vá em frente!

Stefan pisou fundo no acelerador, e o Mercedes avançou. O guarda parou na frente do carro, com as duas mãos levantadas, mas saltou de lado quando Stefan quase o atropelou.

-Leve-nos para a casa de Chaim o mais rápido que puder - disse Buck. Stefan aceitou o desafio.

- Então, Ken - disse Rayford -, como especialista em economia, você ainda confia nos bancos?

Eu não confiava nos bancos *antes* de Carpathia ser o que é hoje.

Onde você escondia suas barras de ouro?

-Eu não tinha muitas. Moedas, na maioria. Quem tem troco para uma barra de ouro?

Rayford deu um longo suspiro.

Quem tem troco até mesmo para um pedacinho de ouro? Seria necessário comprar uma loja inteira para não ter de receber um monte de troco.

Espero que não chegue o dia de precisarmos usar ouro como moeda corrente. Se, por acaso, eu comprar Palwaukee, estarei adquirindo uma propriedade muito valiosa.

Você não está dizendo que...

Eu sei o que você está pensando. Um sujeito especialista em finanças que vai perder milhões de dólares por aplicar seu dinheiro num negócio furado.

Exatamente. Até eu conheço um pouco essas coisas.

Faz pouco tempo que guardei todas as minhas economias debaixo da terra. Bem debaixo do meu barraco. Durante anos, eu só guardei os lucros. Depois do Arrebatamento, que na época eu achava que se tratava de desaparecimentos,entendi o que ia acontecer com a economia. - Ken riu.

O quê?

Pensei ter perdido tudo no terremoto. Quase morri por ter ido atrás dele, quero dizer, do meu tesouro escondido. O chão se partiu, e minhas barras de ouro e caixas de moedas escorregaram por uma fissura e afundaram mais de seis metros do local onde estavam guardadas. Poderiam ter afundado mais uns 100 metros ou chegar até o centro da terra. Eu não sabia o quanto ia ser difícil buscar meu ouro, honestamente não sabia. Cavar aqueles entulhos era a coisa mais estúpida que um homem podia fazer depois de um terremoto, e com todos aqueles tremores de terra que aconteceram em seguida. Mas meu desespero era tanto que imaginei que morreria se não encontrasse meu ouro. Resolvi começar a cavar. Quando encontrei o que procurava, eu parecia um garoto que achou suas bolinhas de gude. Foi aí que vi que estava errado. Comecei a aprender com seu genro.

Como?

Achei que ele tinha virado um fanático, e, apesar de não aceitar, eu não podia deixar de concordar que ele tinha prioridades diferentes das minhas e de qualquer outra pessoa que eu conhecia. Quero dizer, eu sabia que ele tinha aceitado tudo o que a religião dizia, eu tinha certeza disso. Meu futuro estava ligado aos bens que eu possuía. A vida dele girava em torno de confiar em Jesus. Homem, aquilo me parecia uma coisa idiota, mas ele estava se saindo bem. Cheguei a invejar seu genro, confesso. Depois daquele terremoto que me fez ir parar no hospital, com os miolos balançando dentro da cabeça, eu não podia imaginar o jovem Williams escarafunchando os escombros à procura de ouro ou coisa parecida. Aí ele apareceu no hospital, e aqui estou eu fazendo mais um de seus servicinhos malucos.

Eu gostaria que fosse apenas um servicinho – disse Rayford. - Seja lá como for, vamos ter

uma longa noite pela frente.

Na volta, não seria melhor descermos na Grécia ou na Turquia, em vez de tentarmos voar a noite inteira? Tenho dois amigos de confiança lá, um em cada país. Acho que ainda não são crentes, mas eles nunca nos abandonariam, se é que você está me entendendo.

Rayford balançou negativamente a cabeça.

Se tivermos combustível suficiente, vou preferir voar direto para casa.

Você é quem manda.

Assim que o carro atravessou os portões da casa de Chaim, o ancião pediu a Stefan, em hebraico, que dissesse alguma coisa a Jonas, o segurança. Jonas também respondeu em hebraico, e Buck perguntou a Tsion o que eles estavam dizendo.

- Depois - disse o rabino, colocando um dedo nos lábios. Quando entraram, eles viram a cobertura e os comentários do evento pela TV. Tsion, Buck e Chloe foram se esgueirando da sala, um de cada vez, para não chamar a atenção, a fim de fazer as malas. Eles haviam sincronizado seus relógios sem que ninguém visse.

Buck notou que agora Chaim parecia tão ansioso quanto Tsion de conversar sobre o assunto de natureza espiritual. Talvez Chaim estivesse mais, pelo fato de Tsion estar um pouco perturbado. Buck, porém, sabia que ganhar almas era muito mais importante para Tsion que sobreviver. Ele não perderia a oportunidade de se deixar usar para a conversão de Rosenzweig.

Buck queria pedir a chave a Jacov e ficou satisfeito por ter a chance de deixar os dois velhos amigos conversando a sós. Mas, quando saiu à procura de seu novo irmão, Buck descobriu que Jacov estaria fora o restante da noite.

- Onde posso encontrá-lo? - ele perguntou.

- Em casa, suponho - respondeu um dos empregados em inglês, com um acentuado sotaque.

Ele forneceu o número, e Buck discou para lá. Ninguém atendeu.

- Onde mais ele poderia estar? - perguntou Buck. O homem falou em voz baixa:

Eu não disse nada ao senhor, mas há um bar chamado "Harém". É lá que...

Eu sei onde fica - disse Buck. - Obrigado.

Ele correu de volta para a casa e interrompeu a conversa entre Chaim e Tsion.

Desculpem-me - ele disse -, mas preciso dar uma palavrinha com Jacov, e ele não está em seu apartamento.

Oh! - interveio Chaim. - Ele disse qualquer coisa sobre ir à casa da mãe de Hannelore.

Ele também vai estar presente no Monte do Templo amanhã.

É que eu preciso falar com ele esta noite.

Chaim forneceu a Buck o número do telefone da mãe de Hannelore, e Buck ligou para lá. Uma voz feminina alemã atendeu e pôs Jacov na linha.

Vai ser difícil para mim sair esta noite, Sr. Williams - disse Jacov. - A mãe de Hannelore não está aceitando o que estamos dizendo a ela, e concordamos em permanecer aqui para conversar mais um pouco com ela. Por favor, ore por nós.

Vou orar. Mas, Jacov, eu preciso daquela chave.

Chave?

Aquela da qual você ia fazer uma cópia para o Dr. Rosenzweig.

Ele está com pressa da cópia?

Eu é que preciso dela, e quero também que você confie em mim e não me faça perguntas.

O senhor está com medo de que algum estranho entre na casa? A porta está trancada. É a mais resistente da casa.

Eu sei. Mas eu preciso da chave, Jacov. Por favor.

Ela não está comigo. Ficou com Stefan. Vou trabalhar amanhã, mas segunda-feira é o meu dia de folga. Ele disse que cuidaria da cópia.

Onde ele mora?

Perto do estádio, mas eu fiquei sabendo que o trânsito naquela área foi interrompido esta

noite.

Eu vi o noticiário pela TV, e ninguém disse nada sobre interromper o trânsito.

Eles acabaram de anunciar. Um guarda da Comunidade Global foi morto logo após a reunião. Foi por isso que ouvimos tiros. A CG está procurando os assassinos. Eles acreditam que o guarda foi atacado por um ou mais judeus convertidos que estavam na reunião.

Jacov, preste atenção. Eu lhe contei o motivo dos tiros.

Mas o senhor não me disse que um guarda foi morto. Será que havia alguns judeus armados? Talvez eles estivessem protegendo o senhor quando viram o guarda apontando-lhe a arma.

Oh, por favor, meu Deus, espero que não.

Nunca se sabe, meu amigo. De qualquer forma, o senhor não vai conseguir chegar perto da casa de Stefan esta noite sem ser barrado. E o senhor sabe que eles vão reconhecê-lo.

Jacov, eu preciso de um favor.

Oh! Sr. Williams, eu quero ajudá-lo, mas não posso ir à casa de Stefan esta noite. Estamos tentando convencer minha sogra de que esta história toda não foi ideia de Stefan. Ela sempre o detestou, sempre o culpou por tudo o que eu fiz de errado. Agora, ela está dizendo que gostaria que ele e eu continuássemos a beber em vez de passar para o lado desses malucos religiosos, inimigos do potentado. Ela está ameaçando tirar Hannelore de mim.

Eu só quero que você não mencione ao Dr. Rosenzweig que eu lhe perguntei pela chave. - Houve um silêncio prolongado. - Sei que estou lhe pedindo que não diga nada ao seu...

Ao homem a quem devo a vida. Ele tem sido um pai para mim. O senhor vai ter de me contar tudo antes que eu decida se vou concordar ou não. Se eu tiver de esconder alguma coisa dele que possa prejudicá-lo, jamais me perdoarei. Por que o senhor precisa daquela chave e por que ele não pode saber?

Jacov, você sabe que ele ainda não se converteu.

Eu sei! Mas nem por isso ele é nosso inimigo! Estou orando para que eu seja a pessoa que vai pregar para ele, embora o rabino seja amigo do Dr. Rosenzweig.

Ele não é nosso inimigo, Jacov, mas é simplório.

Simplório. Eu não conheço esta palavra.

Ele ainda é amigo do potentado.

Ele não conhece tudo o que se passa.

É por isso que digo que ele é simplório. Se usarmos aquela chave para ir embora daqui mais cedo, ele poderá contar alguma coisa a Nicolae ou a seu pessoal antes que a CG saiba que fugimos, e não podemos correr esse risco.

Jacov ficou em silêncio por mais alguns instantes.

Eu não sabia no que estava me metendo - ele disse finalmente. - Não vou voltar atrás. Agora sou um crente de verdade. Mas nunca pensei que teria de fazer alguma coisa contra Carpathia.

Jacov, você poderia pelo menos dizer a Stefan que estou precisando desesperadamente daquela chave? Talvez ele possa dar um jeito de trazê-la até aqui. Ele é conhecido naquela região, e seria normal sair para trabalhar, mesmo a esta hora, não?

Vou tentar. Mas aí o senhor vai ter de pedir a duas pessoas que fiquem de boca fechada.

Ele vai ficar?

Creio que sim. Mas o que o Dr. Rosenzweig vai pensar quando souber que ajudamos vocês a fugirem e não lhe contamos nada?

Buck pensou em sugerir que eles dissessem a Rosenzweig que foram ameaçados-pelo Comando Tribulação. Porém, uma coisa seria fazer uso de todos os meios para ludibriar Carpathia e seu bando; outra, seria mentir ao homem que eles estavam tentando aproximar de Deus. Buck consultou seu relógio, que marcava quase 23 horas. Seria muito difícil Stefan chegar a tempo de entregar-lhe a chave.

-Jacov, será que teríamos condições de arrombar aquela porta?

-Não vai ser fácil, Sr. Williams. Agora preciso desligar.

Rayford estava a uma hora de distância do aeroporto de Jerusalém, procurando entrar em contato com as torres das proximidades para saber qual delas o localizaria nas telas do radar. Ele identificou apenas o tipo e o prefixo de sua aeronave, e ninguém pediu mais detalhes.

- Previsão chegada 24 horas aeroporto Jerusalém para reabastecer - ele disse.

Dez-quatro, *Gulf*. Câmbio e desligo. Ele discou para Chloe.

Tudo pronto, querida?

Estamos um pouco desnorteados, papai. Não vou aborrecê-lo com detalhes, mas o plano continua em pé. Vamos dar um jeito de esperar por você no telhado à meia-noite e meia. Estou morrendo de saudade, meu bem.

Eu também, papai. Se houver algum problema, ligarei para você.

Entendido. Ken vai buscá-los de helicóptero, e eu ficarei aguardando a bordo do *Gulfstream*.

Buck deu uma batida de leve na porta e entrou na sala onde Tsion e Chaim conversavam em voz baixa, mas animadamente. Tsion lançou um olhar de reprovação a Buck, como se ele tivesse escolhido o momento errado para interrompê-los.

Peço desculpas, cavalheiros, mas preciso dar uma palavrinha com você, Tsion.

- Não precisa se desculpar - disse Rosenzweig. - Eu estava mesmo precisando sair por alguns instantes. Vou deixá-los

a sós. Quero perguntar à sua esposa se ela gostaria de ir comigo ao Monte do Templo amanhã. Jacov e eu sairemos um pouco mais tarde.

Chaim passou por Buck, sorrindo, mas visivelmente perturbado. Buck desculpou-se mais uma vez com Tsion.

Buck, sei que nosso tempo é curto, mas ele estava quase aceitando!

Aceitando a ponto de podermos confiar nele? – Buck colocou Tsion a par dos acontecimentos.

Tsion levantou-se e ligou a TV. A tela mostrava a imagem do rosto do guarda da CG que atirara por cima da cabeça de Buck, errando o alvo de propósito. Abaixo da foto, havia uma inscrição com a idade e a data da morte dele.

Fui culpado pela morte dele - disse Buck, com a voz embargada.

Mas você salvou minha vida - disse Tsion. - Louve a Deus porque ele está no céu agora.

Buck, sei que tudo isto está sendo muito difícil e eu jamais quis me tornar insensível ao alto preço que temos de pagar. Ninguém daria um centavo pelo nosso futuro. Não sei por quanto tempo o Senhor poupará cada um de nós para realizar sua obra. Temo, porém, que, se permitirmos que Carpathia machuque, mate ou detenha qualquer um de nós esta noite, a causa de Cristo sofrerá um terrível golpe. Você sabe que não me importo mais com minha vida. Minha família está no céu, e eu gostaria muito de me reunir a ela. Mas acredito que Deus não nos faria morrer desnecessariamente. Ainda há muito o que fazer. Sim, penso que devemos confiar em Chaim. Ele perguntou ao segurança se seu circuito interno de TV estava funcionando. O segurança respondeu que só o ligaria depois da meia-noite, como de costume. Chaim pediu-lhe que o ligasse imediatamente.

Uma onda de pânico apossou-se de Buck. Será que a câmera havia captado sua imagem na noite anterior?

Vamos ter de contar a ele - disse Buck. - Se seus seguranças ouvirem o som do motor de um helicóptero e virem que pertence à CG, não vão saber o que fazer.

É o que eu desejo, Cameron, que haja confusão no momento da fuga. Certamente eles não vão atirar em um helicóptero que pertença a Carpathia. Mas não vai demorar muito para que eles liguem para perguntar, e aí a CG vai saber que usamos um equipamento de sua propriedade.

Como podemos convencer Chaim sem que ele pense que estamos sendo injustos com Carpathia?

Ele assistiu à reunião desta noite, Buck. E você devia ter ouvido a reação dele. Eu estou lhe dizendo que ele está quase aceitando.

O que o está impedindo?

Sua admiração e fascínio por Carpathia.

Então seria melhor contar a ele a conversa que Rayford ouviu no Condor 216.

Sobre mim?

E sobre ele.

Será que ele vai acreditar?

O problema é dele, Tsion. Tudo o que ele acredita e sente a respeito de Carpathia iria por água abaixo.

Tomara.

DOZE

Era quase meia-noite quando Rayford entrou no espaço aéreo de Israel, conforme programado. Ele fez contato com a torre do aeroporto Ben Gurion, em Tel-Aviv, e depois pediu autorização para pousar no aeroporto de Jerusalém para reabastecer.

Faz muito tempo que não me sinto tão apavorado – ele disse.

Sério? - perguntou Ken. - Esse tipo de pavor já está se tornando rotina para mim.

Rosenzweig voltou a reunir-se a Buck e Tsion. Atrás dele, vinha Chloe, de pijamas e roupão. Ela lançou um olhar confuso a Buck.

- O Dr. Rosenzweig está insistindo que eu vá descansar por causa do bebê - ela disse. - Não posso contrariar suas ordens. Só vim até aqui para dar-lhes boa-noite.

Buck sabia que ela correria de volta para o quarto a fim de trocar de roupa, mas limitou-se a dizer:

-Fique aqui conosco por alguns instantes, meu bem. Precisamos dizer uma coisa a Chaim, e talvez você vá precisar confirmar o que o seu pai nos contou.

- TORRE de Jerusalém, aqui fala *Gulfstream* Alfa Tango, câmbio.

- Torre, prossiga, Alfa Tango. Inicie manobras de pouso. Rayford ajustou os comandos e pousou em uma pista mais movimentada do que o normal. Sem demonstrar muita curiosidade para não levantar suspeitas, ele perguntou à torre o motivo do intenso tráfego aéreo. A torre informou-lhe que os participantes mais abastados que participaram da grande reunião no estádio Teddy Kollek estavam voando em aeronaves de pequeno porte até Tel-Aviv para pegar voos internacionais a seus países de origem.

Haverá demora em reabastecer?

Negativo, Alfa. Você está liberado.

Você está vendo os helicópteros? - perguntou Rayford a Ken enquanto manobrava a aeronave em terra.

Só vejo um - respondeu Ken. - Branco e com letras de forma pretas na lateral.

Não brinque comigo.

Falo sério. O helicóptero é da CG, mas vejo apenas um..

Buck! - gritou Chloe. - Você está aparecendo na TV! Veja!

"... a polícia da Comunidade Global acredita que o homem que aparece no videotape seja o assassino de um guarda da CG no começo desta noite por ocasião do Encontro das Testemunhas no estádio Teddy Kollek. Ele foi identificado como o norte-americano Cameron Williams, ex-funcionário da divisão editorial da CG. Dizem que Williams está hospedado com o rabino Tsion Ben-Judá na casa do Dr. Chaim Rosenzweig, o israelense ganhador do prêmio Nobel. O supremo comandante Leon Fortunato disse que..."

Tsion e Buck acompanharam Rosenzweig até o depósito de ferramentas. Assim que avistou o depósito de longe, Buck passou na frente de Chaim, acendeu a luz e pegou um martelo, uma pá e uma barra de concreto.

Você tem uma marreta? - ele perguntou.

Todas as ferramentas que possuo estão aí - disse Chaim.

Precisamos agir rápido. - O telefone tocou. - Deve ser a CG.

Jonas, o segurança, falou pelo interfone em hebraico, e Buck só entendeu as palavras "Rosenzweig" e "Fortunato".

- Peça que alguém me traga o telefone - disse Rosenzweig.

- Estou no fim do corredor.

Ele virou-se para Buck e Tsion e fez um gesto para que eles se dirigissem para a porta de acesso ao telhado. Depois de pegar o telefone sem fio, ele dispensou o criado e continuou

caminhando atrás de Buck enquanto falava.

- Claro que ele está aqui, Leon - disse Chaim. - E acho que já dormiu. Nem pense em invadir minha casa no meio da noite. Você tem minha palavra de que ele estará aqui amanhã cedo, quando poderá interrogá-lo. Terei o prazer de levá-lo até você... Oh! Leon, é um absurdo, e você sabe disso. Ele não pode ser acusado de assassinato. Seu homem foi morto por um de seus colegas... Vocês encontraram a arma do crime? Impressões digitais? Verifiquem os projéteis e examinem suas armas. Conheço o Sr. Williams há anos e nunca o vi portando uma arma. Preste atenção, Leon. Eles são meus convidados, e não vou acordá-los!... Sim, você está avisado! Você não é *meu* supremo comandante... Agora você está me ameaçando? Você conhece a posição que ocupo neste país e, posso até dizer, meu conceito perante Nicolae! Se eu disser ao povo que você usou técnicas da Gestapo no meio da noite... Delito? Você vai me acusar de desacato? Você liga para mim à meia-noite, isto é, *depois* da meia-noite, diz que estou abrigando um suspeito de assassinato, e espera que eu o respeite? Vou lhe dizer uma coisa, Leon. Se você vier pessoalmente até aqui em um horário razoável, meu convidado estará à sua disposição... Bem, fique sabendo, Leon: se você mandar alguém aqui esta noite, não vou abrir a porta. Buck acenou desesperadamente para Chaim, pedindo-lhe que se afastasse dali para que o ruído das pancadas na porta não fosse ouvido do outro lado da linha. Chaim entendeu e dirigiu-se apressado para o outro extremo do corredor. Buck bateu com o martelo na parte de trás da dobradiça superior da porta. Chloe apareceu com duas sacolas e deixou-as ali para buscar a de Tsion.

Tsion desferiu um golpe com a pá na maçaneta e ao redor dela, mas nem ele nem Buck conseguiram muita coisa.

- Afaste-se um pouco, Tsion - disse Buck, levantando, em seguida, a barra de concreto acima da cabeça.

O peso do concreto quase o atirou para trás. Buck o arremessou com força na metade superior da porta e ouviu um estalo. Mais alguns arremessos, ele pensou, provocariam um rombo na madeira.

Rayford estava reabastecendo a aeronave quando recebeu uma ligação de Ken.

Estou a caminho - ele disse.

Boa sorte.

Com os olhos atentos ao relógio, Rayford sentiu vontade de ligar para Chloe e conversar com ela por telefone até que todos estivessem a bordo do helicóptero. Mas ele não queria atrapalhá-los. A falta do outro helicóptero na pista o deixara surpreso, porém a mensagem de Mac havia sido clara. Rayford gostaria muito de saber o que acontecera.

Só estou pensando no bebê. Vamos embora.

Não nos despedimos de Chaim!

Ele compreenderá. Vamos. Vamos.

Chaim retornou assim que Chloe começou a transpor a porta.

-Estou aguardando um aviso do segurança - ele sussurrou. - Um carro da CG acabou de estacionar na frente da casa.

Buck puxou Chaim para perto de si na escuridão e deu-lhe um abraço apertado.

Em nome de todos...

Eu sei - disse Chaim. - Lamento tudo o que está acontecendo. Por favor, me avisem quando estiverem em lugar seguro.

- Apague todas as luzes! - gritou Buck, quando finalmente conseguiu abrir um buraco na madeira. Ele ouviu Chaim desligando apressadamente os interruptores.

Chaim deu uma ordem urgente em hebraico pelo interfone a seu segurança.

O que ele disse? - perguntou Chloe no escuro, aproximando-se de Buck e Tsion diante da porta arrombada. Cada um deles tinha uma sacola pesada.

Ele deu ordem para não deixar ninguém entrar. Disse que todos estão dormindo. Mas essa

ordem não vai deixar o pessoal da CG sem ação por muito tempo.
Vamos - disse Buck. - Ouvi o som de um helicóptero.
Você está imaginando coisas - disse Chloe. - Acho que há um carro da CG entrando aqui.
Vocês dois estão paranóicos - disse Tsion, passando pelo buraco aberto na porta.
Eu peguei sua sacola, meu bem - disse Buck.
Buck! Não fique me paparicando.

Uma sensação de nervosismo tomou conta de todo o corpo de Rayford. Depois de abastecer e pagar o combustível com o cartão de crédito internacional de Ken Ritz, Rayford taxiou o *Gulfstream*, afastando-o quase 200 metros do local onde Ken pousaria o helicóptero. Dali, ele poderia avistar o aparelho e aproximar-se dele no momento do pouso.

O telefone de Rayford tocou.

- Rayford, é Mac. Finalmente estou sozinho. Preste atenção e não diga nada. Leon incumbiu o piloto do helicóptero que estava em Haifa de fazer um sobrevoo com ele. Houve um incidente perto do estádio, e ele não quis arriscar-se a me escalar porque vou levá-los de volta amanhã cedo no Condor. Achei que eles voltariam a tempo, mas isso não aconteceu. Quando você ligou, eu lhe dei o sinal verde para usar o Helicóptero Um. Sim, seu amigo está pilotando o helicóptero que vai ser usado por Carpathia, mas ninguém perceberá nada se ele voltar rápido. Eu não pude conversar

- Repita, capitão.

Uma voz nervosa interrompeu o diálogo.

- McCullum não está no ar, Helicóptero Dois! Ele está aqui conosco! Descubra quem é o sujeito!

- Helicóptero Dois para Helicóptero Um, identifique-se, câmbio.

Ken hesitou.

- Identifique-se, Helicóptero Um, ou será acusado de pirataria aérea.

Aqui é Helicóptero Um, prossiga.

Identifique-se, piloto.

Conexão prejudicada, volto a chamar.

O piloto do Helicóptero Dois soltou um palavrão.

Desça imediatamente e renda-se, Um.

A caminho de Tel-Aviv, Dois. Conversaremos lá.

Negativo! Pouse no aeroporto de Jerusalém e permaneça a bordo!

Negativo, Dois. Vou pousar no Ben Gurion.

O Helicóptero Dois enviou uma mensagem pedindo ajuda a todas as aeronaves naquela área.

E agora? - perguntou Buck.

Vou apagar as luzes e voar baixo - disse Ken.

Não muito baixo.

Alto o suficiente para não bater nos fios elétricos – disse Ken. - Baixo o suficiente para não ser captado pelo radar.

Vai dar certo?

Depende do lugar em que ele se encontrava quando da primeira chamada. Se estava perto da casa de Chaim, conseguimos nos distanciar bastante dele. Duvido que ele voe assim tão baixo ou tão depressa. Ele não é tão tolo a ponto de acreditar que estamos indo para o Ben Gurion. Alguém foi instruído para nos localizar, e ele vai nos perseguir até a pista. Não haverá tempo para nada no aeroporto, nem para ir ao banheiro, se é isso o que vocês querem saber.

Sentado a bordo do *Gulfstream* estacionado perto da pista, Rayford ouvia a conversa pelo rádio, contendo o impulso de orientar Ken. Se Ken não soubesse como voar baixo e forçasse os limites do helicóptero, de nada adiantariam suas orientações.

Alguém voltou a falar pelo rádio, informando que uma aeronave convencional de pequeno

porte avistara o helicóptero da CG voando baixo e com as luzes apagadas.

- Aqui é Helicóptero Dois. Helicóptero Um, você está violando as leis internacionais da aviação por voar com luzes apagadas, baixo demais, velocidade exagerada e por sequestrar uma aeronave oficial. Siga diretamente para o aeroporto de Jerusalém e permaneça a bordo, ou sofrerá as consequências.

Os funcionários do aeroporto entraram em ação. Veículos de emergência cruzavam as pistas.

Atenção, por favor. O aeroporto de Jerusalém está temporariamente fechado em razão de uma emergência. Todas as manobras de pouso e decolagem estão suspensas até segunda ordem. Cessna Extra Bravo, entendido?

Positivo.

Piper Dois-Nove Charley Alfa?

Positivo.

Gulfstream Alfa Tango?

- Positivo - disse Rayford, sem desligar os motores. Ele esperava que Ken entendesse por que o estava aguardando no outro extremo da pista. Eles decolariam sem autorização e na direção errada.

De repente, Rayford avistou o helicóptero. Ken não teria tempo para falar ao telefone, e o rádio não era uma boa opção. Rayford verificou os comandos e deixou tudo preparado para a decolagem.

Ken começou a descer no local combinado.

- O *Gulfstream* está lá! - gritou Buck. - E o pessoal da segurança está chegando por terra! Ken fez uma manobra rápida para trás e pousou perto de Rayford. A porta do *Gulfstream* foi aberta. Buck, Chloe e Tsion aprontaram-se para saltar do helicóptero.

- Esperem um pouco! - gritou Ken. - Se eles nos virem entrar no *Gulf*, vão ter condições de impedir a decolagem! Vou ter de brincar de gato e rato com eles para que pensem que Ray não está envolvido nesta história!

Quando os veículos de segurança se aproximaram, Ken começou a subir e descer com o helicóptero, pairando bem acima do local onde pousara, a 200 metros do *Gulfstream*.

- Pouse imediatamente, Helicóptero Um! - soou a voz pelo rádio, vinda do Helicóptero Dois. - E não desembarque. Repito, não desembarque.

Ken pousou, mas manteve a hélice funcionando enquanto os veículos em terra se aproximavam.

Desligue o motor, Um! - gritou alguém pelo rádio. Buck viu o Helicóptero Dois descendo na extremidade da pista em que Rayford se encontrava, de frente para eles.

Abaixem-se e esqueçam suas sacolas, pessoal - disse Ken. - Se eu conseguir deixá-los bem perto do *Gulf*, vocês vão ter de correr até ele.

Vamos ter de correr? - perguntou Chloe. - Não vai ser possível!

Nada vai ser impossível enquanto estivermos respirando - disse Ken.

Dentro da cabina do *Gulfstream* e com os olhos fixos à frente, Rayford imaginava que, a qualquer instante, Ken e o que restara de sua família seriam cercados pelos guardas armados da CG. Eles jamais o denunciariam, mas será que aguentaria ficar sentado e aguardar até o momento de o aeroporto voltar a funcionar? Seu corpo fervia de frustração. Ele queria fazer alguma coisa, qualquer coisa.

Ken era um homem criativo, prático e esperto. Ele mantinha o motor ligado e a hélice girando. O que pretendia fazer? Deixar que o Helicóptero Dois continuasse a persegui-lo? Não havia esperanças.

- Desligue o motor, Um! - soou a voz novamente. - Você está cercado. Não conseguirá fugir!

Agora, o Helicóptero Dois estava no solo, a cerca de dez metros de Ken, também com a hélice girando. Rayford viu, assustado, quando Ken subiu uns 30 metros, apontou o helicóptero para o *Gulfstream* e pareceu despencar bem na frente dele, batendo na pista

de macadame em ângulo, o que o fez deslizar cerca de 15 metros, dar um rodopio e parar perto da porta aberta.

- Vamos, pessoal! - Ken gritou. - Já!

Ele abriu a porta com força e agarrou Buck como se tivesse punhos de aço, arrastando-o por cima do banco da frente e atirando-o para fora. Buck aguardou no solo para amparar Tsion quando Ken também o atirou para fora. Tsion subiu a escada do *Gulfstream* e ficou de prontidão para fechar a porta.

Buck sentiu-se grato por Ken ter sido mais cuidadoso para tirar Chloe do helicóptero.

- Vá em frente! - ele gritou. - Tsion está tomando conta da porta.

Rayford viu, aterrorizado, quando os veículos da CG começaram a correr em sua direção. Ele precisava levantar vôo. Imaginando que o controle de terra não tinha condições de ver o pessoal embarcando em seu avião, ele disse pelo rádio:

Gulf Alfa Tango para controle de terra, solicitando permissão para me afastar desta confusão.

Positivo, Gulf, desde que não impeça o trânsito dos veículos de segurança.

Rayford começou a rodar na pista, apesar de saber que apenas dois do grupo estavam a bordo. O motor do *Gulfstream* zunia enquanto ele rodava lentamente pela pista, quase esbarrando no Helicóptero Um, a porta raspando no pavimento e produzindo faíscas. Ele não podia levantar vôo enquanto todos não estivessem a bordo e teria de pressurizar o compartimento dos passageiros antes de voar em grande altitude.

O cérebro de Buck rodava em câmera lenta, e um caleidoscópio de imagens começou a passar em velocidade por sua mente. Em uma fração de segundo, ele se lembrou do momento em que foi atingido por um projétil no calcanhar, no Egito, enquanto se atirava com Tsion dentro do Learjet pilotado por Ken. Agora, enquanto corria desesperadamente tentando agarrar a porta do *Gulfstream* que rodava na pista, ele viu claramente, através das barras de pouso do helicóptero, os homens da CG apontando armas na direção deles.

- Ken! Ken! Rápido! Rápido! Rápido! - gritou Buck enquanto Ken tentava alcançá-lo.

Buck corria o mais rápido que podia, e Ken vinha logo atrás dando largas passadas com suas pernas compridas. O *Gulfstream* começou a ganhar velocidade, e Buck sentia-se prestes a esmorecer. Ele olhou para trás e viu o rosto de Ken, a poucos centímetros do seu, com um ar de desespero e determinação nos olhos.

Buck já estava quase subindo a escada quando a testa de Ken foi perfurada. Buck sentiu o calor e o cheiro de metal no momento em que o projétil atingiu sua orelha de raspão e seu rosto foi borrifado pelo sangue de Ken, que caíra ao chão com os olhos arregalados e sem expressão.

Soluçando e gritando, Buck foi arrastado, com o braço preso no fio de metal que sustentava a porta aberta. Ele queria se soltar, correr até onde Ken estava, matar alguém. Mas não portava nenhuma arma, e Ken devia ter morrido antes de cair ao chão. Apesar do sofrimento, do horror e da raiva que sentia, seu instinto de sobrevivência prevaleceu.

A velocidade do *Gulfstream* era cada vez maior, e as pernas de Buck não conseguiam acompanhá-lo. Tsion inclinou-se para fora o mais que pôde, esticando o corpo para erguer a porta e trazer Buck com ela. Porém, quanto mais ele o puxava, mais Buck se enrolava no fio. Chloe também passou a ajudar, gritando e chorando, e Buck preocupou-se com o bebê.

Ele levantou os pés para não queimá-los em razão do atrito do couro dos sapatos na pista. O *Gulfstream* já alcançara a velocidade para decolar. A porta continuava aberta, e Buck, preso no suporte. Ele sabia que Rayford não podia fazer outra coisa a não ser acelerar.

Buck tentou dar um giro com o corpo e apoiar o pé na escada, porém a energia cinética e o vento o impediam de movimentar-se. Agora ele estava quase na posição horizontal, e a vibração da chapa de alumínio da aeronave mudou quando as rodas ergueram-se do chão. Ele semicerrou os olhos para protegê-los do vento e da areia, e pôde ver que

Rayford precisaria ter muita sorte para passar por cima da cerca de três metros na extremidade de uma pista não apropriada para decolagens.

A aeronave passou raspando por cima da cerca, e Buck sentiu que quase podia tocá-la com os dedos dos pés. Uma coisa era certa: ele não ia conseguir entrar na aeronave em pleno vôo. A porta teria de ser fechada mecanicamente. Seu braço ficaria gravemente machucado, e ele morreria por causa da queda ou, quem sabe, teria a sorte de cair nos arbustos um pouco mais adiante da cerca.

Buck contorceu o corpo e puxou o braço até livrar o cotovelo do fio. Os rostos aterrorizados de sua esposa e de seu pastor foram as últimas imagens que viu antes de dar uma cambalhota, cair em cima de um arbusto alto e se alojar ali - arranhado, ferido e sangrando - no meio do mato.

Seu corpo tremia incontrolavelmente, e ele temia entrar em estado de choque. Logo a seguir, ele ouviu o ruído do *Gulfstream* retornando. Buck sabia que Chloe jamais permitiria que seu pai partisse sem ele. No entanto, se eles voltassem, se tivessem de pousar para pegá-lo, seriam mortos. Ken havia morrido, e Buck não queria presenciar mais mortes naquela noite.

Gemendo de dor, ele conseguiu soltar-se dos galhos e percebeu que seus ferimentos necessitariam de cuidados. Aparentemente, não havia fraturas, porque ele conseguiu ficar em pé no chão. Parado ali e tremendo na escuridão da noite, ele sentiu um volume em seu bolso. Seria possível? Seu telefone ainda estaria funcionando?

Buck o abriu, sem esperanças. A luz do mostrador acendeu. Ele discou para o número de Rayford.

Mac? - disse Rayford. - Estamos numa enrascada e precisamos de ajuda!

Não - Buck tentou gritar, quase sem voz -, sou eu e estou bem. Vá embora. Vou tentar alcançá-los mais tarde.

Rayford imaginou estar sonhando. Ele tinha certeza de que seu genro havia morrido.

- Você tem certeza, Buck? - ele gritou.

Chloe, que recuperara a consciência após ter desmaiado de desespero, arrancou o telefone da mão de Rayford.

- Buck! Buck! Onde você está?

Depois da cerca, no meio de arbustos cheios de espinhos! Acho que eles não me viram, Chloe! Ninguém está vindo nesta direção. Se eles me viram correndo para alcançar o avião, devem ter pensado que consegui entrar.

Como você conseguiu sobreviver?

Não faço ideia! Você está bem?

Se *eu* estou bem? Claro! Dez segundos atrás eu era viúva. Ken está com você?

-Não.

-Oh, não! Eles o acertaram?

- Ele morreu, Chloe.

TREZE

RAYFORD decidiu voar para o norte o mais rápido possível, calculando que os guardas da CG imaginaram que ele havia seguido na direção oeste.

- Tsion, vasculhe a sacola de Ken para ver se existe algum registro sobre seus amigos na Grécia. Ele mencionou que poderíamos descer lá ou na Turquia, se fosse necessário.

Tsion e Chloe abriram a sacola de Ken.

- É muito doloroso, Rayford - disse Tsion. - Este irmão salvou minha vida levando-me de avião para um local seguro quando colocaram minha cabeça a prêmio.

Rayford não conseguia falar. Ele e Ken haviam se entrosado tão bem, a ponto de se tornarem amigos rapidamente. Pelo fato de terem voado muitas horas juntos, Rayford passara mais tempo com Ken do que com qualquer outra pessoa, exceto Buck. E, por terem quase a mesma idade, a afinidade entre ambos foi muito grande. Rayford sabia que violência e morte eram os preços a ser pagos neste período da História, mas ele detestava o sofrimento causado pelas perdas. Se começasse a pensar em toda a tragédia que suportara – desde a perda de sua esposa e filho no Arrebatamento até a morte de Bruce, Loretta, Donny e sua esposa, Amanda... e de outras pessoas conhecidas -, por certo enlouqueceria.

Ken estava num lugar melhor, Rayford dizia a si mesmo, e isso lhe soava como um chavão. Apesar de tudo, ele tinha de acreditar que era verdade. Foi ele quem perdeu um amigo. Finalmente Ken estava livre de sofrimentos.

Rayford sentia-se exausto. Ele não havia programado pilotar na viagem de retorno. Ken se poupava para ter condições de levar o Comando Tribulação de volta aos Estados Unidos.

- O que *significa* tudo isto? - perguntou Chloe, repentinamente. - Ele preparou uma lista com ideias e planos para negócios, e...

- Vou lhe contar depois - disse Rayford. - Ele era um verdadeiro empresário.

- E dos bons - disse Tsion. - Eu nunca imaginei que ele fosse tão inteligente. Algumas coisas que ele escreveu parecem um manual de sobrevivência para os santos da tribulação.

- Vocês encontraram algum nome? Algum que dê ideia de um contato na Grécia? Por via das dúvidas, vou voar naquela direção. Não posso permanecer no ar por muito mais tempo.

Não podemos pousar sem manter contato com a torre local, não é mesmo, papai?

Não deveríamos.

Mac pode nos ajudar?

Ele prometeu ligar para mim assim que tivesse condições de conversar. Tenho certeza de que eles o envolveram naquele fiasco. Ore para que ele consiga ludibriá-los.

Os cortes no rosto de Buck foram profundos, mas, por estarem localizados abaixo do osso malar, sangravam pouco. Seu polegar direito parecia ter sido empurrado até o pulso. O ferimento na orelha esquerda, que quase foi partida ao meio pelo tiro que também matara Ken, não parava de sangrar. Ele tirou a camisa e usou a camiseta para limpar o rosto e o sangue que corria da orelha. Vestiu novamente a camisa, na esperança de não estar com a aparência de um monstro caso surgisse alguém disposto a ajudá-lo.

Buck rastejou por cima da vegetação até os limites da área do aeroporto, mas não se atreveu a aproximar-se da cerca. Embora não houvesse holofotes apontados para aquele local, a cerca proporcionava um ângulo perfeito para alguém captar qualquer movimento estranho. Ele sentou-se com as costas apoiadas em um arbusto para recuperar o fôlego. Seus tornozelos, joelhos e o cotovelo direito estavam doloridos. O lado direito de seu corpo devia ter sofrido um impacto maior quando ele caiu no meio daquela planta com galhos pontudos. Ele abriu o telefone celular e viu sua imagem embaçada no visor

iluminado.

Ao sentir uma agulhada na região do tornozelo, Buck levantou as pernas da calça e notou que as meias estavam empapadas do sangue que escorria de suas canelas. Seus músculos doíam, mas, diante das circunstâncias, ele se sentia um homem de sorte. Tinha um telefone e podia caminhar.

- Acho que encontramos alguma coisa - disse Tsion.

Rayford viu, pelo canto do olho, o rabino mostrando uma agenda de telefone aberta para Chloe.

- Para mim, parece ser um nome grego. O que você acha, papai? Ken anotou o número do telefone de Lukas Miklos, cujo apelido é Laslos.

Qual é a cidade?

Não consta.

Há mais alguma anotação? Você saberia dizer se o nome é de um amigo ou de um contato comercial?

Ligue para lá. Não há nenhuma indicação.

Espere - disse Tsion. - Há um asterisco ao lado do nome e uma seta apontando para a palavra *linhito*. Não conheço esta palavra.

Nem eu - disse Rayford. - Parece nome de um mineral ou coisa do gênero. Disque para lá, Chloe. Se formos aterrissar na Grécia, vou ter de iniciar as manobras de pouso daqui a alguns minutos.

Buck não conseguia lembrar-se do nome da sogra de Jacov e não sabia qual era o sobrenome de Stefan. Ele não queria ligar para Chaim; sua casa devia estar repleta de homens da CG. Caminhando na escuridão, protegido pelas sombras da noite, ele circundou o aeroporto inteiro e avistou a estrada principal. Ali, ele poderia pegar uma carona ou conseguir um táxi. Sem saber para onde se dirigir, resolveu tomar o caminho do Muro das Lamentações. Nicolae havia advertido Moisés e Eli publicamente para que sumissem dali após o encerramento das reuniões no estádio, o que deu a Buck a certeza de que as duas testemunhas estariam lá.

- Alô, senhora - disse Chloe. - Há alguém aí que fale inglês?... Inglês!... Sinto muito, não estou entendendo. Há alguém aí... - Ela cobriu o fone com a mão. - Eu acordei a mulher. Ela ficou assustada. Está chamando alguém. Parece estar despertando um homem.

- Sim! Alô? Senhor?... É o Sr. Miklos?... O senhor fala inglês?... Mais ou menos?... Entende inglês?... Que bom! Lamento tê-lo acordado, mas somos amigos de Ken Ritz, dos Estados Unidos! - Chloe cobriu novamente o fone com a mão. - Ele conhece Ken!

Chloe perguntou onde ele morava, se havia um aeroporto na cidade e se podiam visitá-lo para conversar a respeito de Ken, caso conseguissem pousar lá.

Após alguns minutos, Rayford conseguiu contato com a torre de Ptolemáís no norte da Grécia.

Macedônia - disse Tsion. - Graças a Deus.

Ainda não estamos em segurança, Tsion - disse Rayford. - Estamos dependendo da bondade de um estranho.

Pela primeira vez, Buck ficou satisfeito pelo fato de a Comunidade Global ter escolhido o dólar norte-americano como moeda corrente. Ele possuía uma boa quantidade de dinheiro, suficiente para fechar os olhos e a boca de muita gente. Escondida em algum lugar de sua carteira, também havia uma identidade falsa, uma ferramenta muito útil... desde que ele não fosse pego portando as duas identidades.

- O Sr. Miklos ficou desconfiado - disse Chloe. - Mas assim que eu o convenci de que éramos amigos de Ken, ele me instruiu que devemos dizer à torre que estamos pedindo permissão de pouso para um Learjet Foxtrot Foxtrot Zulu.

Trata-se do avião de um de seus fornecedores. Ele dirige uma empresa de mineração. Estará lá à nossa espera.

Este aqui não se parece nem um pouco com um Lear - disse Rayford.

Ele disse que a torre não vai sequer prestar atenção.

Quando chegou à estrada, Buck ficou surpreso ao ver que o trânsito continuava movimentado. Havia ainda muita gente saindo de Jerusalém. E todo aquele tráfego aéreo significava que o aeroporto já reabriria. Ele não avistou nenhum bloqueio nas ruas. A CG devia estar imaginando que ele fugira a bordo do *Gulfstream*.

Buck caminhou pelo acostamento da estrada na direção de Jerusalém, que estava muito menos congestionada do que a pista contrária. Ele começou a acenar com sua camiseta ensanguentada para os táxis vazios que vinham do aeroporto, tentando esconder o lado mais manchado. Endireitou o corpo para dar a impressão de que estava sóbrio e sem nenhum ferimento. Felizmente, o quarto táxi para o qual ele acenou saiu da pista e parou no acostamento.

Você tem dinheiro, companheiro? - perguntou o taxista antes de abrir a porta traseira.

Bastante.

Os pedestres não costumam caminhar nesta direção. Você é o primeiro que vejo em semanas.

Perdi minha carona - disse Buck, entrando no carro.

Você está bastante ferido, não?

Eu estou bem. Andei no meio de alguns espinhos.

Imagino.

Você é australiano?

Como você adivinhou? Para onde vamos, companheiro?

Muro das Lamentações.

Ah! eu só vou conseguir deixar você a quase um quilômetro de lá.

Tanto assim?

Grandes acontecimentos. Você ficou sabendo da história dos dois...

Sim, onde eles estão?

Estão lá.

Que coisa!

- Eles não deviam estar lá, você sabe. -Sei.

- Dizem que o potentado continua em Jerusalém, mas longe do Muro. Há uma grande multidão por lá com armas na mão. Civis e militares. Uma confusão danada. Admiro muito o potentado, mas ele não fez bem em oferecer um prêmio pela cabeça dos dois.

Você acha?

Veja só o que vai acontecer. Alguém vai matar os dois esta noite para ser transformado em herói. Estou falando de cidadãos comuns e de policiais. Quem pode afirmar que eles não vão dar início a um tiroteio?

Você acha que os dois vão morrer esta noite?

Vão. Eles fincaram o pé naquele lugar, provocaram a ira da cidade inteira por causa da água que virou sangue e da seca, dizendo que eram os responsáveis. E se orgulham disso. Mataram diversas pessoas que tentaram chegar perto deles, mas que chances aqueles dois têm agora? Eles se colocaram atrás daquela cerca para que o povo possa praticar tiro ao alvo.

Eu digo que eles estarão lá, bem vivos, quando amanhecer.

Não acredito.

Se isso acontecer, você faria uma coisa para mim?

Depende.

Se, apesar de todas as circunstâncias contrárias, você tiver de admitir que eu acertei...

Garanto que isso não vai acontecer.

... vai encontrar uma Bíblia e ler o livro de Apocalipse.

Ora, você também é um deles?

Deles quem?

Dos judeus convertidos. Esta noite já fiz pelo menos três viagens para eles até o aeroporto. Todos tentaram me fazer passar para o lado deles. Você também vai querer me salvar, companheiro?

Eu não posso salvá-lo, meu amigo. Mas não entendo como Deus não conseguiu ainda chamar sua atenção.

Não nego que esteja acontecendo alguma coisa estranha. Mas faço um trabalho sujo, explorando mulheres, se é que você me entende, e acho que Deus não gosta disso. Ganho muito dinheiro do outro lado da cidade, compreende?

E isso vale mais do que sua alma?

Talvez. Mas vou lhe dizer uma coisa. Se aqueles dois estiverem lá amanhã cedo, vou fazer o que você me pediu.

Encontrar uma Bíblia?

Eu já lhe disse. Fiz três viagens esta noite com sujeitos iguais a você. Ganhei três Bíblias. Você vai me dar a quarta?

Não, mas eu poderia ficar com uma das suas.

Eu vivo de negócios, companheiro. Posso vender uma para você.

Rayford estacionou o jato no final de uma pista onde havia uma aeronave de porte semelhante. Ele, Chloe e Tsion caminharam cautelosamente em direção ao terminal quase deserto. Em um canto escuro do terminal, um casal de meia-idade os observava com olhos assustados. Ele era um homem atarracado, de baixa estatura, e tinha fartos cabelos escuros e crespos. Ela era robusta e usava um lenço na cabeça, deixando à mostra apenas alguns cachos de cabelo. Depois de um tímido aperto de mãos, Lukas Miklos disse:

Ken Ritz falou de mim a vocês?

Encontramos seu nome na agenda de telefone dele, senhor - disse Rayford.

Miklos retraiu-se e sentou-se em uma cadeira.

Como vou saber se vocês o conhecem?

Sinto muito, mas temos má notícia para lhe dar.

Antes de me darem a má notícia, preciso saber se posso confiar em vocês. Digam-me alguma coisa sobre Ken que só um amigo poderia saber.

Rayford olhou para os outros e disse cautelosamente.

- Ex-militar, piloto de voos comerciais, proprietário de uma empresa de táxi aéreo por muitos anos. Alto, beirando os 60 anos.

Vocês sabiam que ele costumava pilotar o avião de um de meus fornecedores quando comecei a trabalhar com usinas de energia?

Não, senhor. Ele não mencionou isso.

Ele nunca lhe falou de mim?

De seu nome, não. Mencionou que conhecia alguém na Grécia que poderia nos hospedar quando estivéssemos retornando para os Estados Unidos.

Para onde vocês foram?

Israel.

E foram lá para quê?

Para o Encontro das Testemunhas. Miklos e sua esposa trocaram olhares.

Vocês são crentes? Rayford assentiu com a cabeça.

Vire o rosto para a luz.

Rayford obedeceu.

Miklos olhou para ele, depois para sua esposa e, em seguida, virou-se para a luz e afastou a mecha de cabelo da testa.

Você vai me dizer que este senhor aqui é o Dr. Ben-Judá?

É ele mesmo, senhor.

Oh, oh! - disse Miklos levantando-se da cadeira e caindo de joelhos no piso de ladrilho. Ele segurou as mãos de Ben- Judá e beijou-as. Sua esposa juntou as duas mãos diante do rosto como se estivesse orando e fechou os olhos. - Eu vi que o senhor se parecia com aquele homem que vimos na TV. É o senhor mesmo!

Vamos, vamos - disse Tsion. - É um prazer conhecê-los, mas a notícia que temos sobre nosso irmão Ken não é boa.

O taxista parou em um beco atrás de uma casa noturna, onde aparentemente costumava frequentar. Um segurança veio a seu encontro.

- Não, ele não é um qualquer, Stallion. E não vai entrar. Arrume um turbante e um lenço de pescoço. Eu lhe pago depois. - Stallion agarrou o australiano pela gola da camisa. - Você vai receber, seu moleque grandalhão - disse o taxista. - Vamos, arrume o que eu lhe pedi e me deixe ir embora daqui.

Alguns instantes depois, Stallion atirou o turbante e o lenço dentro do táxi pela janela, fazendo um gesto de ameaça para o motorista.

- Vou voltar - disse o australiano. - Confie em mim. Buck colocou o turbante na cabeça e ajeitou o lenço de pescoço por baixo, cobrindo as orelhas e a nuca. Se ele não mexesse muito a cabeça, ficaria também com uma parte do rosto coberta.

Onde ele conseguiu estas coisas? - perguntou Buck.

Você quer mesmo saber?

Acho que algum bêbado terá uma surpresa quando acordar.

A orelha de Buck havia parado de sangrar, mas ele ainda necessitava de cuidados médicos. Você conhece algum lugar onde eu possa tomar uma injeção contra infecções e levar alguns pontos sem que me façam muitas perguntas?

O dinheiro deixa muitas perguntas sem resposta, companheiro.

Às três horas da madrugada, o taxista deixou-o o mais perto possível do Monte do Templo. Buck deu uma gorjeta considerável ao australiano.

Pela corrida - ele disse. - Pela Bíblia. E pelas roupas.

Que tal um pouco mais pelos serviços médicos? Buck pagara uma boa quantia a uma clínica de conceito duvidoso, mas calculou que a corrida em si valia mais alguns dólares.

- Obrigado, companheiro - disse o taxista. - Vou cumprir a promessa e ficar atento às notícias, mas não vou ficar surpreso se eles já estiverem mortos.

Lukas Miklos possuía um belo carro último tipo e morava em uma casa luxuosa que estava sendo restaurada após o terremoto. Ele pediu insistentemente ao Comando Tribulação que permanecesse ali por uma semana, mas Rayford lhe disse que eles necessitavam apenas de um bom descanso e que partiriam no dia seguinte ao anoitecer.

- Ken não sabia que vocês eram crentes, sabia?

Miklos balançou a cabeça negativamente.

Quando sua esposa pediu licença para recolher-se, Rayford e Tsion levantaram-se. Ela sorriu com timidez e curvou a cabeça em sinal de respeito.

-Ela toma conta do escritório - explicou Miklos. - Começa a trabalhar antes de mim.

Depois de instalar-se em uma poltrona confortável, Miklos continuou a falar:

Ken me enviou um *e-mail* contando o que aconteceu com ele. Pensamos que ele tivesse ficado maluco. Eu sabia que o governo de Carpathia se opunha à teoria do arrebatamento. A Comunidade Global me favoreceu tanto nos negócios que eu não queria nem sequer conhecer alguém que fizesse oposição a ele.

Você fez muitos negócios com a CG?

Ah! sim. E continuamos a fazer. Eu não me sinto nem um pouco culpado por usar o dinheiro do inimigo. O pessoal da CG compra quantidades enormes de linhito para suas

usinas termoelétricas. Ken sempre disse que o linhito parecia crescer nas árvores de Ptolemaís. Que bom se fosse assim! Mas ele estava certo. Esta região é rica em linhito, e sou um dos principais fornecedores.

Por que você não contou a Ken que se converteu?

Porque, Sr. Steele, só me converti quando vi o Dr. Ben- Judá na TV. Não conseguimos falar com Ken. No computador dele, deve haver um *e-mail* meu.

Buck aproximou-se o mais que pôde do Monte do Templo antes de se misturar à multidão que se acotovelava naquele local. Ninguém se atrevia a ficar a menos de 60 metros de Eli e Moisés, inclusive os guardas da CG – principalmente eles. Muitos civis também portavam armas, e o clima era muito tenso.

Buck sentia-se em segurança e praticamente invisível na escuridão, apesar de provocar a ira das pessoas e levar alguns empurrões por forçar a passagem no meio delas. Algumas vezes, ele ficava na ponta dos pés e via Eli e Moisés fartamente iluminados pelos holofotes da TV. Eles continuavam a não usar alto-falantes, mas podiam ser ouvidos por toda aquela região.

-Onde está o rei do mundo? - interpelou Eli. - Onde está aquele que se assenta no trono da terra? Vós, homens de Israel, sois uma geração de serpentes e víboras, ultrajando o Senhor vosso Deus por meio de sacrifícios de animais. Estais vos curvando diante do inimigo do Senhor, aquele que procura afrontar o Deus vivo! O Senhor que livrou seu servo Davi das garras do leão e do urso, também nos livrará da mão desse impostor.

A multidão riu, mas ninguém deu um passo sequer à frente, a não ser Buck. Apesar da dor que sentia e das feridas latejando, ele ansiava por aproximar-se daqueles homens de Deus. Ao chegar mais perto da cerca, ele constatou que o povo estava menos agressivo e mais precavido.

-Tome cuidado, homem - alguém disse. - Proteja-se. Não se aproxime muito. Eles possuem lança-chamas escondidos atrás daquele cómodo.

Buck poderia até ter achado graça daquilo e se sentido revigorado pelas palavras de Eli, mas a morte horrível de Ken ainda lhe causava muito sofrimento. Ele limpou instintivamente o rosto, como se o sangue de Ken ainda estivesse ali, e quase chorou de dor quando passou a mão nos pontos.

Moisés tomou a palavra.

- Servo de Satanás, tu vens contra nós com espada, com lança e com escudo. Nós, porém, vamos contra ti em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus do povo escolhido, a quem tens afrontado. Não terás força sobre nós até o tempo determinado!

A multidão começou a assobiar, vaiar e gritar:

Matem os dois! Atirem neles! Disparem um míssil contra eles! Atirem uma bomba neles!

Ó homens de Israel - reagiu Eli. - Não tendes temor, mesmo sem água para beber e chuva para molhar vossas plantações? Temos o poder de fazer com que o sol queime vossas plantações e a água se transforme em sangue enquanto estivermos profetizando, para que toda a terra saiba que existe um Deus em Israel. E todo este povo aqui reunido saberá que o Senhor não salva com espada nem com lança: porque a batalha pertence ao Senhor. Ele vos entregou em nossas mãos.

- cabem com os dois! Atirem neles!

O povo ofegava irado e afastou-se quando Buck conseguiu ficar a três metros da cerca. Ele ainda estava longe das testemunhas, mas, após o que acontecera na noite anterior, sua atitude parecia ser a de um homem corajoso ou tolo. A multidão silenciou.

Agora, Moisés e Eli estavam em pé lado a lado, sem se mexer, com os braços caídos ao longo do corpo. Eles olhavam fixamente para a multidão e para Buck, parecendo determinados a desafiar Carpathia, que dera permissão para qualquer pessoa matá-los caso aparecessem em qualquer lugar após as reuniões no estádio. E continuavam no mesmo lugar em que apareceram todos os dias desde a assinatura do tratado entre a Comunidade Global e Israel.

Buck sentia-se atraído na direção deles, apesar de seu desespero para não ser reconhecido. Mesmo assim, ele avançou um pouco mais, provocando risos de zombaria diante de sua imprudência.

Nenhuma das testemunhas abriu a boca, mas Buck as ouviu falar em uníssono. A mensagem parecia ser exclusiva para ele. Será que alguém mais poderia ouvi-la?

- Pois todo aquele que quiser salvar sua vida, perdê-la-á; porém todo aquele que perder a sua vida por amor de Cristo e do Evangelho, salvá-la-á.

Será que os dois sabiam que Ken morreria? Estariam consolando Buck? De repente, Moisés olhou para a multidão e gritou:

-Que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder sua alma? Ou o que dará o homem em troca de sua alma? Porque qualquer um que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de Jesus Cristo e das suas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos.

E, de repente, mais uma vez os dois falaram em uníssono, sem movimentar os lábios, como se suas palavras fossem dirigidas somente a Buck.

Alguns que aqui se encontram não passarão pela morte antes de verem o Filho do homem vindo em seu Reino.

Sentindo necessidade de falar, Buck murmurou estas palavras de costas para a multidão para que ninguém pudesse ouvi-lo:

Queremos estar entre os que não passarão pela morte - ele disse. - Mas perdemos um dos nossos esta noite.

Buck não conseguiu prosseguir.

O que ele disse? - gritou alguém.

Ele vai ser queimado.

Os dois voltaram a falar diretamente ao coração de Buck.

-Homem nenhum há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou esposa, ou filhos, ou terras, por causa de Jesus e do Evangelho, que não receba, já no presente, o cêntuplo de casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e terras, e com eles perseguição; e, no mundo por vir, a vida eterna.

Deus *proporcionara* a Buck um lugar para viver e novos irmãos e irmãs em Cristo! Buck desejava muito se aproximar das testemunhas e perguntar o que deveria fazer, para onde deveria ir. Como ele poderia se reunir à sua esposa depois de passar a ser um fugitivo da CG? Teria ele de desaparecer dali como fizera quando libertou Tsion?

Um guarda da CG advertiu-o por meio de um megafone para afastar-se daquele local.

- E, aos dois que estão presos - prosseguiu o guarda -, dou 60 segundos para que se rendam pacificamente. Temos bombas poderosas estrategicamente colocadas, explosivos e morteiros capazes de atingir um raio de 200 metros. Saiam já, ou não nos responsabilizaremos por suas vidas! O cronometro será ligado assim que terminar a última tradução deste aviso. Nesse ínterim, um oficial graduado da Comunidade Global, sob as ordens diretas do supremo comandante e do potentado, escoltará os fugitivos até um veículo de nossa propriedade.

Enquanto o aviso era traduzido para vários idiomas, o povo começou a dispersar-se alegremente, distanciando-se do raio de ação dos explosivos e agachando-se atrás dos carros e das barreiras de concreto. Buck afastou-se sem despregar os olhos de Moisés e Eli, cujas mandíbulas estavam cerradas.

Um guarda da CG trajando uniforme militar de gala, mas desarmado, apareceu de repente, vindo do lado direito, e correu na direção das testemunhas com as mãos para cima. Quando ele estava a dez metros das testemunhas, Eli gritou tão alto que o homem pareceu ficar paralisado pelo som que ecoou em seus ouvidos.

- Não ouses chegar perto dos servos do Deus Altíssimo, mesmo sem arma na mão! Salva tua vida! Procura abrigo nas grutas ou atrás das pedras!

O homem da CG escorregou e caiu. Quando tentou levantar-se para fugir dali, caiu novamente. Buck continuou a afastar-se, sem tirar os olhos das testemunhas. De um

galho acima de sua cabeça ecoaram dois tiros de um rifle. O atirador estava a uns quinze metros de Eli e Moisés, mas Buck não conseguiu ver aonde os projéteis foram parar. Um sopro de fogo foi expelido da boca de Moisés diretamente no soldado, que se manteve agarrado à arma até seu corpo em chamas bater com força no piso de pedra. O rifle foi atirado a uma distância de mais de cinco metros. O corpo do soldado queimou-se rapidamente até transformar-se em uma pilha de cinzas como se estivesse dentro de uma fornalha. O rifle também queimou e derreteu.

Um profundo silêncio tomou conta do local enquanto os guardas, o povo e Buck aguardavam novos estampidos das armas. Buck estava agora no meio dos espectadores que restaram, escondido sob o telhado de um pórtico nas proximidades. Depois de passado um minuto, a temperatura baixou como se fosse inverno. Buck tremia incontrolavelmente. Os que estavam perto dele gemiam e choravam de medo. Uma rajada de vento fez com que as pessoas se aglomerassem tentando cobrir as partes expostas do corpo a fim de se protegerem do frio intenso. Começou a cair uma chuva de granizo como se um caminhão cósmico estivesse despejando, de uma só vez, toneladas de pedras de gelo do tamanho de uma bola de golfe. Em dez segundos, a chuva parou, e a área ficou coberta com mais de 20 centímetros de gelo.

A fonte de energia que fornecia eletricidade para os holofotes da TV começou a pipocar. As luzes se apagaram, e a área ficou mergulhada na mais profunda escuridão. Simultaneamente, em três locais, algo parecido com caixa de explosivos detonando emitiu uma série de estouros abafados que, em seguida, se desintegraram em cinzas.

Este foi o melancólico resultado do ataque criminoso às testemunhas.

Dois helicópteros apontavam seus faróis gigantes para o Monte do Templo à medida que a temperatura subia, chegando a ultrapassar 30 graus centígrados, segundo os cálculos de Buck. O gelo derreteu-se rapidamente, e o som da água corrente era semelhante ao de um riacho borbulhante. Em poucos minutos, a lama transformou-se em pó como se o sol estivesse a pino.

A multidão choramingava e lamentava todas as vezes que os helicópteros, rodando em círculos, iluminavam a área perto do Muro. Eli e Moisés continuavam imóveis, sem mexer um dedo sequer.

Rayford agradeceu a Lukas Miklos enquanto se dirigia, na companhia de Chloe e Tsion, para os quartos de hóspedes.

-Você foi uma resposta às nossas orações, meu amigo. Tsion prometeu enviar a Miklos uma lista dos crentes da Grécia.

Lukas, você oraria conosco pelo marido de Chloe, genro do capitão Steele?

Certamente - disse Miklos.

Os quatro deram-se as mãos e curvaram a cabeça. Quando chegou a vez de Miklos orar, ele disse:

-Amado Senhor Jesus Cristo, protege aquele rapaz.

Amém.

QUATORZE

ALÉM de emocionado, Buck também sentia-se muito triste e exausto quando pegou outro táxi que o deixou a dois quarteirões da casa de Chaim Rosenzweig. Sem tirar o turbante e o lenço, ele aproximou-se furtivamente da casa e constatou que os guardas da CG já haviam deixado o local. Jonas, o segurança, cochilava em seu posto. Buck teve um momento de hesitação. Ele sabia que Jonas e Chaim ainda não haviam se convertido. Chaim já conhecia a verdade a respeito de Carpathia e não o denunciaria, mas Jonas era uma incógnita. Buck não sabia se o segurança falava ou entendia inglês, pois o ouvira proferir apenas algumas palavras em hebraico. Porém, como segurança da casa, ele deveria conhecer um pouco de inglês; caso contrário, como poderia fazer contato com visitantes estrangeiros?

Encorajado pelos desafios de Eli e Moisés, Buck deu um suspiro profundo, tocou de leve um dos pontos do ferimento abaixo do olho, que o incomodava, e caminhou diretamente para o portão da casa. Ele não queria assustar o homem, mas tentou despertá-lo atirando uma pedrinha no vidro da guarita. Jonas não se mexeu. Buck bateu levemente no vidro, e depois com força, mas não conseguiu acordá-lo. Finalmente, Buck resolveu abrir a porta e tocou levemente o braço de Jonas.

O segurança, um homem robusto beirando os 60 anos, deu um pulo e arregalou os olhos. Só depois de arrancar o disfarce foi que Buck se deu conta de que seu rosto devia estar com um aspecto horrível. Os hematomas, o inchaço e os pontos de sutura o haviam deixado com a aparência de um monstro.

A atitude de Buck ao tirar o turbante e o lenço aparentemente foi considerada por Jonas como uma afronta. Sem arma na mão, ele pegou uma enorme lanterna presa no cinto, apontou-a para Buck e deu um passo para trás. Buck desviou o olhar do foco da lanterna, receando levar um soco no rosto machucado.

Sou eu, Jonas! Cameron Williams!

Jonas colocou a mão livre sobre o coração, esquecendo-se de abaixar a lanterna.

Oh, Sr. Williams! - ele disse em um inglês tão precário que Buck mal conseguiu reconhecer seu nome. Finalmente Jonas apagou a lanterna e usou as duas mãos para comunicar-se, gesticulando enquanto falava. - Eles - prosseguiu Jonas em tom de medo, apontando para o lado de fora e movimentando as mãos como querendo dizer que havia um mar de gente - estar olhando procurando o senhor. - Jonas apontou para os próprios olhos.

Só eu ou todos nós?

Jonas lançou-lhe um olhar de quem não havia entendido nada.

Só eu? - ele repetiu, confuso.

Procurando só eu? - Buck apontou para si mesmo, tentando imitar os gestos de Jonas. -

Ou também Tsion e minha esposa?

Jonas fechou os olhos, sacudiu a cabeça e levantou uma das mãos.

Não aqui - ele disse. - Tsion, esposa, embora daqui. Voando. - Ele fez o gesto de bater as asas.

E Chaim? - Buck perguntou.

Dormir. - Jonas colocou a mão na face e fechou os olhos.

Posso entrar para dormir, Jonas?

O segurança olhou de soslaio para Buck, demonstrando hesitação.

Eu chamar - ele disse, esticando o braço para pegar o telefone.

Não! Deixe Chaim dormir! Conte a ele mais tarde.

Mais tarde?

- De manhã - disse Buck. - Depois que ele acordar. Jonas concordou, mas continuava com a mão no telefone como se fosse discar.

- Vou entrar e dormir - complementou Buck, interpretando o significado de suas palavras.
- Vou deixar um bilhete na porta do quarto de Chaim para que ele não fique assustado.

OK?

-OK!

- Posso

entrar?

-OK!

- Tudo bem?

- Tudo bem!

Enquanto se dirigia para a porta, Buck virou-se para observar Jonas. O segurança também o observava. Em seguida, ele colocou o telefone no lugar, acenou para Buck e sorriu. Buck retribuiu o aceno, mas, ao tentar abrir a porta, constatou que estava trancada. Ele teve de voltar e pedir a Jonas que a abrisse. Finalmente, Buck conseguiu entrar na casa e relaxar pela primeira vez desde que o helicóptero levantara vôo do telhado algumas horas antes. Ele deixou um bilhete na porta do quarto de Chaim sem fornecer detalhes, mencionando apenas que estava no quarto de hóspedes e que tinha muita coisa a lhe contar na manhã seguinte. Buck olhou-se no espelho do banheiro. Os ferimentos estavam horríveis, e ele orou para que a tal clínica tivesse, pelo menos, realizado uma boa assepsia no local. A sutura parecia ter sido feita por um profissional, mas sua aparência era medonha - olhos injetados, rosto com hematomas e todo remendado. Ele não gostaria que Chloe o visse naquela circunstância.

Depois de trancar a porta do quarto, ele se despiu e estendeu-se na cama gemendo de dor. Em seguida, ouviu um leve toque de seu celular. Devia ser Chloe, mas Buck não queria levantar-se. Ele rolou de lado e estendeu o braço para pegar a calça. Enquanto tentava retirar o telefone do bolso, ele se desequilibrou e caiu da cama.

O tombo não foi sério, mas o ruído acordou Chaim. Enquanto atendia ao telefone, ele ouviu Chaim dizer choramingando pelo interfone: - Jonas! Jonas! A casa está sendo invadida! Quando Buck terminou de contar toda a história a Chaim e pôr Chloe a par da situação, o sol já estava começando a despontar no horizonte. Ficou combinado que Chloe, Tsion e Rayford seguiriam para Monte Prospect e que Chaim tentaria descobrir um meio de Buck voltar para casa depois de recuperar-se dos ferimentos.

Buck achou que Chaim estava mais zangado ainda do que quando conversou por telefone com Leon. Ele contou que os telejornais passaram e repassaram a imagem de Buck no videotape conversando com o guarda da CG que foi assassinado alguns segundos depois.

- O teipe deixa bem claro que você não portava arma, que o guarda estava vivo quando você o deixou, e que você não se virou para trás nem retornou ao local. O tiro dado pelo guarda passou por cima de sua cabeça, Buck, e o corpo dele girou quando foi atingido a curta distância pelos rifles poderosos da CG. Todos nós sabemos que os tiros foram disparados pelas armas dos companheiros do guarda. Mas essa verdade nunca vai ser divulgada. O assunto será abafado, o guarda será acusado de trabalhar com você ou para você, e quem sabe o que mais poderá acontecer?

Esse "o que mais" passou a fazer parte das notícias forjadas pela CG. Os telejornais diziam que um terrorista norte-americano chamado Kenneth Ritz havia sequestrado um helicóptero de propriedade de Nicolae Carpathia para ajudar na fuga de Tsion Ben-Judá e seu grupo da casa de Chaim Rosenzweig, onde eles se encontravam em prisão domiciliar. As notícias davam conta de que Rosenzweig acolhera Ben-Judá em sua casa, bem como o suspeito de assassinato Cameron Williams e sua esposa, e que ele havia concordado em mantê-los em prisão domiciliar para serem interrogados pela CG. As cenas da porta que dava acesso ao telhado da casa do Dr. Rosenzweig, visivelmente arrombada de dentro para fora, mostravam como os norte-americanos conseguiram fugir.

Um porta-voz da Comunidade Global disse que Ritz foi morto por um atirador depois de abrir fogo contra a polícia da CG no aeroporto de Jerusalém. Os outros três fugitivos estariam escondidos em algum lugar do mundo, e havia suspeitas de que Williams, ex-funcionário da Comunidade Global, fosse um excelente piloto de aviões a jato.

De volta aos Estados Unidos, os componentes do Comando Tribulação acompanhavam as notícias atentamente, mantendo contato com Chaim e Buck sempre que possível. Rayford ficou surpreso diante das melhoras de Hattie em tão pouco tempo. Sua enfermidade, desespero e obstinação haviam-se transformado em ódio e determinação. Ela chorava tanto a perda do bebê que Rayford chegava a acordar assustado com seus lamentos no meio da noite. Chloe também demonstrava estar irada.

Eu sei que não devemos esperar nada deste sistema mundial, papai - disse ela a Rayford -, mas sinto-me tão impotente que estou a ponto de explodir. Se não encontrarmos um meio de fazer Buck voltar para casa, vou até lá sozinha. Você já chegou a desejar ser aquele que Deus vai usar para matar Carpathia no tempo determinado?

Chloe! - disse Rayford, na esperança de que sua reação soasse como uma censura e não para ocultar o fato de que ele já orara para ter esse privilégio. O que estava acontecendo com eles? No que estavam se transformando?

Buck comunicou que Jacov o ajudara a esconder-se na casa de Stefan. Rayford sentiu-se melhor com essa notícia, pois a permanência de Buck na casa de Chaim o preocupava. Certamente a polícia da Comunidade Global acreditava que Buck fugira com seus companheiros. Viver sob o teto de uma pessoa desconhecida em um bairro de gente simples o deixava menos vulnerável e dava-lhe a chance de recuperar-se dos ferimentos. Buck contou a Rayford por telefone que dali a algumas semanas ele tentaria retornar aos Estados Unidos em um voo comercial, provavelmente saindo de um dos principais aeroportos da Europa.

- Já que eles não estão à minha procura aqui - ele dissera -, talvez eu possa sair usando um nome falso.

Nesse ínterim, Rayford fizera contato com Mac McCullum e David Hassid. Ele usou os préstimos de David para substituir os computadores de todos os componentes do Comando Tribulação e adquiriu unidades de tamanho reduzido que podiam ser ligadas à Internet e servir como telefones movidos a luz solar, conectados por satélite ao mundo inteiro.

Tsion sempre manifestava sua satisfação a Rayford por ter recebido um novo computador - um *laptop* leve, estreito e fácil de ser transportado que podia ser conectado a um posto no cais, dando-lhe a condição de receber em casa todos os tipos de acessórios disponíveis. Tratava-se do modelo mais recente, mais rápido e mais potente que havia no mercado. Tsion passava a maior parte do dia comunicando-se com seu rebanho internacional, que aumentara de modo significativo antes das reuniões em Israel e agora se multiplicava sensivelmente a cada dia.

Em razão das melhoras apresentadas por Hattie, pelo menos na parte física, o Dr. Floyd Charles agora dispunha de tempo para assumir o lugar de Ken como conselheiro técnico do Comando Tribulação. Ele instalou um programa para impedir que os telefones e os computadores do grupo fossem rastreados.

A tarefa mais difícil para Rayford era lidar com suas emoções a respeito de Ken. Ele sabia que todos sentiam a falta do companheiro. A mensagem de Tsion proferida em um rápido culto em memória de Ken levava todos às lágrimas. Chloe passou dois dias na Internet tentando encontrar algum Parente de Ken, mas não conseguiu nada. Rayford deu a notícia a Ernie, em Palwaukee, o qual prometeu informar o Pessoal daquele aeroporto e guardar os pertences de Ken até que Rayford pudesse buscá-los. Ele não contou nada a Ernie sobre o ouro de Ken, sabendo que os dois, apesar de serem irmãos em Cristo, se conheciam havia pouco tempo.

Buck comprou um computador para poder conectá-lo à Internet e aprender os ensinamentos de Tsion. Porém, ele não conseguiu encontrar um programa que lhe permitisse comunicar-se com Chloe sem ser rastreado. A conversa tinha de ser feita por telefone. Ele sentia muito a falta dela, mas ficou feliz por saber que a esposa e o bebê em

gestação estavam saudáveis, apesar de Chloe ter admitido que o médico manifestara uma certa preocupação com a fragilidade dela.

Chloe mantinha-se ocupada montando um ramo de negócio com base nas anotações de Ken. Dentro de um mês, ela disse a Buck, esperava dirigir um comércio pelo computador, ligando em rede todos os crentes do mundo.

- Alguns terão a missão de plantar e colher - ela disse. - Outros, a missão de comprar e vender. Esta será a nossa única esperança, uma vez que somente os que tiverem a marca da besta poderão participar do comércio legal.

Ela contou a Buck que sua prioridade seria arregimentar agricultores, produtores e fornecedores. Assim que tudo estivesse em ordem, ela expandiria o mercado.

Mas como vai ser quando você tiver um bebê para cuidar? - ele perguntou.

- Espero que, nessa ocasião, meu marido já tenha voltado para casa - ela respondeu. - Vou ensinar-lhe, porque ele não vai ter muito serviço além de dirigir uma revista pela Internet.

Ensinar-lhe o quê? Como dirigir seu comércio ou tomar conta do bebê?

As duas coisas - ela disse.

No fim do dia de uma sexta-feira, ela mencionou a Buck por telefone que Rayford estava planejando visitar o aeroporto de Palwaukee no dia seguinte.

- Ele vai dar uma olhada nos aviões de Ken e tentar conhecer um pouco melhor esse tal de Ernie. Talvez o rapaz seja um bom mecânico, mas Ken mal o conhecia.

Naquela noite, Buck conectou seu computador à Internet e encontrou a mensagem de Tsion para o dia. O rabino parecia abatido, mas Buck sabia que as pessoas que não o conheciam pessoalmente não notariam esse abatimento. Tsion escreveu sobre o sofrimento pela perda de amigos e familiares. Ele não mencionou o nome de Ken, mas Buck o leu nas entrelinhas.

Tsion concluiu sua mensagem para aquele dia lembrando a seus leitores que, recentemente, havia transcorrido o segundo aniversário da assinatura do pacto de paz entre a Comunidade Global (conhecida dois anos antes como Organização das Nações Unidas) e o Estado de Israel.

"Eu gostaria de lembrá-los, meus queridos irmãos e irmãs, de que estamos a apenas um ano e meio daquele tempo ao qual a Bíblia dá o nome de Grande Tribulação. Até agora, a situação tem sido muito difícil, mais do que difícil. Sobrevivemos aos dois anos mais terríveis da história de nosso planeta, e este próximo ano e meio será pior. Contudo, os últimos três anos e meio deste período farão com que os que já atravessamos pareçam ter sido uma grande festa."

Buck sorriu diante da insistência de Tsion de sempre terminar sua mensagem com uma palavra de incentivo, independentemente da dura verdade que teve de transmitir. Ele encerrou a mensagem citando Lucas 21: "Haverá sinais

no sol, na lua e nas estrelas; sobre a terra, angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas; haverá homens que desmaiarão de terror e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo; pois os poderes dos céus serão abalados. Então se verá o Filho do homem vindo numa nuvem, com poder e grande glória. Ora, ao começarem estas coisas a suceder, exultai e erguei as vossas cabeças; porque a vossa redenção se aproxima."

Na manhã seguinte, às sete horas em Israel, Buck estava assistindo ao noticiário da TV sobre a resposta de Nicolae Carpathia a Eli e Moisés, que continuavam a causar destruição em Jerusalém. O apresentador citou as palavras do supremo comandante Leon Fortunato, que falou em nome do potentado:

"Sua Excelência declarou os pregadores como inimigos do sistema mundial e autorizou Peter Matthews, o sumo pontífice da Fé Mundial Enigma Babilônia, a fazer o que bem lhe aprouver com os criminosos. O potentado acredita, e eu tenho a mesma opinião, que não

deve envolver-se pessoalmente em assuntos de competência da divisão religiosa da Comunidade Global. Sua Excelência disse-me o seguinte ontem à noite: 'A menos que venhamos a descobrir que o nosso Supremo Pontífice não tem condições de lidar com aqueles dois que usam de artifícios e hipnose em massa para paralisar um país inteiro'." Evidentemente, por estar assistindo a uma transmissão "imparcial", Buck não se surpreendeu ao ver Peter Matthews dar uma resposta furiosa:

"Oh! quer dizer então que o problema passou a ser meu? Será que Sua Excelência finalmente resolveu transferir a autoridade a quem de direito? Sabemos que ele só abriu mão dessa autoridade quando ficou provado que seu exército não tinha poderes sobre esses impostores. Assim que os dois morrerem, a chuva voltará a cair sobre Israel, límpida, pura, refrescante, e o mundo saberá onde reside o verdadeiro poder."

Uma semana antes, Buck levara Chaim para visitar os pregadores diante do Muro, e o ancião admitiu que ficou comovido pela experiência e mais desiludido ainda com Carpathia.

- Porém, Cameron - ele disse -, enquanto Nicolae cumprir com sua parte no pacto que assinou com Israel, continuarei confiando nele. Não tenho escolha. Eu desejo e preciso confiar nele.

Buck o havia pressionado.

- Se ele traísse Israel, o que você acharia de tudo o que aprendeu com Tsion e de tudo o que meu sogro ouviu clandestinamente? Você capitularia e se juntaria a nós?

Rosenzweig não quis se comprometer.

Sou um velho com costumes arraigados - ele havia respondido. - Lamento ser tão inflexível. Você e seus companheiros crentes são muito cativantes, e espero que não venham a ter razão no final, porque vou me sentir o mais desprezível de todos os homens. Mas eu lancei minha sorte em um mundo que posso tocar, sentir e ver. Não estou disposto a abandonar a intelectualidade em prol de uma fé cega.

Em sua opinião, é isto o que Tsion tem feito?

Por favor, não lhe diga nada. Tsion Ben-Judá é um erudito brilhante que não se encaixa na imagem que tenho dos crentes. Tampouco vocês, que são seus amigos íntimos. Acho que tudo isso devia me dizer alguma coisa.

Deus está tentando chamar sua atenção, Dr. Rosenzweig. espero que não haja necessidade de uma ação drástica.

Rosenzweig o dispensara com um gesto. ~ Obrigado por preocupar-se comigo.

Agora Buck balançava a cabeça diante das notícias veiculadas pela TV, sabendo que eram 23 horas em Illinois e que sua família e amigos ainda não haviam tomado conhecimento dos últimos fatos. Ele queria enviar-lhes uma mensagem por *e-mail* para que assistissem ao noticiário. Mas não podia transmitir a mensagem sem expor Stefan e a si mesmo diante da CG.

Buck pensou em fazer uma ligação telefônica e deixar um recado, mas Chloe passara a ter um sono tão leve que sempre acordava e enviava-lhe uma resposta, mesmo que fosse no meio da noite. Ela precisava descansar.

Stefan saíra para trabalhar, e Buck resolveu dar um passeio sob o sol da manhã. Ele desejava tanto voltar para a casa secreta que quase chorou. A luminosidade do céu claro e sem nuvens fê-lo semicerrar os olhos, e ele apreciou o calor de um dia sem nenhuma brisa sequer. De repente, uma sombra cobriu o céu, como se alguém tivesse estendido um manto acima de sua cabeça.

Mesmo com o sol a pino no céu límpido, a manhã transformou-se em crepúsculo, e a temperatura caiu vertiginosamente. Buck sabia muito bem o que estava acontecendo: a profecia de Apocalipse 8.12. O quarto anjo tocara a trombeta, "e foi ferida a terça parte do sol". O mesmo aconteceria com a terça parte da lua e das estrelas. Considerando que o sol brilha durante 12 horas por dia na maior parte do mundo, ele agora só brilharia oito, com apenas dois terços de sua luminosidade normal.

Apesar de saber o que estava acontecendo, Buck ficou amedrontado diante do poder de Deus. Sentindo um nó na garganta e um aperto no peito, ele correu até a casa vazia de Stefan e ajoelhou-se. - Senhor - ele orou -, tu me tens provado tua fidelidade constantemente, e, mesmo assim, sinto que minha fé se intensifica todas as vezes que presencio o teu poder em ação. Tu cumpres tudo o que prometes. Tudo o que predizes cumpre-se. Oro para que este fenômeno, propagado ao mundo inteiro por Tsion e pelas 144.000 testemunhas, alcance milhões de almas para o teu Reino. Como pode ainda existir alguém que duvide de teu poder e de tua grandeza? Tu és tremendo, mas também és um Deus de amor, de misericórdia e de bondade. Obrigado por me teres concedido a salvação. Obrigado por Chloe e nosso bebê, por Rayford, Tsion e o médico. Obrigado pelo privilégio de ter conhecido Ken. Protege nosso povo onde quer que esteja e dá-me a oportunidade de conhecer Mac e David. Mostra-nos o que devemos fazer. Guia-nos para que possamos te servir melhor. Eu me entrego em tuas mãos e estou disposto a ir aonde quiseres e fazer o que me pedires. Louvo a ti por Jacov, Hannelore, Stefan e por todos os novos irmãos e irmãs que puseste em meu caminho. Quero que Chaim te conheça, Senhor. Graças te dou por seres um Deus benevolente e grandioso.

Buck estava profundamente envolvido pelo poder de Deus, sabendo que a escuridão teria efeito sobre tudo no mundo, não apenas sobre a luminosidade do sol e a temperatura da terra, mas também sobre o transporte, a agricultura, os sistemas de comunicação e as viagens - tudo o que tivesse a ver com ele próprio e com seus entes queridos.

Buck queria avisar o Comando Tribulação, mas aguardou até ser sete horas da manhã em Chicago. Eles gostavam de se levantar logo que o sol despontava no horizonte, mas agora o sol não despontaria para eles. Buck se perguntava como seria o aspecto das estrelas quando elas escurecessem. Não ia demorar muito.

Ele discou para Chloe e a despertou.

Rayford acordou mais cedo do que costumava e olhou para o relógio. Eram 6h45, e ainda não havia clareado. Ele continuou deitado olhando para o teto, imaginando que o dia devia estar chuvoso ou nublado. Às sete horas, ele ouviu o telefone de Chloe tocar. Devia ser Buck, e Rayford queria falar com ele. Resolveu aguardar alguns minutos para dar tempo a ela de conversar com o marido. Depois, ele desceria e lhe faria um sinal.

Ainda deitado de costas, ele deu um longo suspiro. Será que sua ida a Palwaukee naquele dia teria algum proveito? Deveria ele mencionar a Ernie o assunto do tesouro escondido? Talvez sim, dependendo do rumo da conversa. Levaria algum tempo para que ele confiasse plenamente em Ernie. O rapaz era muito jovem.

A voz de Chloe parecia agitada. E ela o estava chamando. Ele sentou-se na cama. Ainda não estava na época de o bebê nascer. Haveria algum problema com Buck?

- Papai! Venha aqui!

Rayford vestiu apressadamente o roupão. Chloe foi ao encontro dele no pé da escada, com o telefone celular encostado ao ouvido.

- São sete horas, e ainda está um pouco escuro – ela disse. - Buck está me contando que o sol parou de brilhar às sete horas da manhã no horário de lá. Enquanto estávamos dormindo. Buck, converse com papai, meu bem. Vou chamar o pessoal para nos reunirmos aqui.

Buck percebeu que Rayford ficou atônito.

Incrível - ele disse repetidas vezes. - Vamos ter de verificar o que vai acontecer com nossos aparelhos movidos a luz solar.

Pensei que Floyd já estivesse cuidando do assunto.

Ele estava. Só que não gostamos das conclusões a que ele chegou. Por algum motivo que desconhecemos, em um caso como este a soma dos elementos não é igual. Não dá para expressar numericamente que vamos ter um terço de energia a menos. Ele usou uma calculadora possante e disse que, além de haver um terço a menos de energia solar,

haverá um terço a menos de tempo a cada 24 horas. Ele nos deu um exemplo do que isso vai significar para nós, e não gostamos do que vimos. Não podemos contra-argumentar nem podemos acumular muita energia por antecipação, mas esperamos que ele esteja errado.

- Ele não errou - disse Buck. - Sujeitos inteligentes como ele nunca erram. Aguarde um instante, Rayford. Há uma outra pessoa ligando para mim e preciso saber quem é.

Buck apertou a tecla de identificação de chamada e voltou a falar com Rayford.

É Rosenzweig. Volto a ligar para Chloe em seguida.

Eu digo a ela. Veja como está a fonte de energia de seu celular.

Está tudo bem. - Ele apertou o botão. - Dr. Rosenzweig!

Cameron, quero conversar pessoalmente com você. Estou necessitando de alguns conselhos.

Precisa ser agora?

Você tem condições?

Suponho que você já saiba o que está acontecendo - disse Buck.

Claro que sei! Eu estive presente na última reunião em Tsion falou sobre esta profecia.

Então você está admitindo que o fenômeno é óbvio demais e que não pode ser outra coisa.

Qualquer pessoa que saiba raciocinar será forçada a admitir.

Obrigado, meu Deus!, pensou Buck.

Preciso conversar com você para saber o que vou dizer. A imprensa está alvoroçada e quer que eu comente o assunto em um programa a ser levado ao ar amanhã. Eu disse a uma meia dúzia de repórteres que sou botânico e que só sei explicar o que esse fenômeno significará para a fotossíntese.

A propósito, o que ele significará para a fotossíntese?

Bem, se você deseja uma resposta técnica, digo que ele vai confundir tudo. O pessoal da imprensa, porém, está me fazendo lembrar que sempre falei sobre assuntos científicos, mesmo fora de minha área de atuação. Você deve se lembrar de que Nicolae me fez algumas perguntas sobre as causas dos desaparecimentos. Eu quase fiquei convencido com aquela bobagem de que houve uma reação atômica espontânea.

E você quase me convenceu também, e na época eu era um jornalista internacional.

Fortunato acabou de me ligar. Ele deseja que eu confirme a teoria da Comunidade Global sobre este fenômeno.

Como poderei ajudá-lo?

Vamos ter de montar uma estratégia. Estou pensando em desmascará-los. Vou dar a entender que apoio as ideias deles, e, quando eu estiver no ar, direi o que quiser. Preciso me vingar de Leon, pelo menos uma vez.

Acho que você está preocupado com o que Carpathia vai pensar.

Claro.

Será um teste para o relacionamento entre vocês dois.

Exatamente. Vou descobrir até que ponto sou um cidadão livre. Fiz Leon passar por tolo deixando transparecer que estava cooperando com ele para prender vocês três. Eu poderia ter desmascarado o regime inteiro, mas Nicolae desculpou-se pessoalmente e pediu-me que eu não lhe causasse nenhum constrangimento.

Ele se desculpou? Você não me contou nada.

Achei que não seria apropriado. Você não faz ideia do quanto cheguei perto de dizer a ele que trocava a saída de um amigo do país pela minha promessa de não deixar a notícia vaziar para a imprensa. Só que não tive coragem de pedir-lhe uma coisa destas.

Você agiu com sabedoria - disse Buck. - Não creio que ele aceitaria essa barganha. Se Carpathia soubesse que estou aqui, bem debaixo do nariz deles, ficaria furioso.

Eu me atrevi a perguntar se ele não imaginava que suas táticas contra Ben-Judá e seus seguidores poderiam ser a causa de todas estas pragas e julgamentos. Ele me censurou por eu estar concordando com toda esta ficção. Eu preciso conversar pessoalmente com

você, Cameron.

Você conhece algum lugar onde pudéssemos ter uma conversa reservada?

Rosenzweig sugeriu um local subterrâneo chamado apropriadamente de "O Porão". Buck pediu uma mesa em um canto fracamente iluminado onde eles poderiam ler o texto de Chaim sem serem incomodados. Rosenzweig tinha em mãos um *fax* da declaração oficial da Comunidade Global sobre o acontecimento que surpreendeu a todos naquela manhã. Buck teve de se segurar para não cair na gargalhada.

O *fax* continha todos os tipos de baboseiras legais, insistindo em que o assunto fosse mantido em absoluto Sigilo e que não poderia ser visto por outra pessoa que não o Dr. Chaim Rosenzweig, e quem não cumprisse aquelas instruções seria punido pelo supremo comandante da Comunidade Global por ordem de Sua Excelência, blabláblá...

O texto dizia o seguinte: "Dr. Rosenzweig, Sua Excelência encarregou-me de transmitir-lhe os mais profundos agradecimentos por sua aquiescência em endossar a declaração oficial do Ministério da Aeronáutica e de Assuntos Espaciais da Comunidade Global a respeito do fenômeno astronômico natural que ocorreu às sete horas desta manhã, horário da Nova Babilônia."

- Eu só concordei em examinar o texto, mas Leon sempre usa um tom tipicamente presunçoso. De qualquer forma, aqui estão as diretrizes.

Buck leu: "O MAECG tem o prazer de assegurar ao povo que a sombra que tomou conta do céu esta manhã é resultado de um fenômeno explicável da natureza e não deve ser motivo de alarme. Pesquisadores cientistas abalizados concluíram que a situação deverá ser normalizada, sem a interferência de ninguém, dentro de 48 a 96 horas."

"O fenômeno não terá influência significativa sobre as temperaturas, a não ser a curto prazo, e a falta de luminosidade não deve ser confundida com falta de energia solar. Embora alguns pequenos aparelhos movidos a luz solar, tais como telefones celulares, computadores e calculadoras, possam sofrer alguma conseqüência momentânea, não deverá haver impacto substancial nas reservas de energia sob a responsabilidade da Companhia de Força e Luz da Comunidade Global.

"A explicação fornecida pelos especialistas no assunto quanto ao fenômeno que aconteceu no espaço é a seguinte: houve a explosão de uma estrela maciça (uma supernova) que resultou na formação de uma magnetar (ou estrela supermagnetizada). O diâmetro desse corpo celeste tem, no máximo, 15 quilômetros, mas pesa duas vezes mais do que o sol. Ele se forma quando a estrela maciça explode e seu núcleo se encolhe em contato com a gravidade. A magnetar gira em torno de si com uma rapidez tremenda, fazendo com que os elementos de seu núcleo cresçam e se tornem intensamente magnéticos."

"Os sinais luminosos de tais eventos podem emitir uma quantidade de energia igual à que o sol produziria em centenas de anos. Normalmente essas explosões ficam contidas na camada superior da atmosfera, que absorve toda a radiação. Apesar de não termos detectado níveis nocivos de radiação, estes sinais luminosos ocorreram a uma altitude menor, mas suficiente para afetar o brilho do sol. Nossos cálculos mostram uma diminuição da claridade entre 30 e 35%.

"O MAECG permanecerá atento a esse fenômeno e informará se houver mudanças significativas. Esperamos que a situação se normalize antes do final da próxima semana."

Rosenzweig meneou a cabeça e fitou Buck.

- Uma fantasia convincente, não?

- Eu aceitaria, se não conhecesse a verdade - disse Buck.

- Bem, esta não é a minha área, você sabe. Mas, mesmo assim, posso compreender alguma coisa. A formação de uma magnetar não teria efeito nenhum sobre o brilho do sol, da lua ou das estrelas, a não ser talvez acentuar sua luminosidade. Pode ser que tenha influência sobre as ondas de rádio e destrua satélites. Se esse fenômeno tivesse ocorrido a uma altitude menor, dentro da atmosfera, conforme eles dizem, sem condições de afetar a Terra, provavelmente teria deslocado a Terra de seu eixo. Seja qual for a explicação, a magnetar não foi formada pela explosão de uma supernova.

Difícilmente aquele grupo encontrava motivos para sorrir, a não ser quando Tsion contava um caso como aquele ou quando alguém fazia algum comentário engraçado. Gargalhadas ou brincadeiras haviam deixado de fazer parte da vida deles. O sofrimento era desgastante demais, Tsion sacrificado do grupo - perdera a esposa e dois filhos. Chloe perdera a mãe e o irmão e, mais recentemente, dois amigos. Rayford perdera duas esposas, um filho, seu pastor e várias outras pessoas conhecidas. Todos ao redor daquela mesa, inclusive o Dr. Charles e Hattie, tinham motivos para enlouquecer se insistissem no assunto, pensava Rayford. Ele aguardava com ansiedade o dia em que Deus enxugaria as lágrimas dos olhos de seu povo, o dia em que não haveria mais guerras.

Este era um dos motivos que o estimulavam a assistir ao noticiário das 22 horas que havia sido anunciado o dia inteiro com grande alarde pela Rede de Televisão da Comunidade Global. A CG estava reunindo especialistas que confirmariam a declaração oficial do governo referente à escuridão que já começara a causar problemas no mundo inteiro. Buck insinuara que os comentários de Chaim seriam divertidos. Embora não estivesse antevendo motivos para uma boa gargalhada, Rayford gostaria de poder alegrar-se por alguns instantes.

- Eu só espero - disse Tsion -, que possamos detectar alguma mudança no modo de pensar de Chaim. Quando lhe falei várias vezes sobre as profecias, eu o desafiei com esta pergunta: "Chaim, como uma pessoa tão inteligente como você pode ignorar as probabilidades matemáticas, uma vez que existem dezenas de profecias referentes a um único homem afirmando que ele é o Messias?" Ele me veio com o típico argumento de que não sabia se a Bíblia é autêntica. Eu disse: "Meu mentor! Então você duvida da Tora? Onde você acha que descobri todas estas coisas?" Ouçam o que eu lhes digo, meus jovens, não vai demorar muito para Chaim se convencer. Só não quero que ele espere muito tempo.

Rayford, que era cerca de três anos mais novo do que Tsion, gostou muito de ser incluído entre os jovens. Hattie interpelou o rabino com voz firme.

- O senhor também pensa a mesma coisa sobre mim, Dr. Ben-Judá? Ou será que já o convenci de que sou um caso perdido?

Tsion colocou o garfo na mesa e empurrou o prato.

Srta. Durham - ele disse tranqüilamente -, você tem certeza de que deseja ouvir na frente de outras pessoas o que penso sobre sua situação?

Pode dizer - ela respondeu com o semblante sério. - Não tenho segredos e sei que seu pessoal também não tem.

Tsion entrelaçou os dedos.

- Muito bem. Já que você me deu permissão, vou dizer. Nós dois não tivemos muitas oportunidades de conversar. Sei qual é a sua posição, e você sabe que minha vida agora é inteiramente dedicada a proclamar aquilo em que acredito. Portanto minha opinião também não é segredo para você. Somos de sexos opostos, e você tem quase 20 anos menos do que eu. Estas diferenças criam uma barreira entre nós, o que me força a ser menos franco com você do que seria com outra pessoa. Mas acho que você ficaria surpresa se soubesse quantas vezes por dia Deus me faz lembrar de você.

Rayford percebeu que Hattie parecia mais do que surpresa. Ela segurava um copo d'água, com um sorriso forçado nos lábios.

Bem-Judá complementou:

- Eu não pretendia constrangê-la...

Oh, o senhor não vai me constranger, doutor. Prossiga. - Ao dizer isto, ela deu um grande sorriso.

Peço que me permita falar do fundo de meu coração...

Por favor - ela disse, colocando o copo na mesa e dando a entender que estava ansiosa por ouvi-lo. Rayford achou que ela estava gostando de ter atraído a atenção de Tsion só para si.

- Sinto muita compaixão por você - disse Tsion. - Eu gostaria muito que você aceitasse Jesus. - O rabino não conseguiu prosseguir. Seus lábios tremiam, e ele não conseguia

proferir as palavras.

Hattie franziu a testa, olhando firme para ele.

- Perdoe-me - ele conseguiu dizer em voz baixa, depois de beber um pouco de água para tentar recompor-se. Lágrimas começaram a correr por seu rosto. - Deus me concedeu a graça de poder vê-la através dos olhos dele - uma jovem assustada, irada e desiludida, que tem sido usada e abandonada por muita gente. Deus a ama com um amor puro. Certa vez, Jesus olhou para as pessoas que o cercavam e disse: "Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir teus filhos como a galinha ajunta os do seu próprio ninho debaixo das asas, e vós não o quisestes!"

- Srta. Durham, você conhece a verdade. Eu a ouvi dizer que conhece. E, mesmo assim, não está disposta a aceitá-la. Não, eu não a considero um caso perdido. Oro por você tanto quanto oro por Chaim. Porque Jesus prosseguiu dizendo o seguinte a respeito do povo de Jerusalém que tinha o coração empedernido: "E em verdade vos digo que não mais me vereis até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor."

- Eu olho para você, uma jovem de delicada e rara beleza, e vejo o que a vida lhe fez. Gostaria muito que você tivesse paz. Penso no quanto você poderia fazer pelo Reino de Deus nestes tempos perigosos que atravessamos e estou ansioso para que você faça parte de nossa família. Receio que você esteja arriscando a vida por não entregá-la a Deus e não gostaria de vê-la sofrer antes que Ele a alcance com sua misericórdia. Lamento muito se a deixei constrangida, mas você me pediu que falasse.

Hattie balançava a cabeça de um lado para o outro, e Rayford teve a impressão de que ela estava mais surpresa do que constrangida. Em seguida, ela parou de balançar a cabeça, fez um gesto de concordância e perguntou:

Quando vai começar o tal noticiário?

Agora - disse Chloe, e todos terminaram rapidamente a refeição.

Sentado diante do aparelho de TV em Jerusalém, acompanhado de seu *notebook*, Buck sentia-se fascinado pelas sombras tenebrosas que cobriam a terra ao alvorecer. Era dia de folga de Jacov e Stefan, e ele ficou satisfeito por poder assistir à entrevista coletiva à imprensa na companhia dos dois.

Evidentemente, "entrevista coletiva à imprensa" não era o nome apropriado, uma vez que a Comunidade Global havia adquirido todos os meios de comunicação. Os leitores so tinham acesso a matérias de real interesse por meio de Publicações clandestinas como a de Buck. Era por isso que a aparição de Chaim na TV estava causando tanta polêmica. Se ele tivesse a coragem de expor tudo o que dissera a Buck, sua apresentação seria a mais controvertida que a TV já mostrara desde o estarrecedor testemunho de Tsion. Não, Rosenzweig ao se convertera, pelo menos por enquanto. Porém, ele estava visivelmente cansado de ser usado pelo pessoal da CG.

O programa teve início com a costumeira bajulação sobre os convidados. Parecia que todas as vezes que desejava persuadir a população de alguma teoria absurda, a CG exibia os sabichões com grande pompa diante das câmeras e distribuía fartos elogios falsos.

O apresentador mencionou a presença do Ministro da Aeronáutica e de Assuntos Espaciais da Comunidade Global, o Diretor da Companhia de Força e Luz da Comunidade Global, vários cientistas, autores, dignitários e personalidades do mundo artístico. Cada convidado exibia um sorriso tímido enquanto o apresentador citava uma ladainha de suas qualificações e realizações.

Buck deu uma gargalhada quando o apresentador proferiu a frase "E por último, mas certamente tão importante quanto os demais convidados". A câmera focalizou um homem franzino, de porte físico semelhante ao de Albert Schweitzer, enquanto a legenda na parte inferior da tela exibia seu nome. Chaim não demonstrava timidez nem modéstia. Parecia estar confuso, como se tudo aquilo fosse demais para ele.

Chaim balançava a cabeça para a frente e para trás, com ar de quem estava rindo de si

mesmo, enquanto o apresentador enumerava seus títulos, um título após o outro: ex-professor, escritor, botânico, ganhador do Prêmio Nobel, doutor nisto, doutor naquilo, palestrante, diplomata, embaixador, amigo pessoal e confidente de Sua Excelência o potentado. Chaim traçou um círculo com a mão aberta dando a entender que não havia necessidade de mencionar mais títulos. O anfitrião concluiu, dizendo:

- Eleito uma vez o Homem do Ano pelo *Semanário Global* e inventor da fórmula que transformou Israel em uma potência mundial, o Dr. Chaim Rosenzweig!

Não foi permitida a presença de pessoas estranhas no estúdio, e o pessoal da imprensa da CG era contra aplausos. A apresentação tão veemente teve um final insípido, e o programa prosseguiu.

Em primeiro lugar, o apresentador leu a declaração inteira da CG enquanto o texto era exibido na tela. A tensão de Buck aumentou quando - conforme ele temia - o apresentador começou a entrevista pedindo a opinião e os comentários do primeiro convidado à esquerda, o que significava que ele continuaria na mesma ordem em que fez as apresentações. Buck receava que, quando chegasse a vez de Chaim, os telespectadores já tivessem perdido o interesse e a paciência. O controle total que a CG exercia sobre os meios de comunicação tinha uma vantagem: apesar de haver centenas de canais à disposição dos telespectadores, todos estavam exibindo o mesmo programa.

Naquele momento, Buck se deu conta de que a repentina escuridão era assustadora, mesmo para os milhões de pessoas que não levaram em conta as palavras de Tsion Ben-Judá por considerá-las delírio de um homem desequilibrado mentalmente. Todos estavam com a TV ligada à procura de respostas de seus respectivos governos e consideravam aquele programa o mais importante que já haviam visto. Buck só esperava que os telespectadores aguardassem a fala do último convidado. O desfecho seria sensacional.

Todos os entrevistados, evidentemente, teceram elogios ao rápido e eficiente trabalho do MAECG e garantiram ao público que se tratava de um fenômeno insignificante, uma situação temporária.

Por mais alarmante que seja esta escuridão - disse uma mulher pertencente ao alto escalão da Companhia de Força e Luz da Comunidade Global -, temos certeza de que as conseqüências serão insignificantes na qualidade de vida de todos nós e que a situação se normalizará sozinha em questão de dias.

Quando, finalmente, chegou a vez de Chaim, Buck sentiu-se ligado a seu pessoal nos Estados Unidos. A idéia de que eles estavam assistindo ao mesmo programa fez com que a enorme distância que os separava se reduzisse momentaneamente. Ele queria muito que sua esposa estivesse ali a seu lado.

- Bem - iniciou Chaim em tom dramático -, quem sou eu para complementar ou eliminar qualquer coisa que foi dita por estes brilhantes estudiosos dos fenômenos astronômicos intergalácticos? Permitam-me dizer que estou profundamente decepcionado com a promessa desta prezada senhora de que as conseqüências serão insignificantes na qualidade de vida de todos nós. Nestes últimos anos, nossa qualidade de vida tem deixado muito a desejar.

Sou um simples botânico que descobriu, sem querer, uma combinação que se transformou em mágica. De repente, passei a ser solicitado a dar opinião sobre tudo, desde o preço da lingüiça até se os pregadores do Muro das Lamentações são verdadeiros ou fictícios.

Os senhores desejam saber minha opinião? Está bem, vou dá-la. A bem da verdade, não sei. Não sei quem apagou as luzes e não tenho certeza se quero saber quem são aqueles dois cavalheiros diante do Muro. Eu só gostaria que eles trouxessem de volta a água pura e permitissem que a chuva caísse do céu de vez em quando. Seria pedir demais?

Porém, quero lhes dizer uma coisa, agora que consegui atrair sua atenção. Consegui atrair a atenção de todos, não?

A câmera, que voltara a focalizar o assustado apresentador, exibiu as expressões abaladas dos outros convidados. Havia ficado claro que todos imaginaram que Rosenzweig se

perdera nas palavras.

Todos devem saber que não sou um homem religioso. Nasci judeu e me orgulho disto. Não há como mudar. Mas, para mim, trata-se de uma nacionalidade, não de uma religião. Tudo o que tenho a dizer é o seguinte: muitas pessoas, inclusive eu, ficaram horrorizadas quando souberam o que aconteceu à família de meu amado protegido e ex-aluno que se tornou um respeitável lingüista e estudioso da Bíblia, o rabino Tsion Ben-Judá.

Sou obrigado a confessar, do fundo do coração, que cheguei a imaginar se não havia sido ele mesmo o causador de tudo o que lhe aconteceu. Perdoar aos assassinos? Jamais enquanto eu viver. Contudo, será que eu aconselharia um homem a aparecer em um programa de TV, de âmbito internacional, falando do próprio país onde o nome de Jesus Cristo é anátema para seus vizinhos, e dizer ao mundo que virou a casaca? Que passou a ser um seguidor de Cristo? Que passou a acreditar que Jesus é o Messias? Loucura.

Fiquei duplamente horrorizado quando ele se tornou um fugitivo, exilado de sua terra natal. Sua vida já não valia mais nada. Mas será que perdi o respeito por ele? Passei a admirá-lo menos? Como eu poderia fazer isso a um homem que se arriscou tanto, que foi tão corajoso?

Obrigado, Dr. Rosenz... - interrompeu o apresentador, deixando claro que recebera instruções pelo fone de ouvido.

Oh, o senhor não vai me interromper - disse Rosenzweig. - Tenho o direito de falar mais alguns minutos e exijo que eu não seja retirado do ar. Só quero dizer que continuo a ser um homem sem religião, mas meu amigo religioso, o rabino que acabei de mencionar, falou sobre este mesmo assunto do qual estamos tratando hoje. Podem ficar tranquilos. Vou retornar ao ponto em que parei.

- Ben-Judá foi ridicularizado por sua crença, por suas argumentações de que as profecias bíblicas podiam ser interpretadas literalmente. Ele disse que viria um terremoto. E veio. Ele disse que viria chuva de granizo, sangue e fogo que queimaria as plantações. E vieram. Ele disse que caíam coisas do céu, envenenando a água, matando pessoas, afundando embarcações. E caíram.

- Ele disse que o sol, a lua e as estrelas seriam feridos e que o mundo ficaria um terço mais escuro. Bem, já estou terminando. Não tenho mais nada a dizer, a não ser que me sinto um grande tolo a cada dia que passa. Desejo apenas complementar que gostaria de saber o que o Dr. Ben-Judá vai nos contar sobre o que virá a seguir! Os senhores também não gostariam?

Em seguida, Chaim informou rapidamente o endereço do *site* de Tsion.

O apresentador estava sem fala e limitou-se a olhar para Chaim com a testa franzida.

- Agora podem ir em frente - disse Chaim. - Desliguem o meu microfone.

Rayford ficou frustrado por não ter conseguido ir a Palwaukee naquele dia. Também não seria possível ir no dia seguinte, nem no outro. A redução da energia solar estava tornando a vida cada vez mais complicada por criar problemas em todos os setores, prejudicando inclusive a transmissão dos ensinamentos de Tsion. O apoio do Dr. Rosenzweig às doutrinas pregadas por Tsion aumentou sensivelmente o número de visitas a um *site* que já era dez vezes mais popular do que qualquer outro. Contudo, a transmissão das mensagens diárias de Tsion tornou-se uma tarefa muito difícil, forçando Rayford a adiar qualquer outra atividade. As falhas repetitivas ocorridas na Internet eram decorrentes de problemas com a energia solar. Os crentes do mundo inteiro tentavam copiar as mensagens e passá-las adiante, mas era impossível saber se os resultados haviam sido satisfatórios.

Os esforços de Chloe no sentido de organizar um comércio para evitar futuros problemas referentes à marca da besta quase fracassaram. Nas semanas seguintes, o clima modificou-se completamente. As principais cidades do Meio-Oeste assemelhavam-se ao Alasca na época do inverno rigoroso. As reservas de energia estavam no fim. Centenas de milhares de pessoas do mundo inteiro morreram por ficar expostas ao frio. Até mesmo a arrogante CG, que, por conveniência, não mudou sua declaração inicial, agora procurava

alguém sobre quem pudesse lançar a culpa por essa desgraça. No centro de todo o pânico gerado pela situação estava Ben-Judá. Teria ele predito esse acontecimento, conforme Rosenzweig havia declarado, ou clamado por uma vingança do céu?

Peter Mathews tachou publicamente Ben-Judá e os dois pregadores de irresponsáveis e praticantes de magia negra, comprovando sua acusação com cenas ao vivo do Muro das Lamentações. Enquanto a neve caía, acumulando-se no solo, e os israelenses pagavam preços altíssimos por roupas de frio e usavam material de construção como combustível, Eli e Moisés continuavam no mesmo lugar. E descalços! Trajavam as mesmas vestes de aniagem desprovidas de mangas. Sem ter nenhuma proteção contra o frio, a não ser sua pele rija e bronzeada, suas barbas e cabelos compridos, eles pregavam, Pregavam, pregavam.

Certamente - vociferou o supremo pontífice -, se o diabo existe, ele é o mestre desses dois! Que outros seres Perturbadores da ordem e demoníacos poderiam suportar este frio intenso e continuar a proferir diatribes irracionais?

Nicolae Carpathia mantinha-se em estranho silêncio. Suas aparições eram raras. Finalmente, quando a Comunidade Global parecia ter perdido o controle da situação, ele fez um pronunciamento ao mundo. Durante um breve período de sol ao meio-dia no Oriente Médio, Mac conseguiu fazer uma ligação para Rayford, cujo telefone celular estava funcionando com baterias velhas que haviam sido recarregadas por um gerador. A ligação estava horrível, e eles não puderam conversar por muito tempo.

- Se você tiver condições, Ray, veja o potentado na TV esta noite! - gritou Mac. - Apesar de nevar lá fora, estamos morrendo de calor aqui dentro porque ele direcionou toda a energia de que necessitamos para seu palácio. Porém, quando ele aparecer na TV, estará usando um enorme agasalho de pele vindo do Pólo Norte.

Mac estava certo. Rayford e Floyd trabalharam para armazenar a maior quantidade possível de energia para que pudessem assistir ao programa no menor aparelho de TV da casa secreta. O grupo todo se aconchegou a um canto para manter-se aquecido.

Hattie continuava a dizer:

- Não sei como vocês se sentem, mas eu estou recebendo o que mereço.

Tsion disse:

- Minha amiga, você verá que nenhum dos selados por Deus morrerá por causa deste julgamento, cujo objetivo é chamar a atenção dos que ainda não se converteram. Estamos sofrendo porque o mundo inteiro sofre, mas não morreremos por causa deste julgamento. Você não gostaria de receber a mesma proteção? Hattie não respondeu.

Buck tiritava de frio no subsolo em companhia de Stefan e Jacov, sem ter conseguido armazenar energia para ver Carpathia na TV. Os três ouviram o programa pelo rádio, e o sinal era tão fraco que até a respiração deles atrapalhava a recepção do som.

Em Monte Prospect, Rayford, Tsion, Chloe, Floyd e Hattie viram quando Carpathia apareceu na TV, dentro de um estúdio vazio, esfregando as mãos enluvadas e mexendo as pernas como se estivesse lutando contra o frio.

"Cidadãos da Comunidade Global", ele disse com voz melodiosa, "aplaudo sua coragem, sua colaboração, seu senso de lealdade e união no momento em que temos diante de nós o desafio de suportar mais uma catástrofe."

"Dirijo-me aos senhores para anunciar meu plano de visitar pessoalmente os dois pregadores do Muro das Lamentações, que se confessaram responsáveis pelas pragas que assolaram Israel. Eles serão forçados a admitir que estão por trás desta agressão covarde ao nosso novo modo de vida."

"Aparentemente, eles são invulneráveis a um ataque físico. Vou apelar para o senso de decência, de justiça e de compaixão desses indivíduos e irei até eles com o coração

aberto, disposto a negociar. É evidente que eles estão desejando alguma coisa. Se houver algo que eu possa barganhar com eles, desde que não ofenda a dignidade e meu cargo nem prejudique os cidadãos a quem dedico minha vida, estou disposto a ouvir e levar em consideração qualquer pedido que me façam."

Viajarei para Israel amanhã, e a visita será transmitida ao vivo pela TV. Como a sede da Comunidade Global na Nova Babilônia possui mais reservas de energia do que a maioria dos outros países, gravaremos esse encontro histórico, esperançosos de que todos os senhores tenham a possibilidade de assisti-lo assim que esta minha penosa missão termine.

"Tenham ânimo, meus queridos. Creio que este pesadelo está chegando ao fim."

- Ele vai pessoalmente ao Muro? - perguntou Buck. - Será que eu entendi bem?

Sim - disse Stefan. - Devemos ir também.

Eles não vão permitir que alguém se aproxime do local - disse Jacov.

- Espero que permitam - disse Buck, sugerindo, em seguida, que eles três saíssem bem agasalhados para encontrar um lugar de onde tivessem uma visão privilegiada da cerca de ferro. - Poderíamos montar um esconderijo lá com a aparência de uma caixa de madeira.

Restaram apenas algumas folhas de madeira compensada no porão para serem usadas como combustível - disse Stefan -, mas ainda não estão no ponto.

Poderemos trazê-las de volta - disse Buck - e usá-las como combustível quando estiverem secas.

O plano de Buck era muito arrojado. Seu rosto ainda estava dolorido em alguns lugares e insensível em outros desde que os pontos foram retirados algumas semanas atrás. Ele não esperava ter de enfrentar um frio tão rigoroso como aquele em Israel.

Os três encontraram uma escadaria que dava acesso a uma casa abandonada, com as portas lacradas, localizada a menos de cem metros do Muro. Sabendo que Carpathia chegaria meio-dia, eles montaram o esconderijo na escuridão da madrugada, sem serem vistos. Ninguém se aventurava a andar por ali sob aquela nevasca tão forte.

Buck e seus amigos estavam quase congelados quando entraram na caixa, que possuía algumas frestas para que eles pudessem ver o que se passava fora. Buck, um jornalista nato, resolveu ver qual seria o aspecto da caixa quando vista por um transeunte.

Eu já volto - ele disse.

Você vai sair daqui? - perguntou Jacov.

Só por alguns instantes.

Buck afastou-se alguns metros e teve dificuldade para enxergar a caixa por causa da intensa nevasca. A lâmpada de um poste nas proximidades não era suficiente para iluminá-la. *Perfeito*, ele pensou. Ela não atrairia a atenção de ninguém. Quando voltava, ele virou-se em direção ao Muro com os olhos semicerrados, sabendo que as testemunhas estavam ali, mas não conseguiu enxergá-las. Resolveu, então, aproximar-se um pouco mais.

Buck notou que os dois não estavam perto da cerca. Munido de coragem, aproximou-se mais ainda, confiante de que eles não se assustariam porque sabiam quem ele era. Ao chegar bem perto da cerca, ele lembrou-se da primeira vez que conversara com as duas testemunhas a apenas alguns metros de distância.

Entre uma rajada e outra de vento, ele avistou os dois sentados no chão e encostados no cômodo de pedra, com

velos apoiados nos joelhos, conversando em voz baixa. Parentemente, o frio intenso não os incomodava. Buck queria dizer alguma coisa, mas não lhe veio nada à mente. Eles não necessitavam de palavras de incentivo. Não necessitavam de nada.

De repente, os dois olharam ao mesmo tempo para ele. Sem saber como proceder, Buck fez um movimento afirmativo com a cabeça e levantou as duas mãos fechadas em sinal de apoio. Seu coração deu um salto quando ele os viu sorrindo pela primeira vez. Eli levantou a mão para saudá-lo.

Buck correu de volta para o esconderijo.

- Por onde você andou, homem? - perguntou Jacov. - Pensamos que você estivesse perdido ou congelado.

Buck sentou-se, passou os braços ao redor dos joelhos, curvou os ombros e limitou-se a dizer:

- Eu estou bem.

Os guardas da CG mantiveram o povo a vários quarteirões de distância no momento em que o ônibus conduzindo Nicolae e sua comitiva se aproximou. O vento e a neve haviam cessado, mas o sol do meio-dia era fraco demais para aquecer a área.

Carpathia permaneceu no ônibus enquanto o pessoal da TV fazia a instalação de luzes, som e câmeras. Assim que o potentado recebeu um sinal positivo, seus principais assessores desceram do ônibus acompanhados de Fortunato. Carpathia foi o último a descer. Ele aproximou-se da cerca, atrás da qual as testemunhas continuavam sentadas.

Diante das câmeras de TV que mostravam sua imagem ao mundo inteiro, Carpathia disse:

- Apresento-lhes as cordiais saudações da Comunidade Global. Em razão de seus manifestos poderes sobrenaturais, penso que vocês sabiam que eu viria.

Eli e Moisés permaneceram sentados. Moisés disse:

Somente Deus é onipotente, onisciente e onipresente.

Seja como for, estou aqui em nome dos cidadãos da terra para decidir que direção devemos tomar para que cesse esta desgraça que se abateu sobre o planeta.

As testemunhas levantaram-se e deram um passo à frente.

_ Só falaremos quando estiveres sozinho.

Carpathia fez um sinal para que seus assessores se afastassem. Fortunato, visivelmente contrariado, os conduziu de volta ao ônibus.

Agora podemos prosseguir? - perguntou Carpathia.

Só falaremos quando estiveres sozinho. Carpathia lançou-lhes um olhar confuso, e disse:

- Restaram apenas os técnicos de TV e os operadores de câmera.

- Só falaremos quando estiveres sozinho. Nicolae empinou a cabeça em sinal de resignação e ordenou que o pessoal da TV se afastasse.

Podemos deixar as câmeras ligadas? - ele perguntou. - Está bem assim?

Tua contenda não é conosco - disse Eli.

Como assim? Vocês não são os responsáveis pela escuridão, pelo caos em que o mundo se encontra?

Somente Deus é onipotente.

Vim pedir a ajuda de dois homens que dizem falar em nome de Deus. Se esta desgraça veio de Deus, então peço a vocês que, se puderem, me ajudem a tomar uma providência, chegar a um acordo, assumir um compromisso.

Tua contenda não é conosco.

Está certo. Eu entendo, mas se vocês tiverem acesso a Ele...

Tua contenda não é con...

Já sei! Estou querendo saber...

De repente, Moisés falou tão alto que chegou a prejudicar o sistema de som.

- Como te atreves a falar desta maneira aos escolhidos do Deus Todo-Poderoso?

Peço desculpas. Eu...

Tu não és aquele que propagou que morreríamos antes do tempo determinado?

- É verdade, admito que...

- Tu não és aquele que nega o único e verdadeiro Deus, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó?

- No espírito do ecumenismo e da tolerância, sim, sustento a teoria de que ninguém deve limitar seu conceito de divindade a uma só imagem. Mas...

Há um só Deus e um único mediador entre Deus e o homem: o homem Cristo Jesus.

Trata-se de uma opinião válida, evidentemente, como muitas outras opiniões...

Está escrito: "Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas,

conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo."

Vocês não vêem que seus argumentos são exclusivos...

Tua contenda não é conosco.

Não vamos voltar a este ponto, certo? No espírito da diplomacia, permitam-me sugerir...

As duas testemunhas deram-lhe as costas e sentaram-se novamente.

- Então, é isto? Diante dos olhos do mundo, vocês se recusam a conversar? A negociar? A única resposta que recebi é que minha contenda não é com vocês? Então me digam com quem é? Tudo bem, ótimo!

Carpathia marchou em direção à câmera principal e olhou firme para a lente a uma curta distância. Seu tom de voz era maçante, mas suas palavras foram proferidas com a clareza de sempre.

- Até posterior análise, a morte do guarda da Comunidade Global no Encontro das Testemunhas não foi de responsabilidade de nenhum dos judeus convertidos nem de nenhum membro do círculo de amizade do Dr. Ben-Judá. O homem morto pelas tropas da CG no aeroporto não era terrorista. Meu bom amigo Dr. Chaim Rosenzweig em momento algum e de maneira alguma deu acolhida ao Dr. Ben-Judá ou seu pessoal sem nosso consentimento. A partir de agora, nenhuma pessoa que demonstre simpatia ao Dr. Ben-Judá e a seus ensinamentos será considerada fugitiva ou inimiga da Comunidade Global. Todos os cidadãos estão livres para viajar e viver em espírito de liberdade. Não sei com quem estou negociando ou devo negociar, mas asseguro a quem quer que seja que estou disposto a fazer quaisquer outras concessões que nos livrem desta praga da escuridão.

Ele deu meia-volta, saudou sarcasticamente as duas testemunhas e entrou no ônibus. Enquanto o pessoal da TV ajuntava apressadamente seus equipamentos, as testemunhas falaram em uníssono do lugar em que estavam sentadas, mas tão alto e de maneira tão clara que puderam ser ouvidas por todos, inclusive por Carpathia.

- Ai, ai, ai daqueles que não olharem para cima e não levantarem a cabeça!

Dois dias depois, o sol voltou a brilhar com toda a sua intensidade, e o gelo acumulado na terra começou a derreter-se. Buck fez planos para voltar para casa usando seu nome verdadeiro.

Não posso seguir direto para Chicago em um vôo comercial - ele disse a Rayford -, mesmo sabendo que o aeroporto foi reconstruído. Preciso passar pela Europa.

Que tal fazer uma conexão em Atenas?

Vou verificar. Por quê?

Rayford contou-lhe sobre Lukas Miklos.

- Vou ver se ele tem condições de encontrar-se com você no aeroporto - disse Rayford. - Essa conexão não vai atrasar Sua viagem de volta e será um incentivo para ele.

Em Monte Prospect, Tsion contou a Rayford que estava elaborando um sermão contendo sua advertência mais dramática e terrível até aquele momento. Nesse ínterim, ele divulgou a seguinte mensagem ao mundo inteiro via Internet: "Em razão da verdade citada em Lucas 21, apelo a todos, crentes e não-crentes, que comecem a olhar para o céu. Creio que esta é a mensagem das duas testemunhas."

O Dr. Charles encontrou e limpou o telescópio de Donny Moore e, seguindo o exemplo de milhões de pessoas do mundo inteiro, começou a examinar o céu. Porém, quando Tsion comunicou em uma de suas mensagens diárias que estava investigando uma maneira de montar um *website* que permitisse que outras pessoas vissem o céu através de um mesmo telescópio, Rayford recebeu um telefonema apressado de David Hassid, da Nova Babilônia.

Que bom ter conseguido falar com você - disse David, ofegante. - Como estão os planos sobre o *website* mencionado pelo rabino?

Ficará pronto daqui a alguns dias. Logo nosso pessoal vai ter acesso a ele.

Vocês não podem fazer isso. Um pequeno programa de computador e um astrônomo esperto são suficientes para localizar onde vocês estão.

Rayford levou a mão à cabeça.

Muito obrigado por essa informação, David. Não pensei nessa possibilidade.

O potentado autorizou a compra de um telescópio gigantesco, e estou trabalhando com os sujeitos que vão montá-lo. Várias pessoas podem monitorá-lo ao mesmo tempo por meio de computadores.

Bem, David, você sabe o que estamos querendo ver.

Claro que sei.

DEZESSEIS

NA semana seguinte, os noticiários informaram que os astrônomos do mundo inteiro estavam analisando um corpo celeste que, a princípio, parecia ser uma estrela cadente. Esse corpo celeste, porém, visto pela primeira vez durante a noite na Ásia, não riscava o céu como um raio nem desaparecia em seguida como faziam as estrelas cadentes. Tampouco colidia com outro objeto em sua trajetória orbital.

Os astrônomos acreditavam que, em razão da velocidade da luz e da distância entre a terra e as estrelas mais próximas, as cadentes eram fenômenos que ocorreram anos antes e só agora estavam sendo vistas.

Porém, após várias horas de pesquisas telescópicas feitas por amadores e profissionais do mundo, tornou-se cada vez mais evidente que não se tratava de uma estrela comum. Nem se tratava de um fenômeno ocorrido anos antes.

Impossibilitados de identificar o corpo celeste, os especialistas no assunto concluíram que era um objeto minúsculo, que caía em linha reta, e que seu curso se iniciara tempos atrás. Ele irradiava pouco calor, mas parecia emitir luz própria e também refletia a luz das estrelas e do sol, dependendo do período do dia.

Após muitos estudos, concluiu-se que, aparentemente, ele não seria uma ameaça à Terra. O Ministro da Aeronáutica e de Assuntos Espaciais da Comunidade Global disse que o objeto teria todas as chances de se queimar totalmente em contato com a atmosfera terrestre.

- Mesmo que não se queime - ele disse -, existe uma grande possibilidade de que caia na água sem causar nenhum dano. Pelo que conseguimos descobrir a respeito de sua massa e densidade, se ele cair na terra, o efeito será mais danoso sobre si mesmo do que sobre a terra. As probabilidades são de que ele se evapore.

Apesar dessas explicações, todos os telescópios continuavam apontados para ele. Finalmente, concluiu-se que o objeto não-identificado cairia em algum lugar de uma região desabitada do Vale Fértil [localizado entre os rios Tigre e Eufrates], perto do local que muitos acreditavam ter sido o berço da civilização.

Os cientistas da CG calcularam o ponto da queda a tempo de assistir ao impacto, mas relataram que o objeto teria atravessado a superfície da terra e desaparecido em uma fenda. Estudos aéreos da região mostraram a impossibilidade da aproximação por meio de veículos ou a pé para analisar mais de perto se o objeto havia ou não causado algum efeito na crosta terrestre.

Mas enquanto os aviões sobrevoavam a área em círculos, filmando e tirando fotografias, houve uma explosão geológica que alcançou um alto nível na escala Richter dos sensores sismológicos do mundo inteiro. A queda do objeto provocou uma erupção semelhante a de um vulcão nas profundezas da terra.

As ondas de choque foram tão intensas que desviaram os aviões da rota, e os pilotos tiveram de fazer um esforço enorme para permanecer no ar e afastar-se da área. Para a grande surpresa dos cientistas, a primeira manifestação do nue aconteceu debaixo da terra surgiu no formato de uma nuvem produzida quando se explode uma bomba atômica, só que milhares de vezes maior, e com uma força e velocidade jamais vistas na história do mundo. Outro fato inédito a respeito dessa erupção foi que ela se originou de uma fenda abaixo do nível do mar, e não de uma típica montanha vulcânica.

Câmeras de TV instaladas a milhares de quilômetros do local da erupção captaram imagens durante um período de 12 horas. Em vez de ser dispersada indiscriminadamente pelos ventos, essa nuvem - maciça e cada vez maior por ser alimentada pelos gases no interior da terra - espalhou-se igualmente em todas as direções, ameaçando bloquear a luz do sol em toda a superfície terrestre.

Não se tratava de uma nuvem comum que se tornaria menos densa à medida que se dissipasse. A fumaça espessa que se formava de baixo para cima era negra como se tivesse sido provocada por incêndio, em um gigantesco depósito de gasolina. Os cientistas temiam que a origem da fumaça fosse um fogo colossal que se elevaria, atirando chamas pelo ar a quilômetros de distância.

No início da tarde da segunda-feira seguinte em Jerusalém, Buck ficou arrasado ao saber que seu vôo para Atenas, com conexão para os Estados Unidos, havia sido cancelado. A nuvem negra de fumaça que cobria a terra também estava prejudicando a luminosidade do sol. Buck havia aguardado com ansiedade aquela escala de duas horas em Atenas durante a qual conheceria Lukas Miklos. Em seguida, ele trocava de avião e pegaria um vôo direto para o aeroporto Midway de Chicago. De lá, ele só viajaria para Monte respect depois de certificar-se de que não estava sendo Seguido até a casa secreta. Buck e o Comando Tribulação haviam descoberto caminhos alternativos que confundiriam qualquer pessoa que se atrevesse a segui-los.

Frustrado pelo fracasso de seus planos, Buck dirigiu-se apressado à casa de Chaim Rosenzweig, aproveitando a escuridão.

- Não confie na afirmação de Carpathia de que ele não o considera mais um suspeito de assassinato - disse-lhe Chaim. - Nicolae não tem conversado comigo. Leon está furioso. Apesar de não poder voltar atrás em sua palavra, Nicolae em breve vai encontrar uma justificativa.

Não se preocupe. É que estou muito ansioso por ver Chloe. Talvez eu encontre um meio de voar para lá.

Tome cuidado com a Enigma Babilônia.

O que o tal do Peter resolveu fazer agora?

Você ainda não sabe?

Buck balançou a cabeça negativamente.

- Ando atarefado demais cuidando de minha viagem – ele disse.

Chaim ligou a TV.

- Tenho ouvido aquele homem falar tantas vezes que até já decorei o que ele disse. É a única coisa que aparece nos noticiários além da fumaça do vulcão.

Mathews, voltando a usar seus trajes clericais pomposos, estava falando diante da câmera.

"A Comunidade Global fez um acordo tácito com os terroristas religiosos praticantes de magia negra, mas é chegada a hora de aplicar a lei. A Fé Mundial Enigma Babilônia é a *única* religião aceita no mundo inteiro. Dentro da autoridade que me foi conferida - o que confirmei após cuidadosa leitura dos estatutos da Comunidade Global -, vou instaurar processo contra os agressores. Para deixar tudo bem claro, digo que considero exclusivista, intolerante e bitolada qualquer crença que se oponha à verdadeira religião. Se, questões de diplomacia, a Comunidade Global achar que deve permitir digressões da verdade cósmica, a Fé Mundial Enigma Babilônia partirá sozinha para a ofensiva.

"Uma coisa é ser ateu ou agnóstico. Até mesmo eles são bem-vindos à nossa fé abrangente. Porém é ilegal praticar uma forma de religião que insulta nossa missão. Tais praticantes e seus seguidores sofrerão as consequências.

"Como primeiro passo para nos livrarmos de vez do mundo da intolerância, declaramos que, a partir da meia-noite de terça-feira, horário de Greenwich, qualquer pessoa que visite o *website* desse tal Comando Tribulação será processada por ato criminoso. Os ensinamentos do guru dessa seita, Dr. Tsion Ben-Judá, são substâncias venenosas para as pessoas cujo amor e fé são verdadeiros, e não permitiremos que essa toxina mortal seja disseminada como droga.

"A tecnologia nos dá condições de rastrear qualquer cidadão que tenha acesso à Internet, e todos aqueles que visitarem esse *site* após o horário estipulado estarão sujeitos a multa e detenção."

O pronunciamento foi interrompido por um repórter da Comunidade Global.

"Apenas duas perguntas, supremo pontífice. Primeira, o ato de prender as pessoas que tenham acesso ao *site* não está em desacordo com os princípios de uma religião que prega tolerância, fé e amor? Segunda, se o senhor tem condições de rastrear qualquer pessoa que tenha acesso à Internet, por que não descobre de onde Ben-Judá faz suas transmissões e manda interditar o local?"

"Lamento muito", disse um dos assessores de Peter Mathews enquanto ele era retirado do local, "mas foi estabelecido com antecedência que não haveria espaço para Perguntas".

Eu gostaria de dar uma espiada na testa daquele repórter,

pensou Buck. Seria muito bom que aquele homem não fosse descoberto e que continuasse trabalhando dentro do sistema

Acabara de amanhecer na região de Chicago quando Rayford saiu da casa secreta dirigindo o Range Rover de Buck. Apesar da fumaça que cobria o céu, ele precisava ir a Palwaukee para verificar as condições em que se encontrava o carro de Ritz. Parecia estar em melhor estado que o Rover. O Comando Tribulação poderia usá-lo, mas Rayford não sabia como dispor dos pertences de um homem morto, principalmente de alguém que não tinha nenhum parente vivo.

De repente, Rayford ouviu uma voz, como se houvesse alguém dentro do carro com ele. O rádio estava desligado, e ele viajava sozinho, mas a voz foi bem clara, melhor do que se tivesse sido produzida por um aparelho de som.

"Ai, ai, ai dos que moram na terra, por causa das restantes vozes da trombeta dos três anjos que ainda têm de tocar."

O telefone de Rayford tocou. Era David, da Nova Babilônia.

Capitão Steele, estou em uma área ao ar livre e não sei que tipo de explicações temos para este acontecimento, mas aposto minha vida que ele não vai virar notícia.

Eu ouvi. Ele não precisa virar notícia.

Todos aqui o viram antes de ouvi-lo. Bem, pelo menos nosso equipamento conseguiu detectá-lo. Não podemos ver nada no meio desta nuvem de fumaça. Eu perguntei a um colega turco, e ele me disse que ouviu em sua língua. Eu ouvi em inglês, por isso você deve saber o que penso a respeito.

Você *viu* o anjo?

Trabalhamos a noite inteira porque uma sonda detectou alguma coisa. O *fac-símile* digital reproduziu uma espécie de corpo celeste, um cometa ou coisa parecida. O responsável pela sonda conseguiu localizar e medir o objeto reproduzido, e começamos a estudá-lo. Não sou astrônomo, por isso não faço nem idéia do que estou tentando descobrir. Eu disse a meus colegas que, para mim, ele parece ser bem menor e não tão compacto. Eles me deram os parabéns porque o meu comentário deu uma idéia ao chefe do grupo. Ele disse: "Tudo bem, vamos supor que ele esteja mais perto e seja menor. Muito menor." Depois, ele reposicionou a sonda e fez alguns ajustes. De repente, o computador começou a exibir imagens que podemos ver e compreender. A figura parece transparente e tem aspecto humano, mas não muito. De qualquer forma, continuamos acompanhando o assunto. O patrão disse para apontarmos *todas* as antenas parabólicas de rádio para essa figura e tentar descobrir sua localização, da mesma maneira que fazemos com as estrelas durante o dia. Em seguida, conforme você sabe, ouvimos a voz.

- A recepção do som não foi boa - prosseguiu David -, e perdemos a primeira palavra, mas, como tenho acompanhado os ensinamentos do Dr. Ben-Judá, eu sabia do que se tratava. As duas palavras seguintes são iguais à primeira. Vou dizer-lhe uma coisa, capitão, *todo mundo* aqui está abalado, todo mundo mesmo. Algumas pessoas caíram ao chão, chorando. Eles estão repassando o teipe repetidas vezes, e eu cheguei a copiá-lo em minha máquina de ditados. Mas sabe o que aconteceu? A gravação está em grego. Todos ouviram a voz na própria língua, mas a gravação está em grego.

Buck ouviu a voz do anjo e confundiu-a com o som da TV 'v ate ver a expressão no rosto de Chaim. O ancião estava petrificado. Como ele, ou qualquer outra pessoa, podia continuar duvidando da existência de Deus? A questão agora não era ignorar. Era optar.

Rayford estacionou perto do hangar onde Ken Ritz morava antes de mudar-se para a casa secreta. Ernie, o crente recém-convertido, estava examinando o motor do carro de Ritz, com a cabeça embaixo do capô aberto. Quando Rayford se aproximou, ele ergueu a cabeça e fitou-o com os olhos semicerrados por causa da fumaça. Ernie sorriu, balançou a cabeça com entusiasmo e ergueu o boné sujo de graxa. A marca em sua testa continuava visível, e ele parecia orgulhoso disso, embora estivesse um pouco trêmulo.

Foi assustador, não? - ele disse.

Não deveria ter sido para nós que já sabíamos o que viria - disse Rayford. - Você não deve ter medo de nada. Nem da morte. Nenhum de nós deseja morrer, mas sabemos o que virá em seguida.

Ah, sim - disse Ernie, ajeitando o boné na cabeça. - Mas cheguei a ficar com medo!

- Como está o carro de Ken? Ernie voltou a trabalhar no motor.

Depois de tudo o que aconteceu, eu diria que está bom demais.

Você considera este trabalho terapêutico?

Não entendi - disse Ernie. - Nunca fui bom aluno. O que o senhor está dizendo?

Este trabalho o ajuda a lembrar-se de Ken sem muito sofrimento?

Oh, bem, fazia pouco tempo que eu o conhecia. Isto é, fiquei chocado e sinto falta dele. Mas eu fazia este trabalho para ele. E ele me pagava, o senhor sabe. Mas vocês dois sendo crentes...

- Ah, sim, foi bom. Ele me deu o endereço do *site* daquele tal de Ben-Judá.

Um carro parou perto da torre reconstruída, e dois homens - usando camisa social e gravata - desceram. Um deles era alto e negro, o outro, atarracado e branco. O primeiro entrou na torre. O outro se aproximou de Ernie e Rayford. Ernie tirou a cabeça debaixo do capô e cobriu a testa com o boné.

- Ei, Bo! - ele disse. - Você ouviu aquela voz que veio do céu?

Ouvi - respondeu Bo, visivelmente contrariado. - Se você acredita que a voz veio do céu, é mais pirado do que pensei.

Então, de onde ela veio? - perguntou Ernie, enquanto Bo encarava Rayford.

São aqueles fundamentalistas malucos brincando de novo com a gente. Alguma espécie de truque com alto-falantes. Não caia nessa.

Ernie deu uma risadinha amarela e olhou para Rayford.

Como vai? - disse Bo, dirigindo-se a Rayford. - Posso ajudá-lo em alguma coisa?

Não, obrigado. Fui amigo de Ken Ritz.

Ah, pois não. Foi muito triste.

Vim até aqui para cuidar de seus pertences. Acho que ele não tinha nenhum parente vivo. Ernie endireitou o corpo e virou-se tão rapidamente que até mesmo Bo pareceu surpreso. Estava claro que ambos queriam dizer alguma coisa, mas eles se entreolharam e hesitaram. Em seguida, resolveram falar ao mesmo tempo.

Bo disse:

- Então, quer dizer que você pensou em passar por aqui para ver o que poderia...

Ernie encobriu as palavras dele.

- Não, está tudo bem. Não há nenhum parente. Ele me contou há mais ou menos uma semana que...

Ernie parou repentinamente, e Bo concluiu seu pensamento.

- ... para ver o que poderia descolar, é isto? Rayford estremeceu diante de tanta grosseria, principalmente por ter partido de um estranho.

- De jeito nenhum, senhor. Eu...

- Por que você está me chamando de *senhor!* Você não me conhece!

Apesar de ter sido pego desprevenido, o velho instinto de Rayford prevaleceu.

O quê? Será que estou falando com um alienígena? Como uma pessoa educada se dirige a um estranho em seu planeta, Bo? - Ele pronunciou o nome com o máximo sarcasmo possível. Rayford era bem mais alto, mas Bo era corpulento.

É melhor você dar o fora daqui enquanto é tempo - disse Bo.

Rayford estava espumando de raiva, mas arrependeu-se de sua atitude por estar sendo tão venenoso.

- Por que você não cuida de sua vida enquanto converso em particular com Ernie?

Bo aproximou-se de Rayford fazendo-o ficar em posição de defesa.

- Porque Ernie é meu empregado - disse Bo -, e tudo o que existe nesta propriedade é da minha conta. Inclusive as coisas de Ritz.

Rayford deu um longo suspiro e readquiriu o controle.

Então vou conversar com Ernie quando ele tiver tempo...

... e na casa dele - complementou Bo.

Ótimo, mas quem lhe deu o direito de ficar com as coisas de Ken Ritz?

E que direito **você** tem?

_ Eu não estou reivindicando nenhum direito - disse Rayford. - Só acho que minha pergunta tem lógica.

Ernie estava visivelmente nervoso.

_ Bo, senhor, Ken me disse que, se alguma coisa acontecesse com ele, eu poderia ficar com suas coisas.

_ Ah, sim! Até parece!

- Ele me disse! Os aviões, este carro, seus objetos pessoais. Tudo o que eu quisesse.

Rayford olhou para Ernie com desconfiança. Ele não queria questionar um companheiro crente, principalmente diante de um estranho, mas foi forçado a isso.

Pensei ter ouvido você dizer que mal conhecia Ken.

Deixe tudo por minha conta - disse Bo. - Você está falando bobagens, Ernie, e sabe disto! Ritz era dono de uma parte deste aeroporto e...

Rayford empinou a cabeça. Aquilo não condizia com o que Ken lhe contara sobre seu desejo de comprar o local.

Bo notou a reação de Rayford e entendeu que ele sabia de mais alguma coisa.

- Bem - ele tentou remendar -, ele fez uma oferta. Ou ia fazer. Quer dizer, foi feita uma oferta. Por isso, se houver alguma coisa de valor na casa dele vai passar a pertencer ao dono do Palwaukee.

Rayford sentiu o sangue ferver novamente.

Que bela explicação! - ele exclamou. - Ele morreu antes de haver um acordo, e você vai pegar seus pertences em troca do quê? Você vai mudar o nome deste lugar para Memorial de Ritz? Vai pegar o que é dele, e ele recebe o quê? Propriedade póstuma, enquanto você dirige o aeroporto para ele e fica com os lucros?

Então, qual é a sua, sabichão?

Rayford quase chegou a rir. Será que ele voltara a ser um menino da quarta série? Por que estava discutindo aos gritos com um estranho?

Conforme eu lhe disse, não estou reivindicando nada. Só quero ter certeza de que a vontade de meu amigo seja feita.

Ele queria que eu ficasse com as coisas dele - disse Ernie. - Eu já falei!

Ernie - disse Bo -, volte para o seu trabalho e fique fora disto, está bem? E trate de limpar essa mancha de sua testa. Você está parecendo um rato com o focinho sujo.

Ernie afundou o boné na cabeça e voltou a cuidar do motor do carro, resmungando:

- Estou pegando o que ele disse que era meu. Você não vai tirar de mim o que é meu. De jeito nenhum.

Rayford não gostou das mentiras de Ernie e muito menos de o rapaz se sentir envergonhado por ter o selo de Deus na testa.

De repente, ele caiu em si. Somente os outros crentes podiam ver o selo. Será que Rayford havia discutido com um santo da tribulação? Ele olhou rapidamente para a testa de Bo, que esteve à mostra o tempo todo, uma vez que o homem usava cabelos curtos e ficara a poucos centímetros de seu rosto durante a discussão.

Mesmo no meio de uma densa fumaça, a pele de Bo estava limpa como a de um bebê.

Buck estava inquieto. Sentado em frente a Chaim Rosenzweig na sala de estar da casa dele, Buck sentia uma grande compaixão por seu amigo.

- Doutor - ele disse -, depois de ver, conhecer e sentir o que todos nós, inclusive você, temos sofrido nestes últimos anos, como é possível continuar resistindo ao chamado de Deus em sua vida? Peço-lhe que não se ofenda. Você sabe eu me preocupo com você tanto quanto Tsion, minha esposa e o pai dela. Você disse em um programa de TV transmitido ao mundo inteiro que Ben-Judá provou estar correto em suas interpretações sobre as profecias. Perdoe-me por ser tão insistente, mas o tempo está se encurtando.

- Confesso que tenho andado um pouco confuso – disse Rosenzweig -, principalmente depois que Ben-Judá esteve hospedado aqui. Você ouviu meus argumentos contra Deus no passado, mas não, não posso negar que estas coisas são obras dele. Tudo está muito claro. Mas tenho de dizer que não entendo o seu Deus. Para mim, Ele parece estar agindo de maneira mesquinha. Por que Ele não atrai a atenção do povo por meio de milagres estupendos, como fez nos tempos bíblicos? Por que está tornando a situação cada vez pior até que as pessoas não tenham mais escolha? Eu estou me negando a fazer uma escolha forçada por causa desse mesmo Deus que deseja que eu dedique minha vida a Ele. Se eu vier a me aproximar dele, quero que seja por livre e espontânea vontade.

Buck levantou-se e abriu uma parte da cortina. O céu estava cada vez mais escuro, e ele ouviu um estrondo ao longe. Seria melhor afastar-se da janela? Não havia prenúncio de chuva. Que estrondo teria sido aquele? A fumaça era tão densa que ele não conseguia enxergar nada a mais de três metros.

- Doutor, Deus o tem abençoado mais do que qualquer outro ser humano merece. Se tudo o que você possui - amigos, ótima formação acadêmica, cultura, criatividade, admiração de muita gente, boa renda e conforto - não serve. Para aproximá-lo dele, o que mais vai ser necessário? Deus não quer que nenhuma alma pereça. É por isso que Ele envia julgamentos. Para forçar as pessoas a se aproximarem ou se afastarem dele de vez. Estamos orando para que você se decida pela primeira opção.

Rosenzweig parecia mais velho do que realmente era. Fatigado, abatido, solitário, um homem necessitando de descanso. A vida, porém, estava difícil para todos. Buck sabia que a situação pioraria ainda mais. O ancião cruzou as pernas, demonstrando desconforto, e, em seguida, voltou a apoiar os dois pés no chão. Parecia confuso. Ele e Buck tiveram de falar mais alto para serem ouvidos.

- Preciso lhe dizer que suas orações por mim significam muito mais do que eu... - Chaim franziu a testa. – Que barulho é este?

O ruído do estrondo aumentara e tinha um som metálico.

Parecem elos de corrente batendo uns nos outros – disse Buck.

Será algum avião voando baixo?

Os aeroportos estão fechados, doutor.

O ruído está cada vez mais alto! Está escurecendo! Parece noite lá fora! Abra a cortina toda, Cameron, por favor. Oh, que coisa horrível!

O céu estava negro como piche, e o ruído, ensurdecedor. Buck olhou para Chaim, cuja expressão era de terror. O som de metal que ressoava obrigou os dois homens a tamparem os ouvidos. Alguma coisa começou a bater com força na vidraça, provocando uma cacofonia de sons agudos, irritantes, estridentes que pareciam atravessar as paredes.

Buck olhou pela janela, e seu coração bateu com tanta força como se fosse explodir. Do meio da fumaça, surgiam seres alados - feios, horrendos, como se fossem monstros voadores de cores marrom, preta e amarela. Voando em bandos como gafanhotos, esses seres pareciam cavalos em miniatura, com 12 a 15 centímetros de comprimento e cauda semelhante à de escorpião. E mais horripilante ainda: estavam atacando, tentando entrar na casa. O alvo deles parecia ser Chaim. Em pé no meio da sala, o ancião começou a gritar:

- Cameron, eles querem me atacar! Diga que estou sonhando! Diga que isto não passa de um pesadelo!

Pairando no ar, as criaturas batiam as asas e arremessavam a cabeça contra a vidraça.

Sinto muito, doutor - disse Buck, tremendo e com os braços arrepiados. - É uma realidade. Este é o primeiro dos três ais de advertência dos anjos.

O que eles querem? O que vão fazer?

Tsion disse que eles não atacarão as folhas como os gafanhotos costumam fazer. Atacarão só aqueles que não têm o selo de Deus na testa. - Chaim empalideceu, e Buck achou que ele ia desmaiar. - Sente-se, doutor. Vou abrir a janela...

Não! Eles não podem entrar! Tenho certeza de que querem me devorar!

Talvez possamos prender um ou dois entre a tela de proteção e a vidraça para vê-los melhor.

Eu não quero vê-los! Quero matá-los antes que eles me matem!

Chaim, eles não foram autorizados a matá-lo.

Como você sabe? - Chaim falava agora como um menino duvidando do médico que lhe disse que a injeção não ia doer.

Eles só vão atormentar você. A Bíblia diz que as vítimas atacadas por eles vão desejar morrer, mas não conseguirão.

Oh, não!

Buck girou uma manivela para abrir a vidraça. Vários espécimes voaram para perto da tela, e ele voltou a fechar rapidamente a vidraça, prendendo alguns entre o vidro e a tela. Eles batiam as asas alucinados, tentando entrar à força, batendo uns nos outros. O som metálico estridente aumentou.

Você não está nem um pouco curioso? - perguntou Buck lutando para não desviar os olhos deles. - São seres híbridos fascinantes. Como cientista, você não gostaria pelo menos de ver...

Eu já volto - gritou Chaim, afastando-se rapidamente. Logo a seguir, ele voltou com uma aparência ridícula, vestido da cabeça aos pés com trajes de tratador de abelhas: botas, avental de lona cobrindo todo o corpo, luvas e chapéu com visor transparente que o protegia até o pescoço, tendo nas mãos um taco para jogar críquete.

Gritos horripilantes elevavam-se acima dos ruídos metálicos. Chaim correu até a outra janela, fechou a cortina e ajoelhou-se.

- Oh, Deus - ele orou -, salva-me destas criaturas! E não permitas que Jonas morra!

Buck olhou por cima do ombro de Chaim na direção do portão. Ele avistou Jonas se debatendo, gritando, batendo nas pernas e no tronco, tentando cobrir o rosto. Seu corpo estava coberto de gafanhotos.

Precisamos trazê-lo para dentro de casa! - gritou Buck.

Eu não posso sair! Eles vão me atacar!

Buck hesitou. Ele acreditava que não seria atacado pelos ferrões daquelas criaturas, mas seu cérebro não conseguia emitir impulsos para suas pernas se movimentarem.

Vou até lá! - ele disse.

Como você vai fazer para que esses bichos não entrem?

Vou fazer o que for possível. Você tem outro taco?

Não, mas tenho uma raquete de tênis.

Acho que vai servir.

Buck dirigiu-se para a escada com a raquete na mão. Chaim gritou para ele:

- Vou me trancar neste quarto. Veja se consegue matar todos eles ou impedir que entrem quando você voltar, coloque Jonas no quarto de hóspedes da frente. Ele vai morrer?

_ Ele vai desejar morrer.

Buck parou diante da porta. A fumaça que pairara sobre a cidade durante dias havia desaparecido, deixando uma nuvem de criaturas horripilantes que se espalhavam por toda parte. Orando por coragem, Buck abriu a porta e correu até Jonas, que agora estava deitado no chão com o corpo encolhido e tremendo.

- Jonas! Vou levar você para dentro de casa.

Mas ele perdera a consciência.

Buck colocou a raquete no chão e usou as duas mãos para agarrar aquele homenzarrão pelos ombros e virá-lo de costas. Seu rosto havia levado uma pancada e estava começando a inchar. Jonas era grande e corpulento, e seria muito difícil arrastá-lo. Buck tentou lembrar-se de como faziam os bombeiros para transportar um homem, mas não tinha equilíbrio suficiente para levantar Jonas do chão.

Os gafanhotos, uma designação muito branda para aqueles bichos asquerosos, voavam ameaçadoramente ao redor da cabeça de Buck, e alguns chegaram a pousar nela. O peso e o volume dos bichos deixaram-no surpreso. Apesar de sentir-se aliviado por saber que não seria atacado por eles, Buck ouvia seus zumbidos e achava que eles estavam tentando afastá-lo de Jonas. Quando um deles pairou sobre o rosto de Jonas, Buck pegou a raquete e deu-lhe uma pancada com toda torça, fazendo com que o gafanhoto atravessasse a vidraça da janela frontal da casa. Ao dar a pancada no bicho com a raquete, ele teve a sensação de ter esmagado um carrinho de brinquedo de metal. A primeira coisa que Buck deveria fazer em seguida, se conseguisse entrar novamente na casa, era subir naquela janela e livrar-se do bicho.

Buck colocou a raquete embaixo do braço e começou a arrastar Jonas pelos pulsos até a casa. Quando chegou a três metros da escada, Buck constatou que pedaços de grama haviam-se enrascado no cós da calça e no cinto de Jonas enquanto ele estava sendo arrastado. Buck virou-o com os pés na direção da porta, encaixou seus tornozelos embaixo dos braços e continuou a arrastá-lo. Quando chegou ao pé da escada, ele respirou fundo, ajoelhou-se para levantar Jonas e carregou-o nas costas. Buck calculou que o homem era quase 50 quilos mais pesado do que ele.

Ao entrar na casa, ele atirou Jonas em uma cadeira, equilibrando-se para não levar um tombo. Outro gafanhoto entrou voando na casa antes que Buck tivesse tempo de fechar a porta, e ele também o esmagou com a raquete. O gafanhoto arrastou-se no chão, voou de encontro à parede e caiu, fazendo um ruído metálico enquanto rolava. Atordoados, os bichos tentavam voar novamente. Buck escolheu aquele momento para atacá-lo outra vez e conseguiu abatê-lo no ar. Buck tentou pisar em cima de um deles, mas sua couraça era dura demais para ser quebrada. Ele espancou os dois com a raquete e arrastou-os com os pés para fora da porta, fechando-a rapidamente para que outros não entrassem. Depois de cobrir a vidraça quebrada, ele arrastou Jonas até o quarto de hóspedes e deitou-o na cama. Jonas balbuciava palavras incoerentes e choramingava, arrancando os botões da camisa.

Sabendo que não havia remédio para aquela tortura e agonia, Buck deixou-o sozinho e retornou à sala de estar no pavimento superior. Igual a uma pessoa que se sente atraída a voltar para o local do acidente, Buck queria examinar aqueles seres mais de perto, tendo uma barreira de vidro entre eles.

Antes de destrancar a porta do quarto, Chaim perguntou a

Buck se ele tinha certeza absoluta de não ter trazido algum gafanhoto para dentro de casa. Chaim continuava protegido

los trajes de tratador de abelhas e segurava o taco de críquete. Depois de certificar-se de que Jonas estava vivo, Chaim agarrou o braço de Buck e puxou-o até a janela. Os gafanhotos irados, presos entre a vidraça e a tela de proteção, estavam bem no centro, em condições de ser analisados. Buck sabia que todas as pessoas não-crentes que estavam na rua haviam sofrido tanto quanto Jonas e que não levaria muito tempo para que os gafanhotos comesçassem a entrar nas casas e apartamentos, um sofrimento mais terrível ainda.

DEZESSETE

RAYFORD agarrou Ernie pela gola da camisa e puxou-o para perto de si, sentindo a ira de um pai que vê alguém ameaçar sua família.

- Então, quer dizer que você é um impostor, hein, Ernie?

Em vez de lutar para se desvencilhar de Rayford, Ernie tentava segurar o boné com as duas mãos. Rayford o soltou e levou a mão em direção ao bico do boné. Ernie estremeceu, pensando que ia levar um soco no nariz, e desviou o rosto no momento em que Rayford atirou seu boné para longe.

Não era de admirar que a marca de Ernie estivesse tão evidente. Ele a havia reforçado com o mesmo material que usara na primeira vez.

- Você falsificou a marca, Ernie? Falsificou o selo de Deus? É preciso ter muita coragem.

Ernie empalideceu e tentou afastar-se, mas Rayford agarrou-o pela nuca e passou o polegar da outra mão na marca falsificada de Ernie. A mancha desapareceu.

Você deve ter aprendido muito bem as lições de Tsion Para fazer a réplica de uma marca que nunca viu.

O que é aquilo? - perguntou Bo, como se estivesse paralisado de medo.

Ele falsificou a marca de...

Eu já sabia - disse Bo, com os olhos arregalados e apontando para um ponto adiante de Rayford. - Estou falando daquilo!

Rayford olhou para o horizonte, onde uma nuvem de fumaça estava se transformando em um bando enorme de gafanhotos. Mesmo a uma distância de centenas de metros, eles pareciam enormes. E o ruído era ensurdecador!

Sinto muito, cavalheiros, mas vocês vão ter um grande problema pela frente.

Por quê? - gritou Bo. - O que é isto?

Um dos últimos avisos para você. Ou outro truque dos fundamentalistas. Você decide.

Faça o que bem entender, Bo! - disse Ernie. - Vou dar o fora daqui!

Ele correu em direção à torre, e Bo também teve a mesma idéia. Ernie teve problemas para abrir a porta, e Bo, que corria em alta velocidade, não conseguiu parar e colidiu com ele. Os dois caíram no chão. Ernie segurou o joelho, gemendo de dor.

Levante-se e entre aí, seu maricás - disse Bo.

Maricás é você! Bo maricás!

Bo abriu a porta com força, e ela bateu na cabeça de Ernie. Ernie soltou um palavrão, deu um rodopio e chutou a porta. Enquanto tentava entrar, Bo prendeu o dedo no vão da porta e caiu sobre um dos joelhos, chupando o dedo machucado. Ernie deu um salto, pulou por cima dele e entrou na torre. Rayford chegou à porta e tentou ajudar Bo a levantar-se, mas o homem afastou-se correndo. Um bando de gafanhotos o atacou. Ele os chutava, gritava e corria em círculos. Quando Ernie abriu a porta para ridicularizá-lo, também foi atacado. O homem negro que viera de carro com Bo apareceu, olhando horrorizado para os dois.

Ele balançou a cabeça lentamente e olhou para Rayford. Ambos viram seus respectivos selos, e Rayford sabia que o do homem era verdadeiro porque os gafanhotos não o atacaram.

Rayford ajudou-o a afastar os gafanhotos e conduziu os dois até um patamar no pé da escada. Enquanto Ernie e Bo lutavam para respirar, Rayford aceitou o aperto de mão do homem negro.

T. M. Delanty - ele disse. - Sou conhecido por T.

-Rayf...

Eu sei quem você é, capitão. Ken me falou sobre você.

- Desculpe-me a grosseria - disse Rayford -, mas ele nunca mencionou seu nome. O mais estranho de tudo, pensava Rayford, era eles terem se conhecido no momento em que duas vítimas sofriam a seus pés.

- Eu pedi a Ken que não mencionasse. É muito bom saber que ele era um homem de palavra.

Rayford queria conversar com T, mas sentiu-se obrigado a fazer alguma coisa por Bo e Ernie.

- Há algum lugar onde a gente possa colocar estes dois? T apontou para uma sala de recepção onde havia sofás e cadeiras, mas ninguém para atender.

-Entendo que eles vão desejar morrer mas não conseguirão, não é mesmo?

Rayford fez um movimento afirmativo com a cabeça.

-Você tem estudado um bocado, não?

Estou assistindo às aulas de Tsion pela Internet, como quase todos os crentes do mundo.

Preciso ver como Tsion e os outros estão - disse Rayford, Pegando seu celular.

Chloe atendeu.

Oh, papai! Que coisa horrível! Hattie foi atacada. Rayford ouviu os gritos dela ao fundo.

O doutor tem condições de fazer alguma coisa?

Ele está tentando, mas ela não pára de amaldiçoar Deus e quer morrer. Tsion diz que isto é apenas o começo. Ele acredita que Hattie viverá neste tormento por cinco meses. Até lá, *nós* vamos ter de dar um jeito de tirá-la deste sofrimento.

Podemos orar para que ela se converta antes.

É verdade, mas Tsion acha que isso não garante um alívio imediato do sofrimento.

Aquelas palavras pareceram estranhas a Rayford. Ele teria de perguntar a Tsion mais tarde.

O resto do pessoal está bem?

Penso que sim. Estou aguardando notícias de Buck.

Buck ficou surpreso consigo mesmo por ter coragem de olhar para aqueles bichos repugnantes. Ajoelhado ao lado de Chaim perto da janela, a poucos centímetros dos gafanhotos, ele viu a profecia bíblica tornar-se realidade. Não poderia haver no mundo nada mais feio, mais repugnante do que os seres que estavam diante dele. Tsion dissera que aquelas criaturas não faziam parte do reino animal. Eram demônios assumindo a forma de bichos.

Enquanto analisava atentamente suas características singulares, Buck sentiu pena de Chaim. Ambos sabiam que os trajes de tratador de abelhas não lhe serviriam como proteção. Os bichos estavam ali para atacá-lo. Seria apenas uma questão de tempo. Eles entrariam, de um jeito ou de outro, e não teriam piedade de Chaim.

- Oh, céus, que criaturas horripilantes! - disse Chaim.

Buck limitou-se a menear a cabeça. Contrastando com as maravilhas da criação de Deus, era evidente que aqueles pequenos monstros vieram do abismo. Tinham asas e o corpo semelhante a um cavalo em miniatura, armado para a guerra. Quando um deles pousou no parapeito da janela, Buck aproximou-se para vê-lo mais de perto.

Chaim - disse Buck. Sua voz parecia distante e amedrontada. - Você tem uma lupa?

Você quer ver esses bichos mais de perto ainda? Eu mal consigo olhar para eles!

Eles se parecem com cavalos, mas não têm focinho nem boca de cavalo.

Tenho uma lupa possante em meu escritório, mas não quero sair daqui.

Buck correu até o escritório perto do quarto de Chaim e pegou a lupa. Quando ele voltou, ouviu um grito medonho, como o urro de um animal, e sons de pancadas no chão. O grito era de Chaim.

Um dos gafanhotos havia conseguido entrar e agarrar-se ao pulso de Chaim no espaço entre a luva e a manga. O ancião se contorcia no chão, gemendo e gritando, ao tempo em que batia a mão com força no piso, tentando livrar-se do bicho.

-Tire essa coisa de mim! - ele berrava. - Por favor, Cameron, por favor! Estou morrendo!

Buck agarrou o bicho, que parecia estar grudado no braço de Chaim. Seu corpo parecia ser feito de amálgama de metal, com saliências pontudas, e era viscoso como o de um inseto. Buck enfiou os dedos entre o abdome do bicho e o pulso de Chaim e puxou-o com força. O gafanhoto se soltou e enroscou-se na mão de Buck, tentando fincar o ferrão nele e mordê-lo.

Mesmo sabendo que não seria atacado pelo bicho, Buck atirou-o instintivamente contra a parede com tanta força que ele afundou uma parte do reboque e caiu rolando no chão fazendo um ruído metálico.

Ele está morto? - gritou Chaim. - Diga-me que ele está morto!

Não sei se somos capazes de matá-los - disse Buck -, mas eu consegui deixar dois deles atordoados, e este aqui está imóvel.

Esmague-o - insistiu Chaim. - Bata com força nele! Use o taco!

Chaim rolou de lado contorcendo-se em convulsões. Buck gostaria de poder ajudá-lo, mas Tsion dissera que a Bíblia não mencionava nada que pudesse aliviar o sofrimento das vítimas dos gafanhotos.

A lupa estava no chão a mais ou menos um metro do gafanhoto imóvel. Sem tirar os olhos do bicho, Buck segurou a lupa acima dele, aproveitando a luz que incidia diretamente no local, vinda de uma luminária. Ele quase vomitou ao ver aquela figura grotesca ampliada.

O gafanhoto estava deitado de lado, tentando se levantar. As quatro pernas semelhantes às patas de cavalos sustentavam um corpo também com a aparência de cavalo. O abdômen era dividido em duas partes. A primeira localizava-se na área do torso e consistia de sete segmentos cobertos por uma couraça metálica que fazia ruídos durante o voo. A parte posterior do abdome consistia de cinco segmentos e terminava em uma cauda com ferrão semelhante ao dos escorpiões, quase transparente. Buck conseguiu ver o líquido venenoso se movimentando dentro da cauda.

O gafanhoto tinha os olhos abertos e parecia olhar fixamente para Buck. Mesmo que isso fosse estranho, fazia sentido. Se aquelas criaturas fossem demônios, conforme Tsion dissera, elas deviam estar em terrível conflito. Queriam matar os crentes, mas foram autorizadas por Deus para atormentar somente os incrédulos. Aquilo que Satanás pretendia usar para o mal, Deus estava usando para o bem.

Buck prendeu a respiração quando moveu a lupa na direção da cabeça do gafanhoto. Ele nunca vira uma cabeça como aquela. O rosto assemelhava-se ao de um homem. O bicho olhou para Buck com expressão zangada e fez uma careta exibindo uma arcada dentária desproporcional ao seu tamanho. Eram dentes iguais aos de um leão, com longos caninos, cujos pares superiores saíam para fora da boca. Havia ainda uma característica muito estranha. O gafanhoto tinha cabelos longos e esvoaçantes de mulher, que apareciam por baixo de uma espécie de capacete misturado com coroa, de cor dourada.

Apesar de não ter mais de um palmo de comprimento, aquela combinação grosseira de inseto, artrópode e mamífero parecia ser invencível. Buck chegou a imaginar que poderia destruí-lo com um soco forte, mas sabia que não conseguiria matá-lo nem sequer machucá-lo. Sem poder atirar o bicho para fora da casa sem permitir a entrada de vários outros, Buck olhou ao redor da sala e avistou um vaso pesado dentro do qual havia uma planta grande. Chaim balbuciava palavras sem nexos, arrastando-se pelo chão.

- Cama - ele dizia. - Água.

Buck arrancou a planta do vaso com raízes e terra e colocou-a no chão. Virou o vaso de boca para baixo e colocou-o em cima do gafanhoto, que começara a movimentar-se novamente. Após alguns instantes, ele ouviu o som metálico de uma batida atrás da outra nas paredes do vaso emborcado.

O bicho tentou sair por um pequeno orifício no fundo do vaso, mas só conseguiu pôr a cabeça para fora. Buck levou um grande susto, e suas pernas bambearam quando ele ouviu um grito, como se alguém estivesse pedindo socorro.

A palavra foi repetida várias vezes, mas Buck não conseguiu entendê-la.

- Você ouviu isto, Dr. Rosenzweig? - perguntou Buck. Deitado no chão perto da porta, Chaim ofegava.

- Sim - ele respondeu com voz fraca, gemendo -, mas não quero ouvir! Queime esse bicho, afogue-o, faça alguma coisa! Mas antes me ajude a ir até a cama e me dê um pouco de água!

A criatura emitia um som de lamento que soava aos ouvidos de Buck como "Abandono! Abandono!"

- Estas coisas falam! - disse Buck a Chaim. - Penso que é inglês!

Rosenzweig tremia como se a temperatura estivesse baixa demais.

Hebraico - ele disse. - A criatura está invocando Abadom.

Claro! - disse Buck. - Tsion nos falou sobre isto! O rei destas criaturas é o demônio do abismo, aquele que governa os anjos das profundezas do inferno. Em grego, ele se chama Apoliom.

Que me interessa saber o nome do monstro que está me matando? - disse Rosenzweig. Ele esticou o braço para alcançar a maçaneta da porta, porém não conseguiu abri-la por causa das luvas. Ele as retirou, mas não teve mais força para levantar o braço.

Buck o ergueu do chão. Enquanto ambos afastavam-se lentamente da sala, ele olhou para trás. O gafanhoto continuava tentando sair pelo orifício do vaso e lançou-lhe um olhar com tanto ódio e desprezo que Buck quase ficou paralisado.

-Abadom! - Os gritos do bicho ecoavam pelo corredor. Buck deu um chute na porta do quarto e entrou amparando Chaim. Depois de despi-lo dos trajes de tratador de abelhas, ele o ajudou a deitar-se na cama por cima das cobertas.

As convulsões recomeçaram, e Buck notou que as mãos, o pescoço e o rosto estavam inchando.

Q-q-queiro u-u-m p-p-pouco de água, p-p-por f-f-favor!

Não vai adiantar - disse Buck.

Mesmo sabendo que não adiantaria, ele foi buscar água para Chaim. Depois de saciar a própria sede, ele encheu um copo com água e retornou ao quarto de Chaim, deixando-o na mesinha ao lado da cama. Chaim parecia estar inconsciente. Ele estava virado de lado, cobrindo as orelhas com um travesseiro para abafar os gritos medonhos que vinham da sala de visitas.

- Abadom! Abadom! Abadom!

Buck pousou a mão no ombro do ancião e perguntou-lhe:

Você está me ouvindo, Chaim? Rosenzweig afastou o travesseiro da orelha.

Hein? O quê?

Não beba esta água. Ela se transformou em sangue.

Parados do lado de fora da recepção vazia na base da torre de Palwaukee, Rayford e T. M. Delanty olhavam para Bo e Ernie, que amaldiçoavam um ao outro, contorcendo-se no chão.

- Não há nada que a gente possa fazer por eles? -perguntou T.

Rayford sacudiu a cabeça.

- Lamento muito por eles e por qualquer outra pessoa que tenha de passar por este sofrimento. Se ao menos eles tivessem prestado atenção! A mensagem está sendo pregada desde antes do Arrebatamento. A propósito, você conhece a história deles? Ernie chegou a me convencer de que era crente. Eu vi o selo.

- Fiquei muito surpreso ao ver que ele foi atacado - disse T -, mas acho que tive um pouco de culpa nisso. Ernie pareceu interessado durante alguns dias, dizendo que Ken estava insistindo com ele para que prestasse atenção aos ensinamentos de Tsion Ben-Judá. Ele fez tantas perguntas, principalmente a respeito do selo, que conseguiu falsificá-lo com base no que aprendeu com Tsion e ouviu de Ken.

Rayford olhou para fora. O céu ainda estava repleto de gafanhotos, e poucos haviam se afastado da porta.

Nunca pensei que alguém pudesse ser capaz de falsificar o selo - ele disse. - Imaginei

que, por ser visto apenas pelos outros crentes, ele fosse uma prova segura para sabermos quem está do nosso lado e quem não está. O que vamos fazer de agora em diante? Fazer o teste em qualquer pessoa que tenha o selo?

Não - respondeu T. - De jeito nenhum.

Por que não?

Você não fez o teste em mim, fez? Por que acha que o meu é verdadeiro?

Porque você não foi atacado.

Correto. Este será o nosso teste para os próximos dez meses.

De onde você tirou esses dez meses?

- Você não leu a mensagem de hoje do Dr. Ben-Judá? Rayford balançou a cabeça negativamente.

Ele diz que os gafanhotos têm cinco meses para encontrar suas vítimas e ferroá-las e que as vítimas sofrerão por cinco meses. Apesar de ser apenas uma conjectura, ele acha que os gafanhotos mordem a pessoa apenas uma vez e partem para outra.

Você já deu uma olhada nestes bichos? - perguntou Rayford, analisando um que estava do outro lado da vidraça.

Será que devo? - disse T, aproximando-se. - Eu não gostava nem de ler o que o Dr. Ben-Judá escrevia sobre eles. Oh, rapaz, veja só! Aquele ali é tão feio que parece um monstro.

_ Ainda bem que eles estão do nosso lado.

_ Que ironia! - disse T. - Ben-Judá diz que eles são demônios.

_ Ah, sim, mas eles estão a serviço de Deus apenas por uns tempos.

Os dois empinaram a cabeça.

Que barulho é este? - perguntou Rayford. - Tsion disse que o barulho das asas deles soariam como carros e muitos cavalos correndo para a batalha, mas estou ouvindo uma outra coisa.

Será que estão recitando uma ladainha?

Eles abriram uma fresta na porta, e um gafanhoto tentou passar por ela. Rayford prendeu-o entre a porta e o batente, e o bicho se contorceu e tentou escapar. Rayford abriu um pouco mais a porta, e ele voou para fora.

- É isso mesmo! - disse Rayford. - Eles estão recitando uma ladainha.

Os dois homens ficaram em silêncio. A nuvem de gafanhotos, voando em busca de mais vítimas, gritava em uníssono: "Apoliom, Apoliom, Apoliom!"

- Por que Deus está fazendo isto comigo? - choramingava Chaim. - O que eu fiz para Ele? Você me conhece, Cameron! Não sou um homem mau.

- Não foi Ele que fez, Dr. Rosenzweig. Foi você que causou todo este mal a si mesmo.

- O que fiz de tão errado? Qual foi o meu pecado?

- Orgulho, por exemplo - disse Buck, pegando uma cadeira Para sentar-se. Ele sabia que não podia fazer nada por seu amigo, a não ser ficar a seu lado, mas precisava dizer-lhe algumas verdades.

Orgulho? Por acaso, sou orgulhoso?

Talvez não intencionalmente, doutor, mas você não levou em consideração nada do que Tsion lhe disse a respeito de como aproximar-se de Deus. Você confiou em seu poder de sedução, em seu valor, no fato de ser uma boa pessoa. Você teve todas as provas de que Jesus é o Messias, mas preferiu prender-se à sua escolaridade, à sua confiança apenas naquilo que vê, ouve e sente. Quantas vezes você ouviu Tsion citar Tito 3.5 e Efésios 2.8-9? Mesmo assim você...

Chaim gritou em meio ao sofrimento:

- Cite esses textos para mim novamente, Cameron. Por favor.

- "Não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou... Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie."

Chaim assentiu com a cabeça, desolado.

Cameron, estou sofrendo demais!

Sinto muito ter de dizer-lhe, mas seu sofrimento vai aumentar. A Bíblia diz que a pessoa vai querer morrer mas não conseguirá suicidar-se.

Chaim virava de um lado para o outro, gemendo de angústia.

Será que Deus me aceitaria se eu me aproximasse dele só para aliviar meu sofrimento?

Deus conhece tudo, doutor. Até seu coração. Se você soubesse que seu sofrimento seria cada vez maior durante cinco meses, mesmo depois de ter tomado uma decisão, continuaria querendo aproximar-se dele?

Eu não sei! - ele disse. - Que Deus me perdoe, mas não sei!

Buck ligou o rádio e encontrou uma emissora pirata que, naquele momento, levava ao ar a pregação de Eli e Moisés diretamente do Muro das Lamentações. Eli estava proferindo uma dura mensagem.

"Estais irados com Deus por causa da terrível praga que se abateu sobre vós! Apesar de serdes os últimos a sofrer, não sois a primeira geração que forçou a mão amorosa de Deus a agir com disciplina."

"Dai ouvidos a estas palavras do Senhor Deus de Israel: Retive de vós a chuva, três meses ainda antes da ceifa; e fiz chover sobre uma cidade, e sobre a outra não; um campo teve chuva, mas o outro, que ficou sem chuva, se secou."

"Andaram duas ou três cidades, indo a outra cidade, para beberem água, mas não se saciaram: contudo não vos convertestes a mim..."

"Feri-vos com o crestamento e a ferrugem; a multidão das vossas hortas... devorou-a o gafanhoto: contudo não vos convertestes a mim... Enviei a peste contra vós outros à maneira do Egito; os vossos jovens matei-os à espada... contudo não vos convertestes a mim... Subverti alguns dentre vós, como Deus subverteu a Sodoma e Gomorra, e vós fostes como um tição arrebatado da fogueira: contudo não vos convertestes a mim..."

"Portanto, assim te farei, ó Israel! E porque isso te farei, prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus. Porque é ele quem forma os montes, e cria o vento, e declara ao homem qual é o seu pensamento; e faz da manhã trevas, e pisa os altos da terra: o Senhor, Deus dos Exércitos, é o seu nome..."

Pois assim diz o Senhor à casa de Israel: Buscai-me, e vivei... Vós que converteis o juízo em afronta, e deitais por terra a justiça, procurai o que faz o Sete-estrela, e o Órion, e torna densa treva em manhã, e muda o dia em noite; o que chama as águas do mar, e as derrama sobre a terra: o Senhor é o seu nome..."

"Portanto, o que for prudente guardará então silêncio, porque é tempo mau. Buscai o bem e não o mal, para que vivais: e assim o Senhor, o Deus dos Exércitos, estará convosco, como dizeis. Aborrecei o mal e amai o bem, e estabelecei na porta o juízo: talvez o Senhor, o Deus dos Exércitos, se compadeça do restante de José..."

"E, ainda que me ofereçais holocaustos e vossas ofertas de manjares, não me agradarei deles, nem atentarei para as ofertas pacíficas de vossos animais cevados. Afasta de mim o estrépito dos teus cânticos; porque não ouvirei as melodias das tuas liras."

"Antes corra o juízo como as águas, e a justiça como ribeiro perene."

Que maravilha! - disse Buck.

Por favor, Cameron! - exclamou Chaim. - Desligue esse rádio! Eu não agüento mais.

Buck permaneceu mais duas horas ao lado de Chaim, sem poder aliviar seu sofrimento. O ancião se debatia, transpirava e ofegava. Quando, finalmente, seu sofrimento foi aliviado por alguns instantes, ele disse:

- Você tem certeza de que esta angústia vai piorar cada vez mais até o ponto de eu querer dar um fim à minha vida?

Buck assentiu com a cabeça.

Como você sabe? - perguntou Chaim.

Eu creio na Bíblia.

- E a Bíblia diz isto? Nestas mesmas palavras? Buck havia memorizado o texto.

- "Naqueles dias os homens buscarão a morte e não a acharão; também terão ardente

desejo de morrer, mas a morte fugirá deles."

DEZOITO

DURANTE os cinco meses seguintes, os gafanhotos demoníacos atacaram todas as pessoas que não tinham o selo de Deus na testa. E, nos cinco meses subseqüentes, aqueles que foram últimos a receber as ferroadas e mordidas continuavam a sofrer.

A situação mais dramática de um sofrimento interminável foi vivida por Hattie na casa secreta do Comando Tribulação em Monte Prospect, Illinois. Seu tormento era tão grande que todos - Rayford, Tsion, Chloe e Floyd - imploravam para que ela entregasse sua vida a Cristo. Apesar de seus gritos angustiantes a qualquer hora do dia ou da noite, ela teimava em dizer que estava recebendo o castigo que merecia.

A situação tornou-se tão estressante para o Comando Tribulação que Rayford tomou a decisão de transferi-la para o Porão onde Ken morou por alguns tempos. À medida que as semanas passavam, ela ia definhando a olhos vistos. Todas as vezes que descia até o porão para vê-la, Rayford sentia que estava visitando um esqueleto vivo. O quadro era assustador.

O Dr. Charles tentou cuidar dos sintomas dela, mas constatou rapidamente que seria inútil. O restante do grupo se revezava levando-lhe um pouco de alimento, que raramente era tocado. Hattie comia muito menos do que seria necessário para manter-se viva, mas, de acordo com a Bíblia, ela não morreria por causa desse sofrimento.

Rayford decidiu visitá-la acompanhado de outro membro do grupo, e, mesmo assim, ele não conseguia dormir bem naquela noite. A aparência de Hattie era cadavérica. Seus olhos estavam afundados no rosto, e seus lábios finos mal cobriam os dentes, que pareciam grandes demais para sua boca.

Às vezes, ela não tinha forças para falar. Apenas se comunicava por meio de grunhidos e gestos até chegar o dia em que se recusou a virar-se para ver quem estava descendo a escada.

Finalmente Hattie foi forçada a falar quando Chloe conseguiu localizar sua irmã Nancy, que trabalhava em uma clínica de aborto no oeste do país. Todos os outros membros da família de Hattie haviam morrido antes da praga dos gafanhotos. Ela conversou com a irmã pela primeira vez depois de muitos meses. Nancy descobrira uma forma de não ser atacada pelos gafanhotos durante um ou dois meses, mas agora também se tornara uma das vítimas.

- Nancy, você precisa acreditar em Jesus - disse Hattie, com voz enrolada, como se sua boca estivesse cheia de feridas. - É a única solução. Ele a ama. Faça isto.

Floyd ouvira à distância o final da conversa de Hattie e pediu a Rayford e Tsion que o ajudassem a convencê-la. Ela, porém, reagiu com agressividade.

Você deixou claro que conhece a verdade - disse Tsion. - E a verdade a libertará.

Você não vê que não quero me libertar? Só quero viver o tempo suficiente para matar Nicolae, e vou conseguir. Depois, não vou me importar com o que venha a acontecer comigo.

Mas nós nos importamos - disse Rayford.

O problema é de vocês - ela retrucou, virando-se para o outro lado.

Chloe, que estava chegando ao fim da gravidez, não podia mais descer e subir a escada. Ela contou a Rayford que passara a orar o tempo todo para que Buck conseguisse voltar para casa antes que o bebê nascesse.

Tsion estava atarefadíssimo passando adiante relatos milagrosos das 144.000 testemunhas que se dispuseram a trabalhar como missionários em outros países, além dos seus. Ele recebia um grande número de histórias de grupos tribais localizados em regiões longínquas que entendiam as mensagens na própria língua e se tornaram santos da tribulação.

Tsion escrevia diariamente a quase um bilhão de visitantes do *website* que aquele seria o último período do final dos tempos no qual os crentes teriam um pouco de liberdade.

"É chegada a hora, meus amados irmãos e irmãs", ele escreveu certo dia. "Sabemos que todas as pessoas vulneráveis aos ataques dos gafanhotos permanecerão dentro de casa; só sairão se estiverem usando equipamentos de proteção. Esta é a nossa oportunidade de desenvolvermos mecanismos que nos permitam sobreviver quando o sistema mundial exigir que todos estampem a marca criada por eles. Ninguém terá permissão para comprar e vender sem a tal marca. Trata-se de uma marca que, uma vez estampada, Jamais poderá ser eliminada - da mesma forma que o selo na testa nos deu a garantia da salvação eterna."

Peço a todos que, ao presenciarem o intenso sofrimento das ótimas dos gafanhotos, não considerem esse julgamento como um capricho ou maldade de Deus. O julgamento faz parte do propósito maior que Ele tem de atrair as pessoas para si a fim de demonstrar seu amor. A Bíblia nos ensina que Deus é perdoador, clemente e misericordioso, tardio em irar-se, e grande em bondade. Como deve ser doloroso para Deus ter de lançar mão desses recursos para alcançar quem Ele ama!

"Estamos também tristes ao ver que, mesmo aqueles que aceitaram Cristo após a chegada deste último julgamento, ainda vão sofrer por cinco meses, conforme está escrito na Bíblia. Contudo, creio que fomos chamados a considerar este sofrimento como um fato de que o pecado e a rebelião têm suas conseqüências. Permanecerão cicatrizes. Se a vítima aceitar Cristo, Deus a perdoará, e ela será salva. Mas os efeitos do pecado permanecerão."

"Oh, meus queridos, meu coração se comove ao saber que agora existem mais seguidores de Cristo do que na ocasião do Arrebatamento. Até mesmo países onde o cristianismo não teve grande impacto no passado estão vendo crescer o número de pessoas buscando a salvação."

"Evidentemente, nós também estamos vendo que o mal continua em ascensão. A Bíblia nos diz que, aqueles que permanecerem rebeldes após esta terrível praga, amarão mais a si mesmos e a seus pecados do que a Deus. Por mais que o sistema mundial tente minimizar, a nossa sociedade tem presenciado um crescimento catastrófico de consumo de drogas, imoralidade sexual, assassinatos, roubos, adoração satânica e idolatria."

"Não desanimem mesmo diante do caos e das pragas, meus amados. A Bíblia nos diz que o rei dos demônios, o anjo do abismo, está fazendo jus a seu nome - Abadom em hebraico e Apoliom em grego, que significa Destruidor - por liderar os gafanhotos que entraram em ação. Nós, porém, que fomos selados pelo Senhor Deus, não temos nada a temer, porque está escrito: 'Aquele que está em vós é maior do que aquele que está no mundo... Nós somos de Deus. Aquele que conhece a Deus nos ouve; aquele que não é da parte de Deus não nos ouve. Nisto reconhecemos o espírito da verdade e o espírito do erro.'"

"Testem sempre as minhas palavras, confrontando-as com a Bíblia. Leiam-na diariamente. Peço aos novos crentes - e a todos os que lêem minhas mensagens, porque nenhum de nós é crente antigo, não é mesmo? - que façam da leitura e do estudo da Bíblia uma rotina diária. Quando vemos estas criaturas horripilantes que invadiram a terra, torna-se óbvio para nós que também temos o dever de partir para a guerra."

"Finalmente, meus irmãos, faço minhas as palavras do apóstolo Paulo: '...sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e, sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes.

""Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau, e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis. Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade, e vestindo-vos da couraça da justiça. Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz; abraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos

os dardos inflamados do maligno."

"Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito, e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos, e também Por mim; para que me seja dada, no abrir de minha boca, a palavra, para com intrepidez fazer conhecido o mistério do evangelho."

"Aguardando ansiosamente nosso próximo encontro por meio deste milagre da tecnologia que o Senhor usou para edificar uma igreja poderosa, mesmo diante de tantas condições desfavoráveis, despeço-me como servo de todos vocês e dele. Tsion Ben-Judá."

Buck teve a certeza de que Jacov, Hannelore e Stefan haviam fortalecido sua fé no Senhor no momento em que eles manifestaram o desejo de mudar-se para a propriedade de Rosenzweig a fim de cuidar de Chaim e Jonas durante vários meses. Eles levaram consigo a mãe de Hannelore, que aceitara Cristo no primeiro dia do ataque dos gafanhotos. Apesar do sofrimento, ela lia e estudava a Bíblia, orava e insistia com Chaim e Jonas para que eles também aceitassem Cristo. Jonas aceitou, mas Chaim continuou irredutível.

Diante da impossibilidade de encontrar um vôo comercial com tripulação completa, Buck começou a procurar freneticamente entre os crentes alguém que pudesse levá-lo de avião aos Estados Unidos para o nascimento de seu filho. No auge do desespero, ele fez uma ligação para Mac na Nova Babilônia, mas não conseguiu completá-la. Resolveu, então, enviar-lhe um *e-mail* em código. Uma hora depois, recebeu uma longa resposta.

Continuo aguardando o momento de conhecê-lo, Williams. Seu sogro me contou tudo sobre você, mas, não se preocupe, não acreditei em uma só palavra.

O que você está achando deste sistema de *e-mail* que David desenvolveu para mim? Ele o cercou de todas as proteções e garantias imagináveis. Se alguém se aproximasse de mim neste momento, não seria capaz de ler o que acabei de escrever.

Estou entendendo que você precisa encontrar um vôo para retornar aos Estados Unidos. Tente Abdullah Smith, na Jordânia. O nome parece estranho, mas ele tem motivos para ser chamado desta maneira. E ele é crente. Se você mencionar meu nome, ele cobrará o dobro (é brincadeira). Ele vai fazer o que puder para ajudá-lo.

Vou enviar uma cópia desta mensagem para seu pessoal. Assim eles saberão o que está se passando. David Hassid e eu tivemos de simular ferroadas de gafanhotos no corpo para que ninguém desconfiasse de nós. Descobrimos vários outros crentes ocultos por aqui. Carpathia e Leon estão isolados em um abrigo radiativo que tem servido para manter os gafanhotos afastados. Porém, quase todos aqui, inclusive os dez reis e até mesmo Peter Segundo, foram atacados e estão sofrendo muito. Quando você vir Carpathia aparecer nos telejornais com um gafanhoto pousado em seu ombro, como se fosse um animal de estimação, e dizendo ao mundo inteiro que as histórias sobre ferroadas e mordidas são exageradas, não acredite. Trata-se de um truque fotográfico. É claro que os gafanhotos verdadeiros não morderiam Nicolae nem Leon por motivos óbvios.

Nós, os crentes daqui, conseguimos fingir que estamos nos recuperando mais rápido, para não termos de ficar na enfermaria o dia inteiro ouvindo a agonia dos outros. Carpathia me encarregou de algumas missões de caridade, Para levar ajuda a alguns dos reis que estão em agonia. Mas ele não sabe que David conseguiu passar a mão em algumas remessas clandestinas de literatura - cópias os estudos de Tsion em vários idiomas - e lotou o compartimento de cargas do Condor 216 com esse material. Quando pouse em qualquer lugar do mundo, os crentes descarregam a literatura e fazem a distribuição.

Leon ficou furioso quando soube que toda essa literatura cristã está se espalhando pelo mundo. Peter Segundo também. Espero que um dia eles saibam como ela foi transportada. Mas por enquanto não. Ore por nós. Somos os olhos e os ouvidos dos crentes aqui na Nova Babilônia e procuramos fazer o possível, mas estamos correndo riscos. Os subversivos são punidos com a morte. Dois assessores de Peter Mathews foram executados por terem mencionado ao pessoal da Comunidade Global algo que Peter

considerava assunto particular. Carpathia ficou sabendo das execuções e enviou-lhe uma nota de congratulações. É claro que Peter está no topo da lista das próximas vítimas de Nicolae, ou na de Leon, com certeza. Leon acredita que não há motivos para existir outra religião, porque ele tem Sua Excelência o potentado para adorar.

Estou dizendo isto com ironia, mas Leon está seguindo à risca essa sua idolatria. David estava na sala quando Leon sugeriu que fosse aprovada uma lei obrigando todas as pessoas a se curvarem na presença de Nicolae. Se essa lei vingar, será o meu fim.

Os crentes daqui não podem conversar entre si para não levantar suspeitas, mas damos força uns aos outros de maneiras sutis. Felizmente, David foi promovido a uma posição que exige que ele trabalhe bem próximo ao piloto sênior (este seu criado). Daqui em diante, vamos poder conversar bastante. Adoramos a idéia do falecido Ken Ritz de organizar uma cooperativa de mercadorias para os crentes, e achamos que sua esposa seria uma excelente diretora-executiva. Você deve saber quem será o concorrente direto dela. A partir de agora, Carpathia passou a tomar conta pessoalmente (é verdade) do comércio global. É o que estão dizendo por aqui. Ele quer ter aqueles dez reis no bolso, não é verdade?

Sabe de uma coisa, Williams? Alguns dias atrás, antes do ataque dos gafanhotos, ouvi uma conversa no Condor que provou um dos argumentos do Dr. Ben-Judá. Você se lembra que ele escreveu que este período, além de ser uma guerra entre o bem e o mal, seria também uma guerra entre o mal e o mal? Acho que ele quis dizer que devíamos amar uns aos outros para que a crise não provocasse disputas em nosso meio entre o bem e o bem. Mathews, o Santo Nick e Leon, o bajulador de Sua Excelência, estão a bordo do Condor 216. (Finalmente consegui descobrir por que Carpathia tem obsessão por este número. Bem, na verdade foi David que me contou. Ele achou que todos nós sabíamos. Deixo a charada para você decifrar esta semana.)

Voltando ao assunto do avião, o velho Mathews está pressionando Carpathia, exigindo isto e mais aquilo e pedindo maior participação nos impostos por tudo o que a maravilhosa Fé Mundial Enigma Babilônia vai fazer pela Comunidade Global. Nicolae está concordando com ele só para deixá-lo mais calminho. Quando Mathews foi ao banheiro, Nicolae disse a Fortunato: "Se você não cuidar dele, cuidarei disso sozinho."

Leon respondeu com toda a presteza: "Ele já deixou de ser útil, e estou tratando do assunto."

Bem, eu não queria me alongar tanto, mas, com toda esta aflição por aqui, tenho ficado muito tempo sozinho.

Desejo que tudo corra bem com o bebê. Vamos orar para que você volte para casa a tempo e que a mamãe possa voltar logo ao trabalho e ensinar você a ser papai. Envie minhas saudações a todos. Em nome de Cristo, Mac M.

Sofrendo a perda de Ken Ritz e sentindo falta de conversar com Mac McCullum, Rayford resolveu dedicar seu tempo livre para conhecer melhor T. M. Delanty. O episódio do selo falsificado na testa de Ernie não lhe saía da mente. Enquanto Ernie e o irrimediável Bo estavam internados no Arthur Young Memorial Hospital, em Palatine, Rayford fez várias viagens ao aeroporto de Palwaukee para vasculhar os pertences de Ken. Vez por outra, encontrava-se com T.

Eles contaram suas histórias um ao outro, e Rayford teve a certeza de que já o considerava um amigo quando teve coragem de perguntar:

- O que significam as iniciais T. M.? T lançou-lhe um olhar de censura.

Se eu quisesse que todos soubessem, não usaria o recurso das iniciais.

Desculpe-me. Eu só queria saber por que você gosta de ser chamado de T.

Meu primeiro nome é horroroso, o que mais posso lhe dizer? Minha mãe era afro-mericana, e meu pai, scocês-irlandês. Ela me deu esse nome por causa de um professor. Tyrola talvez fosse um sobrenome razoável, mas, se alguém o chamasse assim, o que você faria?

Iria embora da cidade, T. Peço desculpa por ter perguntado. E o segundo nome? Não seria uma opção?

Mark.

Rayford encolheu os ombros.

- O que há de errado com esse nome?

- Nada, só que eu não tenho cara de Mark. Sou forçado a admitir que tenho cara de T.

Tyrola Mark Delanty foi o único membro de sua pequenina igreja a ser deixado para trás no Arrebatamento.

- Pensei em me matar - ele disse. - Sofri muito até o dia em que me acertei com Deus. Eu era casado havia 14 anos. Perdi minha esposa, seis filhos pequenos, todos os parentes, amigos, o pessoal da igreja, tudo.

Rayford perguntou-lhe com quem ele convivia agora.

- Há mais ou menos 30 crentes no bairro onde moro. O número está aumentando. Bairro não é a palavra certa, é claro. Estamos todos morando em casas que já não valem nada. Como não chegaram a desmoronar completamente, há algum espaço para a gente viver.

Após mais alguns encontros, Rayford e T finalmente resolveram abordar os assuntos relativos a Ken, Palwaukee, Bo e Ernie. Rayford ficou sabendo que T era o dono principal do aeroporto que pertencera ao condado. Ele o adquiriu dois anos antes do Arrebatamento.

- Não ganhei muito dinheiro com o aeroporto. A margem de lucro era pequena, mas estava melhorando. Ken e vários outros pilotos faziam vôos regulares partindo daqui. Conforme você sabe, Ken morou aqui até o dia do terremoto. Dali em diante, ele passou a morar com vocês.

Bo era filho único de um investidor abastado que possuía 5% do negócio. O pai de Bo morreu em um acidente de carro quando o Arrebatamento levou os motoristas dos veículos que estavam na frente e atrás dele.

- Logo em seguida ao caos, Bo apareceu aqui como o único herdeiro, querendo mandar em tudo. Eu contornei a situação até o dia em que ele trouxe Ernie para cá. A princípio, era contra. Ernie era um rapaz de 19 anos que abandonou a escola quando tinha 14, mas tinha a fama de ser bom mecânico. Bem, o resto você já sabe. E ele me ajudou muito aqui. Eu só atinei que Ernie e Bo tinham um esquema montado no dia do ataque dos gafanhotos.

- Por que eles queriam que Ernie se infiltrasse em nosso grupo?

- Corria o boato que Ken tinha muito dinheiro. Acho que Ernie estava tentando ganhar a simpatia dele. Ernie e Bo fizeram alguma malandragem para tentar tirar dinheiro dele. Quando Ken morreu, eles ficaram eufóricos. E você viu o resultado de todo aquele esforço. Rayford analisava T, imaginando se devia perguntar o que ele achava dos boatos sobre o dinheiro de Ken, mas resolveu adiar a pergunta. Nesse ínterim, T matou a curiosidade de Rayford.

Os boatos eram verdadeiros, você sabe.

A bem da verdade, sei - disse Rayford. - E você? Como ficou sabendo?

Ken queria comprar o aeroporto, e eu queria vendê-lo. Sempre tive vontade de vendê-lo, mas, quando ele demonstrou interesse, eu tinha um motivo mais forte. A reconstrução do aeroporto após o terremoto deixou-me de bolsos vazios, e eu estava precisando de dinheiro. Queria destinar uma verba à nossa pequenina congregação para ver se poderíamos ser úteis a Deus nos poucos anos que ainda nos restavam. Perguntei a Ken se ele tinha todo o dinheiro para comprar o aeroporto, e ele me assegurou que sim.

- Ele chegou a dizer onde o guardava? T sorriu.

Nós dois estamos apalpando o terreno, não é verdade? Continuamos a brincar de gato e rato.

Era só uma curiosidade - disse Rayford.

Entendo. Acho que é melhor tratarmos logo do assunto.

O que você acha que deve ser feito com os bens de Ken, T?

_ Devem ser usados para Deus. Até o último centavo. Era o que ele queria.

Concordo. Será que o dinheiro pertence a alguém mais? Legalmente, quero dizer.
Não.

E você tem acesso a ele?

Você está querendo me ajudar a cavar, Rayford?

Não sei. O que você tem em mente?

Se Ken não lhe disse que você poderia ficar com as coisas dele, creio que elas me pertencem. Foram deixadas em minha propriedade. Não sei onde, e nem sei qual é o valor. Mas quero pegar tudo antes que Bo e Ernie se recuperem.

Sua pequenina congregação vai precisar de todo este dinheiro?

Conforme eu lhe disse, queremos fazer alguma coisa significativa. Não vamos construir um templo nem reformar nossas casas.

Você tem idéia de quanto dinheiro está em jogo? - perguntou Rayford.

Talvez mais de um milhão de dólares.

E se eu lhe disser que essa quantia deve ser cinco vezes maior?

Você está negociando, Rayford? Quer uma parte? Acha que tem direito?

Rayford sacudiu a cabeça.

Eu gostaria de poder comprar os aviões dele. Não estou reivindicando dinheiro ou qualquer outra coisa.

Preste atenção no que vou lhe dizer, Rayford. Se houver metade do dinheiro que você mencionou, eu lhe darei os aviões de presente.

Quanto você quer pelo *Gulfstream I*

Repito, se houver tanto dinheiro como você diz, poderá ficar com ele também.

E vou poder fazer decolagens deste aeroporto?

Se você quiser, poderá guardá-los aqui e viver aqui ao lado deles.

Você autorizaria um jordaniano a pousar aqui nestas 24 horas para trazer meu genro, sem fazer nenhuma pergunta?

Claro, irmão.

Rayford contou-lhe sobre o plano da criação de uma cooperativa de mercadorias entre os crentes, coordenada diretamente da casa secreta do Comando Tribulação.

Você teria algum interesse em trabalhar conosco, fazendo entregas, cuidando de vôos fretados, este tipo de coisa?

Agora comecei a ficar empolgado - disse T. - Acho que meu pequeno grupo de crentes também ficará.

Buck encontrou-se com Abdullah Smith em um café ao ar livre dirigido por uma moça que estava perto de recuperar-se do ataque dos gafanhotos. Buck nunca conhecera uma pessoa tão calada e discreta. Mas ele estampava o selo na testa, e seu aspecto era saudável. Apesar de ser um homem de poucas palavras, Abdullah abraçou Buck com força.

- O nome McCullum basta para mim. Somos irmãos, nós três. Eu vôo. Você paga. Só isso.

E a conversa terminou ali. Pelo menos para Abdullah. Buck lhe contou que precisava fazer uma visita a um amigo antes de partir e que o encontraria no aeroporto de Amã às 18 horas daquele dia.

- Eu gostaria de fazer uma escala no norte da Grécia e depois voar direto para a região de Chicago.

Abdullah assentiu com a cabeça.

As ruas de Jerusalém estavam quase desertas. Buck ainda não se habituara a ouvir o choro e os gemidos que vinham de cada canto da cidade. Parecia que havia muitas pessoas sofrendo em uma mesma casa. Ele ficou sabendo que milhares de pessoas em Jerusalém cortaram os pulsos, tentaram enforcar-se, tomaram veneno, colocaram a cabeça dentro de fornos a gás, vestiram a cabeça com sacos plásticos, fecharam-se dentro de garagens com o motor do carro funcionando, atiraram-se na frente de trens e saltaram de prédios. Todos se machucaram gravemente, e alguns ficaram com a

aparência horrível. Mas ninguém morreu. As tentativas de suicídio só serviram para aumentar sua aflição.

Ao chegar à casa de Rosenzweig, Buck notou que a situação estava mais calma. Jacov lhe contou que Chaim não estava comendo nada - nada mesmo - havia mais de uma semana. Ele queria morrer de fome ou chegar ao ponto de uma desidratação fatal. Seu aspecto era medonho - magro, debilitado e abatido.

Jonas e a sogra de Jacov demonstravam ser mais corajosos. Apesar do visível sofrimento, eles faziam o possível para sobreviver. Dormiam, comiam, levantavam-se da cama e caminhavam. Também tomavam medicamentos, embora não fizessem efeito. O principal era tentar alguma coisa. Ambos aguardavam ansiosos o dia em que ficariam livres dos efeitos das ferroadas dos gafanhotos. Jonas, principalmente, parecia empolgado como uma criança para estudar a Bíblia com Jacov e ler as mensagens diárias de Tsion Ben-Judá pela Internet.

Chaim só queria morrer. Sentado ao lado dele, Buck ouvia os gritos de agonia do ancião. Tenho dores em todas as partes do corpo, Cameron. Se você se importasse um pouco comigo, me livraria deste sofrimento. Tenha piedade. Faça a coisa certa. Deus o perdoará. Você está me pedindo o impossível. De qualquer forma, eu não faria isso. Eu não me perdoaria se não lhe desse a oportunidade de converter-se.

Deixe-me morrer!

Chaim, eu não entendo você. Não entendo mesmo. Você conhece a verdade. Seu sofrimento vai terminar dentro de algumas semanas e...

Eu não vou viver por tanto tempo!

... você vai ter um propósito de vida.

Chaim silenciou e ficou imóvel por um bom tempo, como se estivesse protegido sob o manto da paz. Mas não estava.

Para lhe dizer a verdade, meu jovem, eu também não me entendo. Confesso que quero me aproximar de Cristo. Mas há um enorme conflito dentro de mim, e eu não posso.

Você pode!

Não posso!

O problema não é *poder*, não é mesmo, doutor? Chaim sacudiu a cabeça desoladamente.

Não vou conseguir.

E você continua negando minha acusação de que se afasta de Deus por causa de seu orgulho.

Agora estou admitindo! É orgulho! Mas ele existe e é verdadeiro. Um homem não pode transformar-se naquilo que não é.

É aí que você se engana, Chaim! Paulo, que foi um judeu ortodoxo, escreveu: "Se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas."

Chaim se contorceu de dor durante alguns minutos, mas não retrucou. Para Buck, aquilo já era algum progresso.

Chaim? - ele o chamou suavemente.

Deixe-me em paz, Cameron!

Continuarei orando por você.

Será perda de tempo.

Jamais. Eu gosto muito de você, Chaim. Todos nós gostamos. E Deus o ama.

Se Deus me amasse, me deixaria morrer.

Não enquanto você não pertencer a Ele.

Isso nunca vai acontecer.

Suas últimas palavras vão ficar famosas. Adeus, meu amigo.

Espero vê-lo novamente.

DEZENOVE

RAYFORD amava muito sua filha. Sempre a amou. Não porque ela era agora o único membro que restara de sua família. Ele também amara Raymie e ainda sofria a falta dele. Perder duas esposas em menos de três anos havia sido um golpe muito grande, e ele sabia que seu sofrimento só terminaria quando Jesus voltasse.

Seu relacionamento com Chloe sempre foi especial. Era verdade que eles tiveram momentos de desavença quando a filha se afastou da família para tornar-se uma mulher independente. Chloe era muito parecida com ele nas atitudes.

No início, foi difícil para ela acreditar que Deus estivesse por trás dos desaparecimentos. Lisonjeado pelo fato de Chloe ser parecida com ele e, ao mesmo tempo, temeroso de que sua natureza prática pudesse afastá-la de Cristo, Rayford havia sofrido muito por causa dela. O dia mais feliz de sua vida - exceto quando ele próprio se converteu - foi quando Chloe decidiu aceitar Cristo.

Rayford ficou emocionado quando ela e Buck se casaram, apesar de haver uma diferença de dez anos entre os dois. Ficou sem fala no dia em que Chloe lhe contou que estava grávida e que ele seria avô, sabendo que lhe restavam apenas pouco menos de cinco anos aqui na terra.

Ao ver Chloe em estado avançado de gravidez, ele voltou no tempo. Lembrou-se de Irene, que, apesar de ter atravessado períodos difíceis na gravidez, parecia cada vez mais radiante à medida que seu corpo se avolumava. Ele lera todos os livros sobre o assunto, sabia o que poderia acontecer. Irene não acreditava no marido quando ele dizia que ela ficava mais linda à medida que a gravidez avançava.

Ela dizia as mesmas coisas que Chloe dizia agora - que se sentia como uma elefanta, uma baleia. Detestava o inchaço nas articulações, a dor nas costas, a respiração curta, a dificuldade para movimentar-se.

- Até certo ponto, estou feliz pelo fato de Buck não ter conseguido sair de Israel - disse Chloe. - Isto é, quero que ele volte, mas ele vai ver que estou o dobro do que eu era.

Rayford aproveitou a ocasião para conversar com a filha.

Querida - ele disse -, peço que me ouça. Talvez não seja correto dizer que você está reclamando muito. Sei que você é mais do que uma simples máquina procriadora e que tem coisas incríveis para oferecer a este mundo. Você foi corajosa antes mesmo do Arrebatamento, mas, desde então, tem sido um soldado valente. Você vai salvar a vida de milhões de crentes com essa cooperativa de mercadorias. Antes, porém, você precisa me fazer um favor. Pare de lamentar o que a gravidez está fazendo com o seu corpo.

Eu sei, papai - ela disse. - Mas é que estou tão...

Linda. Absolutamente linda.

Rayford disse aquelas palavras com tal sentimento que ela resolveu calar-se. Chloe estava diferente, é claro. Faltando apenas algumas semanas para o parto, ela estava com o rosto redondo e o corpo pesado. Mas, para ele, Chloe era ainda uma garotinha, curiosa e cheia de vida.

- Estou frustrado por Buck não poder vê-la neste momento. Não me olhe assim. Falo sério. Ele vai achar você linda e atraente, pode acreditar. Você não é a primeira futura mamãe que ganha excesso de peso durante a gravidez. Os maridos não pensam assim. Ele vai vê-la da mesma maneira que eu via sua mãe quando carregava você no ventre. Vai ficar emocionado ao ver que você está carregando o filho dele no ventre. Chloe estava gostando da conversa.

Estou preocupada com a viagem dele - ela disse. - Sei que ele vai sair de Israel às 18 horas, horário de lá, mas quem sabe por quanto tempo permanecerá na Grécia?

Não muito. Ele quer voltar logo para casa.

E, por ser um vôo fretado, acho que ele vai sair logo de lá. Eu gostaria de buscá-lo no aeroporto.

O doutor disse que você não deve...

Dirigir carro, principalmente nestas estradas, eu sei. Não quero fazer isso. Mas Buck e eu estamos afastados há muito tempo. Por mais que a gente se preocupe em trazer um filho ao mundo neste período da História, já estamos tão ligados a este bebê que mal podemos esperar pelo nascimento dele... ou dela.

Eu não vejo a hora de ser avô - disse Rayford. - Tenho orado por esta criança desde que você engravidou. Só lamento uma coisa. A vida vai ser tão difícil para todos nós que não vou ter a oportunidade de ser o vovô que gostaria.

Você será um excelente vovô. Estou feliz por você ter deixado de pilotar os aviões de Carpathia. Eu não gostaria de estar me preocupando com você o tempo todo.

Rayford levantou-se e olhou através da janela. O sol da manhã estava quente.

Vou voltar para a guerra - ele disse.

Como assim?

Talvez a culpa seja sua. Você levou a idéia de Ken tão a sério que vou passar a trabalhar em período integral. Vou voar tanto quanto voava no tempo em que trabalhava para a Pan-Con.

Vai trabalhar para a cooperativa? Ele assentiu com a cabeça e disse:

Já lhe contei a respeito de T.

Hã, hã.

- Todas as decolagens serão feitas de Palwaukee. Vou voar pelo mundo inteiro. Se aqueles pescadores do estreito de Bering forem tão bem-sucedidos como você acha, vou fazer muitos negócios com eles até o dia do Glorioso Aparecimento.

Floyd Charles deu uma batida de leve no batente da porta.

Está na hora de fazermos um rápido exame. Você quer que seu pai espere lá fora?

Que tipo de exame? - perguntou Chloe.

Verificar as batidas cardíacas, suas e do bebê.

O papai pode ficar. Ele pode ouvir as batidas?

Claro.

Floyd tomou o pulso de Chloe e depois ouviu as batidas do coração dela pelo estetoscópio.

Em seguida, passou uma substância gelatinosa sobre o ventre volumoso de Chloe e usou um monitor movido a bateria para ampliar o som das batidas cardíacas do feto. Emocionado, Rayford lutava para conter as lágrimas. Chloe estava radiante.

- Acho que vai ser um garotão - disse o Dr. Charles. Assim que ele terminou os exames, Chloe perguntou:

Continua tudo bem?

Não detectei nenhum problema importante - ele respondeu.

Rayford olhou de relance para Floyd. O médico não aparentava a calma de sempre. Nem sequer sorriu quando brincou que Chloe teria um menino. Ela não queria saber o sexo do bebê, e ele nunca havia feito o teste para averiguar.

- Existem problemas de menor importância, Floyd? - ela perguntou. - Você sempre diz que está tudo ótimo.

Chloe fez a pergunta que estava na mente de Rayford, e o coração dele deu um salto quando Floyd pegou uma cadeira para sentar-se.

- Você notou alguma coisa estranha? - perguntou Rayford.

Oh, não - lamentou Chloe. Floyd pousou a mão no ombro dela.

Chloe, preste atenção no que vou dizer.

Oh, não! - ela repetiu.

Chloe, o que foi que eu disse? Eu disse que não detectei nenhum problema importante, e é verdade. Você acha que não fui sincero?

Então qual é o problema de menor importância?

A pulsação do bebê está um pouco lenta.

Você está brincando! - exclamou Rayford. - Se eu tivesse de adivinhar, diria que ouvi batidas muito rápidas.

A pulsação de todos os fetos é mais rápida do que a nossa - disse Floyd. - E a redução do

ritmo das batidas é tão mínima que não levei em consideração no exame da semana passada.

- Isto está acontecendo há uma semana? – perguntou Chloe.

Floyd assentiu com a cabeça.

- Estamos falando de uma fração de porcentagem em seis dias. Nem sempre isso significa alguma coisa.

Mas e se significar alguma coisa - retrucou Chloe?

Não é bom haver um decréscimo na pulsação fetal. Como, por exemplo, 5%, e principalmente se passar de 10%.

Por quê?

Porque isso pode causar problemas de viabilidade.

Traduza em miúdos, doutor.

Quando o bebê estiver em posição de nascer, o cordão umbilical poderá enrolar-se no peito ou no pescoço.

Você acha que o problema é este?

Não. Estou apenas observando o ritmo das batidas cardíacas, Chloe. Só isso.

É uma possibilidade?

Qualquer coisa é uma possibilidade. É por isso que não estou mencionando tudo o que pode dar errado.

Se não é tão importante, por que você está me contando?

Porque você me perguntou. Se o problema persistir, quero prepará-la para um tipo de tratamento.

Mas você disse que por ora não precisamos nos preocupar com a redução nas batidas.

Certo, só vamos nos preocupar se os sintomas piorarem.

O que seria necessário fazer?

No mínimo, você teria de inalar oxigênio durante uma boa parte do dia.

- Eu preciso me levantar por alguns instantes - disse Chloe. Ela começou a se levantar, e Rayford estendeu o braço para ajudá-la. Floyd não saiu do lugar.

Eu gostaria que você ficasse calma até que eu possa sair para buscar um tubo de oxigênio amanhã.

Eu não posso nem me levantar?

Somente se for necessário. Se for apenas para mudar de posição, é melhor não tentar.

Tudo bem - ela disse -, meu pai e eu somos pessoas de fibra. Diga-me quais são as piores probabilidades.

Já tratei de muitas mulheres grávidas, principalmente neste estágio da gestação, e aprendi que não vale a pena cogitar possibilidades negativas.

Eu não faço parte dessas suas clientes grávidas, doutor. Sou Chloe, e você me conhece. Sabe que não vou parar de atormentá-lo enquanto você não me contar tudo.

Está bem - ele disse. - Acho que o oxigênio resolverá o problema. Se não resolver, vou ligá-la a um monitor o tempo todo para que ele nos avise caso haja alguma mudança significativa na pulsação fetal. Em último caso, poderemos fazer parto induzido. Haveria necessidade de uma cesariana para evitarmos um possível problema com o cordão umbilical.

Chloe calou-se e olhou para Rayford.

Você não gostaria que o parto fosse induzido, certo? -ele perguntou a Floyd.

Claro que não. Eu sempre disse que a natureza é sábia. Que o bebê deve nascer quando estiver pronto. Agora sei que Deus é mais sábio. Ele, porém, nos deu inteligência, remédios milagrosos e tecnologias para agirmos quando as coisas não saem como gostaríamos.

Chloe parecia desconfortável.

- Diga-me uma coisa, Floyd. Será que eu contribuí para esta situação? Será que fiz alguma coisa que não deveria ter feito, ou deveria ter feito de maneira diferente?

Floyd balançou a cabeça negativamente.

- Não fiquei entusiasmado com sua viagem a Israel. Quando você deu aquela corrida do helicóptero até o jato, ainda estava no início da gravidez. Mas uma ação exaustiva naquela fase teria acarretado problemas diferentes.

Quais?

Não aconteceu nada, portanto não vou falar sobre hipóteses. Você já atravessou todas as fases previsíveis: disse que ia dar à luz um monstro, achou que o bebê estava morto, depois se convenceu de que ele não tinha todos os membros. Você não precisa se preocupar com o que poderia ter causado este problema mas não causou. Quando o futuro papai vai chegar?

A qualquer hora desta noite - ela disse. - É tudo o que sei.

Abdullah Smith ficou satisfeito ao ver que Buck retornou no horário combinado.

- Ouvi falar que você é um homem de palavra - disse Buck - e queria mostrar que eu também sou.

Abdullah, como sempre, permaneceu calado. Ele pegou uma das sacolas de Buck e caminhou na frente, dirigindo-se a seu avião. Buck tentava adivinhar qual seria o dele. Abdullah passou por alguns helicópteros, e Buck sabia que nenhum deles teria condições de cruzar o Atlântico. Abdullah também passou por um Learjet e um Hajiman novinho em folha, uma versão menor do *Concorde*.

Buck parou e olhou quando Abdullah empurrou para trás a cabina de plexiglas (matéria plástica transparente, dura e termoplástica empregada como vidro de segurança nas indústrias da aviação aérea) de um jato que ele identificou como um caça egípcio. Esse jato voava a quase duas mil milhas por hora e a grandes altitudes, mas possuía um tanque de combustível pequeno.

Seu avião é este? - perguntou Buck.

Por favor, entre - disse Abdullah. - Tanque de combustível aumentado. Pequeno compartimento de carga adaptado. Escala na Grécia, escala em Londres, escala na Groenlândia, escala em Wheeling.

Buck assustou-se quando viu o que o esperava. Ele não poderia esticar o corpo, ler um pouco, nem sequer cochilar.

- Passageiro entra primeiro - disse Abdullah.

Buck subiu a bordo tentando mostrar que conhecia esse tipo de aeronave por ter escrito uma série de artigos sobre suas aventuras ao lado de pilotos de caça norte-americanos. Isso havia ocorrido antes de Nicolae Carpathia assumir o poder e antes de tais aeronaves serem vendidas a cidadãos comuns.

Quando Buck fez um gesto para prender seu capacete e a máscara de oxigênio, Abdullah suspirou fundo e disse:

- Cinto.

Buck estava sentado em cima dele. Que papelão! Ele precisou dar um jeito de levantar-se naquele local apertado enquanto Abdullah puxava o cinto debaixo dele. Depois de prender o cinto, ele tentou colocar o capacete. Novamente o piloto precisou ajudá-lo a desembaraçar as tiras, girar o capacete na posição correta e apertá-lo contra a cabeça de Buck. O capacete ficou muito justo, pressionando suas têmporas e os ossos malares. Quando ele começou a colocar o bocal para engatar o tubo de oxigênio, Abdullah lhe disse:

Só depois. Em grande altitude.

Certo. Eu já sabia.

O banco de Abdullah era um pouco mais alto do que o de Buck e dava a impressão de que eles estavam em um trenó. A cabeça de Abdullah estava a alguns centímetros do nariz de Buck.

Nos Estados Unidos, o processo de tirar um caça a jato da área militar, levá-lo até a pista de macadame, alinhá-lo e dirigi-lo para a pista de decolagem levaria meia hora. O aeroporto de Ama parecia uma feira livre. Quem chegasse primeiro, sairia primeiro, cada

um por sua conta. Abdullah resmungou algumas palavras pelo rádio parecidas com *jato*, *vôo fretado*, *passageiro*, *carga* e *Grécia*, enquanto taxiava o caça na direção da pista de decolagem. Ele não aguardou instruções do controle de terra.

O aeroporto de Amã havia reaberto recentemente após ter sido reconstruído. Embora o tráfego aéreo estivesse menor por causa da praga dos gafanhotos, havia vários vôos na fila, prontos para decolar. Buck avistou duas aeronaves enormes nos primeiros lugares da fila, seguidas de um jato comum, um Learjet e outro avião de porte grande. Abdullah virou-se para Buck e apontou o mostrador do tanque de combustível, cujo ponteiro marcava "cheio".

Buck fez um sinal de positivo com os dois polegares, como se quisesse dizer que gostou de saber que havia bastante combustível no tanque. Abdullah entendeu que Buck queria decolar - imediatamente. Ele taxiou o caça ao redor dos outros aviões, aproximou-se da fila de aeronaves autorizadas a decolar, e foi passando por elas. Buck ficou sem fala. Se os aviões tivessem buzinas, os pilotos teriam feito um barulho tremendo como fazem os motoristas nas estradas quando alguém passa pelo acostamento.

Quando Abdullah passou pelo segundo avião da fila, o primeiro começou a rodar na pista. Abdullah enfiou-se no espaço entre eles e passou a ser o segundo da fila. Buck esticou o pescoço para ver se havia veículos de emergência se aproximando. A torre não emitiu nenhum aviso. Assim que o primeiro avião da fila se distanciou na pista, Abdullah acelerou o seu.

- Eduardo Zulu Zulu Dois Nove decolando, torre -disse ele pelo rádio.

Buck esperava ouvir alguém dizer "Aonde você pensa que vai, rapaz?", mas nada disso aconteceu.

- Dez-quatro, Abdullah - alguém da torre disse. Não houve aquecimento de turbinas nem excesso de aceleração. Abdullah dirigiu o caça até o final da pista, posicionou-o e acelerou mais forte. A cabeça de Buck foi atirada para trás, e seu estômago quase grudou nas costas. Mesmo que quisesse, ele não conseguiria movimentar o corpo para a frente. Contrariando todas as regras da aviação internacional, Abdullah alcançou a velocidade de decolagem depois de rodar algumas centenas de metros e já estava no ar. Ele subiu como se fosse um foguete e passou à frente do jato que decolou antes. Para Buck, parecia que eles estavam voando na vertical.

Suas costas grudaram no encosto, e ele só via nuvens diante de si. Alguns minutos depois, Abdullah chegou ao ápice da subida e começou a descer na mesma velocidade. Parecia que eles estavam em uma montanha-russa, subindo e descendo vertiginosamente. Abdullah apertou um botão que lhe permitia conversar com Buck.

Amã para Atenas subindo e descendo - ele disse.

Nós não vamos para Atenas, você se lembra? Abdullah deu um tapa no capacete.

Problemas, certo?

Certo.

O avião começou a subir na vertical novamente. Abdullah desenrolou alguns mapas e disse:

-Nenhum problema.

E ele estava certo. Minutos depois, o caça descia na pista do pequeno aeroporto.

- Quanto tempo com amigos? - ele perguntou, taxiando em direção às bombas de combustível.

Rayford tranqüilizou Chloe, e ambos concordaram que foi melhor Floyd contar a verdade do que dourar a pílula e haver problemas mais tarde. Depois de servir um copo d'água à filha, ele subiu a escada para conversar com Tsion. O rabino cumprimentou-o efusivamente.

- Estou quase terminando minha mensagem de hoje – ele disse. - Vou transmiti-la dentro de uma hora ou pouco mais. Mas sempre tenho tempo para você.

Rayford lhe falou sobre o problema com o bebê.

Vou orar - disse Tsion. - E gostaria que você também orasse por mim.

Claro, Tsion. Algum problema específico?

Para ser sincero, sim. Estou me sentindo sozinho e oprimido, e não gosto disso.

É perfeitamente compreensível.

Eu sei. Ao mesmo tempo, tenho uma sensação de intensa alegria, semelhante àquela que toma conta de nós quando estamos em comunhão com o Senhor. É claro que já contei meus problemas a Ele, mas gostaria muito que alguém mais orasse por mim.

Esteja certo de que todos nós estamos orando por você, Tsion.

Sou um homem muito abençoado por ter tido uma família tão carinhosa quanto a que eu perdi. Todos nós temos sofrido. Às vezes, fico surpreso com tudo o que está acontecendo. Eu sabia que essa praga do gafanhoto seria enviada por Deus, mas nunca pensei nas conseqüências. Penso que eu devia estar mais preparado. Faz meses que nosso inimigo não tem condições de nos atacar. Contudo, como dependemos dessa gente para muitas coisas, como, por exemplo, transporte e comunicação, também estamos tolhidos.

Não sei - prosseguiu Tsion, levantando-se para esticar o corpo. - Não sei se voltarei a ser feliz. Estou aguardando com ansiedade o nascimento desse bebê como se fosse meu filho.

Ele vai ser o nosso raio de sol.

E nós queremos que você seja um outro pai para ele, Tsion.

Há um estranho contraste nessa situação, você não acha?

Contraste?

Essa criancinha inocente não saberá por que Hattie está chorando. Não saberá quantas pessoas queridas perdemos. Não entenderá por que vivemos aterrorizados, por que somos inimigos do governo. E não haverá necessidade de contar a esse pequenino todo o desespero que passamos, como se ele estivesse sendo criado para chegar à idade adulta. Pense um pouco. Na época em que esse bebê tiver cinco anos, Jesus Cristo já terá instalado seu reino de mil anos aqui na terra.

Tsion tinha uma maneira própria de visualizar as situações. No entanto, Rayford surpreendeu-se com a amargura do rabino. Milhões de pessoas no mundo inteiro consideravam o Dr. Ben-Judá seu líder espiritual. Elas precisavam sentir que ele estava em paz em sua caminhada com Deus. Mas ele também era um crente novato. Apesar de ser um grande estudioso e teólogo, ele também era humano. E, como a maioria das pessoas, passara por terríveis sofrimentos. Ele ainda tinha seus dias de desespero.

Rayford começou a sentir que, em breve, sua vida passaria a ser solitária. Floyd teria muito o que fazer na casa secreta cuidando do recém-nascido e de Hattie, ainda enferma. Buck contara a Rayford que estava aguardando um período de calma e normalidade para que sua revista virtual pudesse competir com as publicações da Comunidade Global controladas por Carpathia. Chloe estaria muito atarefada com o bebê e cuidando dos detalhes da cooperativa de mercadorias. E Hattie, depois de recuperar-se, daria um jeito de ir embora dali.

Rayford seria o único a ter de procurar uma ocupação. Ele queria muito voltar a seu antigo posto na cabina de comando. Já havia se resignado diante do fato de que, dali em diante, deveria trabalhar com afinco e tomar cuidado para ' continuar livre e tentar permanecer vivo. Porém, o Glorioso Aparecimento parecia muito distante. Como ele almejava estar com Jesus! Voltar a reunir-se com sua família!

Sua vida como piloto de vôos comerciais parecia ter-se perdido no tempo. Era difícil compreender que, pouco menos de três anos antes, ele era um simples marido e pai pacato, igual a qualquer outro, cuja preocupação girava apenas em torno de saber quando seria seu próximo vôo e para onde.

Rayford não podia queixar-se de não ter tido nada importante para ocupar seu tempo. E quanto lhe custou chegar a este ponto! Ele entendia muito bem a posição de Tsion. Se dirigir o Comando Tribulação era uma tarefa difícil para um cidadão comum como Rayford, muito mais difícil ainda era a missão de ser o líder de 144.000 testemunhas e pregar a um bilhão de novos crentes.

No início da tarde, Rayford recebeu um telefonema de T Delanty.
Quero começar a cavar amanhã - ele disse. – Você continua disposto a me ajudar?
Claro. Se meu genro chegar em um horário conveniente, estarei pronto quando você desejar.

Que tal às sete horas da manhã?

Por que tanta pressa?

Ouvi dizer que Ernie está melhorando. Bo também já deve estar quase bom, mas ele tentou se matar três vezes. Está confuso demais.

Compre a parte dele.

É o que pretendo, e será muito fácil porque, no pé em que as coisas estão, basta fazer uma oferta irrecusável. Ele ficou com um pouco de dinheiro, mas sua participação no aeroporto é muito pequena. Não vou ter problemas para me desvencilhar dele. Sinto muito por Ernie.

Por quê?

Ele era amigo de Ken, Ray. Um amigo quase íntimo. Ken achava que ele era crente. Também fui enganado.

Fui o último da lista dos três patetas - disse Rayford.

É possível que Ken tenha confiado em Ernie.

Não. Ele só *me* contou seu segredo durante o vôo a Israel.

Você fala de Ken como se ele fosse seu amigo há anos. Ele mal o conhecia, Rayford, e, mesmo assim, contou-lhe onde enterrou o ouro. Eu ouvi alguns boatos e nunca me considerei amigo íntimo de Ken. Ernie trabalhava com ele, devem ter feito amizade. Não acredito que Ken lhe tenha prometido alguma coisa. Não faz sentido. Mas continuo apostando que Ernie sabe mais do que deixa transparecer.

Você acha que ele vai aparecer aqui com uma pá depois de sarar?

Não duvido nem um pouco.

- Pode me chamar de Laslos, Sr. Williams. É uma mistura de meu primeiro nome, Lukas, com o sobrenome Miklos. Está bem?

Buck concordou enquanto ambos se abraçavam no pequeno terminal aéreo.

- E você pode me chamar de Buck.

- Pensei que seu primeiro nome fosse Cameron.

- Meus amigos me chamam de Buck.

- Está bem, Buck. Quero que você conheça os crentes daqui.

- Oh, Laslos, sinto muito. Não posso. Eu adoraria. Talvez venha a fazer isso quando voltar aqui. Não sei se você sabe que estou longe de minha esposa há muitos meses...

Laslos pareceu ter-se ofendido.

Sim, mas...

... e que ela está no estágio final da gravidez.

Então você vai ser pai! Que maravilha! Tudo estaria bem se esta não fosse a pior época... bem, você sabe.

Buck assentiu.

Meu sogro pediu-me que conversasse com você a respeito de sua função na cooperativa internacional de mercadorias.

Ah, sim! - disse Laslos, sentando-se e apontando uma cadeira para Buck. - Tenho lido o que o Dr. Ben-Judá diz sobre isso. É uma idéia brilhante. O que faríamos sem essa cooperativa? Todos nós morreríamos. É o que o demônio deseja, certo? Você não acha que sou um bom aluno?

- Seu trabalho seria pessoal ou você incluiria sua empresa? Laslos empinou a cabeça.

- Farei o que puder. Minha empresa trabalha com linhito, que é usado em centrais ou usinas elétricas. Se houver utilidade para esse produto na comunidade dos crentes, eu ficaria feliz se pudesse cooperar.

Buck inclinou-se para frente.

- Laslos, você entende o que acontecerá quando exigirem que os cidadãos da Comunidade Global tenham a marca da besta na mão ou na testa?

Acho que sim. Sem ela, ninguém poderá comprar nem vender. Mas eu não me considero um cidadão da Comunidade Global e preferiria morrer a usar a marca do anticristo.

Isso é muito bom, amigo - disse Buck. - Mas você entende o quanto será prejudicado? Você não poderá vender. Sua empresa e seu sustento estão baseados no produto que você vende.

Mas eles vão precisar de meu produto!

Eles vão colocar você na cadeia e tomar suas minas.

Lutarei até a morte.

Provavelmente, sim. O que estou sugerindo é que você procure outra mercadoria para negociar, algo que tenha um comércio internacional, algo que seus irmãos e irmãs em Cristo necessitem e não possam adquirir quando a marca da besta estiver em vigor.

Laslos mergulhou em pensamentos. Em seguida, disse:

Tenho uma outra idéia. Vou incrementar meu negócio de linhito e vendê-lo antes que eles parem de comprar de mim.

Grande idéia!

Isso acontece o tempo todo, Buck. A gente se torna tão indispensável ao nosso cliente mais importante que ele não tem outra saída a não ser comprar a nossa parte.

E qual é o seu cliente mais importante?

Laslos endireitou o corpo na cadeira e sorriu tristemente, mas Buck detectou um brilho em seu olhar.

- A Comunidade Global.

VINTE

RAYFORD cruzou inesperadamente com Floyd Charles, que demonstrava irritação, batendo em tudo o que estava por perto.

Que carro eu posso usar? - perguntou Floyd.

Qualquer um, doutor - respondeu Rayford. - O Rover está em boas condições. Amanhã vou levar o carro de Ken para T. Talvez a pequena congregação dele possa usá-lo. De qualquer forma, o carro é dele.

Vou pegar o de Buck.

Aonde você vai?

Preciso conseguir oxigênio, Ray. Não quero ser pego desprevenido. Também não quero que Chloe fique tão estressada quanto eu.

Ela está tão mal assim? Devo me preocupar?

Não! O problema maior é com Hattie. Ela acha que está melhor. Quer levantar da cama e sair, mas não pode fazer isso sem ajuda, e não vou ajudá-la. Ela melhorou um pouco, mas está magra demais, e seus órgãos vitais ainda não voltaram ao normal. Mas, conforme você diz, não temos autoridade sobre essa moça.

Você quer que eu converse com ela? Depois de tudo o que fizemos por ela, talvez eu possa convencê-la a fazer o que você quer.

Se você acha que vai conseguir, tudo bem.

Onde você vai conseguir oxigênio? Em Kenosha?

Eu não me atreveria a aparecer por lá novamente. Telefonei para Leah no Arthur Young. Ela conseguiu dois tubos para mim.

Você sabe quem está naquele hospital? Ernie, o amiguinho de Hattie.

Sério?

T me contou que Ernie e seu amigo Bo estão internados lá.

Buck estava passando mal quando Abdullah pousou no aeroporto de Heathrow. Sentia câibras e náuseas, estava exausto e tenso. Seu estado era lastimável. Ele não via a hora de chegar à casa secreta e ver Chloe.

Heathrow estava muito diferente do que havia sido antes da Terceira Guerra Mundial e do grande terremoto. Carpathia injetara dinheiro naquele aeroporto, equipando-o com aparelhos de alta tecnologia e tornando-o mais eficiente, porém com dimensões menores. A população mundial se reduzira, e não havia mais necessidade de um aeroporto tão grande.

A torre de Heathrow rejeitou categoricamente as seqüências anunciadas por Abdullah. Ele pareceu frustrado, mas não se rebelou. Buck gostaria de saber o que Abdullah fazia antes de se converter. Talvez tivesse sido um terrorista.

Abdullah entendeu o desejo de Buck de seguir viagem o mais rápido possível. Depois de reabastecer a aeronave, ele retornou com dois sanduíches de queijo embrulhados em papel celofane que pareciam estar prontos havia dias. Ofereceu um a Buck, que recusou apenas por causa da náusea que sentia. Abdullah devia ter percebido que Buck estava ansioso demais para querer comer, porque, assim que o controle de terra o liberou para decolar, eles já estavam voando rapidamente rumo à Groenlândia.

Para Buck, aquela era uma viagem interminável. Ele pensou que poderia dispor de alguns minutos para tentar relaxar, mas o jato parecia estar a ponto de explodir no ar a qualquer momento. Quando o celular vibrou em seu bolso, Buck se contorceu de todas as maneiras para conseguir pegá-lo, mas não conseguiu.

Abdullah percebeu e perguntou se havia alguma coisa errada.

Devo fazer um pouso de emergência? - ele perguntou.

Não! - gritou Buck, notando um ar de expectativa na voz de Abdullah. Aparentemente, um vôo normal da Jordânia até os Estados Unidos não era considerado uma aventura emocionante para Abdullah. Mas onde alguém poderia fazer um pouso de emergência entre Londres e a Groenlândia? Certamente Abdullah teria de retornar a Londres, mas ele parecia mais disposto a encontrar um porta-aviões.

Quando, finalmente, eles chegaram à Groenlândia para o último reabastecimento, Buck conseguiu sair do lugar e ficou sabendo que a ligação tinha sido do Dr. Charles. Buck ligou de volta para ele.

Não posso falar com você neste momento, Buck. Sinto muito. Estou pegando alguns suprimentos em um hospital.

Só me diga uma coisa, doutor. Está tudo bem?

Digamos que estou esperando que você chegue no horário.

Não gostei da resposta. Chloe está bem?

Todos nós precisamos de você aqui, Buck.

Desembuche, doutor. Ela está bem?

Buck, aguarde mais alguns instantes até eu poder conversar com você.

Por favor!

Buck ouviu Floyd pedindo a uma pessoa chamada Leah que aguardasse um pouco.

Tudo bem, Buck. Você vai chegar no horário programado?

Eu achava que chegaria antes, mas estamos programados para pousar às 22 horas.

Tão tarde assim?

Você está me deixando assustado, doutor.

O fato, Buck, é que não contei toda a verdade a Chloe e Rayford hoje. As batidas cardíacas do feto estão mais lentas nos últimos dias e chegaram a um estágio alarmante.

O que isso significa?

Vou pôr Chloe no oxigênio assim que voltar para lá. Eu queria ter feito isto algumas horas antes, mas me deparei com um pequeno problema no hospital. Eu me encontrei com um conhecido de Rayford que está se recuperando aqui. Ele pareceu realmente interessado em ouvir o que significam os julgamentos, e acabei gastando tempo demais com ele. Hattie conversou algumas vezes com o amigo dele, um rapaz mais jovem, que aparentemente já recebeu alta.

Em pé no meio de um vento gelado, Buck precisou gritar para ser ouvido.

- Doutor, não faço a mínima idéia do que você está falando. Desculpe minha grosseria, mas vá direto ao ponto. Por que você achou necessário não contar a verdade a Chloe e Ray, que estão aí e podem lidar com o problema, e resolveu descarregar tudo em mim, que estou em algum lugar perdido deste mundo e não posso fazer nada?

- Se você tivesse visto como eles reagiram quando falei de leve sobre o problema, compreenderia meus motivos. Preciso que Chloe esteja otimista, e, se ela souber o quanto o caso é grave, não estará em condições de cooperar.

Abdullah fez um sinal para Buck subir a bordo.

Posso continuar falando ao telefone?

Sim, sim!

Mas o barulho no ar era ensurdecador. Buck e Floyd tiveram de repetir cada frase. Finalmente Buck conseguiu entender o caso todo.

Existe alguma possibilidade de você ter de fazer parto induzido antes que eu chegue?

Não posso prometer nada.

Faça o que for melhor para Chloe e o bebê!

É o que eu precisava ouvir.

Será que ele precisa de permissão para fazer isso?, pensou Buck.

Diga a verdade a Rayford, doutor! Acho que Chloe também pode saber, mas, se você acha que ela vai ficar agitada demais, use o bom senso. Ela é muito valente, você sabe.

Mas está grávida, Buck. A gravidez espalha um hormônio no organismo das mulheres, deixando-as parecidas com uma galinha que quer proteger os pintinhos.

Eu só quero que você não diga nem faça algo de que venha a arrepender-se mais tarde. Ela vai querer saber por que não foi informada de toda a verdade. Rayford vai esperá-lo no aeroporto, Buck. Tenho de atender outra ligação. Boa sorte!

Rayford ficou aliviado quando, finalmente, Floyd atendeu.

- Onde você estava, homem? Faz horas que você saiu daqui!

Floyd contou-lhe sobre o encontro com Bo e que se atrasou por ter conversado com ele a respeito de Deus.

O outro rapaz recebeu alta hoje de manhã. Mas qual é o problema?

Chloe não está se sentindo bem, e, é claro, começou a preocupar-se. Há alguma coisa que a gente possa fazer por ela?

Do que ela se queixa?

Respiração curta. Muito cansaço.

Chegarei aí o mais rápido que puder. Coloque-a em uma posição confortável de modo que os pulmões possam expandir-se ao máximo. Você é capaz de lidar com o monitor fetal?

Se for muito importante, poderei pedir a ajuda de Chloe.

Ligue para mim dentro de dez minutos informando os resultados.

Buck gostou do médico e estranhou ter ficado zangado com ele. Mas um profissional experiente devia ser mais tranqüilo e menos enrolado. Depois de depositar sua vida nas mãos de Abdullah, voando de volta para casa como se estivesse dentro de um foguete e ansioso por ver sua esposa, ele ainda precisava ter ouvido aquela notícia? O que ele devia fazer além de orar? Buck acreditava na oração e orava sempre que podia. Mas agora a ansiedade tomava conta dele, e o médico poderia tê-lo poupado disso. Haveria tempo suficiente para preocupar-se assim que chegasse lá.

Ao lidar desajeitadamente com o monitor fetal, Rayford achou, a princípio, que as batidas cardíacas do bebê haviam cessado.

Meu Deus, por favor, ele orou silenciosamente, não nos envie mais este sofrimento.

Havia um consenso entre o grupo que não seria apropriado trazer uma criança ao mundo durante o período da Tribulação, e todos na casa estavam apreensivos com a chegada do bebê.

De repente, ele ouviu sons de batidas rápidas.

Basta contar e multiplicar? - perguntou Rayford a Chloe.

Não sei - respondeu Chloe, ofegante. - Você consegue contar? Elas são rápidas demais. Continuam rápidas, mas será que estão mais lentas do que antes?

Passaram poucas horas desde a última medição. Somente este aparelho terá condição de nos informar.

- Então, mãos à obra.

Os números apareceram na tela do monitor. Quando Rayford passou a informação a Floyd, o médico lhe disse para preocupar-se mais com Chloe que com o bebê.

Enquanto eu não chegar aí, quero que ela inspire profundamente e encha os pulmões com todo o oxigênio que puder. Mas Ray, há um problema. Estou sendo seguido.

Você tem certeza?

Absoluta. Já desviei o caminho várias vezes, mas não consegui despistá-lo.

Que carro é?

Uma motocicleta. É uma daquelas que rodam em qualquer estrada. Não há jeito de correr mais que ela.

Comece a dar voltas. Veja se ele se cansa. Alguns rapazes gostam de amedrontar os outros.

Ele não está me acoissando, Ray. Permanece a uma distância razoável para não dar na vista, mas faz tempo que ele está me seguindo. Não quero que ninguém descubra a casa secreta, mas preciso levar o oxigênio a Chloe.

Pode deixar que eu tomo conta dela. Mantenha-me informado.

É que estou com pouco combustível e não sei até quando essa moto vai ter condições de ficar rodando.

A que distância você está de Palwaukee?

Perto.

Vou ligar para T. Essa criatura que está atrás de você não vai continuar a segui-lo dentro do aeroporto. T poderá conseguir um pouco de combustível para você.

Ótimo.

Rayford ligou para T e o pôs a par de tudo.

Oh, não - disse T.

O que foi?

Ernie é corredor de moto. Provavelmente ele está seguindo seu amigo desde o hospital, tentando descobrir onde Hattie mora. Eles têm conversado bastante.

Como você sabe?

A telefonista daqui disse que Hattie ligou perguntando por Ernie, e ela informou que ele estava internado no Young Memorial. Mas, se Hattie queria vê-lo, será que ela não contou a Ernie onde está morando?

Ela não sabe, T. Sabe apenas que está em Monte Prospect, mas não tem condições de ensinar o caminho a ninguém.

Se Ernie seguir seu amigo até aqui, deixe-o por minha conta. Ele não vai encontrar a casa de vocês, eu lhe garanto. Que carro seu amigo está dirigindo e com quem ele se parece?

Um Rover e você.

Não entendi.

Ele está dirigindo o Rover de Buck e se parece muito com você.

Rayford ajeitou os travesseiros para que Chloe pudesse deitar-se de costas e levantou os braços dela acima da cabeça, tomando cuidado para não machucá-la nem o bebê. Esse exercício ajudou a abrir os pulmões de Chloe, e ela disse que estava se sentindo melhor. Rayford assustou-se quando, ao virar-se, avistou Hattie no topo da escada que dava acesso ao porão.

Ela tinha uma aparência horrível, como se fosse um fantasma ou coisa pior, um zumbi. Magra, olhos fundos, tez pálida. Ela aproximou-se de Chloe, caminhando com dificuldade.

Hattie! - disse Chloe. - Faz tanto tempo que não a vejo.

Eu queria saber como vai meu afilhado.

Ele ainda não nasceu, Hattie. Nós lhe daremos a notícia.

Eu também queria dizer que não estou com inveja de você.

Rayford olhou de soslaio para Chloe, observando a reação dela.

Eu sei - ela disse. - Nunca pensei que você estivesse.

E quem poderia me censurar por isso? Perdi meu bebê, mas você vai ter o seu. Você é uma mulher de sorte, eu não. Minha vida sempre foi assim.

Rayford gostaria de poder conversar com Hattie a sós. Ele não queria de jeito nenhum que Chloe soubesse o que estava se passando.

Sentimos muito a perda de seu bebê, Hattie - ele disse. - E estamos agradecidos por você continuar desejando ser a madrinha do bebê de Chloe.

Nós vamos ser comadres - ela disse.

Em meio a muito sofrimento - disse Chloe.

Sufrimento para uma só pessoa - disse Hattie.

Peço que nos dê licença, Hattie - disse Rayford. - Estamos tentando fazer um acompanhamento médico por telefone.

Ele discou para Floyd. Hattie afastou-se sem dizer uma só palavra. Floyd disse a Rayford que estava a um quilômetro e meio de Palwaukee.

- O sujeito continua me seguindo - ele disse. Rayford não queria sair de perto de Chloe, mas também não queria alarmá-la.

- Se você achar que pode ficar sozinha por alguns instantes, querida, vou conversar com Hattie.

Buck lutava contra o sono, o que não era surpresa para ele. Não dormia desde as primeiras horas do dia no Oriente Médio. Apesar do ruído e do ar rarefeito, ele estava desesperado para conversar com alguém de Monte Prospect. Não queria incomodar Chloe, e Rayford devia estar cuidando dela. Hattie não se comunicava com ninguém havia meses. Só restava Tsion.

Que horas seriam nos Estados Unidos? Final da tarde? O rabino deveria estar dando os toques finais à sua mensagem diária. Buck ligou para ele. Os dois tiveram de gritar para serem ouvidos e repetir as palavras. Apesar disso, o importante era conversar com alguém.

Cameron, meu amigo! Que bom ouvir sua voz! Onde você está?

Antes de tudo, Tsion, preciso saber se não estou atrapalhando seu trabalho. O mundo está ansioso aguardando uma palavra sua...

Enviei a mensagem há menos de 20 minutos, Cameron. O momento é perfeito para conversarmos. Estamos todos eufóricos aguardando a chegada do bebê e seu retorno. Mas onde você está?

Eu também gostaria de saber. Estamos indo de encontro ao pôr-do-sol, mas voando tão alto em um antigo caça a jato que não consigo nem olhar para baixo. Se pudesse, acho que estaria vendo o Atlântico. É tudo o que sei.

Dentro de algumas horas, você estará aqui. Restaram poucos prazeres na vida, Buck, e o reencontro com amigos, irmãos e cônjuges é um deles. Temos orado por você todos os dias, e você sabe que Chloe está mais empolgada que todos nós. Você chegará a tempo de assistir ao parto, que provavelmente será feito no hospital em Palatine.

Buck hesitou.

Tsion, você vai ser franco comigo, não?

Como sempre.

Você está tentando me animar porque desconhece as complicações com Chloe e o bebê ou porque já sabe de tudo?

Seu sogro me pôs a par. O Dr. Charles parece ter a situação sob controle. Rayford lhe contou alguma coisa?

Foi Floyd quem me contou, e o caso é mais grave que Rayford e Chloe imaginam.

Ele não contou para os dois?

Floyd tem seus motivos. Eu só queria saber se ele conversou com você.

Não. Ouvi alguém saindo algumas horas atrás. Acho que foi ele.

Ele está preocupado, com receio de que eu não chegue a tempo, caso seja necessário fazer parto induzido.

Parto induzido? Por que, então, ele não a levou ao hospital?

Francamente, Tsion, estou me fazendo uma pergunta atrás da outra desde que ele me ligou. Não sei o que Floyd esperava de mim. Houve uma pausa. Em seguida, Tsion disse: Cameron, não há nada que você possa fazer enquanto não chegar aqui, a não ser orar. Deixe tudo nas mãos do Senhor.

Nunca fui bom nessas coisas, Tsion. Sei que não devemos nos preocupar, mas...

Ora, Cameron, penso que até mesmo o Senhor vai permitir que nos preocupemos um pouco durante a Tribulação. A admoestação para não nos preocuparmos foi escrita ao povo que viveu antes dos julgamentos. Se não nos preocupássemos com o próximo julgamento que virá do céu, não seríamos humanos. Não se sinta culpado. Apenas confie ao Senhor as coisas que você não pode controlar. Esta é uma delas.

Buck adorava conversar com Tsion. Eles haviam atravessado muitos momentos difíceis juntos. De repente, Buck se deu conta de que estava choramingando as complicações da gravidez de Chloe a um homem cuja esposa e filhos haviam sido assassinados. Tsion,

contudo, possuía sabedoria e uma visão clara dos problemas das outras pessoas, e sabia como acalmá-las. Buck não queria desligar.

Você pode conversar mais um pouco comigo, Tsion?

Claro. A propósito, eu estava começando a me sentir sozinho.

Como está Hattie?

Mais tranqüila. O pior já passou, embora o período de recuperação ainda seja longo.

Chloe me disse que ela continua irredutível espiritualmente.

Um caso difícil, Cameron. Temo por essa moça. Eu esperava que ela estivesse desabafando tudo o que tinha guardado no peito e que, depois de pôr para fora toda a amargura, se voltasse para Deus. Porém, ela está sendo sincera. Acredita em Deus, sabe que Ele a ama, sabe o que Ele tem feito por ela. Mas decidiu que sabe mais que Ele e que é a única pessoa que optou por não aceitar o dom da salvação pelo mesmo motivo que todos nós o aceitamos sem pestanejar.

Ela se considera indigna.

É difícil argumentar. Ela é adulta e independente. A escolha é dela, não nossa. Mas é doloroso ver alguém que amamos tomar uma decisão que pode custar-lhe a alma.

Eu não quero abusar de seu tempo, Tsion, mas qual foi sua mensagem de hoje? Provavelmente não terei condições de ler suas pregações nos próximos dias e estou precisando reunir forças para enfrentar a situação.

Bem, Cameron, como já chegamos ao fim do sofrimento causado pelos gafanhotos, é tempo de começarmos a pensar nos próximos dois "ais".

O próximo Julgamento das Trombetas será o sexto. O que você tem a dizer sobre ele?

Tsion deu um longo suspiro.

- O ponto fundamental, Cameron, é um exército composto de 200 milhões de cavaleiros que exterminarão a terça parte da população do mundo.

Buck não sabia o que dizer. Ele lera a profecia, mas nunca havia assimilado sua essência.

Que palavra de ânimo você daria ao povo depois que todos souberem o que terão pela frente?

Direi apenas que todo o sofrimento pelo qual passamos e todo o horror que presenciamos passarão a ser insignificantes diante do próximo julgamento.

E os seguintes serão piores ainda?

É difícil imaginarmos, não?

Diante dessas perspectivas, minha preocupação com o bebê parece não ter nenhuma importância. Não estou falando de mim, mas que prazer alguém poderia ter na vida sabendo que um terço da humanidade será em breve eliminado da terra?

Apenas a quarta parte das pessoas que foram deixadas para trás no Arrebatamento sobreviverá até o dia do Glorioso Aparecimento, Cameron. Eu não tenho medo da morte, mas peço a Deus todos os dias que me conceda o privilégio de vê-lo retornar para estabelecer seu reino na terra. Se Ele me levar antes disso, estarei reunido com minha família e meus amigos, mas, oh! como será grande a alegria de estar aqui quando Jesus chegar!

Rayford encontrou Hattie nos arredores da casa.

O que você está fazendo? - ele perguntou.

Tomando um pouco de ar. É bom demais poder andar um pouco.

O doutor acha que ainda é muito cedo.

O doutor está apaixonado por mim, Rayford. Ele quer me manter aqui, e confinada dentro de casa, se necessário.

Rayford fingiu estar esquadrinhando o horizonte.

De onde você tirou essa idéia?

Ele não me disse com todas as letras, mas uma mulher conhece essas coisas. Aposto que você percebeu.

Rayford ficou satisfeito por dizer que não havia percebido nada. Ele se surpreendeu

quando Floyd lhe contou sobre seus sentimentos, mas também surpreendeu-se ao ver que Hattie percebera.

Ele lhe contou, Rayford?

Por que você está me perguntando?

Ele contou! Tenho certeza! Bem, não estou interessada.

Ele teve uma paixonite aguda. Tenho certeza de que você já tirou as esperanças dele.

Hattie pareceu desapontada.

Quer dizer que ele acha que não tem mais chance? Rayford deu de ombros.

Não conversamos muito sobre esse assunto.

Ele sabe que você também já teve uma paixonite aguda por mim?

Hattie, você está agindo como uma colegial.

Não negue.

Negar o quê? Que eu senti uma atração que não devia por uma moça? Nós dois sabemos que isto não deu em nada e...

Só porque um bando de pessoas desapareceu e você começou a sentir-se culpado.

Rayford virou-se, fazendo menção de voltar para a casa.

- Essa história ainda deixa você nervoso, não? – ela perguntou.

Ele virou-se novamente.

Vou lhe dizer o que me deixa nervoso. É sua obsessão por aquele garoto do aeroporto.

Ernie? Quero conhecê-lo, só isso.

Você lhe contou onde estamos, como chegar até aqui?

Nem eu sei.

Você lhe contou que Floyd ia ao hospital? Hattie desviou o olhar.

Por quê?

Você contou?

Acho que sim.

- Foi uma atitude estúpida, Hattie. Qual é o plano? O amiguinho dele, Bo, distrai Floyd o tempo suficiente para que Ernie pegue sua moto e siga Floyd para conhecer você?

Hattie demonstrou surpresa.

Como você sabe de tudo isso?

Ele é um adolescente, Hattie. E você está agindo como se também fosse. Se você queria tanto conhecer esse garoto, por que não pediu que um de nós a levasse até lá?

Porque Floyd está com ciúmes e não quer nem mesmo que eu converse com ele por telefone. Floyd convenceu você de que estou doente demais para ir a qualquer lugar, assim você não me levaria.

- Ernie está tentando vir aqui para quê? Para conhecê-la?

- Sim.

- Que estupidez! Você sabe que ele fingiu ser crente para aproximar-se de Ken e que poderia ter-se infiltrado em nosso meio se não tivéssemos descoberto tudo?

Hattie parecia estar contendo um sorriso, o que enfureceu Rayford.

Você também sabia disto? - ele perguntou asperamente.

Quando contei a Ernie que não fazia parte do Comando Tribulação, ele me contou seu plano. É por isso que gosto dele.

Gosta que ele ponha nossas vidas em perigo? Gosta que ele seja um oportunista? Um cavador de ouro?

Ela encolheu os ombros.

Os outros homens de minha vida estão me cansando. Rayford sacudiu a cabeça.

Espero que você se sinta feliz com ele.

Ele está vindo para cá?

- Floyd está tentando despistá-lo, mas talvez não consiga. Chloe não pode receber oxigênio porque há um garoto seguindo Floyd. Espero que você esteja feliz. Se aquele garoto souber quem somos, não poderemos confiar nele de jeito nenhum. Teremos de nos mudar daqui, e para onde iremos? E como poderíamos, tendo uma mulher prestes a

dar à luz e depois um recém-nascido para cuidar? Você teima em dizer que não é digna do perdão de Deus, e está tentando provar isso.

Rayford entrou na casa e deixou que a porta batesse com força atrás de si. Ele queria dizer mais alguma coisa a Hattie, mas não sabia o quê. Ela abriu a porta.

Volte aqui, Rayford. Chloe está com problema?

Talvez. Precisa daquele oxigênio.

Floyd deve ter levado o telefone com ele.

Levou.

Ligue para ele. Deixe-me falar com ele. Rayford fez a ligação.

Oi, Rafe - disse Floyd. - Ele não entrou no aeroporto atrás de mim, mas, depois que conheci T, fiquei sabendo o motivo. Estamos pensando em trocar de carro para ver se o garoto vai atrás dele. Esta é a vantagem de sermos muito parecidos.

Ótima idéia. Hattie quer falar com você.

Oi, doutor. Preste atenção. Deixe Ernie conversar comigo. Segure o telefone fora da janela do carro e pare... Acho que sim. Vale a pena tentar.

VINTE E UM

ESTOU voando rápido demais!

Buck despertou assustado. Será que Abdullah havia dito alguma coisa?

O que foi? - ele gritou.

Estou voando rápido demais!

Teria Abdullah infringido alguma norma de tráfego aéreo?

- Quer dizer que chegaremos antes do horário programado? - perguntou Buck.

- Sim, mas consumi mais combustível do que planejei. Precisamos reabastecer em Nova York.

Buck não via a hora de chegar à casa.

Onde você vai pousar? Nova York foi posta em último lugar na lista dos aeroportos a serem reconstruídos por Carpathia. Talvez porque ele ainda culpe os Estados Unidos por causa daquela rebelião.

Eu conheço um lugar. Você estará em Wheeling daqui a duas horas.

Buck consultou seu relógio. Eram 19 horas no meio-oeste. Se Abdullah pousasse por volta das 21 horas para reabastecer, Buck chegaria à casa secreta antes das 22. Não haveria tempo de tirar outro cochilo.

Sentado ao lado de Chloe, que estava pálida e com os lábios azulados, Rayford imaginava que a situação chegaria a um ponto crítico. Ele tinha a sensação de que o bebê nasceria naquela noite e que teria de fazer o possível para que tudo desse certo.

Está tudo bem, querida?

Sinto-me exausta, papai.

Chloe mudava constantemente de posição para poder respirar melhor. Rayford sabia que ela não tinha consciência da gravidade do caso. Quando seu telefone tocou, ele o abriu tão rápido que quase o deixou cair no chão.

Desculpe-me - ele disse, agarrando o telefone. – Aqui é Steele.

Ray, é Floyd. Transferimos o oxigênio para o jipe vermelho de T, e estou a caminho. Como está Chloe?

-Sim.

Você está ao lado dela?

Correto.

Em uma escala de zero a dez, em que número você a enquadraria?

Cinco.

Eu deveria pedir que você fizesse mais uma contagem das batidas cardíacas do feto, mas não há nada que eu possa fazer enquanto não chegar aí.

Rayford levantou-se, deu as costas a Chloe e caminhou até a janela. Hattie continuava do lado de fora, conversando animadamente ao telefone.

O que está acontecendo com T? - ele perguntou a Floyd.

Acho que o rapaz da moto mordeu a isca, mas ele vai reconhecer seu antigo patrão. Só esperamos que ele pare e converse com Hattie.

Não tenho certeza, doutor, mas penso que ele está conversando com ela neste momento. Venha rápido.

O que está havendo, papai? - perguntou Chloe.

Floyd demorou no hospital mais do que imaginava e teve um pequeno contratempo no caminho de volta, mas já está vindo com o oxigênio.

Ótimo. E ele achou que podia aguardar até amanhã.

Era o que ele esperava.

Vai ficar tudo bem com o bebê, não?

Sim, desde que você continue a fazer o exercício de respiração até o oxigênio chegar.
Rayford estava ansioso por conversar com Hattie.
Vou tomar um pouco de ar lá fora - ele disse.
Vá - ela disse, com um leve sorriso.
Faça deste jeito, Ernie - Hattie estava dizendo, de costas para Rayford, quando ele fechou a porta atrás de si. - Prove que você é homem.
Ao ouvir o ruído da porta, ela desligou o telefone.
Consegui acalmá-lo - ela disse.
Conseguiu? Como?
Eu contei a ele qual era a situação e que seria uma estupidez minha pedir-lhe que viesse até aqui. Disse que talvez você me leve a Palwaukee um dia destes, se eu estiver melhor.
Quem sabe? O que ele vai fazer agora?
Voltar para casa, acho.
Ele mora no aeroporto.
Foi o que eu disse.
Ele foi atacado pelos gafanhotos no mesmo dia em que você foi. Como ele está?
Muito fraco, mas disse que gostou de voltar a pilotar sua moto.
O telefone de Rayford tocou.
Com licença, Hattie - ele disse, mas ela não saiu do lugar. - Devo entrar ou você entra?
Desculpe-me! - ela disse, afastando-se.
Aqui é Steele.
É T. O pobre do Ernie mudou de cor três vezes quando descobriu que era eu quem dirigia o carro. Ele quis fugir, mas eu disse: "Sua amiguinha quer falar com você." Ele pegou o telefone, e a primeira coisa que disse foi: "Não, não é." Tenho certeza de que minha voz não é parecida com a do Dr. Charles, e ela deve ter perguntado a Ernie quem eu era. Em seguida, ela deve ter dito ao rapaz para cair fora porque ele se desculpou e disse *sim* mais de uma dúzia de vezes.
Ela me contou que o fez desistir da idéia dizendo que se encontraria com ele em outra ocasião.
Faz tempo que o doutor saiu. Ernie está fora da jogada. Ele voltou para Palwaukee. Pelo menos foi o que ele disse.
Você tem compromisso para esta noite, T?
Mande o resto do pessoal para casa e pretendo cuidar da chegada de Buck. Recebemos uma mensagem de Nova York dizendo que eles reabasteceram e devem chegar aqui por volta das 21 horas. Você sabia que seu genro está voando em um Z-Dois-Nove?
Um caça egípcio? Você está brincando.
Foi o que disseram. O voo de Nova York até aqui pode ser feito em uma hora. Mas você me ligou para quê?
Fique de olho em Ernie. Não confio nele nem em Hattie.
O que ele pode fazer? Não sabe onde vocês estão.
Ele poderá me seguir quando eu for pegar Buck. Quem sabe o que se passa na cabeça desse rapaz?
Se Ernie estiver por aqui quando Buck chegar, não vou permitir que ele saia das minhas vistas. Está bem assim?
Buck teve uma sensação de claustrofobia quando Abdullah cruzou o espaço aéreo de Ohio, mas o desconforto deu lugar à euforia. Seu objetivo final era ver Chloe. O problema que ela estava enfrentando com a gravidez estava fora de seu alcance. Ele só podia orar. Juntos, eles venceriam qualquer coisa. Os próximos anos que lhes restavam também não seriam nada fáceis.
Ele inclinou o corpo para a frente e tocou no ombro de Abdullah.
Obrigado por me trazer até aqui, amigo!
Obrigado por me contratar, senhor. Conte depois a McCullum como a viagem foi agradável.
Buck riu mas não deixou que Abdullah percebesse. Ele jamais voltaria a viajar em um

caça, mas estava agradecido por poder voltar para casa.
Está tudo bem? - ele perguntou. - Rota? Horário? Combustível?
Tudo certo, Sr. Williams. Vou precisar de um lugar para dormir.
Creio que há acomodações no aeroporto. Eu gostaria de convidá-lo para dormir em nossa casa, mas estamos escondidos e não temos condições de hospedar ninguém.
Eu preciso de pouca coisa - disse Abdullah. - Só um lugar para dormir e uma tomada elétrica.
Para seu computador?
Ben-Judá.
Buck fez um movimento afirmativo com a cabeça. O que mais precisava ser dito?

Rayford nunca se sentiu tão feliz ao avistar um veículo chegando pelo lado norte da casa. Ele correu para ajudar Floyd a descarregar os tubos de oxigênio.
Eu tomo conta deles, doutor. Entre para ver Chloe.
Deixe um dos tubos no carro por enquanto. Ela precisa receber oxigênio o mais rápido possível.

Rayford entrou na casa um minuto após o médico, mas, assim que ele se aproximou com o tubo, viu que Floyd já havia ligado o monitor a Chloe. Seu semblante era de preocupação. Tsion observava de longe, perto do pé da escada. Hattie estava em pé no canto oposto, no topo da escada que dava para o porão, com os olhos atentos.

- Vamos lá, minha gente - disse Floyd -, todos devem prestar atenção, a começar pela paciente. Vamos ter de trabalhar juntos. Quero que o ambiente esteja o mais limpo possível. Hattie, pegue uma panela grande e...

Mas Hattie parecia não estar ouvindo, limitando-se a olhar para um ponto fixo como se estivesse em estado de choque. De repente, ela começou a tremer e desceu a escada.

Farei o que for necessário - disse Tsion, arregaçando as mangas.

O bebê vai nascer esta noite? - perguntou Chloe em tom de desespero. - Antes que Buck chegue?

Não, se eu conseguir evitar - respondeu o médico.- Mas você precisa ficar calma. Só fale o estritamente necessário.

- Está bem - ela disse -, mas preciso saber de tudo o que está acontecendo, e falo sério. O médico olhou para Rayford, que levantou as sobrancelhas e assentiu com a cabeça. Conte a ela - ele disse.

Está bem, Ray. Ligue o oxigênio a ela. Chloe, está havendo um decréscimo significativo na pulsação do feto. Não tenho aparelho para verificar a posição do cordão umbilical e não gostaria de fazer uma cesariana aqui. Uma viagem de carro até o Young Memorial seria negativa do ponto de vista médico.

Chloe, que já havia recuperado um pouco a cor rosada, retirou a máscara de oxigênio da boca.

Negativa do ponto de vista médico? - ela disse. - Você não vai me acalmar usando essa linguagem complicada. Você quer dizer que eu morreria durante a viagem?

Esta é uma pergunta inútil. Você não vai viajar até lá. Agora fique quieta. Tsion, faça apenas o que eu lhe pedir. Mantenha as mãos limpas. Ray, lave as mãos também. Traga-me duas cadeiras. Puxe aquelas duas luminárias e coloque uma delas acima da mesa. Dê-me aquele frasco de remédio.

Assim que a sala foi preparada e iluminada da melhor maneira possível, os três homens carregaram Chloe e a colocaram em cima da mesa de parto improvisada.

Onde está minha dignidade? - ela resmungou por trás da máscara.

Quieta! - disse Floyd, beliscando o pé dela por brincadeira.

Eu preciso fazer uma pergunta - disse Tsion, que estava perto do fogão. - Como você vai decidir se haverá necessidade de uma cesariana?

Ela só será necessária se a pulsação do bebê diminuir demais ou parar. Aí, então, vamos ter de fazer o que for preciso. Chloe estará meio zozona naquele momento, portanto ela

terá de decidir agora. Você será anestesiada, Chloe, mas não tanto quanto eu gostaria para uma cesariana. Agora...

Nem uma pergunta sequer - ela disse, apesar da máscara de oxigênio. - Cuide do bebê e preocupe-se comigo depois.

Mas se...

Não discuta comigo, doutor.

Está bem, mas tudo o que temos aqui é precário. Eu gostaria de não precisar fazer parto induzido. Vou adiar o mais que puder, na esperança de que a pulsação do bebê se estabilize.

Espere até Buck chegar - disse Chloe.

Nem mais uma palavra - disse o médico.

Desculpe-me, Floyd - ela murmurou.

O que vai acontecer quando eu tiver de sair para buscar Buck? - perguntou Rayford depois de consultar seu relógio.

Francamente, vou precisar de você aqui. O carro de Buck ainda está no aeroporto. Ele pode vir sozinho.

T vai ficar sem condução.

Ele poderá vir junto com Buck e pegar o carro dele aqui.

T não quer saber o caminho até aqui. Assim, ficará mais fácil para ele se alguém lhe fizer perguntas.

Mas você confia nele - disse o médico.

Totalmente.

É um risco que ele tem de correr.

Abdullah entrou no espaço aéreo de Illinois alguns minutos antes das 21 horas.

Buck ligou para Rayford.

Quer dizer, então, que vou levar T comigo?

E tome cuidado para não ser seguido. É uma longa história.

Estamos sempre observando se há alguém atrás de nós. Quem é desta vez?

T lhe contará tudo. Trata-se de um rapaz que mora no aeroporto.

Abdullah vai dormir lá. Vou pedir que ele fique de guarda.

Abdullah! Você está viajando com Abdullah Smith?

Eu não sabia que você o conhecia.

Quero falar com ele!

Buck bateu de leve no ombro de Abdullah e disse:

Meu sogro quer falar com você. Rayford Steele. Abdullah virou quase todo o corpo para trás.

Rayford? Verdade?

Rayford rapidamente pôs Abdullah a par da situação. Vou tomar conta para que ele não vá a lugar nenhum - disse o piloto. - Você me conhece.

E como! A que horas está prevista a chegada?

Quatorze minutos, mas calculo onze.

Rayford desligou o telefone e disse que ia ver Hattie. Depois de descer três degraus, ele curvou-se e viu que ela se encontrava encolhida em posição fetal sobre um velho sofá. Ele balançou a cabeça e subiu novamente.

O que vamos fazer, doutor?

Vamos induzir o parto, mas posso começar esse procedimento bem devagar para que Buck chegue a tempo.

Todos concordam? A pulsação do feto ainda não chegou a um nível crítico, mas chegará dentro de uma hora. Por mim, eu começaria a aplicar o soro desde já.

Chloe apontou para Floyd.

- Ela está dizendo que a decisão é sua, doutor - explicou Rayford.

- Aeroporto pequeno - disse Abdullah ao fazer as manobras de pouso.

Mas não é pequeno demais para você, certo?

Sou capaz de pousar em um envelope sem destruir o selo.

Buck não conseguiu parar de rir até descer do avião, talvez por causa da tensão nervosa. Ele esticou tanto o corpo que chegou a sentir tontura, e imaginou que se partiria em dois.

- Aquele sujeito que conversou com você pelo rádio era T - disse Buck a Abdullah. - Ele vai indicar um lugar para você dormir e talvez o apresente a Ernie. Você sabe o que fazer. Abdullah sorriu.

Menos de dez minutos depois, Abdullah estava tirando suas roupas da sacola ao lado do quarto de Ernie. Buck e T trocaram números de telefone com Abdullah. Buck sentou-se ao volante do Rover, e ambos partiram.

Vocês devem ter passado por momentos emocionantes - disse Buck.

Ainda vamos ter outros tantos pela frente.

Não vejo a hora de chegar. Vou ligar para Chloe.

Não seria conveniente. Entendi que ela está recebendo oxigênio e que o médico vai induzir o parto, mas eles estão protelando até você chegar.

Buck pisou fundo no acelerador. O carro começou a sacolejar, e eles tiveram de se segurar com uma das mãos no teto.

- O que é aquilo? - disse Buck, olhando pelo espelho retrovisor e, em seguida, fazendo uma manobra rápida para não bater em uma gigantesca pilha de concreto que havia na Estrada Willow e da qual ele não se lembrava.

Não estou vendo nada - disse T, olhando para trás. Buck deu de ombros.

Pensei ter visto uma moto. T olhou para trás novamente.

- Se houver uma moto atrás de nós, está com o farol apagado. Deve ser sua imaginação.

Buck olhou no espelho retrovisor novamente. Será que estava vendo coisas? Seria melhor ter deixado T dirigir o carro, mas ele não conhecia o caminho.

- Você quer que eu ligue para Abdullah? - perguntou T. - Só para termos certeza de que Ernie continua lá?

- Talvez seja melhor. T fez a ligação.

- Como vão as coisas, meu amigo?... Tudo bem?... Sim, ele é um cara legal. Você não permitiria que ele lhe passasse a perna, não?... É apenas uma expressão que usamos aqui. Significa enganar, ludibriar, passar alguém para trás... Assim é que se diz, Abdullah. É melhor você dormir um pouco. Você distraiu o rapaz por um bom tempo.

Buck e T estacionaram no quintal da casa secreta quando faltavam poucos minutos para as dez horas. Antes que o motor parasse de funcionar, Buck já estava fora do carro.

Chloe, que acabara de sentir a primeira contração, sorriu feliz ao vê-lo. O Dr. Charles o cumprimentou com um gesto de cabeça e apontou para uma pia.

- Em primeiro lugar, o mais importante de tudo - ele disse. Buck se lavou, aproximou-se de Chloe e segurou-lhe a mão.

Obrigado, meu Deus - ele disse em voz alta. - Eu não queria perder este momento.

Eu também quero orar - disse Tsion.

Eu gostaria que você orasse - disse Buck.

Doutor, você tem permissão para ficar de olhos abertos - disse Tsion. - Deus Todo-Poderoso, estamos gratos por tua bondade e proteção. Obrigado por teres trazido Buck até aqui. Sabemos que não podemos contestar tua soberana vontade, mas suplicamos-te que o parto seja bem-sucedido, que o bebê seja perfeito e que Chloe seja uma mãe saudável. Precisamos deste pequenino raio de sol em um mundo tão tenebroso. Atende ao nosso pedido, Senhor, mas, acima de tudo, seja feita a tua vontade.

Rayford teve um sobressalto ao ouvir o som de alguém dando partida no carro no quintal. Ele correu os olhos pela sala, olhou para T e disse:

Hattie.

Corra atrás dela! - gritou Buck. - Ela não pode nos expor desta maneira!

Chloe tentou sentar-se.

- Relaxe, Chloe! - disse Floyd. - Buck e Tsion darão conta do recado se vocês dois precisarem ir atrás dela. Mas fiquem longe daqui.

Rayford passou apressado por T, desceu correndo a escada e saiu. Ele ouviu o som do motor de uma motocicleta, e o Rover não estava mais ali. Rayford e T pularam dentro do jipe de T, mas as chaves não estavam no contato. Rayford voltou a entrar correndo na casa.

Floyd! As chaves!

Droga! - disse Charles. - Tsion, pegue-as no bolso do lado direito de minha calça e depois lave as mãos novamente.

Tsion atirou as chaves para Rayford, que, instantes depois, já estava rodando com T em direção a Palwaukee.

No final das contas, Ernie conseguiu seguir você.

Impossível - disse T. - Conversamos com Abdullah, e ele disse que Ernie continuava lá. Mas Buck imaginou ter visto alguma coisa atrás de nós.

Talvez Ernie tenha apontado uma arma para Abdullah, forçando-o a dizer aquilo.

Abdullah foi muito convincente. Conversou tranqüilamente, contou detalhes.

Francamente, Abdullah não seria capaz de nos enganar. Ligue para ele.

Abdullah atendeu após o segundo toque.

- Eu o acordei?... Preste atenção, diga apenas sim ou não. Ernie continua aí?... Continua?... O que ele está fazendo?... Cavando? Ponha-o na linha. Quero falar com ele.

Rayford sacudiu a cabeça.

Eu lhe disse, ele não seria capaz...

Ernie? Ei, como vai você, rapaz? Está fazendo o quê?... Limpando a casa de Ken? Que bom!

Abdullah disse que você estava cavando... Só varrendo, hein?... Ah, sim, ele deve ter confundido e pensado que você estivesse cavando. Diga a ele que estaremos aí dentro de algumas horas.

Buck não podia imaginar o que Hattie estava aprontando. Fazia muito tempo que ele deixara de tentar adivinhar o que ela tinha em mente. Aonde ela poderia ter ido no meio da noite? Estaria maluca? Talvez tivesse se sentido enclausurada e quis fugir. Ela poderia se perder e acabar levando alguém até a casa secreta.

Chloe apertou a mão dele e deu um gemido. Buck olhou para o médico, que ligara o monitor fetal à cabeça do bebê através do útero. Floyd disse que a situação estava sob controle e que ele se sentia mais animado.

- O bebê vai nascer esta noite - ele disse. - E vai dar tudo certo.

Buck deu um longo suspiro, eufórico demais para perceber o quanto estava cansado. Mas ele também era um homem realista e sabia que Floyd demonstrava otimismo por causa de Chloe. Buck sentia-se feliz por estar ali, apesar de tudo o que acontecera. Ele não queria que Chloe passasse por tudo aquilo sozinha, qualquer que fosse o desfecho.

- Então, Ernie é *mesmo* um cavador de ouro - disse Rayford. T assentiu com a cabeça.

E aposto cem contra um que Bo também já deve ter recebido alta do hospital. Seria conveniente verificar?

Claro.

Que estranho! - disse T alguns minutos depois, cobrindo o fone com a mão. - Informaram que ele ainda está internado.

Peça para falar com ele. Não, espere. É melhor chamar Leah. Eu falo com ela.

T pediu para falar com Leah e passou o telefone a Rayford.

Leah, aqui é Rayford Steele, amigo do Dr. Charles.

O que está havendo agora? - ela perguntou secamente.

Precisamos saber se um paciente pode ter saído daí sem receber alta. O nome dele é Bo alguma coisa. Espere um instante, vou...

Beauregard Hanson - ela disse. - Não temos muitos Bos aqui, você sabe. Sim, ele continua internado.

Você tem certeza?

Quer que eu verifique?

Você poderia?

Isto é simples comparado a tudo o que já fiz por vocês.

É por isto que nós amamos você.

Aguarde na linha.

O Dr. Charles parecia animado, o que fez Buck se sentir melhor.

- Estamos fazendo a coisa certa - disse o médico. - Não podíamos aguardar mais, e já faz um pouco de tempo que o pulso está batendo em ritmo constante. Vai dar tudo certo. Você está se sentindo bem, mamãe?

Chloe, que transpirava muito, fez um movimento afirmativo com a cabeça.

- Ele foi embora?

- Sumiu daqui - disse Leah. - Eu não gostei dele nem do rapaz que estava no mesmo quarto. Ele desapareceu hoje cedo sem dizer nada, se não eu teria tomado conhecimento. Ficamos lhe devendo este favor, Leah - disse Rayford.

Só este?

Está bem, Leah. Algum dia nós a recompensaremos.

Ah, sim - ela disse. - Talvez daqui a cinco anos ou mais.

- Eu gostaria que meu pai estivesse aqui - disse Chloe.

Talvez ele volte a tempo - disse Buck. - Quando você acha que o bebê vai nascer, doutor?

Não quero precipitar nada. Às vezes, o soro é suficiente para apressar o parto. Tudo depende da mãe e da criança. Mas por enquanto está tudo bem, e é isto o que interessa.

Amém - disse Tsion.

Buck nunca vira o rabino tão empolgado.

- Você acreditou nesta história? - perguntou Rayford, sacudindo a cabeça. Os dois são tão idiotas que nem sabem que foram seguidos.

O Rover estava estacionado, com o motor ligado, em frente ao barraco que havia sido a casa de Ken e que agora abrigava Ernie e o hóspede temporário Abdullah. T estacionou o jipe a cerca de 15 metros e desligou o motor e os faróis. Ambos ficaram observando de longe.

- Abdullah sabe tomar conta de si - disse Rayford -, mas está sozinho contra os outros.

T desceu do carro.

- Vamos ver o que eles estão aprontando.

Quando os dois se aproximaram do barraco, ouviram vozes lá dentro.

- O motor do Rover deve continuar ligado - disse Rayford -, para que eles não percebam que estamos aqui.

Rayford e T agacharam-se perto de uma janela com a cortina fechada.

- Deixe-me ver se entendi - estava dizendo Abdullah. -

Você vai me dar um bloco de ouro maciço para eu levá-la até a Nova Babilônia.

Exatamente - disse Hattie.

E esse ouro lhe pertence?

Pertence ao meu noivo.

Este jovem aqui é seu noivo?

Sim, sou! - disse Ernie. - Eu vou dar esse ouro a você. Vamos, aceite.

Você já pensou - disse Abdullah - que esse ouro vale dez vezes mais o que eu cobraria pelo vôo?

Mas nós queremos partir já - disse Hattie. - E eu sei o quanto essa viagem vale.

Se vocês querem ir embora já, escolheram o piloto errado. Não posso voar 24 horas seguidas.

Carpathia rescindiu todas as leis aéreas internacionais - disse Hattie. - Eu sei. Trabalhei para ele.

Você fez mais que trabalhar para ele, madame. Não foi noiva dele? Quantos noivos você

tem?

- Um a menos, se não sairmos rápido daqui - ela disse.

Rayford fez um sinal a T, e os dois se afastaram a uns 30 metros da janela. Rayford ligou para Abdullah.

Alô, sim?

Abdullah, é Rayford Steele. Não diga nada. Apenas repita o que vou dizer, certo?

Certo.

Milícia da Comunidade Global?... Roubaram um Range Rover?... Ouro?... Cadeia?... Sim, pode vir para me interrogar, mas o ouro está aqui e o carro também... Sim, estarei aqui quando você chegar... Não, eu não quero ser preso.

De repente, Abdullah disse:

Está dando certo, Rayford.

Rayford? - gritou Hattie. - Ernie, espere!

Mas Ernie e Bo já estavam montados na moto, deixando um rasto de poeira atrás enquanto rodavam para longe do aeroporto.

Rayford e T encontraram Abdullah, que parecia exausto mas orgulhoso de si mesmo. Hattie estava sentada no chão, encostada em um catre do exército.

- Vamos embora, Hattie - disse Rayford. - Talvez a gente consiga chegar a tempo de assistir ao nascimento do bebê.

Quatro horas depois, na escuridão da madrugada, Chloe Steele Williams deu à luz um menino saudável. Em meio às lágrimas enquanto o amamentava, ela comunicou a todos o nome dele.

Kenneth Bruce.

Até Hattie chorou.

EPÍLOGO

"O primeiro ai passou. Eis que, depois destas coisas, vêm ainda dois ais. O sexto anjo tocou a trombeta, e ouvi uma voz procedente dos quatro ângulos do altar de ouro que se encontra na presença de Deus, dizendo ao sexto anjo, o mesmo que tem a trombeta: Solta os quatro anjos que se encontram atados junto ao grande rio Eufrates. Foram, então, soltos os quatro anjos que se achavam preparados para a hora, o dia, o mês e o ano..."

Apocalipse 9.12-15